



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE – FURG

INSTITUTO DE EDUCAÇÃO – IE

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL – PPGA



ROSSANDRA RODRIGUES VOTTO FEIJÓ

**MÍDIAS CINEMÁTICAS E EDUCAÇÃO AMBIENTAL: POSSIBILIDADES NA  
FORMAÇÃO DE PROFESSORES**

RIO GRANDE – RS

JULHO 2020.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE – FURG

INSTITUTO DE EDUCAÇÃO – IE

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL – PPGEA



ROSSANDRA RODRIGUES VOTTO FEIJÓ

**MÍDIAS CINEMÁTICAS E EDUCAÇÃO AMBIENTAL: POSSIBILIDADES NA  
FORMAÇÃO DE PROFESSORES**

Dissertação apresentada como requisito à obtenção do título de mestre em Educação Ambiental pelo Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental – PPGEA, da Universidade Federal do Rio Grande – FURG.

**Linha de pesquisa:** Educação Ambiental: Ensino e Formação de Educadores.

**Orientadora:** Profa. Dra. Cláudia da Silva Cousin.

RIO GRANDE – RS

JULHO 2020.

## Ficha Catalográfica

F297m Feijó, Rossandra Rodrigues Votto.

Mídias cinemáticas e Educação Ambiental:  
possibilidades na formação de professores / Rossandra  
Rodrigues Votto Feijó. – 2020.  
207 f.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Rio  
Grande – FURG, Programa de Pós-Graduação em Educação  
Ambiental,  
Rio Grande/RS, 2020.

Orientadora: Dra. Cláudia da Silva Cousin.

1. Educação Básica 2. Educação Ambiental 3. Formação  
de Educadores 4. Mídias Cinemáticas 5. Transversalidade I.  
Cousin, Cláudia da Silva II. Título.

Catálogo na Fonte: Bibliotecário José Paulo dos Santos CRB 10/2344

## Rossandra Rodrigues Votto Feijó

*“Mídias Cinemáticas e Educação Ambiental: possibilidades na formação dos professores”*

Dissertação aprovada como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Educação Ambiental no Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental da Universidade Federal do Rio Grande – FURG. Comissão de avaliação formada pelos professores:



---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Cláudia da Silva Cousin  
(PPGEA/FURG)



---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Narjara Mendes Garcia  
(PPGEA/FURG)

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Cleiva Aguiar de Lima  
(IFRS)

## AGRADECIMENTOS

Agradeço ao meu filho Vinícius, pelo carinho, pela paciência e pelo incentivo durante esta longa caminhada.

À memória da minha mãe Sandra que me acompanhou durante esta caminhada, mas hoje não está ao meu lado.

Ao meu marido Rogério, pelo amor, pela dedicação e por não medir esforços para que eu pudesse dar continuidade aos meus estudos.

Aos meus familiares, irmã, cunhado e sobrinhos, que estão sempre ao meu lado me apoiando.

À memória do meu pai Rodney e da minha madrinha Selma, que estão presentes no meu coração.

A Profa. Dra. Cláudia da Silva Cousin, minha orientadora, a qual me acompanha desde a graduação, oportunizando-me muitas aprendizagens.

Às integrantes da banca: Profa. Dra. Narjara Mendes Garcia e Profa. Dra. Cleiva Aguiar de Lima, pela dedicação de seu tempo e pelas valiosas contribuições.

Aos professores participantes do Projeto de Extensão, os quais se dispuseram a participar das entrevistas: Ana Paula Ramos Vieira, Andressa Cristina Colvara Almeida, Caroline Cruz Alvariz, Joelma Madruga Furtado, Lilian Melo Rodrigues Reinhardt, Marcelo Pucinelli Cousin e Ricardo Borges da Cunha, que tiveram um significativo envolvimento com a temática de estudo.

Às colegas do Grupo de Pesquisa Ciranda Intredisciplinar de Pesquisa em Educação e Ambiente – CIPEA, que tornaram possível muitos diálogos que contribuíram com o desenvolvimento deste estudo.

À CAPES, que financiou e fomentou o desenvolvimento desta pesquisa.

Agradeço a todos que, de maneira direta ou indireta, fizeram parte desta trajetória tão significativa na minha vida.

## RESUMO

A pesquisa foi desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental da Universidade Federal do Rio Grande (FURG), em nível de mestrado, na linha de pesquisa Educação Ambiental: Ensino e Formação de Educadores. Teve-se como questão de pesquisa: como transversalizar a Educação Ambiental no currículo da área do conhecimento de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas do Ensino Médio (EM), da Educação Básica, a partir do uso das mídias cinemáticas? O estudo se constituiu numa pesquisa-formação realizada durante a execução de um Projeto de Extensão intitulado “Mídias Cinemáticas e Educação Ambiental: possibilidades na formação de professores”. Esse foi elaborado com o objetivo de promover a formação continuada de professores, no Laboratório de Pesquisa e Ensino de Geografia (LAPEG/FURG). O referido Projeto de Extensão foi ofertado para professores da Educação Básica, que atuam nas áreas do conhecimento de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas (EM), Ciências Humanas do Ensino Fundamental (EF) e Linguagens e suas Tecnologias (EF e EM). Apresenta-se os aportes teóricos sobre Educação Ambiental, Mídias cinemáticas e Formação de Professores. É uma pesquisa de cunho qualitativo e tem como objetivos: perceber como os professores da área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas (EM), da Educação Básica, trabalham com a Educação Ambiental no currículo; compreender como a Educação Ambiental pode transversalizar o currículo da área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas (EM), da Educação Básica; entender como o uso das mídias cinemáticas, em sala de aula, pode contribuir para transversalizar a Educação Ambiental no currículo. A pesquisa se fundamentou na Educação Ambiental, no uso das mídias cinemáticas e na formação de professores. As informações da pesquisa foram produzidas a partir do Projeto de Extensão e de entrevistas semiestruturadas (TRIVIÑOS, 2013). Utilizou-se a Análise Textual Discursiva (ATD) de Moraes e Galiazzi (2016) para a interpretação dos dados produzidos, a partir das entrevistas semiestruturadas. Dessas compreensões, emergiram as seguintes categorias finais: “As mídias cinemáticas e a práxis do professor na Educação Básica” e “As mídias cinemáticas como possibilidade para transversalizar a Educação Ambiental na Educação Básica”. A partir da ATD, evidenciaram-se elementos a serem considerados para transversalizar a Educação Ambiental, através do uso das mídias cinemáticas, problematizando a importância da formação continuada na práxis do professor, ou seja, na ação-reflexão. A formação continuada proporcionou uma ação transformadora ao fazer docente, a partir da utilização das mídias cinemáticas, pois essas contribuem para a reflexão sobre os temas abordados em sala de aula e os temas atuais que permeiam a Educação Ambiental. Dessa forma, consideramos a formação continuada como um elemento basilar para significar as possibilidades de como transversalizar a Educação Ambiental no currículo da área do conhecimento de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas (EM), Ciências Humanas (EF) e Linguagens e suas Tecnologias (EF e EM), da Educação Básica, a partir do uso das mídias cinemáticas.

**Palavras-chave:** Educação Básica. Educação Ambiental. Formação de educadores. Mídias cinemáticas. Transversalidade.

## ABSTRACT

This research was developed in the Graduate Program in Environmental Education of the Federal University of Rio Grande – FURG, at master’s level, in the research line Environmental Education: Teaching and Training of Educators. The research question is: how to traverse Environmental Education in the curriculum of the knowledge area of Humanities and Social Sciences in High School of Elementary Education from the use of cinematic media? The study constitutes a training-research carried out during the realization of an Extension Project entitled “Cinematic Media and Environmental Education: possibilities in teacher training”, carried out by the Geography Teaching and Research Laboratory (LAPEG/FURG). The research presents the theoretical contributions on Environmental Education, Cinematic Media and Teacher Training. It is a qualitative research and aims to: notice how teachers in the area of Humanities and Social Sciences of Elementary Education work with Environmental Education in the curriculum; comprehend how Environmental Education can cross the curriculum in the area of Humanities and Social Sciences of Elementary Education; understand how the use of cinematic media in the classroom can contribute to traverse Environmental Education in the curriculum. The research data was produced from the Extension Project and semi-structured interviews (TRIVIÑOS, 2013). Moraes and Galiazzi (2016) Textual Discourse Analysis was used to interpret the produced data. From these comprehensions, the following categories emerged: “Cinematic media and the teacher’s praxis in Elementary Education” and “Cinematic media as a possibility to traverse Environmental Education in Elementary Education”. From the analytical exercise, elements emerged to be considered to traverse Environmental Education through the use of cinematic media, questioning the importance of continued education in the teacher’s praxis, that is, in its action-reflection. Continued education can provide a transformative action to teaching, from the use of cinematic media, as they contribute to the thought on the topics addressed in class and contemporary themes that permeate Environmental Education. This way, we consider continued education as a fundamental element to signify the possibilities of how to traverse Environmental Education the areas of knowledge that make up the school curriculum.

**Keywords:** Elementary Education. Environmental Education. Training of Educators. Cinematic media. Transversality.

## LISTA DE SIGLAS

<b>ATD</b>	Análise Textual Discursiva
<b>BNCC</b>	Base Nacional Comum Curricular
<b>CIPEA</b>	Ciranda Interdisciplinar de Pesquisa em Educação e Ambiente
<b>CNE</b>	Conselho Nacional de Educação
<b>CRE</b>	Coordenadoria Regional de Educação
<b>DCNEA</b>	Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Ambiental
<b>DCNs</b>	Diretrizes Curriculares Nacionais
<b>EA</b>	Educação Ambiental
<b>EF</b>	Ensino Fundamental
<b>EM</b>	Ensino Médio
<b>FTP</b>	Formação Técnica Profissional
<b>FURG</b>	Universidade Federal do Rio Grande
<b>IBAMA</b>	Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis
<b>INCE</b>	Instituto Nacional de Cinema Educativo
<b>LAPEG</b>	Laboratório de Pesquisa e Ensino de Geografia
<b>LDBEN</b>	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
<b>MEC</b>	Ministério da Educação e Cultura
<b>MIT</b>	Instituto de Tecnologia de Massachusetts
<b>ONGs</b>	Organizações Não-Governamentais
<b>ONU</b>	Organização das Nações Unidas
<b>PCNs</b>	Parâmetros Curriculares Nacionais
<b>PIBID</b>	Programa Institucional de Bolsa de Iniciação a Docência
<b>PIEA</b>	Programa Internacional de Educação Ambiental
<b>PNEA</b>	Política Nacional de Educação Ambiental

<b>PPGEA</b>	Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental
<b>PNLD</b>	Programa Nacional do Livro Didático
<b>PNUMA</b>	Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente
<b>PROEXC</b>	Pró-Reitoria de Extensão e Cultura
<b>ProNEA</b>	Programa Nacional de Educação Ambiental
<b>SAv</b>	Secretaria do Audiovisual
<b>SEMAM</b>	Secretaria do Meio Ambiente da Presidência da República
<b>SINSC</b>	Sistema de inscrições
<b>SMEd</b>	Secretaria de Município da Educação
<b>TCC</b>	Trabalho de Conclusão de Curso
<b>UNESCO</b>	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

<b>Figura 1:</b> Roda de formação do Projeto de Extensão .....	69
<b>Figura 2:</b> Mapa de localização das escolas municipais parceiras do Projeto de Extensão .....	74
<b>Figura 3:</b> Mapa de localização das escolas estaduais parceiras do Projeto de Extensão .....	75

## LISTA DE QUADROS

<b>Quadro 1:</b> Encontros do curso de formação continuada.....	70
<b>Quadro 2 :</b> Grupo de professores participantes do Projeto de Extensão.....	73
<b>Quadro 3:</b> Fragmentação do texto e codificação de cada unidade de significado.....	80
<b>Quadro 4:</b> Categorização: a construção dos significados.....	80
<b>Quadro 5:</b> O processo de categorização.....	81
<b>Quadro 6:</b> Resumo e palavras-chave da categoria: "As mídias cinemáticas e a práxis do professor na Educação Básica".....	83
<b>Quadro 7:</b> Resumo e palavras-chave da categoria: "As mídias cinemáticas como possibilidade para transversalizar a Educação Ambiental na Educação Básica".....	83

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>13</b>
<b>1 A CONSTITUIÇÃO DA PROFESSORA EDUCADORA AMBIENTAL: NARRATIVA EXPERIENCIAL.....</b>	<b>18</b>
<b>2 LENTES TEÓRICAS QUE FUNDAMENTAM A PESQUISA.....</b>	<b>28</b>
2.1 A EDUCAÇÃO AMBIENTAL NO ENSINO FORMAL E NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES.....	28
2.2 CURRÍCULO E TRANSVERSALIDADE.....	43
2.3 A FORMAÇÃO DE EDUCADORES AMBIENTAIS.....	49
2.4 O USO DAS MÍDIAS CINEMÁTICAS NO ENSINO FORMAL E NA EDUCAÇÃO AMBIENTAL.....	55
<b>3 A METODOLOGIA DA PESQUISA.....</b>	<b>65</b>
3.1 A PRODUÇÃO DAS INFORMAÇÕES DA PESQUISA.....	66
<b>3.1.1 Projeto de Extensão.....</b>	<b>66</b>
<b>3.1.2 Diário de Registros.....</b>	<b>70</b>
<b>3.1.3 Entrevista Semiestruturada.....</b>	<b>71</b>
3.2 OS SUJEITOS DA PESQUISA.....	73
3.3 A INTERPRETAÇÃO DAS INFORMAÇÕES: A ANÁLISE TEXTUAL DISCURSIVA – ATD.....	76
3.4 O EXERCÍCIO DE ANÁLISE DAS INFORMAÇÕES.....	79
<b>4 AS MÍDIAS CINEMÁTICAS E A PRÁXIS DO PROFESSOR NA EDUCAÇÃO BÁSICA.....</b>	<b>83</b>
<b>5 AS MÍDIAS CINEMÁTICAS COMO POSSIBILIDADE PARA TRANSVERSALIZAR A EDUCAÇÃO AMBIENTAL NA EDUCAÇÃO BÁSICA.....</b>	<b>99</b>
5.1 CONDICIONANTES SOCIAIS DA EDUCAÇÃO COMO UM DOS DESAFIOS PARA TRABALHAR COM AS MÍDIAS CINEMÁTICAS.....	100

5.2 O PROFESSOR COMO MEDIADOR DO PROCESSO EDUCATIVO .....	106
5.3 A IMPORTÂNCIA DAS MÍDIAS CINEMÁTICAS PARA TRANSVERSALIZAR A EDUCAÇÃO AMBIENTAL NA PERSPECTIVA CRÍTICA E TRANSFORMADORA.....	114
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>120</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>125</b>
<b>APÊNDICE 01 – PROJETO DE EXTENSÃO.....</b>	<b>134</b>
<b>APÊNDICE 02 – MATERIAL DIDÁTICO DA FORMAÇÃO.....</b>	<b>142</b>
<b>APÊNDICE 03 – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO .....</b>	<b>165</b>
<b>APÊNDICE 04 – ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA.....</b>	<b>167</b>
<b>APÊNDICE 05 – ENTREVISTAS TRANSCRITAS .....</b>	<b>169</b>
<b>ANEXO 01 – PARECER DO COMITÊ DE ÉTICA.....</b>	<b>205</b>

## INTRODUÇÃO

Na atualidade, vivemos uma crise ambiental complexa que exige um amplo debate sobre a problemática em diferentes espaços educativos. Todavia, a escola, enquanto espaço-tempo da Educação Básica, precisa inserir, fomentar e aprofundar a discussão da temática ambiental no currículo. As Políticas Públicas da Educação Ambiental (EA), a partir dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), asseguravam a presença da Educação Ambiental de forma transversal, a partir do eixo Meio Ambiente. Já a Política Nacional de Educação Ambiental (PNEA) nos convida a refletir sobre a contribuição da interdisciplinaridade para a inserção da Educação Ambiental na escola. As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Ambiental (DCNEA) ressaltam que a Educação Ambiental deve ser desenvolvida como uma prática educativa contínua e permanente em todos os níveis e modalidades de ensino. As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Básica (DCNs) são normas obrigatórias para a Educação Básica que orientam o planejamento curricular das escolas e dos sistemas de ensino, levando em consideração os diversos contextos nos quais elas estão inseridas. E, atualmente, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), tanto em nível fundamental quanto médio, recentemente aprovada, fragiliza a discussão sobre a Educação Ambiental, retirando a sua presença das áreas do conhecimento. Diante de tais retrocessos, defendemos a importância da Educação Ambiental no currículo das escolas da Educação Básica a partir dos Princípios da Educação Ambiental, e vislumbramos a transversalidade como alternativa para promover um debate socioambiental qualificado, visto que torna complexa a forma de compreender a crise socioambiental vigente.

Diante da realidade exposta em relação à Educação Ambiental, este texto apresenta uma pesquisa desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental (PPGEA), da Universidade Federal do Rio Grande (FURG), na linha de pesquisa Educação Ambiental: Ensino e Formação de Educadores. Na pesquisa, buscamos analisar a importância da mídia cinemática<sup>1</sup>, enquanto recurso, para transversalizar a Educação Ambiental na Educação Básica e promover o debate desta temática no currículo da área do conhecimento de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, do Ensino Médio (EM), sendo essa área compreendida pelas disciplinas de Geografia, História, Sociologia e Filosofia. Para tal, esta dissertação tem como questão de

---

<sup>1</sup> De acordo com Soares (2017, p. 45): “as mídias cinemáticas [...] como, por exemplo, a música, a internet, o teatro, o cinema, dentre outros, são ferramentas que auxiliam no processo de ensino e aprendizagem, propiciando um ambiente mais atrativo aos discentes e um importante mobilizador de aprendizagens”.

pesquisa: como transversalizar a Educação Ambiental no currículo da área do conhecimento de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas (EM), da Educação Básica, a partir do uso das mídias cinemáticas?

Portanto, começamos a delinear o nosso percurso investigativo a partir de um Projeto de Extensão (Apêndice 01), de acordo com a Resolução nº 27, de 11 de dezembro de 2015, do Conselho Universitário, da Universidade Federal do Rio Grande, que dispõe sobre a sua Política de Extensão, propondo que a “extensão universitária se constitui em atividade de natureza acadêmica que viabiliza a integração com os demais setores da sociedade, visando promover a formação, a transformação da realidade e a produção compartilhada de saberes”. Assim, esse Projeto de Extensão, intitulado “Mídias Cinemáticas e Educação Ambiental: possibilidades na formação de professores”, foi elaborado com o objetivo de promover a formação continuada de professores, no Laboratório de Pesquisa e Ensino de Geografia (LAPEG/FURG), durante o segundo semestre de 2019. O referido Projeto de Extensão foi ofertado para professores da Educação Básica do município do Rio Grande/RS, que atuam na área do conhecimento de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas (EM).

É importante explicar que o LAPEG possui uma parceria com a Secretaria de Município da Educação (SMEd), do município de Rio Grande e com a 18ª Coordenadoria Regional de Educação (CRE) e está vinculado ao Grupo de Pesquisa Ciranda Interdisciplinar de Pesquisa em Educação e Ambiente (CIPEA) ao qual pertencemos, e que vem, desde 2018, realizando Projetos de Extensão com professores da Educação Básica. Além da formação continuada de professores, esse laboratório possui parceria com as escolas públicas devidos aos Estágios Curriculares Supervisionados do curso de Geografia Licenciatura da FURG e também por causa do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação a Docência (PIBID) do referido curso.

A Educação Ambiental, no Projeto de Extensão, foi abordada através das mídias cinemáticas, dialogando com os professores, demonstrando que pode ser feito um trabalho que tenha significado para os alunos, fazendo com que eles compreendam que precisam cuidar do ambiente em que vivem, assim, desenvolvendo novas atitudes em relação àquele. Os saberes experienciais dos professores foram importantes para o desenvolvimento do processo formativo, qualificando-os e tornando mais complexo o debate proposto.

Os objetivos da pesquisa são: perceber como os professores da área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas (EM), da Educação Básica, trabalham com a Educação Ambiental no currículo; compreender como a Educação Ambiental pode transversalizar o currículo da área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas (EM), da Educação Básica; entender como o uso das

mídias cinemáticas, em sala de aula, pode contribuir para transversalizar a Educação Ambiental no currículo.

A dissertação está estruturada da seguinte forma: no primeiro capítulo, com o título “A constituição da professora educadora ambiental: narrativa experiencial”, apresenta-se uma narrativa, contando como se deu a constituição da professora educadora ambiental e pesquisadora. Nesse, foi feito um movimento recursivo desde a infância até a construção dos motivos que levaram à escolha do tema desta pesquisa.

O segundo capítulo, intitulado “Lentes teóricas que fundamentam a pesquisa”, apresenta-se dividido em quatro subtítulos, sendo eles: o primeiro, “A Educação Ambiental no ensino formal e na formação de professores”, destacando alguns marcos históricos da constituição da Educação Ambiental, dando ênfase principalmente para o ensino formal e para a formação de educadores. No segundo, intitulado “Currículo e Transversalidade”, temos a discussão sobre os conceitos de currículo e de transversalidade e a importância no contexto escolar, sendo esses elementos fundamentais para esta pesquisa. O currículo é um importante documento do contexto escolar, orientando o trabalho realizado pelo professor, portanto, entender como a Educação Ambiental aparece nele é essencial para o professor articular as questões socioambientais em sua disciplina. Apostou-se, nesta pesquisa, que a Educação Ambiental precisa ser trabalhada em sala de aula pelo que chamamos de transversalidade, pois essa é abordada a partir da multiplicidade de campos, que estão ligados aos saberes da vida cotidiana.

O terceiro subtítulo, denominado “Formação de educadores ambientais”, apresenta uma discussão sobre a formação de professores, dando ênfase à importância da formação continuada, compreendida como indispensável para a prática educativa e a constituição do professor crítico. No último, apresenta-se um diálogo sobre “O uso das mídias cinemáticas, no ensino formal e na Educação Ambiental”, contando a história do filme, no Brasil, e de como ele foi sendo introduzido na sala de aula como recurso para fomentar o processo de ensinar e de aprender. Ainda, nesse, foram realizadas articulações sobre como a mídia cinemática pode dar elementos para os professores transversalizarem a Educação Ambiental na sala de aula, propondo-a como uma prática educativa no currículo da área do conhecimento de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas (EM).

A pesquisa se dispôs a realizar uma discussão, preocupando-se com a relação dos sujeitos entre si e com a natureza. A base teórica da pesquisa no campo da Educação Ambiental está alicerçada em uma perspectiva crítica e transformadora, a partir de autores como: Loureiro

(2007; 2012), Tozoni-Reis (2007) e Guimarães (2004), articulando seus estudos com as políticas públicas da Educação Ambiental, que demonstram o quanto ela é essencial para os processos formativos, tanto no que tange à formação de professores, assim como na sala de aula da Educação Básica.

No capítulo três, apresentam-se os “Caminhos metodológicos”. Trata-se de uma pesquisa-formação (SILVA, 2017) de cunho qualitativo, que será desenvolvida com professores da área do conhecimento de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas (EM), das escolas de Educação Básica pertencentes à rede pública do município do Rio Grande/RS. As informações da pesquisa foram produzidas a partir de um Projeto de Extensão e de entrevistas semiestruturadas (TRIVIÑOS, 2013). As entrevistas semiestruturadas foram realizadas ao final do Projeto de Extensão e as informações foram analisadas por meio da Análise Textual Discursiva (ATD) (MORAES e GALIAZZI, 2016), pois essa nos levou a novas compreensões sobre os fenômenos e discursos abordados, durante o Projeto de Extensão. Ainda nesse capítulo, apresenta-se o procedimento para a análise das informações, a ATD, destacando-se como ocorreu o processo e o encontro com as categorias emergentes da pesquisa, as quais deram origem aos metatextos, que são: “As mídias cinemáticas e a práxis do professor na Educação Básica” e “As mídias cinemáticas como possibilidade para transversalizar a Educação Ambiental na Educação Básica”.

O primeiro metatexto discute as compreensões sobre as mídias cinemáticas e a práxis do professor. Destacam-se argumentos trazidos pelos professores que participaram da pesquisa, tais como: a importância da participação na formação continuada, as possibilidades de aprendizagem com o outro, e por fim, segundo os sujeitos da pesquisa, faltam práticas formativas na aprendizagem docente, para que se possa trabalhar com as mídias cinemáticas, em sala de aula. Esse metatexto problematiza a importância da formação continuada na práxis do professor, ou seja, na ação-reflexão, na ação transformadora que a continuidade dos estudos pode proporcionar na formação docente.

No segundo metatexto, intitulado “As mídias cinemáticas como possibilidade para transversalizar a Educação Ambiental na Educação Básica”, argumenta-se a relação entre as mídias cinemáticas e a possibilidade de transversalizar a Educação Ambiental, pois existem condicionantes sociais da educação que tornam essa possibilidade um desafio para trabalhar com a mídia cinemática, sendo considerados para a existência dessa relação os seguintes elementos: as questões da infraestrutura escolar, o tempo escolar (hora/aula), o planejamento e a educação crítica e transformadora. Esses foram elencados pelos professores participantes da

pesquisa, como fundamentais para trabalhar com as mídias cinemáticas, na sala de aula.

Enfim, para transversalizar a Educação Ambiental na Educação Básica, a partir do uso das mídias cinemáticas, os professores necessitam observar os elementos elencados pelos participantes, buscando por práticas que auxiliem no processo de ensino-aprendizagem. Esses elementos não podem ser pensados isoladamente no processo educativo, pois se complementam, dialogam entre si, estão interligados e refletem diretamente no fazer docente.

## **1 A CONSTITUIÇÃO DA PROFESSORA EDUCADORA AMBIENTAL: NARRATIVA EXPERIENCIAL**

Início a escrita desta dissertação contando a minha história de vida, apresentando elementos constitutivos que partem do desejo de criança, em ser professora, passando pelos momentos significativos da minha formação docente até a chegada no mestrado em Educação Ambiental, na FURG. Essa escrita mostra como o tema/problema de pesquisa surge em minha história de vida, ganha densidade e torna-se objeto de investigação, servindo também para justificar a realização da proposta de pesquisa, dada sua relevância.

Sou natural do município do Rio Grande, no estado do Rio Grande do Sul. Na infância, eu morava com meus pais e minha irmã, no Bairro Municipal. Meu pai era funcionário público estadual e minha mãe do lar. Durante a infância não existia toda a tecnologia de hoje em dia – telefone celular, computador, tablete etc. Naquela época, brincávamos de pega-pega, esconde-esconde, amarelinha, caçador, vôlei e de escola, sendo essa a minha brincadeira preferida. Desde pequena meu sonho era ser professora, recordo que brincava com minha irmã, sendo que eu era a professora e ela a aluna. Havia um quadro pequeno pendurado na parede do quarto e colocávamos um criado mudo para ser a mesa da professora e outro para ser a classe da aluna, e sentávamos no chão, já que não tínhamos cadeiras pequenas.

Quando comecei a frequentar a escola, tudo me fascinava, pois sempre fui observadora e detalhista. Prestava atenção na simpatia da professora, na organização e na decoração da sala de aula, na escada da escola, no pátio e, principalmente, nas aulas dadas com tanto carinho. Estudei no Instituto de Educação Juvenal Miller, durante o Ensino Fundamental e o Ensino Médio. Sempre fui boa aluna, prestava atenção nas aulas e fazia tudo o que as professoras solicitavam. Não achava correto conversar e bagunçar em aula, atrapalhando o que elas tinham planejado para nos ensinar. Foi, então, que, na quinta série do 1º Grau (atual 6º ano do Ensino Fundamental), apaixonei-me por uma disciplina e, dessa forma, entrava na minha vida a Geografia.

A aula de Geografia era maravilhosa, a professora só utilizava o livro didático como recurso, mas a exposição dialogada e a explicação do conteúdo me encantavam, eu tinha vontade de aprender cada vez mais e a cada ano me interessava mais por essa disciplina. Quando concluí o Ensino Fundamental, fui cursar o Magistério, curso oferecido no 2º Grau (atual Ensino Médio). Recordo que na época tinha que participar do teste de seleção, visto que era um curso

muito concorrido. Ao passar na seleção, senti-me realizada, porque começaria a concretizar meu sonho, iniciar meus estudos para me tornar uma professora. Durante o curso, estudei muito, aprendi como ser professora, tendo muitas aulas de Didática. Já, a disciplina de Geografia, durante o curso, era ofertada apenas no primeiro ano, mas nunca deixei de ser encantada e fascinada por ela. Passaram-se os três anos do curso e chegou o período de realizar o estágio, momento mais aguardado, em razão de que exerceria tudo o que havia aprendido durante esse período. Naquele momento, realizei o estágio supervisionado do Magistério em uma escola pública estadual, em uma turma de 3ª série (atual 4º ano do Ensino Fundamental).

Recordo que, no início do estágio, ficava nervosa, pois, ao organizar o planejamento das aulas, entendi que os textos estudados em sala de aula me auxiliariam no como fazer, mas de forma descontextualizada, visto que organizávamos um plano que não era aplicado com as crianças, não era de acordo com a realidade das escolas e o tempo necessário para a prática educativa era diferente daquele imaginado inicialmente. Percebi que só a experiência e a vivência em sala de aula me ajudariam no como fazer, de fato. Algumas questões me faziam refletir, tais como: o que os alunos gostavam, quantos exercícios conseguiriam realizar em uma tarde, que brincadeiras eles preferiam, que atividades mais lhes chamavam a atenção: pintar, recortar, modelar, ler, desenhar, escrever etc.? Todas essas questões foram compreendidas com a prática educativa em sala de aula. Por fim, passado o nervosismo inicial, considero que o estágio foi prazeroso, pois me identifiquei com a turma e, tudo o que fora proposto para eles era realizado com muito carinho e atenção. A professora regente da turma me deixava bem livre para realizar as atividades, não impondo a maneira como ela trabalhava. Isso permitiu que eu pudesse desenvolver o estágio supervisionado da forma que considerei a melhor para os alunos, de acordo com a minha experiência.

No mesmo ano em que concluí o curso do Magistério, prestei vestibular e adivinha para quê? Para Geografia Licenciatura, na FURG, sendo aprovada. Naquele momento, começaria a realizar o sonho de ser professora e da disciplina com a qual eu mais me identificava. Assim, iniciava-se a graduação, e mais um sonho começava a se realizar – ser professora de Geografia. Nesse processo de formação tinha como fonte inspiradora aquela professora de Geografia de anos atrás.

Mas, como a vida nem sempre é como desejamos e esperamos, alguns motivos pessoais me fizeram trancar a matrícula da faculdade, no 2º ano do curso. Algum tempo depois, fiquei grávida e passados alguns anos, já adaptada à maternidade, retornei aos estudos, já que nunca havia passado pela minha cabeça não me formar em Geografia. Todavia, eu havia perdido a

vaga e tive que prestar vestibular novamente. No ano seguinte, realizei o vestibular e mais uma vez fui aprovada, solicitando aproveitamento de estudos. Naquele momento, descobri que o curso havia passado por uma reformulação curricular. Devido à reforma, ficaram faltando algumas disciplinas para concluir o curso, além dos estágios de Ensino Fundamental e Médio e o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC).

Nessa época, recordo que trabalhava no comércio até às 18 horas, saindo do trabalho e indo direto para a universidade. Foram dois anos trabalhando durante o dia e estudando à noite. Trabalhar no comércio não era o meu sonho e, como havia cursado o Magistério, sempre estive atenta à possibilidade de iniciar a docência em uma escola. No ano seguinte, fui contratada para trabalhar em uma escola particular, assumindo uma turma de 4º ano do Ensino Fundamental, no turno da tarde, lecionando todas as disciplinas e no turno da manhã, duas turmas um 6º e um 7º ano, com a disciplina de Geografia, mesmo não estando formada, porque poderia ser contratada como estagiária. Fiquei muito feliz naquele momento, pois meu sonho, finalmente, estava se concretizando.

No primeiro ano de trabalho, foi tudo perfeito, eu conseguia dar conta de todas as atividades da graduação e de planejar as aulas da escola. Concomitante com as atividades laborais, comecei a realizar o estágio supervisionado do Ensino Fundamental, numa turma de 6º ano, em uma escola pública municipal. A turma que me foi oferecida era muito tranquila, a professora regente era dedicada e organizada, além disso, ela tinha anos de experiência nessa escola e me ajudou em relação ao andamento da instituição. Nos primeiros dias fiquei um pouco ansiosa, visto que não sabia se a turma me aceitaria como professora, se gostariam de mim e do modo como eu explicaria o conteúdo e conduziria a aula. Mas, depois de muito estudo e a construção do planejamento das aulas com vistas a dialogar com o contexto socioambiental da escola, deu tudo certo no estágio, sendo esse desafiante e formativo, pois me fez refletir sobre como gerar um processo de ensinar e aprender na atualidade, em que os conhecimentos geográficos tivessem algum significado para os alunos e que pudessem contribuir para a realidade deles.

Infelizmente, no segundo ano de trabalho na escola, o outro professor de Geografia sofreu um acidente e ficou impossibilitado de exercer sua função, então, fui chamada para assumir todas as turmas de Geografia da escola, num total de sete turmas. Recordo que na hora concordei e fiquei feliz por acreditarem no meu trabalho e potencial. Mas não havia me dado conta da quantidade de trabalho e de tempo que todas essas turmas iriam exigir e ainda tinham as aulas na universidade todos os dias, à noite, além dos compromissos familiares.

No ano seguinte, para terminar a graduação, deveria fazer o estágio de Ensino Médio e o TCC e, mais uma vez, não tive condições de realizá-los, devido à demanda da escola, e novamente precisei trancar o curso de graduação. Nessa época, morávamos minha mãe, meu filho e eu e, por isso, não poderia abandonar o trabalho e ficar somente estudando, uma vez que ajudava no sustento da família. Assim, foi necessário adiar meu sonho de me formar professora de Geografia, todavia nunca pensei em desistir dele.

Trabalhei durante seis anos nessa escola, experienciando o que havia estudado no curso do Magistério, no curso de Geografia Licenciatura da FURG, assim como, comecei a colocar em prática as minhas experiências pessoais vivenciadas enquanto aluna e que foram interiorizadas com o passar dos anos. De acordo com Tardif (2014, p. 181), “[...] a prática é como um processo de aprendizagem através do qual os professores retraduzem sua formação e a adaptam à profissão”, conservando o que tem relação com a realidade vivida para resolver os problemas da prática educativa. Essa prática se desenvolve junto com a teoria, pois elas se realizam através de diversos saberes que vão se constituindo durante a nossa formação enquanto docentes.

Depois de algum tempo lecionando, percebi a dificuldade de alguns alunos em entender os conceitos geográficos e me deparei com uma dúvida: como fazer com que os meus alunos entendessem melhor esses conceitos, sendo sua explicação um tanto abstrata? Partindo das minhas experiências, percebi que a utilização das mídias cinemáticas poderia me ajudar nessa questão. Comecei a questionar-me: como poderia trabalhar com filmes ou vídeos, enquanto recurso, nas aulas de Geografia? Qual a contribuição desses para o ensino de Geografia? Nessa busca, refleti sobre o papel desse recurso em sala de aula, que além de contribuir para a construção do conhecimento, tem caráter lúdico, pois faz com que os alunos aprendam de forma mais agradável o conteúdo, sendo sua aprendizagem mais significativa. Sempre me interessei pela arte cinematográfica e enquanto aluna do curso de Geografia, fascinava-me a possibilidade de relacionar os conteúdos estudados com as mídias assistidas, embora ainda não tivesse a leitura necessária sobre ela no ensino de Geografia.

No entanto, para mim, não importava se o filme retratava a realidade ou era de ficção, gostava de ambos e assistia aos mais variados gêneros cinematográficos: comédia, aventura, desenho animado, ficção, suspense, documentário, drama, terror, faroeste, guerra e romance, mas adorava os que me permitiam dialogar com a ciência geográfica. Conseguia fazer essa relação e acreditava que poderia contribuir para a aprendizagem dos meus alunos. De acordo com Tardif:

Para alcançar fins pedagógicos, o professor também se baseia em juízos ligados a tradições escolares, pedagógicas e profissionais que ele mesmo assimilou e interiorizou. Finalmente, ele se baseia em sua “experiência vivida” como fonte viva de sentido a partir da qual o passado lhe permite esclarecer o presente e antecipar o futuro (TARDIF, 2014, p. 211).

A partir da minha experiência com as mídias cinemáticas enquanto aluna do curso de Geografia, percebi que poderia auxiliar os meus alunos nessa compreensão, tornando a aprendizagem de alguns conteúdos um tanto mais agradável e mais significativa para eles. Barbosa (2006, p.111), referindo-se à importância da imagem na sociabilização do saber geográfico, entende que “[...] o filme nos traz uma forte impressão da realidade [...]”, fazendo com que a vida que está representada na tela se torne mais próxima da nossa realidade. As mídias representam uma prática pedagógica, onde o objeto de estudo é representado através de imagens que se encontram em movimento. Essa característica favorece ao aluno desenvolver uma percepção mais objetiva dos conceitos abordados pela Geografia na sala de aula, tornando a aula mais atrativa.

Mesmo dedicando-me com afinco ao planejamento das aulas e à docência, sabia que faltava completar os meus estudos e, por conta disso, acabei sendo demitida da escola. Nessa época, já estava casada e, nesse momento, em que mais precisei de auxílio, ao ficar desempregada, meu marido me deu todo o apoio possível e, mesmo sabendo da falta que o meu salário faria, ele me incentivou a voltar a estudar. Foi então que retornei ao curso de Geografia, faltando cursar apenas o último ano. Portanto, chegara a hora de realizar o estágio do Ensino Médio e de realizar o Trabalho de Conclusão do Curso.

O estágio supervisionado no Ensino Médio foi um grande desafio, uma vez que eu só havia trabalhado com alunos até o 7º ano e, nunca com alunos adolescentes. Recordo que escolhi realizar o estágio em uma escola pública estadual perto da minha casa e fui designada para uma turma do segundo ano, com 32 alunos. No primeiro semestre, realizei o estágio de observação e construí a proposta para desenvolver com a turma. Nesse período, dei-me conta que a turma era bem crítica, participativa e que gostavam muito de falar, pois todos os conteúdos disponibilizados pela professora acabavam em debate, especialmente porque eles gostavam de contar o que sabiam sobre o assunto.

No segundo semestre, desenvolvi duas aulas e foi deflagrada uma greve nas escolas públicas estaduais, devido aos baixos salários, péssimas condições de trabalho, entre tantas outras reivindicações dos professores. Tive uma aprendizagem bem diferente das anteriores,

pois, para que os estagiários tivessem a oportunidade de desenvolver o estágio, foi realizado um Projeto de Extensão, em que os alunos desenvolveram seus planos para os seus professores de estágio e para os supervisores. O desafio foi enorme, se eu já estava preocupada em dar aulas para adolescentes, imagina para os meus professores. Preparei-me muito e fiquei extremamente nervosa, porém a aula foi interessante, porque meus professores fizeram perguntas como se fossem os próprios alunos. Foi uma experiência nova e, certamente, nunca me esquecerei desse estágio.

Nesse mesmo ano, ainda havia mais um desafio: escrever o Trabalho de Conclusão de Curso. Ao levar em consideração a experiência tecida na escola, escolhi como tema de pesquisa “O Cinema no Ensino de Geografia”, o que me deu um enorme prazer, especialmente por fazer leituras de autores que trabalham com essa temática e poder me apropriar de conhecimentos dessa área, contribuindo para minha formação, enquanto professora de Geografia. O autor que mais me inspirou para a escrita do TCC foi Marcos Napolitano, em seu livro intitulado “Como usar o cinema em sala de aula<sup>2</sup>”. Recordo que, com as leituras, deparei-me com textos que me fizeram pensar como eu poderia trabalhar o filme nas aulas de Geografia, tornando-as mais lúdicas e prazerosas. O filme é uma arte que representa a realidade, tornando-se uma possibilidade do aluno conhecer outras partes do mundo, outras culturas, outros modos de vida, outras paisagens, outras cidades, outras características do relevo e tantas outras realidades que não podem ser conhecidas pessoalmente. Dessa forma, ao utilizar essa mídia nas aulas de Geografia, podemos mostrar aos alunos imagens de locais e fenômenos que eles não teriam acesso, diferentes culturas, influenciando no modo como enxergam o mundo.

Através das imagens assistidas, pode-se visualizar diversos elementos do conteúdo que seriam difíceis de explicar sem elas, devido ao nível de abstração de alguns conteúdos, tais como a formação do relevo, o tsunami, as Eras geológicas, dentre outros que acabam exigindo muita imaginação e abstração por parte do aluno. A mídia cinemática auxilia no processo de ensinar e aprender, facilitando o diálogo entre professor-aluno-conteúdo, pois aproxima o aluno do conteúdo e pode ser uma fonte de informação geográfica, por dar corporeidade ao ensino.

Terminado o TCC, chegou a hora de realizar a defesa. A banca examinadora considerou o meu trabalho importante por contribuir com o Ensino de Geografia e com potencial para pesquisas futuras na Pós-Graduação. Nessa perspectiva, resolvi escrever um artigo sobre o meu TCC e enviar para uma revista de Geografia, o que me fez entender a importância da escrita

---

<sup>2</sup> NAPOLITANO, Marcos. **Como usar o cinema em sala de aula**. 5ª ed. São Paulo: Contexto, 2011.

para o processo de construção da minha identidade docente. O artigo foi aceito e publicado na Revista de Ensino de Geografia, de Uberlândia, Minas Gerais, fiquei muito feliz e motivada para continuar estudando.

Foi então que participei da seleção do mestrado no PPGEA, da FURG. Comecei a escrever o projeto com o título “Mídias Cinemáticas e a Educação Ambiental: possibilidades para a formação de professores”, que foi aprovado na linha de pesquisa Educação Ambiental: Ensino e Formação de Educadores. Essa escolha se deu por permitir a continuidade da minha formação docente em diálogo com a Educação Ambiental e com as disciplinas da área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas (Geografia, História, Filosofia e Sociologia), do Ensino Médio.

Assim, partindo da importância de trabalhar a Educação Ambiental em sala de aula e por ter compreensão da importância da formação continuada nessa área, senti a necessidade de proporcionar aos professores da rede pública do município do Rio Grande, um curso de formação continuada com o intuito de discutir sobre como transversalizar a Educação Ambiental, no currículo da área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas (EM), na sala de aula. A justificativa para a realização dessa pesquisa está na importância de buscar compreender como a Educação Ambiental pode transversalizar o currículo no Ensino Médio, tendo o uso das mídias cinemáticas, enquanto “produto cultural” (SOARES, 2017), que pode contribuir para o debate da problemática socioambiental. Assim, pretendeu-se construir coletivamente com os professores participantes da pesquisa, alternativas pedagógicas que permitissem utilizar esse recurso, no Ensino Médio, na área do conhecimento de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, para transversalizar a Educação Ambiental no seu currículo. Essa área do conhecimento é integrada por Geografia, História, Filosofia e Sociologia e, de acordo com a BNCC, do Ensino Médio, propõe:

[...] a ampliação e o aprofundamento das aprendizagens essenciais desenvolvidas no Ensino Fundamental, sempre orientada para uma formação ética. Tal compromisso educativo tem como base as ideias de justiça, solidariedade, autonomia, liberdade de pensamento e de escolha, ou seja, a compreensão e o reconhecimento das diferenças, o respeito aos direitos humanos e à interculturalidade e o combate aos preconceitos de qualquer natureza. [...] propõe que os estudantes desenvolvam a capacidade de estabelecer diálogos – entre indivíduos, grupos sociais e cidadãos de diversas nacionalidades, saberes e culturas distintas -, elemento essencial para a aceitação da alteridade e a adoção de uma conduta ética em sociedade (BRASIL, 2018).

Assim sendo, a BNCC vem ao encontro do proposto pela Educação Ambiental, pois os compromissos educativos descritos acima também são abordados nos princípios e objetivos da Educação Ambiental, na Lei nº 9.795, de 27 de abril de 1999, que dispõe sobre a PNEA:

Art. 4º - São princípios básicos da educação ambiental:

I - o enfoque humanista, holístico, democrático e participativo;

II - a concepção do meio ambiente em sua totalidade, considerando a interdependência entre o meio natural, o socioeconômico e o cultural, sob o enfoque da sustentabilidade;

III - o pluralismo de ideias e concepções pedagógicas, na perspectiva da inter, multi e transdisciplinaridade;

IV - a vinculação entre a ética, a educação, o trabalho e as práticas sociais;

V - a garantia de continuidade e permanência do processo educativo;

VI - a permanente avaliação crítica do processo educativo;

VII - a abordagem articulada das questões ambientais locais, regionais, nacionais e globais;

VIII - o reconhecimento e o respeito à pluralidade e à diversidade individual e cultural.

Art. 5º - São objetivos fundamentais da educação ambiental:

I - o desenvolvimento de uma compreensão integrada do meio ambiente em suas múltiplas e complexas relações, envolvendo aspectos ecológicos, psicológicos, legais, políticos, sociais, econômicos, científicos, culturais e éticos;

II - a garantia de democratização das informações ambientais;

III - o estímulo e o fortalecimento de uma consciência crítica sobre a problemática ambiental e social;

IV - o incentivo à participação individual e coletiva, permanente e responsável, na preservação do equilíbrio do meio ambiente, entendendo-se a defesa da qualidade ambiental como um valor inseparável do exercício da cidadania; V - o estímulo à cooperação entre as diversas regiões do País, em níveis micro e macrorregionais, com vistas à construção de uma sociedade ambientalmente equilibrada, fundada nos princípios da liberdade, igualdade, solidariedade, democracia, justiça social, responsabilidade e sustentabilidade; VI - o fomento e o fortalecimento da integração com a ciência e a tecnologia; VII - o fortalecimento da cidadania, autodeterminação dos povos e solidariedade como fundamentos para o futuro da humanidade (BRASIL, 1999).

Dessa forma, ao trabalhar com a área do conhecimento de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas (EM), as questões socioambientais poderão ser abordadas em todos os seus componentes curriculares e estas se encontram em consonância com a BNCC e também com a Educação Ambiental. Diante do exposto, a pesquisa tem como questão: como transversalizar a Educação Ambiental no currículo da área do conhecimento de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas (EM), na Educação Básica, a partir do uso das mídias cinemáticas?

Os objetivos dessa pesquisa são: perceber como os professores da área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas (EM), da Educação Básica, trabalham com a Educação Ambiental no currículo; compreender como a Educação Ambiental pode transversalizar o currículo da área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas (EM), da Educação Básica; entender como o uso das mídias cinemáticas pode contribuir para transversalizar a Educação Ambiental no currículo.

De acordo com os PCNs (2000, p. 31), “A transversalidade diz respeito à possibilidade de se estabelecer, na prática educativa, uma relação entre aprender na realidade e aprender sobre a realidade [...]”. Assim, considera-se que a Educação Ambiental precisa ser trabalhada a partir da realidade e do contexto social dos professores e alunos, ressaltando a atividade com as mídias cinemáticas, como prática educativa que pode estabelecer essa relação. Além do mais, possibilita que os professores e, conseqüentemente, seus alunos se percebam como parte fundamental do ambiente em que vivem, tornando-se cidadãos participativos desse processo. Nesse sentido, as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Ambiental também sinalizam a transversalidade da Educação Ambiental nos currículos da Educação Básica. Dessa forma, destaco a importância de propor práticas para a realização de atividades sobre a Educação Ambiental, construindo coletivamente com os professores, durante o curso, alternativas pedagógicas que permitam transversalizar a Educação Ambiental no currículo das disciplinas da área do conhecimento de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas (EM), através do uso das mídias cinemáticas.

Por fim, cabe salientar algumas escolhas que foram se constituindo durante a escrita desta dissertação, partindo da minha formação inicial em Geografia Licenciatura, deu-se a escolha pela área do conhecimento de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas (EM), a qual abarca as disciplinas de Geografia, História, Filosofia e Sociologia. Essa área também foi escolhida para esta pesquisa, para romper com a visão disciplinar a qual se critica, não ficando atrelada a uma única discussão, pois se alargará em seus diferentes componentes curriculares, dialogando com as questões socioambientais. Outra escolha importante de ser destacada é o fato de desenvolvermos esta pesquisa a partir do uso das mídias cinemáticas e não somente com a utilização de filmes, apesar desses serem a principal mídia pesquisada. Com o termo mídias cinemáticas, pode-se abarcar outras possibilidades para a discussão da Educação Ambiental, pois essas abrangem os filmes, os vídeos da internet, os documentários e outros. Dessa forma, os professores que dispõem apenas de um horário de aula, terão outras alternativas para transversalizar a Educação Ambiental, pois existem algumas mídias cinemáticas com tempo de

duração menor que um filme.

Em síntese, a escrita deste capítulo foi necessária por apresentar a trajetória da professora e pesquisadora, assim como, a construção dos motivos que levaram à escolha do tema de pesquisa. Ao refletir sobre os elementos que impulsionaram a escolha do tema, foi permitida a compreensão da importância da formação continuada para o fazer docente e também por dar continuidade a minha formação docente, tendo a oportunidade de dialogar com outros professores, ressaltando saberes sobre a Educação Ambiental e as mídias cinemáticas, compartilhando experiências e vivências, e também, por oportunizar a minha constituição como uma educadora ambiental.

## 2 LENTES TEÓRICAS QUE FUNDAMENTAM A PESQUISA

Este capítulo apresenta as lentes teóricas utilizadas para fundamentar a pesquisa. Essas partem dos marcos históricos da Educação Ambiental, dando ênfase principalmente aos aspectos que se referem às questões voltadas para o ensino formal e para a formação de professores. Para tanto, o texto aborda os primeiros movimentos que discutiram a Educação Ambiental desde a década de 1960 até a atualidade, traçando um diálogo sobre as principais políticas públicas que contribuíram para a constituição do campo da Educação Ambiental no ensino formal e na formação de professores. Também, aborda-se a contribuição do uso da mídia cinemática no ensino formal para transversalizar a Educação Ambiental, na área do conhecimento de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas (EM), sendo que esta é integrada pelas disciplinas de Filosofia, Geografia, História e Sociologia. Bem como, a discussão sobre a formação de educadores ambientais e os conceitos de currículo e de transversalidade, fundamentais para esta pesquisa.

### 2.1 A EDUCAÇÃO AMBIENTAL NO ENSINO FORMAL E NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES

A história da Educação Ambiental nos mostra que o debate nesse campo do conhecimento é recente, visto que as primeiras preocupações com a questão ambiental apareceram somente na década de 1960 com o livro “Primavera Silenciosa”, da autora Rachel Carson, que tratava dos impactos que a sociedade estava causando no meio ambiente. Seu livro, já naquela época, fez um convite para que olhássemos para as nossas ações em relação à natureza e sobre a perda de qualidade de vida.

Em 1968, o italiano Aurélio Pecceie e o escocês Alexander King criaram o Clube de Roma, com o intuito de promover uma reunião, na qual seriam discutidos os problemas globais. Essa reunião foi realizada em uma pequena vila em Roma, na Itália, daí o nome de Clube de Roma. Eles convidaram pessoas importantes da época para debater um conjunto de assuntos de ordem política, econômica e social, em relação ao meio ambiente. O Clube ficou conhecido mundialmente em 1972, com a publicação do relatório “Os limites do Crescimento”, elaborado pelos pesquisadores do Instituto de Tecnologia de Massachusetts (MIT), a pedido dos integrantes do Clube de Roma. Considerado um clássico, foi o primeiro estudo a questionar a

interação do homem com o meio ambiente, considerando o aumento populacional e o esgotamento dos recursos naturais.

Em 1972, ocorreu a Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente Humano, realizada em Estocolmo, na Suécia. O plano de ação passa a sensibilizar a população para desenvolver novas habilidades, novas atitudes e novos comportamentos para enfrentar os problemas ambientais. Desde então, a Educação Ambiental passou a adquirir relevância internacional. No seu princípio nº 19, a Conferência destaca:

É indispensável um esforço para a educação em questões ambientais, dirigida tanto às gerações jovens como aos adultos e que preste a devida atenção ao setor da população menos privilegiado, para fundamentar as bases de uma opinião pública bem informada, e de uma conduta dos indivíduos, das empresas e das coletividades inspirada no sentido de sua responsabilidade sobre a proteção e melhoramento do meio ambiente em toda sua dimensão humana. É igualmente essencial que os meios de comunicação de massas evitem contribuir para a deterioração do meio ambiente humano e, ao contrário, difundam informação de caráter educativo sobre a necessidade de protegê-lo e melhorá-lo, a fim de que o homem possa desenvolver-se em todos os aspectos (CONFERÊNCIA DE ESTOCOLMO, 1972).

A Conferência de Estocolmo sinaliza que é essencial um trabalho educativo sobre a necessidade de proteger e melhorar o meio ambiente, desenvolvendo o ser humano em todas as suas dimensões. Essa conferência foi considerada um marco histórico internacional por chamar a atenção do mundo para os problemas ambientais da época. Assim, nesse mesmo ano, a Organização das Nações Unidas (ONU) criou o Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (PNUMA), sediado em Nairobi, no Quênia, com o objetivo de fortalecer atividades de proteção ambiental dentro das Nações Unidas. Em 1975, em Belgrado, foi lançado pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), o Programa Internacional de Educação Ambiental (PIEA), com sede no Chile, foi destinado a promover, nos países membros, a ação e a cooperação internacional no campo da Educação Ambiental, sendo definidos os seguintes princípios: a Educação Ambiental deve ser contínua, multidisciplinar, integrada às diferenças regionais e voltada para o interesse das nações. Também em 1975, foi criada a Carta de Belgrado que consiste num documento histórico que trata sobre as necessidades e os desejos de todos os cidadãos da Terra, abordando a necessidade de uma nova ética global.

No ano de 1977, aconteceu a Conferência Intergovernamental de Educação Ambiental, em Tbilisi, na Geórgia, organizada pela UNESCO, com a colaboração do PNUMA. Nessa

declaração consta que a “Educação Ambiental deve constituir-se de uma educação geral, permanente que reaja às mudanças produzidas num mundo em rápida evolução”. Nesse evento internacional surge, então, a discussão sobre a Educação Ambiental no ensino formal, a qual, no seu princípio número 2, considera que a “Educação Ambiental deve constituir um processo contínuo e permanente, através de todas as fases do ensino formal e não formal”, cujo objetivo é capacitar os professores, para que eles desenvolvam seus projetos, de acordo com suas realidades. Esse documento internacional é uma referência até hoje para órgãos e instituições responsáveis por atividades de Educação Ambiental, constituindo-se em objetivos, princípios orientadores e estratégias fundamentais para a Educação Ambiental, adotados por todos os países participantes.

Em 1981, foi criada no Brasil, a Lei nº 6.938, de 31 de agosto de 1981, que dispõe sobre a Política Nacional do Meio Ambiente e em seu artigo 2º, no inciso X, estabelece que a “Educação Ambiental deve ser ministrada a todos os níveis de ensino, inclusive a educação da comunidade, objetivando capacitá-la para a participação ativa na defesa do meio ambiente” (BRASIL, 1981). A partir dessa lei, começaram a surgir outros marcos legais brasileiros estabelecendo a Educação Ambiental no ensino formal.

No ano de 1987, ocorreu o Congresso Internacional sobre Educação e Formação relativas ao Meio Ambiente, realizado em Moscou, promovido pela UNESCO e pelo PNUMA, criando-se o documento “Estratégia Internacional de Ação em Matéria de Educação e Formação Ambiental para o Decênio de 90”, com participação de 100 países. Este aborda aspectos importantes de educação e da formação ambiental, tendo como uma das suas prioridades, a capacitação dos docentes. De acordo com Leite e Medina, esse documento apresenta nos seus objetivos as seguintes ações:

[...] promoção de capacitação para docentes em processo de formação; integração da dimensão ambiental na formação inicial dos professores e de outras categorias do pessoal de ensino; e, a promoção de capacitação para docentes em serviço, como prioridade para permitir responder às necessidades imediatas da Educação Ambiental (LEITE; MEDINA, 2001, p. 34).

Percebe-se que nesse congresso foi discutida a capacitação e formação de professores em Educação Ambiental, para que a partir dessa, os professores estejam aptos para transformarem as suas práticas educativas, integrando a Educação Ambiental nos seus currículos e formando um aluno/cidadão mais atuante. Em 1988, foi promulgada a Constituição

da República Federativa do Brasil, tendo o capítulo VI sobre o Meio Ambiente, constando no seu artigo 225:

Todos têm direito ao meio ambiente ecologicamente equilibrado, bem de uso comum do povo e essencial à sadia qualidade de vida, impondo-se ao Poder Público e à coletividade o dever de defendê-lo e preservá-lo para as presentes e futuras gerações (BRASIL, 1988).

Ainda na Constituição Federal, no artigo 225, no § 1º, inciso VI, consta que compete ao Poder Público “promover a educação ambiental em todos os níveis de ensino e a conscientização pública para a preservação do meio ambiente” (BRASIL, 1988). Assim sendo, cabe ao Poder Público o dever de defender o meio ambiente e conscientizar a população para sua preservação, inclusive nas escolas.

Em 1991, ocorreu em Brasília, o Encontro Nacional de Políticas e Metodologias para a Educação Ambiental, promovido pelo Ministério da Educação e Cultura (MEC) e pela Secretaria do Meio Ambiente da Presidência da República (SEMAM), sendo proposto:

Quanto às formas de trabalho na comunidade e na escola: Que tenham como objetivos sensibilizar e conscientizar. Que busquem uma mudança comportamental.

Que formem um cidadão mais atuante. [...]

Que sejam criadas condições para que, no ensino formal, a Educação Ambiental seja um processo contínuo e permanente, através de ações interdisciplinares globalizantes e da instrumentalização dos professores [...] (DIAS, 2004, p. 15).

Nesse encontro, também percebemos a preocupação com a discussão da Educação Ambiental no ensino formal, buscando uma mudança no comportamento e na atuação dos cidadãos, preocupando-se com um processo contínuo e permanente, com ação interdisciplinar e de formação dos professores. Nesse mesmo ano, 14 anos após a Conferência de Tbilisi, as proposições básicas da Educação Ambiental não haviam chegado à sociedade brasileira. Assim, indignados, um grupo de funcionários do MEC e do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA) elaborou um encarte intitulado “Projeto de Informações sobre Educação Ambiental para os professores do 1º grau” (atual Ensino Fundamental), os quais teriam que responder a um questionário e enviar para a divisão de Educação Ambiental. Esse projeto revelou que a falta de informações sobre esse tema nas escolas era alarmante, pois 85% dos professores participantes apontavam que esse encarte era

o primeiro material que recebiam sobre Educação Ambiental (DIAS, 2004).

A Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento, que aconteceu no Rio de Janeiro, em 1992 (Rio 92), reuniu 179 países e foi considerada um dos principais marcos da questão ambiental em termos de políticas internacionais. Além disso, teve como resultado a assinatura de um importante acordo ambiental, denominado de Agenda 21, um plano de ação para o século XXI. Esse documento global apresenta um novo padrão de desenvolvimento, denominado de Desenvolvimento Sustentável<sup>3</sup> que visa assegurar a conservação e a preservação dos recursos naturais renováveis e não-renováveis e a melhoria da qualidade de vida da população mundial e de suas futuras gerações.

Paralelo a essa conferência, realizou-se o Fórum Global, organizado pelas Organizações Não-Governamentais (ONGs), onde foi elaborado o Tratado de Educação Ambiental para Sociedades Sustentáveis e Responsabilidade Global, que explicita os princípios e as características da Educação Ambiental para o Desenvolvimento Sustentável, no qual seus signatários reconhecem o papel da educação na formação de valores e na ação social, bem como, comprometem-se com o processo educativo transformador para criar sociedades sustentáveis e equitativas.

Em 1994, foi criado o Programa Nacional de Educação Ambiental (ProNEA), tendo como objetivo principal determinar marcos legais e normativos importantes para quem atua ou deseja atuar na área de Educação Ambiental. Esse documento passou por diversas modificações ao longo dos anos, e em 2018<sup>4</sup> foi publicada a sua 5ª edição, assumindo a missão de contribuir para um projeto de sociedade que promova a integração dos saberes nas dimensões ambiental, ética, cultural, espiritual, social, política e econômica, promovendo a dignidade, o cuidado e a valorização de toda forma de vida no planeta.

Também no ano de 1994, o MEC aprovou a criação do PPGEA, na FURG, sendo o primeiro e único no Brasil até o momento. Esse programa surgiu com o curso de Mestrado,

---

<sup>3</sup> Esta pesquisa está baseada em uma perspectiva crítica, sendo assim, preferimos utilizar o termo sustentabilidade, que, de acordo com Feil e Schreiber (2017, p. 667), expressa a “preocupação com a qualidade de um sistema que diz respeito à integração indissociável (ambiental e humano), e avalia suas propriedades e características, abrangendo os aspectos ambientais, sociais e econômicos”.

<sup>4</sup> Em 2017, foi realizado o IX Fórum Brasileiro de Educação Ambiental, em Balneário Camboriú, Santa Catarina, que teve como tema gerador “Uma releitura crítica das políticas da educação ambiental brasileira: Repercussões da Política Nacional de Educação Ambiental (PNEA) e Programa Nacional de Educação Ambiental (ProNEA)”. Esse evento contou com a participação de diversos grupos de pesquisa de todo o país, tendo a contribuição do PPGEA-FURG e do Grupo de pesquisa CIPEA-FURG, fazendo encaminhamentos para serem discutidos no Fórum Brasileiro que, posteriormente, foram enviados para a discussão da nova edição do ProNEA.

nascendo do reconhecimento da Educação Ambiental para fazer face à atual crise socioambiental brasileira e mundial. Objetiva a formação de docentes-pesquisadores, tendo como uma de suas linhas de pesquisa a Educação Ambiental: Ensino e Formação de Educadores, abordando temáticas relacionadas à Educação Ambiental em contextos educativos institucionalizados, com ênfase especial na ação e na formação dos docentes. Posteriormente, o programa também passou a contar com o curso de Doutorado em Educação Ambiental, com a produção de pesquisas importantes para esse campo e formação de pesquisadores.

Em 1997, foi realizada em Brasília, a 1ª Conferência Nacional de Educação Ambiental, que teve por objetivo principal a criação de um espaço para reflexão sobre as práticas da Educação Ambiental no Brasil. Esta conferência foi organizada em temas, sendo um deles a “Educação Ambiental Formal: papel e desafios”. Algumas das suas recomendações foram:

Propiciar a estruturação de novos currículos, nos três níveis de ensino que contemplem a temática ambiental de forma interdisciplinar, incorporem a perspectiva dos diversos saberes, e valorizem as diferentes perspectivas e pontos de vista, procurando a elaboração de novas perspectivas criativas e participativas para a solução dos problemas ambientais.

Incentivar e financiar a criação de cursos de pós-graduação em nível de especialização, mestrado e doutorado, que possibilitem a capacitação de recursos humanos e a produção de conhecimentos e metodologias em educação ambiental formal (BRASIL, 1997).

Observa-se, nesse documento, a preocupação dos ministérios (Ministério do Meio Ambiente, dos Recursos Hídricos e da Amazônia Legal e Ministério da Educação e do Desporto)<sup>5</sup> em estruturar a Educação Ambiental nos três níveis de ensino, incentivando a capacitação de professores.

Em 1998, conforme o Ministério do Meio Ambiente, ocorreu a Conferência Internacional sobre Ambiente e Sociedade: Educação e Conscientização Pública para a Sustentabilidade, realizado em Thessaloniki, na Grécia, promovida pela UNESCO. Nessa, a principal discussão foi sobre educação e conscientização pública para a sustentabilidade, assim como foram analisadas as conferências anteriores e as suas publicações, sendo reconhecido um progresso insuficiente em relação à Educação Ambiental, desde a Rio 92.

Com base nos avanços da Educação Ambiental e na necessidade de inserir a discussão

---

<sup>5</sup> Atualmente, o Ministério do Meio Ambiente, dos Recursos Hídricos e da Amazônia Legal, chama-se de Ministério do Meio Ambiente, e o Ministério da Educação e do Desporto, chama-se de Ministério da Educação.

no currículo da Educação Básica, no Brasil, o Conselho Nacional de Educação (CNE), em 1998, aprovou os PCNs. Eles orientam as escolas na elaboração do seu projeto educativo, abordando questões sociais que devem ser discutidas por todas as disciplinas da escola e não podem constituir-se em disciplinas específicas, essas questões são denominadas de temas transversais, que são: meio ambiente, saúde, pluralidade cultural, orientação sexual e ética. Os PCNs propõem que os temas transversais se integrem às disciplinas escolares, estando presentes em todas elas, relacionando-as com questões da atualidade, já que são temas urgentes por estarem presentes em diversos aspectos da vida cotidiana. Dessa maneira, nos PCNs (2000), a opção para trabalhar os temas transversais no currículo é através do que se chama de transversalidade. De acordo com os PCNs (2000), “a transversalidade diz respeito à possibilidade de se estabelecer, na prática educativa, uma relação entre aprender na realidade e da realidade de conhecimentos teoricamente sistematizados e as questões da vida real” (BRASIL, 2000). A transversalidade inclui saberes sistematizados, como também saberes extraescolares, construídos a partir da realidade dos alunos e dos professores.

Portanto, a Educação Ambiental, a partir dos PCNs, passou a ser considerada como um tema transversal, através do eixo Meio Ambiente. Assim, a Educação Ambiental deve ser trabalhada segundo esses parâmetros, a partir da realidade e do contexto social dos professores e alunos, fazendo com que eles se percebam como parte fundamental do ambiente em que vivem, conscientizando-se e compreendendo-se pertencentes desse contexto. Segundo os PCNs (2000), “[...] a perspectiva transversal aponta uma transformação da prática pedagógica, [...] e a responsabilidade com a formação dos alunos”. A inclusão da discussão sobre a Educação Ambiental em sala de aula também abre espaço para saberes extraescolares que são fundamentais para a formação do aluno. Os PCNs trazem a discussão da Educação Ambiental como tema transversal, considerando a importância da escola como um espaço de transformação da sociedade, na qual a principal função do trabalho com esse tema é:

[...] contribuir para a formação de cidadãos conscientes, aptos a decidir e a atuar na realidade socioambiental de um modo comprometido com a vida, com o bem-estar de cada um e da sociedade, local e global. Para isso, é necessário que, mais do que informações e conceitos, o educador trabalhe com atitudes, com formação de valores, com o ensino e a aprendizagem de procedimentos (PCNs, 2000).

Entendemos que é importante e possível transversalizar a discussão da Educação Ambiental nas diferentes áreas do conhecimento, estabelecendo relação com as questões atuais em todos os níveis e modalidades da Educação Básica, e cabe ao professor fazer dessa

aprendizagem um processo contínuo de transformação de valores e de atitudes que vai permanecer no decorrer da vida do aluno. Vale ressaltar o papel da formação continuada para o professor, pois esse necessita permanecer em constante formação para dar conta do conjunto de interfaces do fazer docente, assim, o professor qualifica suas práticas pedagógicas e colabora com os alunos na construção de conhecimentos.

No final dos anos 90, foi criada uma política pública específica para a Educação Ambiental, no Brasil, a Lei nº 9.795, de 27 de abril de 1999, a qual estabelece a PNEA, caracterizada pela consolidação dos espaços de atuação da Educação Ambiental, no ensino formal e não formal. Segundo a PNEA:

Art. 1º Entendem-se por educação ambiental os processos por meio dos quais o indivíduo e a coletividade constroem valores sociais, conhecimentos, habilidades, atitudes e competências voltadas para a conservação do meio ambiente, bem de uso comum do povo, essencial à sadia qualidade de vida e sua sustentabilidade.

Art. 2º A educação ambiental é um componente essencial e permanente da educação nacional, devendo estar presente, de forma articulada, em todos os níveis e modalidades do processo educativo, em caráter formal e não formal.

Art. 8º As atividades vinculadas à Política Nacional de Educação Ambiental devem ser desenvolvidas na educação em geral e na educação escolar [...].

§ 3º As ações de estudos, pesquisas e experimentações voltar-se-ão para:

I - o desenvolvimento de instrumentos e metodologias, visando à incorporação da dimensão ambiental, de forma interdisciplinar, nos diferentes níveis e modalidades de ensino [...] (BRASIL, 1999).

Com essa política, a Educação Ambiental passou a ser um componente essencial da educação nacional, tendo que permear os diversos campos do conhecimento em um processo contínuo, permanente e articulado, evidenciando o potencial dessa lei para a transformação da sociedade em que vivemos. Ainda em relação à PNEA, Dias traz que:

Art. 10. A educação ambiental será desenvolvida como uma prática educativa integrada, contínua e permanente em todos os níveis e modalidades do ensino formal.

§ 1º *A educação ambiental não deve ser implantada como disciplina específica no currículo de ensino.*

§ 2º Nos cursos de pós-graduação, extensão e nas áreas voltadas ao aspecto metodológico da educação ambiental, quando se fizer necessário, é facultada a criação de disciplina específica.

§ 3º Nos cursos de formação e especialização técnico-profissional, em todos os níveis, deve ser incorporado conteúdo que trate da ética ambiental das atividades profissionais a serem desenvolvidas.

Art. 11. A dimensão ambiental deve constar dos currículos de formação de professores, em todos os níveis e em todas as disciplinas.

Parágrafo único. Os professores em atividade devem receber formação complementar em suas áreas de atuação, com o propósito de atender adequadamente ao cumprimento dos princípios e objetivos da Política Nacional de Educação Ambiental (DIAS, 2004, p. 205, grifo da pesquisadora).

A referida lei chama a atenção para que a Educação Ambiental esteja presente no currículo dos cursos de formação dos professores e, ainda, aos professores em atividade que devem receber formação complementar, adequando-se aos princípios e aos objetivos da PNEA.

A Conferência das Nações Unidas sobre Ambiente e Desenvolvimento Sustentável ou Cúpula Mundial sobre Desenvolvimento Sustentável, também conhecida como Rio + 10, foi realizada em Joanesburgo, na África do Sul, no ano de 2002. Esse evento foi organizado pela ONU e contou com a participação de cerca de 100 chefes de estado, 22 mil participantes de 193 países e mais de 15 mil ONGs. Essa Conferência analisou as ações desenvolvidas a partir da implantação da Agenda 21, mas suas discussões não se restringiram apenas à preservação do meio ambiente, englobaram, também, debates sobre os aspectos sociais, como as questões sobre fornecimento de água, saneamento básico, energia, saúde, agricultura e biodiversidade, resultando, então, na renovação dos compromissos políticos assumidos no intuito de alcançar o desenvolvimento sustentável, o manejo dos recursos naturais, assim como, a erradicação da pobreza.

No ano de 2010, foram instituídas as DCNs para a Educação Básica, parecer CNE/CEB nº 7/2010, aprovado em 7 de abril de 2010. Essas são definidas “como conjunto de definições doutrinárias sobre princípios, fundamentos e procedimentos na Educação Básica [...] que orientarão as escolas brasileiras dos sistemas de ensino, na organização, na articulação, no desenvolvimento e na avaliação de suas propostas pedagógicas” (BRASIL, 2010). São objetivos das DCNs para a Educação Básica:

I – sistematizar os princípios e diretrizes gerais da Educação Básica contidos na Constituição, na LDB e demais dispositivos legais, traduzindo-os em orientações que contribuam para assegurar a formação básica comum nacional, tendo como foco os sujeitos que dão vida ao currículo e à escola;

II – estimular a reflexão crítica e propositiva que deve subsidiar a formulação, execução e avaliação do projeto político-pedagógico da escola de Educação Básica;

III – orientar os cursos de formação inicial e continuada de profissionais – docentes, técnicos, funcionários - da Educação Básica, os sistemas educativos dos diferentes entes federados e as escolas que os integram, indistintamente da rede a que pertençam (BRASIL, 2010).

Essas diretrizes visam estabelecer as bases comuns nacionais da Educação Básica, sendo que atuam nas seguintes etapas:

I – a Educação Infantil, que compreende: a Creche, englobando as diferentes etapas do desenvolvimento da criança até 3 (três) anos e 11 (onze) meses; e a Pré-Escola, com duração de 2 (dois) anos;

II – o Ensino Fundamental, obrigatório e gratuito, com duração de 9 (nove) anos, é organizado e tratado em duas fases: a dos 5 (cinco) anos iniciais e a dos 4 (quatro) anos finais;

III – o Ensino Médio, com duração mínima de 3 (três) anos (BRASIL, 2010).

Dessa forma, essas diretrizes orientam os professores que atuam no Ensino Médio, etapa final da Educação Básica e esses devem “possibilitar aos adolescentes, jovens e adultos trabalhadores acesso a conhecimentos que permitam a compreensão das diferentes formas de explicar o mundo, seus fenômenos naturais, sua organização social e seus processos produtivos” (BRASIL, 2010). Assim, cabe aos professores estar em permanente formação para darem conta das diversidades do fazer docente.

Em 2012, foi realizada a Conferência da ONU sobre o Desenvolvimento Sustentável ou Rio + 20, assim conhecida porque marcou os vinte anos da Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento (Rio 92). Aconteceu na cidade do Rio de Janeiro, no Brasil, e reuniu um total de 193 representantes de países e uma das maiores coberturas jornalísticas mundiais de toda a história, sendo acompanhada dia a dia em todo o planeta. O resultado foi a avaliação das políticas ambientais então adotadas e a produção de um documento final intitulado “O futuro que queremos”, onde foi reafirmada uma série de compromissos relacionados aos aspectos sociais.

Ainda em 2012, o MEC encaminhou ao CNE uma proposta para o estabelecimento das DCNEA, ressaltando que a Educação Ambiental é uma atividade da prática social, e que essa deve ser desenvolvida como uma prática educativa contínua e permanente em todos os níveis e modalidades de ensino. A Resolução do CNE nº 2, de 15 de junho de 2012, que estabelece as DCNEA, no seu artigo 14, consta que:

A Educação Ambiental nas instituições de ensino, com base nos referenciais apresentados, deve contemplar:

I - abordagem curricular que enfatize a natureza como fonte de vida e relacione a dimensão ambiental à justiça social, aos direitos humanos, à saúde, ao trabalho, ao

consumo, à pluralidade étnica, racial, de gênero, de diversidade sexual, e à superação do racismo e de todas as formas de discriminação e injustiça social;

*II- abordagem curricular integrada e transversal, contínua e permanente em todas as áreas de conhecimento, componentes curriculares e atividades escolares e acadêmicas;*

III - aprofundamento do pensamento crítico-reflexivo mediante estudos científicos, socioeconômicos, políticos e históricos, a partir da dimensão socioambiental, valorizando a participação, a cooperação, o senso de justiça e a responsabilidade da comunidade educacional em contraposição às relações de dominação e exploração presentes na realidade atual; [...] (BRASIL, 2012, grifo da pesquisadora).

A lei referida acima reforça o caráter transversal e permanente da Educação Ambiental no ensino formal, além de enfatizar as discussões que precisam ser abordadas nas instituições de ensino, trazendo para a sala de aula reflexões sobre as questões sociais, ambientais, culturais e políticas. Assim, através desses temas, será oportunizada uma aprendizagem significativa para os alunos, pois esses poderão refletir sobre problemas e conflitos do seu cotidiano, de uma escala local até uma escala global.

Cabe salientar que a Educação Ambiental, conforme leis e documentos anteriormente mencionados, foi passando por um longo processo de mudança, o qual se preocupava apenas com as condições da natureza, de discussões envolvendo valores ambientais, sociais, filosóficos, econômicos, científicos, culturais, políticos e éticos presentes na nossa sociedade. Ao partirmos desses valores, compreende-se que a Educação Ambiental é indispensável para formar cidadãos conscientes de seus direitos, transformando hábitos e atitudes. De acordo com Loureiro, aquela contribui com:

[...] a vinculação das ações educativas formais, não formais e informais em processos permanentes de aprendizagem, atuação e construção de conhecimentos adequados à compreensão do ambiente e problemas associados. Em síntese, uma práxis educativa que é sim cultural e informativa, mas fundamentalmente política, formativa e emancipadora, portanto, transformadora das relações sociais existentes (LOUREIRO, 2012, p. 36).

Essa práxis educativa ocorre no processo de ensinar e aprender, nas relações dos professores com seus alunos, sendo abordadas as questões socioambientais, relacionando a teoria e a prática, agindo sobre a realidade, a partir do cotidiano desses sujeitos. Dessa forma, transversalizar a Educação Ambiental em sala de aula pode desenvolver, nos alunos, valores e atitudes importantes para a vida em sociedade, sendo pertinente aos professores planejar ações educativas que utilizem metodologias de ensino, as quais favoreçam a discussão da Educação

Ambiental no currículo. Para Guimarães, “A educação ambiental é uma prática pedagógica. Essa prática não se realiza sozinha, mas nas relações do ambiente escolar, na interação entre diferentes atores, conduzida por um sujeito, os educadores” (GUIMARÃES, 2004, p. 38). Por isso, ressaltamos a importância da Educação Ambiental transversalizar o currículo na área de conhecimento de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas (EM) e ser amplamente problematizada em sala de aula, proporcionando uma prática pedagógica que leve a uma reflexão coletiva sobre a problemática socioambiental local e planetária.

Em 2018, foi aprovado o mais recente documento da Educação Básica no país, a BNCC do Ensino Fundamental e também a do Ensino Médio. Esse documento representa um retrocesso em relação à discussão da Educação Ambiental brasileira, pois diante de anos de discussão, esse documento apresenta um único parágrafo definindo-a como um tema contemporâneo e apresentando como ela pode ser trabalhada, suprimindo-a do debate no âmbito educacional, o que é considerado uma incongruência e uma irresponsabilidade, além de ir de encontro às Políticas Públicas voltadas para a Educação Ambiental.

A BNCC é “um documento de caráter normativo que define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica” (BRASIL, 2018). Essa base comum está em consonância com a Lei 9.394/96, Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN), que em 2013 alterou seu artigo 26, determinando que os “currículos da educação infantil, do ensino fundamental e do ensino médio devem ter base nacional comum, a ser complementada, em cada sistema de ensino e em cada estabelecimento escolar [...]” (Redação dada pela Lei nº 12.796, de 2013). Importante salientar que a aprovação da BNCC não revoga as DCNs, sendo que as últimas continuam em vigor.

Ainda em 2018, o Ministério da Educação aprova a Resolução nº 3, de 21 de novembro de 2018, que atualiza as DCNs para o Ensino Médio, para que esse documento fique em consonância com a BNCC. Segundo as DCNs para o Ensino Médio:

As Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio articulam-se com as Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para a Educação Básica e contemplam os princípios e fundamentos definidos na legislação para orientar as políticas públicas educacionais da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios na elaboração, planejamento, implementação e avaliação das propostas curriculares das instituições ou redes de ensino públicas e privadas que ofertam o ensino médio (BRASIL, 2018).

Nas DCNs para o Ensino Médio, em seu artigo 11, consta que a formação geral básica é composta por competências e habilidades previstas na BNCC e esta deverá ser organizada por áreas de conhecimento: “I - linguagens e suas tecnologias; II - matemática e suas tecnologias; III - ciências da natureza e suas tecnologias; IV - ciências humanas e sociais aplicadas” (BRASIL, 2018). A área do conhecimento de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas (EM), de acordo com o artigo 12 será organizada, considerando:

[...] o aprofundamento de conhecimentos estruturantes para aplicação de diferentes conceitos em contextos sociais e de trabalho, estruturando arranjos curriculares que permitam estudos em relações sociais, modelos econômicos, processos políticos, pluralidade cultural, historicidade do universo, do homem e natureza, dentre outros, considerando o contexto local e as possibilidades de oferta pelos sistemas de ensino (BRASIL, 2018).

A BNCC do Ensino Médio estabelece que a carga horária terá até 1.800 horas, para o ensino de Língua Portuguesa e o de Matemática; o restante, 1.200 horas, deverá ser destinada aos itinerários formativos, espaço de escolha dos estudantes, atendendo às diversidades culturais de cada região. Segundo o MEC:

Os itinerários formativos são o conjunto de disciplinas, projetos, oficinas, núcleos de estudo, entre outras situações de trabalho, que os estudantes poderão escolher no ensino médio. Os itinerários formativos podem se aprofundar nos conhecimentos de uma área do conhecimento (Matemática e suas Tecnologias, Linguagens e suas Tecnologias, Ciências da Natureza e suas Tecnologias e Ciências Humanas e Sociais Aplicadas) e da formação técnica e profissional (FTP) ou mesmo nos conhecimentos de duas ou mais áreas e da FTP. As redes de ensino terão autonomia para definir quais os itinerários formativos irão ofertar, considerando um processo que envolva a participação de toda a comunidade escolar (BRASIL, 2018).

Esse documento propõe apenas a obrigatoriedade das áreas de Linguagens e suas Tecnologias e de Matemática e suas Tecnologias, assim, os campos de Ciências da Natureza e suas Tecnologias e Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, do Ensino Médio passam a ser distribuídos a critério de cada rede de ensino, optando por qual área vai oferecer a seus alunos. De acordo com a BNCC (2018), os sistemas de ensino devem construir seus currículos considerando as características de sua região, as culturas locais, as necessidades de formação e as demandas dos estudantes. Dessa forma, as áreas das Ciências da Natureza e Humanas têm a oportunidade de fazer o aluno refletir sobre como compreender e interpretar o mundo, em relação ao tempo e no espaço, podem não ser oferecidas. Assim, a formação integral do aluno

poderá ser negligenciada, pois o estudo dessa área do conhecimento, cujas disciplinas são: Geografia, História, Filosofia e Sociologia, estimula o estudante a pensar criticamente e a analisar a realidade local e planetária em todas as suas manifestações, sejam políticas, sociais, culturais, ambientais, éticas, científicas e econômicas, e as redes de ensino poderão optar por não oferecê-la.

A BNCC é o último documento que rege a Educação Básica brasileira e, considerando a PNEA, as DCNEA e mediante à importância da Educação Ambiental transversalizar o currículo da Educação Básica, nessa pesquisa se optou por trabalhar com a área do conhecimento de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas (EM) para romper com a visão disciplinar a qual se critica. Dessa forma, a pesquisa não ficará atrelada a uma única discussão, todavia se alargará para a área do conhecimento, em seus diferentes componentes curriculares, dialogando com as questões socioambientais. De acordo com a BNCC, cabe aos sistemas de ensino incluir em seus currículos e em suas propostas pedagógicas a abordagem de temas contemporâneos, dentre eles a Educação Ambiental que deve ser tratada de forma transversal e integradora.

Por fim, estamos nesse momento da história política do Brasil, assistindo a um verdadeiro desmonte do campo da Educação Ambiental, promovido pelo Ministério do Meio Ambiente. Segundo o Instituto Humanitas Unisinos (UNISINOS, 2019), de São Leopoldo, são muitas as medidas conduzidas pelo governo atual que demonstram esse desmonte, tais como: a transferência do licenciamento ambiental do IBAMA para outros órgãos; a instauração de processo administrativo contra funcionários do Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade; o ministério não tem mais a competência de combate ao desmatamento; as mudanças do Serviço Florestal Brasileiro para o Ministério da Agricultura e, por fim, o desaparecimento do Departamento de Educação Ambiental, o que levou a comunidade acadêmica desse campo do conhecimento a escrever um manifesto, assinado por 294 grupos e entidades ligadas ao campo da Educação Ambiental de todo o país, denunciando a extinção desses setores nos Ministérios da Educação e do Meio Ambiente, incluindo a participação do Grupo de Pesquisa CIPEA, ao qual pertencemos. Esse manifesto pede que os setores sejam restituídos, já que a sua extinção reduz a discussão da Educação Ambiental, considerada fundamental para o enfrentamento da crise socioambiental em que vivemos.

## 2.2 CURRÍCULO E TRANSVERSALIDADE

Apresentaremos os conceitos de currículo e de transversalidade e a importância no contexto escolar, elementos essenciais para esta pesquisa. O currículo é um importante documento do contexto escolar, orientando o trabalho realizado pelo professor. Saber como a Educação Ambiental aparece nesse, é fundamental para o professor articular as questões socioambientais em sua disciplina e poder transversalizá-la, através do uso das mídias cinemáticas. Para Dias, a Educação Ambiental na escola, tem como objetivos:

[...] a sensibilização e a conscientização; a busca de mudança comportamental; a formação de cidadãos mais atuantes; a sensibilização do professor; a criação de condições para que, no ensino formal, a educação ambiental seja um processo contínuo e permanente, através de ações interdisciplinares globalizantes e da instrumentação dos professores; a integração entre escola e comunidade, objetivando a proteção ambiental em harmonia com o desenvolvimento sustentado, entre outros (DIAS, 2000, p. 122).

Dessa forma, a ação do professor em sala de aula é uma das formas de levar a Educação Ambiental à comunidade escolar, pois essa é essencial no processo educacional de emancipação e de transformação socioambiental, que necessita estar presente em todos os níveis de ensino. Assim sendo, a Educação Ambiental precisa ser desenvolvida como prática educativa contínua e permanente, introduzida nos currículos das escolas de forma transversal. De acordo com a Lei nº 9.795, de 27 de abril de 1999, a qual estabelece a PNEA:

Art. 10. A educação ambiental será desenvolvida como uma prática educativa integrada, contínua e permanente em todos os níveis e modalidades do ensino formal.  
 § 1º *A educação ambiental não deve ser implantada como disciplina específica no currículo de ensino* (DIAS, 2004, p. 205, grifos da pesquisadora).

Na Resolução do CNE nº 2, de 15 de junho de 2012, que estabelece as DCNEA, no seu artigo 14, consta que:

A Educação Ambiental nas instituições de ensino, com base nos referenciais apresentados, deve contemplar:

I - abordagem curricular que enfatize a natureza como fonte de vida e relacione a dimensão ambiental à justiça social, aos direitos humanos, à saúde, ao trabalho, ao consumo, à pluralidade étnica, racial, de gênero, de diversidade sexual, e à superação

do racismo e de todas as formas de discriminação e injustiça social;

*II- abordagem curricular integrada e transversal, contínua e permanente em todas as áreas de conhecimento, componentes curriculares e atividades escolares e acadêmicas;*

III - aprofundamento do pensamento crítico-reflexivo mediante estudos científicos, socioeconômicos, políticos e históricos, a partir da dimensão socioambiental, valorizando a participação, a cooperação, o senso de justiça e a responsabilidade da comunidade educacional em contraposição às relações de dominação e exploração presentes na realidade atual [...] (BRASIL, 2012, grifo da pesquisadora).

As referidas leis chamam a atenção para que a Educação Ambiental esteja presente nos currículos dos sistemas de ensino e que essa precisa ser abordada de forma integrada e transversal, contínua e permanente em todas as áreas do conhecimento. Para tanto, a Educação Ambiental necessita compor os currículos das escolas, sendo promovida através da transversalidade, por meio de atividades diversas, vivenciadas e experienciadas, tratando de temas atuais que envolvem a sociedade.

O termo currículo deriva da palavra latina *curriculum* (raiz *currere*) e assume, em nosso idioma, de acordo com Sacristán, dois sentidos: o primeiro se refere ao percurso da vida profissional e o segundo “tem o sentido de constituir a carreira do estudante e, de maneira mais concreta, os conteúdos deste percurso, sobretudo sua organização, aquilo que o aluno deverá aprender e superar e em que ordem deverá fazê-lo” (SACRISTÁN, 2013, p. 16).

De acordo com Moreira e Candau (2007), o currículo apresenta diferentes concepções, pois depende de como a educação é concebida historicamente e das influências teóricas que a afetam em dado momento. Segundo esses autores, os diferentes fatores sócio-econômicos, políticos e culturais contribuem para que o currículo seja entendido como:

- a) os conteúdos a serem ensinados e aprendidos;
- b) as experiências de aprendizagem escolares a serem vividas pelos alunos;
- c) os planos pedagógicos elaborados por professores, escolas e sistemas educacionais;
- d) os objetivos a serem alcançados por meio do processo de ensino;
- e) os processos de avaliação que terminam por influir nos conteúdos e nos procedimentos selecionados nos diferentes graus de escolarização (MOREIRA; CANDAU, 2007, p. 18).

Para os referidos autores, as concepções acima refletem diversos posicionamentos e pontos de vista teóricos, não podendo considerá-las como certas ou erradas, ambas apresentam

discussões sobre os conhecimentos escolares, sobre as relações sociais, sobre as transformações e sobre os valores que desejamos construir nos nossos alunos (MOREIRA; CANDAU, 2007). Dessa forma, o currículo apresenta uma abordagem do contexto social e escolar, onde a escola exerce uma função social, trabalhando com o desenvolvimento cultural e social dos alunos, criando um ambiente para que esses vivam situações diversas, ampliando seus conhecimentos para interagir e dialogar com o meio social.

O currículo apresenta características da sociedade e do sistema educacional a qual ele está inserido. Para Moreira e Silva:

O currículo é considerado um artefato social e cultural. [...] ele não é um elemento inocente e neutro de transmissão desinteressada do conhecimento social. O currículo está implicado em relações de poder, o currículo transmite visões sociais particulares e interessadas, o currículo produz identidades individuais e sociais particulares (MOREIRA; SILVA, 2000, p. 07).

Assim, o currículo, apresenta conhecimentos sociais e culturais de onde ele se organizou, permeando características importantes, histórica e socialmente construídas, naquele momento. Sacristán (2013, p. 10) afirma que “o currículo é uma construção histórica que se dá sob determinadas condições”, assim, sua configuração envolve “práticas políticas, sociais, econômicas, de produção de meios didáticos, práticas administrativas, de controle ou supervisão do sistema educacional, etc.” Para tanto, o currículo necessita expor as constantes transformações que acontecem na realidade da educação e da sociedade as quais está inserido, abarcando as discussões propostas pela Educação Ambiental, contribuindo para o exercício da cidadania.

De acordo com Moreira e Candau (2007, p. 18), o currículo é entendido como “as experiências escolares que se desdobram em torno do conhecimento, em meio as relações sociais, e que contribuem para a construção das identidades de nossos/as estudantes.” Para os autores, o currículo é o conjunto de esforços pedagógicos sendo desenvolvido com intenções educativas. Então, o currículo tem que ser organizado de acordo com a realidade da comunidade escolar, baseado no cotidiano de seus alunos, para que as experiências vivenciadas por estes tenham significado e retratem o currículo da escola.

O currículo deve atender às necessidades dos alunos, para isso, seus objetivos têm que ser bem claros, concebidos de acordo com a realidade da comunidade onde vivem, sendo sempre atualizados, priorizando a formação integral dos alunos. Dessa forma, para Sacristán

(2013), a educação tem a capacidade de servir para o desenvolvimento do ser humano, como indivíduo e cidadão, assim, o currículo precisa estar permanentemente sendo construído e reconstruído.

Se o currículo concentra os conhecimentos escolares e as práticas socialmente construídas, ele possui um potencial, conforme Moreira e Candau (2007, p. 21), que torna as pessoas “capazes de compreender o papel que devem ter na mudança de seus contextos imediatos e da sociedade em geral, bem como de ajudá-las a adquirir os conhecimentos e as habilidades necessárias para que isso aconteça.” Assim, contribui-se para formar sujeitos capazes de intervirem e transformarem suas realidades, sendo incluído nesse processo o estudo da Educação Ambiental, contemplando os currículos das escolas desde cedo, pelas crianças, fazendo parte do dia a dia do ambiente escolar, sendo desenvolvida em todos os níveis e modalidades do ensino formal.

Para Sacristán (2013), o currículo tem o poder de inclusão que nos permite fazer dele um instrumento essencial para falar, discutir e contrastar novas visões sobre o que acreditamos ser a realidade da educação. Ainda de acordo com este autor, “o currículo também nos serve para imaginar o futuro, uma vez que ele reflete o que pretendemos que os alunos aprendam e nos mostra aquilo que desejamos para eles e de que maneira acreditamos que possa melhorar” (SACRISTÁN, 2013, p. 09). O currículo é um importante instrumento de concretização da realidade, de aspirações e de ideais que os professores almejam para a educação.

Assim, compreende-se ser importante que a Educação Ambiental componha os currículos de ensino de forma integrada e transversal, sendo trabalhada através do que se chama de transversalidade. Para Gallo, transversalidade é:

o atravessamento mútuo dos campos de saberes, que a partir de suas peculiaridades se interpenetram, se misturam, se mestiçam, sem no entanto perder sua característica própria, que só se amplia em meio a essa multiplicidade. Singularidade de saberes e multiplicidade de campos (GALLO, 2006, p. 30).

Por isso, ressalta-se a importância da Educação Ambiental transversalizar o currículo da Educação Básica e ser amplamente problematizada em sala de aula, perpassando as disciplinas curriculares, proporcionando uma prática pedagógica que leve a uma reflexão coletiva sobre a problemática socioambiental em diferentes escalas. A transversalidade é abordada a partir da multiplicidade de campos, que estão ligados a saberes da vida cotidiana. E de acordo com os

PCNs (BRASIL, 2000), ela “estabelece, na prática educativa, uma relação entre aprender na realidade e da realidade de conhecimentos teoricamente sistematizados (aprender sobre a realidade) e as questões da vida real (aprender na realidade e da realidade)”. Por isso, através da transversalidade, inclui-se saberes extraescolares no ensino, possibilitando a discussão de temas construídos a partir da realidade dos alunos.

Na prática educativa, a transversalidade<sup>6</sup> abarca conhecimentos teoricamente sistematizados, ou seja, aprender sobre a realidade, como também, as questões da vida real, promovendo uma aprendizagem comprometida com as transformações vivenciadas pela sociedade. Dessa forma, a Educação Ambiental trabalhada de forma transversal busca formar um cidadão participante na sociedade em que está inserido, conectando a escola à vida das pessoas. De acordo com os PCNs:

A preocupação em relacionar a educação com a vida do aluno – em seu meio, sua comunidade – não é novidade. Ela vem crescendo especialmente desde a década de 60 no Brasil. [...] Porém, a partir da década de 70, com o crescimento dos movimentos ambientalistas, passou-se a adotar explicitamente a expressão “Educação Ambiental” para qualificar iniciativas de universidades, escolas, instituições governamentais e não governamentais por meio das quais se busca conscientizar setores da sociedade para as questões ambientais (BRASIL, 2000).

Assim, trabalhar a Educação Ambiental a partir da perspectiva da transversalidade amplia a responsabilidade do professor com a formação dos alunos, pois implica na necessidade de um trabalho metódico e contínuo no decorrer de toda a escolaridade, transformando sua prática pedagógica no estabelecimento de questões da atualidade, do cotidiano dos alunos, promovendo uma educação de valores, de atitudes e de transformação social. Conforme nos aponta Segura: “A flexibilização dos currículos atende ao objetivo de tornar os conteúdos instrumentos para reflexão e ação sobre a realidade, levando-se em conta que a função da educação é formar cidadãos” (SEGURA, 2001, p. 55). Portanto, a transversalidade propõe a compreensão da função social da educação escolar, estando articulada com a realidade dos alunos, desenvolvendo todas as suas potencialidades, capacitando-os para se tornarem cidadãos atuantes na sociedade em que vivem. Assim, cabe à escola, conforme os PCNs:

[...] contribuir para a formação de cidadãos conscientes, aptos a decidir e a atuar na

---

<sup>6</sup> O termo transversalidade não deve ser confundido com interdisciplinaridade. Para Fazenda (2008, p. 79), a interdisciplinaridade vence os limites impostos pelo conhecimento fragmentado, propiciando encontros, rompendo com as barreiras disciplinares.

realidade socioambiental de um modo comprometido com a vida, com o bem-estar de cada um e da sociedade, local e global. Para isso, é necessário que, mais do que informações e conceitos, o educador trabalhe com atitudes, com formação de valores, com o ensino e a aprendizagem de procedimentos (BRASIL, 2000).

Nesse sentido, o educador precisa compreender a importância de transversalizar a Educação Ambiental no seu currículo, bem como discutir formas e possibilidades, apropriando-se desse conceito, possibilitando a reflexão e contribuindo para a formação integral do seu aluno. Transversalizar a Educação Ambiental pode ser um dos caminhos para promover a consciência crítica e emancipadora, sensibilizando os alunos e, conseqüentemente, a sociedade para mudar seus hábitos e atitudes, almejando um ambiente mais saudável para se viver.

Assim, a discussão sobre a Educação Ambiental necessita ocorrer em todos os níveis e modalidades do processo educativo, de acordo com a Resolução nº 2, do CNE, de 15 de junho de 2012, que estabelece as DCNEA, no seu artigo 16:

A inserção dos conhecimentos concernentes à Educação Ambiental nos currículos da Educação Básica e da Educação Superior pode ocorrer:

- I - *pela transversalidade*, mediante temas relacionados com o meio ambiente e a sustentabilidade socioambiental;
- II - como conteúdo dos componentes já constantes do currículo;
- III - pela combinação de transversalidade e de tratamento nos componentes curriculares (BRASIL, 2012, grifo da pesquisadora).

Dessa forma, cabe à escola incluir no seu currículo a discussão da Educação Ambiental que pode ser ministrada através da transversalidade, ou seja, perpassando todas as disciplinas curriculares, pois nenhuma área do conhecimento consegue, isoladamente, abarcar todas as questões socioambientais. Assim, a Educação Ambiental pode ser considerada um saber comum a todos os campos do conhecimento, pois dialoga com ambos, buscando a formação integral do aluno, tratando de temas atuais, tanto da realidade local como global, tendo por finalidade a construção de valores, de conceitos, de habilidades e de atitudes, transformando práticas individuais e coletivas. Ao realizar essa tarefa, a escola pode mudar a atitude dos indivíduos, contribuindo para mudanças na sociedade, melhorando a qualidade de vida das pessoas, cumprindo com sua função social. Assim sendo, o uso de múltiplas linguagens pode corroborar para a inserção da Educação Ambiental no contexto escolar, tendo as mídias cinemáticas como uma forte aliada para promover o debate transversal da Educação Ambiental, nas diferentes áreas do conhecimento.

### 2.3 A FORMAÇÃO DE EDUCADORES AMBIENTAIS

Na atualidade, pensar sobre formação de educadores ambientais é salutar, já que o que encontramos hoje é o aumento da crise socioambiental em diferentes escalas, além do desmonte da Educação Ambiental. Tal fato reverbera nas condições de vida da população, diminuindo sua qualidade e aumentando os riscos de catástrofes, que intensificam as desigualdades e as injustiças sociais, conforme podemos visualizar cotidianamente nos noticiários das mídias digitais, dos jornais e da televisão. Nesse cenário alarmante e real, a educação e a formação de educadores se tornam alternativas importantes e viáveis, oportunizando a compreensão crítica desse contexto, contribuindo para a construção de outro modelo de sociedade cuja pauta basilar é a sustentabilidade, diferente da instituída no país nesse momento, que apregoa o desenvolvimento econômico em prol do crescimento, em detrimento da qualidade de vida, da sustentabilidade ambiental e da justiça social.

Para Ferreira (2005, p. 315), o que se pretende com o termo sustentabilidade é “encontrar os mecanismos de interação nas sociedades humanas que ocorram numa relação harmoniosa com a natureza”. A sustentabilidade é definida como as atividades humanas que visam suprir as necessidades do ser humano, preocupando-se em não comprometer o futuro das próximas gerações. Portanto, esse seria o modelo de sociedade a ser construído, onde o desenvolvimento econômico e social não prejudicasse o meio ambiente, utilizando os recursos naturais de maneira adequada, respeitando, conforme Ferreira (2005, p. 316), “os limites de capacidade de suporte da natureza para se restituí-la em sua composição original.” Para que a sustentabilidade seja viável, a população necessita ter direito à informação e à Educação Ambiental para amenizar o impacto do ser humano sobre a natureza.

Para Freire (2016) somos seres inacabados, inconclusos. Se somos inacabados, estamos sempre fazendo-nos na relação com o mundo e com os outros, sendo assim, é importante compreender o papel da formação continuada de professores, para cada vez mais termos consciência das questões que, atualmente, estão fazendo parte do nosso cotidiano. Para tanto, a formação de educadores ambientais precisa ser problematizada, com o objetivo de proporcionar formação e informação sobre a Educação Ambiental com os professores que estão em sala de aula, oportunizando uma reflexão crítica sobre as questões socioambientais, voltadas para uma proposta de ação nas escolas onde trabalham, para que possam buscar uma nova prática pedagógica e uma qualidade de vida melhor, no intuito de almejar uma transformação social.

Nesse sentido, para construir consciência cidadã individual e coletiva, a formação de educadores ambientais precisa sensibilizar os seres humanos para que eles se percebam como parte do meio ambiente, ou seja, como natureza, ressaltando a necessidade de ocorrer mudança de valores e de atitudes. Como também no modo de vida da sociedade, refletindo sobre a necessidade de transformação na educação escolar e formando cidadãos com uma visão crítica e emancipatória da realidade, comprometidos com os interesses coletivos.

Para a formação de educadores ambientais, consideramos, a partir de Freire (2016, p. 24), que “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar possibilidades para a sua produção ou a sua construção.” Posto isso, entendemos a formação continuada com os professores da Educação Básica, da área do conhecimento de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas (EM) uma possibilidade importante para promover a discussão da Educação Ambiental. Assim, essa irá contribuir para que os professores possam identificar os problemas socioambientais do seu cotidiano, seja na escola ou na comunidade, oportunizando o desenvolvimento de práticas educativas junto aos seus alunos e à comunidade escolar, a partir do seu campo de atuação profissional, estabelecendo uma leitura da realidade, tramando um diálogo transversal da Educação Ambiental no currículo. Compreendemos a importância desses professores desenvolverem um pensar crítico e reflexivo sobre o que acontece no seu entorno, e também no mundo.

É de fundamental importância a busca por aperfeiçoamento profissional docente no que se refere à Educação Ambiental, pois os educadores atuam na educação formal, sendo o espaço que serão discutidas as práticas pedagógicas, além de valores e de ações necessárias para a inserção da dimensão ambiental na escola. Com isso, concordando com Guimarães (2004), a Educação Ambiental é uma prática pedagógica que não se realiza sozinha, “mas nas relações do ambiente escolar”, sendo conduzida pelo educador que, estando preparado para essa prática, proporcionará aos seus alunos a formação de hábitos e de práticas que visem a compreensão ética da questão socioambiental. A formação continuada pode contribuir para a reflexão, para a tomada de consciência e para a mudança de hábitos e de atitudes dos professores que vão potencializar suas aprendizagens, os saberes e as práticas juntamente com seus alunos, como também ampliarão seus conhecimentos em relação à Educação Ambiental, a partir das trocas de saberes e de experiências, com os colegas participantes da formação.

Ao refletir durante a formação continuada, o professor pode desenvolver um processo de conscientização, esse é histórico e possibilita aos sujeitos sua emancipação. Conforme Freire:

A conscientização é isto; tomar posse da realidade; por esta razão, e por causa da radicação utópica que a informa, é um afastamento da realidade. A conscientização produz a desmitologização. É evidente e impressionante, mas os opressores jamais poderão provocar a conscientização para a libertação: como desmitologizar, se eu oprimo? Ao contrário, porque sou opressor, tenho a tendência a mistificar a realidade que se dá à captação dos oprimidos, para os quais a captação é feita de maneira mística e não crítica. O trabalho humanizante não poderá ser outro senão o trabalho da desmistificação (FREIRE, 1980, p. 29).

Essa conscientização é a reflexão da ação consciente do homem, a partir da práxis, em que o sujeito atua sobre a sua realidade. Dessa forma, quando os professores buscam uma formação continuada, eles acreditam na superação da opressão, partindo da ação-reflexão, tendo a oportunidade de dialogar e fazer as suas próprias escolhas.

A emancipação humana aparece em Freire, segundo Moreira (2017, p. 145), “como uma grande conquista política a ser efetivada pela práxis humana, na luta a favor da libertação das pessoas [...]”. Para a efetivação da emancipação humana, necessita-se passar por um processo de transformação de si mesmo e da realidade na qual se insere, e a educação é o principal alicerce de atuação nessas transformações, a partir do diálogo e da prática educativa. De acordo com Freire (2016, p. 140), a prática educativa é “[...] afetividade, alegria, capacidade científica, domínio técnico a serviço da mudança [...]”, e essa mudança será proporcionada com a formação de professores críticos.

Sendo assim, compreendemos o papel político e pedagógico da formação continuada do professor e, por isso, considera-se indispensável para qualificar sua prática educativa. Assim, destacamos a necessidade desse professor participar de processos educativos complementares a sua formação inicial para realizar o desenvolvimento curricular, conhecer as diferentes correntes da Educação Ambiental e compreender o conceito geográfico de lugar, que abarca o contexto socioespacial ao qual a escola pertence. O primeiro processo educativo complementar é compreender o conceito geográfico de lugar que, de acordo com Cousin (2010, p. 91), “[...] estaria relacionado com a experiência, a construção de um lugar simbólico, no qual a sociedade atribui valor e significado ao espaço, ou seja, o pertencimento”. O lugar está relacionado com o ser e estar no mundo, com a forma que estamos vivendo, com os nossos laços de afetividade, com o espaço no qual estamos inseridos; ele está relacionado as nossas vivências individuais, como também as nossas relações sociais, políticas, culturais e econômicas. Para Callai:

[...] estudar e compreender o lugar, [...] significa entender o que acontece no espaço onde se vive para além das suas condições naturais e humanas. [...] Isto resgata a

questão da identidade e a dimensão de pertencimento. [...] Compreender o lugar em que vive, permite ao sujeito conhecer a sua história e conseguir entender as coisas que ali acontecem (CALLAI, 2010, p. 84).

Logo, a escola é um lugar de pertencimento dos professores que ali trabalham, dos alunos que ali estudam e daí a importância de abordar questões a partir do cotidiano desses sujeitos, dos problemas que ocorrem na escola, na comunidade. Desta forma, partimos do concreto, da realidade local, facilitando a compreensão do que está sendo analisado e buscando entender a importância que esse lugar exerce na vida dessas pessoas. Dessa forma, concordando com Relph (2014, p. 26), “[...] os lugares só podem ser feitos por quem vive e trabalha neles, pois são tais pessoas que conseguem entender de forma conjunta as construções, atividades e significados.” Os lugares, como a escola, são cheios de significados que só quem se encontra neles pode saber, a partir de suas vivências e de suas experiências pessoais ou coletivas. Afinal, o lugar enquanto conceito geográfico contém o cotidiano vivido que funda a experiência humana.

Além do conceito de lugar exposto acima, o segundo processo educativo complementar à formação inicial do professor é compreender que existe uma multiplicidade de possibilidades de fazer Educação Ambiental, considerando as vertentes teóricas que fundamentam esse fazer. Logo, conhecer as diferentes correntes da Educação Ambiental também se faz necessário. Os autores que trabalham com essa temática, adotam diferentes correntes e práticas educativas sobre ela. Para Sauv  (2005), cada corrente tem uma forma de conceber e de praticar a Educação Ambiental, podendo compartilhar características comuns. Os professores que pretendem trabalhar com a Educação Ambiental em sala de aula podem buscar formas de concebê-la na sua prática educativa.

De acordo com o texto “Uma cartografia das correntes em Educação Ambiental”, de Sauv  (2005), essas correntes são determinadas a partir dos seguintes parâmetros: a concepção dominante do meio ambiente; a intenção central da Educação Ambiental; os enfoques privilegiados e os exemplos de estratégias ou de modelos que ilustram a corrente. Para Sauv  (2005), as correntes possuem características particulares, mas também podem aparecer características comuns entre elas, sendo assim de acordo com esses parâmetros as correntes mais conservacionistas são: naturalista; conservacionista; resolutiva; sist mica; humanista; moral/ tica; científica. E as correntes mais recentes são: holística; biorregionalista; prática; crítica; feminista; etnográfica; da educomunica o; da sustentabilidade.

Nesta pesquisa, apostou-se na perspectiva crítica da Educação Ambiental. Layrargues (2011) entrelaça várias dimensões da Educação Ambiental, tornando o pensamento mais complexo. Para ele existem, atualmente, três macro-tendências para a Educação Ambiental, sendo elas: a conservadora, a pragmática e a crítica. A corrente conservadora, segundo Layrargues (2011), se distancia das dinâmicas sociais e políticas, apoiando-se nos princípios da ecologia, na valorização da dimensão afetiva em relação à natureza e na mudança dos comportamentos individuais em relação ao ambiente. Já a corrente pragmática, para Layrargues (2011), percebe o meio ambiente destituído de componentes humanos como uma coleção de recursos naturais em processo de esgotamento. A vertente crítica se apoia nas correntes da Educação Ambiental Popular, Emancipatória, Transformadora e no processo de Gestão Ambiental. Para Layrargues, essa vertente:

[...] busca o enfrentamento político das desigualdades e da injustiça socioambiental, procurando contextualizar e politizar o debate ambiental, articular as diversas dimensões da sustentabilidade e problematizar as contradições dos modelos de desenvolvimento e de sociedade que experimentamos local e globalmente (LAYRARGUES, 2011, p. 11).

Discutir sobre a importância da Educação Ambiental na escola é primordial, especialmente para que se tenha clareza da complexidade das questões socioambientais, tanto de nível local como global, e também para que se perceba a maneira como a humanidade se relaciona com a natureza e com os outros seres vivos. A Educação Ambiental crítica, que fundamenta esta pesquisa, é uma dimensão educativa que possibilita a formação de sujeitos críticos, conscientes, emancipados e transformadores da realidade de vida. Assim sendo, estudos sobre a Educação Ambiental necessitam constar nos currículos dos cursos de formação de professores, como podemos perceber na Resolução nº 2, de 15 de junho de 2012, que estabelece as DCNEA, no seu artigo 11:

A dimensão socioambiental deve constar dos currículos de formação inicial e continuada dos profissionais da educação, considerando a consciência e o respeito à diversidade multiétnica e multicultural do país.

Parágrafo único: Os professores em atividade devem receber formação complementar em suas áreas de atuação, com o propósito de atender de forma pertinente ao cumprimento dos princípios e objetivos da Educação Ambiental (BRASIL, 2012).

Essa Resolução é de suma importância para a discussão sobre a Educação Ambiental na

escola, para que os professores tenham direito à formação complementar sobre a Educação Ambiental, pois aqueles são os principais agentes de transformação nesse processo. Portanto, se cada vez mais professores forem capacitados, juntamente com políticas públicas e infraestrutura adequada, a Educação Ambiental poderá assumir sua função transformadora. Dessa forma, o trabalho permanente com a Educação Ambiental poderá contribuir para que o professor faça uma reflexão crítica e uma ação criativa, capaz de inovar na forma de ensinar, sendo prático e atual, abordando temas cotidianos, em escala local, como também temas globais, atuando no processo de transformação da sua realidade e da realidade dos seus alunos.

O professor prepara e influencia novas gerações para enfrentar a vida e, por isso, sua formação precisa acompanhar as mudanças que ocorrem na sociedade, sendo assim, é fundamental abordar as questões socioambientais atuais. A formação continuada proporcionar-lhe-á a aquisição de novos conhecimentos, relativos à área da Educação Ambiental, oportunizando uma reflexão teórico/prática. Freire (2016) afirma que a educação é uma forma de intervir no mundo, então, quanto mais professores com formação continuada na área de Educação Ambiental constituírem-se, maior será a possibilidade desses intervirem na realidade dos seus alunos, tornando-os sujeitos transformadores da sua própria realidade. De acordo com Rodrigues e Colesanti (2008, p. 54), temos que “identificar e compreender os problemas ambientais, mobilizar-se e comprometer-se com a tomada de decisões voltadas à melhoria da qualidade de vida” [...], pois, todos somos responsáveis por melhorar nossas atitudes em relação ao meio em que vivemos e, em relação à qualidade de vida individual e coletiva, assim, como já mencionado, a formação de professores é fundamental.

É importante que o professor compreenda a influência que exerce sobre os seus alunos e a comunidade escolar onde está inserido, desse modo ele precisa estar preparado com um saber que lhe permita pensar certo. Para Freire (2016), ensinar é fundamentalmente pensar certo e, dessa forma, estimular discussões sobre as questões socioambientais que circundam a sua escola, a comunidade e a sociedade. É preciso que sejam incentivadas, na escola, as reflexões sobre a Educação Ambiental, abordando as questões atuais, do cotidiano, o que exige uma consciência socioambiental na formação dos professores para que eles possam estar aptos a trabalharem com seus alunos, pois o espaço escolar é onde a cidadania começa a ser exercida. O espaço escolar é adequado para trabalhar a relação do homem com a sociedade e com a natureza e os professores necessitam refletir sobre suas práticas pedagógicas, possibilitando trabalhar com formação de valores, atitudes, questões socioambientais, contribuindo para a formação cidadã dos seus alunos.

Assim sendo, destacamos a pertinência deste capítulo, pois foi de muito estudo, para dar conta das diversas faces desta pesquisa, onde apresentamos aspectos essenciais para a sua fundamentação teórica, que contribuiu para a compreensão do problema de pesquisa. Começamos delineando os marcos históricos da Educação Ambiental, ressaltando a inserção dessa no âmbito do ensino formal, mostrando como chegamos ao estudo da Educação Ambiental em sala de aula, de forma transversal e interdisciplinar. Num segundo momento, relatamos a possibilidade de transversalizar a Educação Ambiental, a partir do uso das mídias cinemáticas, pois essas são importantes aliadas no processo educativo, compõem-se de múltiplas linguagens, fundamentais para a formação integral do aluno, além disso, através delas podem ser discutidas diversas questões socioambientais, transformando a percepção que temos da realidade local, como também global.

Ainda, destacou-se como fundamental para esta pesquisa, os conceitos de currículo e de transversalidade, pois o currículo orienta o fazer docente. Para tanto, a Educação Ambiental necessita compor esse currículo, sendo promovida através da transversalidade, por meio de atividades diversas, vivenciadas e experienciadas, tratando de temas atuais que envolvem o cotidiano dos alunos e da comunidade. Por fim, ressaltou-se a formação de educadores ambientais, debate primordial para a constituição de professores críticos e reflexivos, que trabalhem com a Educação Ambiental, buscando a transformação da sociedade. Esses quatro elementos aqui destacados compõem o cerne desta pesquisa, eles se articulam e tramam diversos diálogos na busca de como transversalizar a Educação Ambiental no currículo da área do conhecimento de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas (EM), da Educação Básica, a partir do uso das mídias cinemáticas.

#### 2.4 O USO DAS MÍDIAS CINEMÁTICAS NO ENSINO FORMAL E NA EDUCAÇÃO AMBIENTAL

Este capítulo apresenta um diálogo sobre o uso das mídias cinemáticas no ensino formal e na Educação Ambiental, contando a história do filme, no Brasil, e de como ele foi sendo introduzido na sala de aula como recurso para fomentar o processo de ensinar e de aprender. Também foram realizadas articulações sobre como a mídia cinemática pode dar elementos para os professores transversalizarem a Educação Ambiental na sala de aula, propondo-a como uma prática educativa no currículo da área do conhecimento de Ciências Humanas e Sociais

Aplicadas (EM).

O ser humano é um ser social, portanto precisa comunicar-se. As relações sociais ocorrem na interação com o outro e são mediadas pelo processo de comunicação, sendo ele escrito, auditivo ou visual. Quando se comunica, o ser humano troca informações, e a mídia cinemática, por ser um meio de comunicação audiovisual, é um elemento importante nesse processo, pois ela dispõe da imagem e do som, gerando informação para seus espectadores. As mídias cinemáticas são recursos audiovisuais que podem ser utilizados no currículo da Educação Básica, visando educar o olhar do aluno para compreender seu poder de comunicação. Concordando com Pazzini e Araújo:

No meio educativo, é fundamental que educadores saibam utilizar e explorar esses recursos, é de enorme importância, pois sua missão é criar um ambiente que seja propício à assimilação do saber, servindo como facilitador no processo de ensino e aprendizado [...] (PAZZINI; ARAÚJO, 2013, p. 3).

Dessa forma, as mídias cinemáticas que, de acordo com Soares (2017), são linguagens que auxiliam no processo de ensino-aprendizagem, tais como: a música, a internet, o teatro, o filme, dentre outros; tem por objetivo informar, mas também divertir e nesse contexto surge sua importância no processo educativo. De acordo com Moran (2007), o vídeo se caracteriza por uma linguagem visual, falada, musical e escrita. Essas linguagens interagem, estão interligadas e não separadas, elas atingem todas as nossas percepções ao mesmo tempo. Dessa forma, de acordo com Linhares e Souza (2012, p. 37), “Não se educa sem comunicar; por isso, a interrelação comunicação/educação contribui em diversas frentes para que o espaço escolar possa efetivamente tornar-se um espaço sócio-histórico de participação política e cidadã”. Assim, o professor é o responsável por essa transformação, através do diálogo estabelecido em sala de aula, inserindo a linguagem audiovisual como parceira nesse processo. Nessa perspectiva, vamos conhecer como o filme, que é a principal mídia cinemática pesquisada, foi sendo inserido no processo educativo ao longo dos anos.

Nos primeiros anos do século XX, já existiam discussões sobre o filme na sala de aula. Em 1910, foi criada a Filmoteca do Museu Nacional que contava com um acervo de imagens, apresentadas em diapositivos<sup>7</sup>, gravuras ou filmes que podiam ser utilizadas na sala de aula. Na

---

<sup>7</sup> Diapositivos: de acordo com Ferreira e Silva Júnior (1986, p. 51), “são materiais transparentes para projeção, coloridos ou em preto e branco, utilizados com o auxílio de um projetor”.

década de 20, segundo Moreira (2012), começam a surgir ideias para a utilização de filmes como recurso didático, influenciadas pela Pedagogia da Escola Nova, em vários pontos do país, onde ocorreram esforços para levar o uso de filmes para as salas de aula, e foi criada a Comissão de Cinema Educativo.

Em 13 de janeiro de 1937, o Ministro da Educação e Saúde, Gustavo Capanema, criou o Instituto Nacional de Cinema Educativo (INCE), concretizando a relação da educação com o cinema. Na época, o Presidente Getúlio Vargas e o Ministro da Educação e Saúde, assinaram a Lei nº 378, de 13/01/1937, que na seção III, no seu artigo 40, consta que o INCE é “destinado a promover e orientar a utilização da cinematographia, especialmente como processo auxiliar do ensino, e ainda como meio de educação popular em geral” (BRASIL, 1937). Esse instituto promovia exibições diárias para professores e alunos, no seu próprio auditório, sendo que os filmes duravam entre 5 e 40 minutos, dependendo do assunto. Dentro dele era permitido que os professores gravassem suas atividades, com o intuito de divulgar o instituto para outros profissionais. No ano de 1943, o instituto já contava com um acervo de 587 filmes disponíveis para as escolas.

A década de 40 é marcada por intensos debates em relação ao uso de filmes na sala de aula. Já na década de 50, existe uma preocupação com a influência que o filme pode causar nos alunos, inicia-se, então, uma fase de estudos psicopedagógicos e se alerta os professores para o cuidado na escolha dos filmes. Conforme Morettin (1995, p. 2), acreditava-se que o cinema poderia servir “[...] tanto para o bem, quanto para o mal [...]” e que a juventude estava banalizada pela influência dos filmes.

Na década de 60, começa novamente o interesse pelo filme educativo e Irene Tavares de Sá, observando a importância da valorização dos aspectos positivos dos filmes, aponta o cinema como um instrumento de educação, uma nova técnica a serviço da informação. Segundo Sá (1976, p. 18): “[...] ensinemos, pois aos jovens a ver cinema, tornando-os capazes de analisar uma película<sup>8</sup>, valorizando os elementos positivos e desprezando os negativos”, a imaginação precisa ser disciplinada e cabe ao professor levar o aluno para o “bom caminho”.

A década de 70 foi marcada pela Ditadura Militar, com reformas educacionais, consolidando o tecnicismo no Brasil, que pretendia introduzir a lógica da empresa dentro da escola, tendo como preocupações básicas a eficácia e a eficiência do processo de ensino.

Assim sendo, os recursos audiovisuais em conformidade com a sociedade tecnológica,

---

<sup>8</sup> Película: significado de filme, em espanhol.

aparecem como técnica, dirigindo suas ações para formar o profissional desejado.

Em 1985, a Ditadura Militar chega ao fim, inicia-se um novo tempo político, a Nova República, marcada pela democracia. Assim, a partir da década de 90, surge uma preocupação com a cultura e o cinema volta a ser incentivado no Brasil, inaugurando-se a chamada Retomada do Cinema Brasileiro.

Em 1992, o Ministério da Cultura cria a Secretaria do Audiovisual (SAv), que possuía como competências a formação, a produção inclusiva, a regionalização, a difusão não-comercial, a democratização do acesso e a preservação dos conteúdos audiovisuais brasileiros, respeitadas as diretrizes da política nacional do cinema e do audiovisual e do Plano Nacional de Cultura.

Nos anos 2000, o audiovisual passa a ser utilizado como instrumento de empoderamento social e de elevação de autoestima, por organizações que trabalham com comunidades, reativando o Movimento Cineclubista, portanto, cresce, de acordo com Duarte e Gonçalves (2014, p. 41), “o trabalho com cinema numa perspectiva educativa de comunicação voltada para a cidadania”. Nessa época, aumenta o número de cursos voltados para o ensino do audiovisual.

Em 2007, o Programa Mais Educação<sup>9</sup>, criado pelo Ministério da Educação, tem por objetivo a construção de uma agenda de educação integral nas redes estaduais e municipais de ensino, ampliando a jornada escolar nas escolas, conforme Barbosa e Santos:

O Programa Mais Educação talvez tenha sido a ação do MEC, dentro das escolas públicas, com maior impacto sobre a área de Cinema e Educação, ainda que este não tenha sido seu objetivo principal. Elaborado com vistas a [...] convergir políticas e programas de saúde, cultura, esporte, direitos humanos, educação ambiental, divulgação científica, enfrentamento da violência contra crianças e adolescentes, integração entre escola e comunidade, para o desenvolvimento do projeto político-pedagógico da educação integral (BARBOSA; SANTOS, 2014, p. 42).

Esse programa oferecia atividades para os alunos da rede pública de educação, no

---

<sup>9</sup> O Programa Mais Educação foi uma estratégia do Ministério da Educação que objetiva melhorar a aprendizagem, tendo a escola o papel de construir uma agenda de Educação Integral, a partir da ampliação da jornada escolar, sendo implementado por meio da realização de acompanhamento pedagógico em Língua Portuguesa e Matemática e do desenvolvimento de atividades nos campos de artes, cultura, esporte e lazer (MEC, 2007). É um importante programa por promover o desenvolvimento da aprendizagem dos alunos, em que as atividades complementares realizadas ajudam, melhorando o desempenho nas aulas e adquirindo novos conhecimentos, possibilitando um melhor convívio social. Esse programa foi substituído pelo Programa Novo Mais Educação.

contraturno, sendo a maioria relacionada ao audiovisual, tendo, dessa maneira, entre os projetos aprovados, segundo Duarte e Gonçalves (2014, p. 43), “a exibição de filmes, criação de cineclubes e à produção audiovisual de estudantes e professores”. Percebe-se, também, a preocupação do MEC em inserir a discussão sobre a Educação Ambiental nesse programa, tendo como temas: Agenda 21 na Escola, Educação para Sustentabilidade e Horta Escolar e/ou Comunitária.

No ano de 2014, a Lei nº 13.006, de 26 de junho de 2014, acrescentou o §8º ao artigo 26, da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (LDBEN), que estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional, ficando instituído que: “A exibição de filmes de produção nacional constituirá componente curricular complementar integrado à proposta pedagógica da escola, sendo a sua exibição obrigatória por, no mínimo, 2 (duas) horas mensais”. Essa lei foi criada pelo então Senador Cristovam Buarque, que justificou sua proposta:

A arte deve ser parte fundamental do processo educacional nas escolas. A ausência de arte na escola, além de reduzir a formação dos alunos, impede que eles, na vida adulta, sejam usuários dos bens e serviços culturais; tira deles um dos objetivos da educação que é o deslumbramento com as coisas belas. O cinema é a arte que mais facilidade apresenta para ser levada aos alunos nas escolas. O Brasil precisa de sala de cinema como meio para atender o gosto dos brasileiros pela arte e ao mesmo tempo precisa usar o cinema na escola como instrumento de formação deste gosto (BUARQUE, 2008).

Dessa forma, a lei acima estabeleceu a exibição de filmes como um componente curricular obrigatório, pois, de acordo com Buarque (2008), é uma arte de fácil acesso nas escolas. Assim, cabe aos envolvidos nessa ação buscar condições para que se possa exibir filmes em sala de aula, pois o cinema<sup>10</sup> vem se relacionando com a escola há muitas décadas.

Segundo Duarte (2009, p. 16), “[...] ver filmes é uma prática social tão importante do ponto de vista da formação cultural e educacional das pessoas quanto a leitura das obras literárias, filosóficas, sociológicas e tantas mais [...]”, basta que ambas as partes se reconheçam na formação das pessoas. Diante do exposto, defendemos que a mídia cinematográfica se compõe de múltiplas linguagens e é uma produção cultural importante na formação do intelecto do aluno, porque com ela aparecem questões cognitivas, artísticas, sociais e afetivas importantes. Elas

---

<sup>10</sup> Assim como Napolitano (2011) e Silva (2007), usarei “cinema” e “filme” como sinônimos no âmbito desta pesquisa, mesmo sabendo de sua distinção terminológica, pois a maioria dos autores, quando se referem ao uso do cinema como “sala de espetáculos onde se projetam filmes cinematográficos”, referem-se ao filme, “uma película recoberta por emulsão fotossensível utilizadas para registrar imagens”, de acordo com o Dicionário Aurélio.

têm o poder de transformar a percepção que temos da realidade, no sentido de refletir os valores adquiridos em sociedade. Para Silva:

[...] o cinema é tido como um dos mais poderosos meios de comunicação de massa do século XX, razão pela qual não se pode ignorar a força, nem malbaratar o grande poder de educação, oferecido por esse meio. Os filmes são uma fonte de conhecimento e se propõem, de certa forma, a reconstruir a realidade (SILVA, 2007, p. 50).

Logo, a mídia cinemática pode ser utilizada como recurso no processo de ensinar e aprender na área do conhecimento de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas (EM), que, de acordo com a BNCC, tem como compromisso educativo uma formação ética, com base nas ideias de “justiça, solidariedade, autonomia, liberdade de pensamento e de escolha, ou seja, a compreensão e o reconhecimento das diferenças, o respeito aos direitos humanos e a interculturalidade, e o combate aos preconceitos de qualquer natureza” (BRASIL, 2018). Dessa forma, pode-se estabelecer um diálogo entre a Educação Ambiental e a área do conhecimento de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas (EM), pois ambas se preocupam em compreender a relação existente entre a sociedade e a natureza.

Entende-se por Educação Ambiental, segundo Tozoni-Reis, (2007, p. 182), “uma ação política para contribuir na transformação social, tendo os princípios de cooperação, coletividade e participação como norteadores do processo educativo, esta se refere a transformação das relações dos homens entre si e deles com o ambiente”. Por isso, consideramos que a Educação Ambiental, ao transversalizar o currículo das áreas do conhecimento, através do uso das mídias cinemáticas, pode se configurar numa prática do professor no processo de ensinar e aprender, contribuindo para o desenvolvimento curricular e fornecendo aos alunos do Ensino Médio a curiosidade e a compreensão da realidade ao qual pertencem. De acordo com Soares, as mídias cinemáticas:

[...] como, por exemplo, a música, a internet, o teatro, o cinema, dentre outros, são ferramentas que auxiliam no processo de ensino e aprendizagem, cabendo ao professor compreender o meio em que está inserido e incorporar tais tecnologias e/ou linguagens em suas aulas, propiciando um ambiente mais atrativo aos discentes e um importante mobilizador de aprendizagens (SOARES, 2017, p. 45).

Com isso, o uso das mídias cinemáticas, na área do conhecimento de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas (EM), torna-se instigante, primeiro por despertar aprendizagens

significativas, e segundo porque podem ser visualizados conteúdos dos quatro componentes curriculares dessa área, sendo, Geografia, História, Sociologia e Filosofia, já que nelas aparecem relações sociais e do ser humano inseridas no contexto de transformações da sociedade, que ocorrem em um determinado tempo e espaço. Não podemos trabalhar a Educação Ambiental sem pensar no ser humano, que é um ser transformador da sua vida e da vida dos outros, que modifica a natureza, provocando mudanças sociais, políticas, culturais e econômicas. Assim sendo, o uso da mídia cinemática é pertinente e um importante produto cultural capaz de permitir transversalizar a Educação Ambiental na área do conhecimento de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas (EM).

Nesta pesquisa, as mídias cinemáticas são abordadas como “produto cultural<sup>11</sup>” (SOARES, 2017), sendo utilizadas como recurso para mediar o processo educativo, porque, segundo Pontuschka (2009), os recursos são mediadores do processo de ensino-aprendizagem e, sendo utilizados adequadamente, melhoram o processo de aprendizagem dos alunos. De acordo com Piletti, a utilização de recursos para mediar o processo de ensinar e aprender tem os seguintes objetivos:

- 2.4.1 motivar e despertar o interesse dos alunos;
- 2.4.2 favorecer o desenvolvimento da capacidade de observação;
- 2.4.3 aproximar o aluno da realidade;
- 2.4.4 visualizar ou concretizar os conteúdos da aprendizagem;
- 2.4.5 oferecer informações e dados;
- 2.4.6 permitir a fixação da aprendizagem;
- 2.4.7 ilustrar noções mais abstratas;
- 2.4.8 desenvolver a experimentação concreta (PILETTI, 2003, p. 154).

Dessa maneira, percebe-se como um recurso pode ser explorado em sala de aula e, quando usado de maneira adequada, observamos a pertinência dos objetivos descritos acima. Assim, as mídias cinemáticas são mediadoras do processo de ensino-aprendizagem, pois através delas se estabelecem diálogos e reflexões sobre a questão abordada, corroborando com o que consta na BNCC do Ensino Médio (2018) sobre a área de Ciências Humanas e Sociais

---

<sup>11</sup> De acordo com Soares (2017), as mídias cinemáticas são produtos culturais, pois possuem um caráter político, social e cultural, e aquelas podem auxiliar o professor a elucidar os conteúdos, reforçando, facilitando e contribuindo para a formação crítica, para o aprendizado dos estudantes e para o aperfeiçoamento da arte da docência.

Aplicadas (EM) que propõe que “os estudantes desenvolvam a capacidade de estabelecer diálogos – entre indivíduos, grupos sociais e cidadãos de diversas nacionalidades, saberes e culturas distintas –, elemento essencial para a aceitação da alteridade e a adoção de uma conduta ética em sociedade” (BRASIL, 2018). Compreendemos que esse recurso permitirá a construção de uma visão mais complexa da realidade socioambiental em seu contexto de crise, já que o professor desenvolverá, com os alunos, uma visão crítica da realidade, permitindo que eles façam suas escolhas individuais e coletivas, em relação a melhor maneira de viver em sociedade.

Para Piletti (2003, p. 155), os recursos audiovisuais “são aqueles que estimulam a visão e a audição e colaboram para aproximar a aprendizagem de situações reais de vida”. As mídias cinemáticas, quando trabalhadas em sala de aula, vão além do entretenimento e da diversão, pois elas também desenvolvem a capacidade de observação, de reflexão e de crítica do aluno, permitindo maior facilidade de entendimento das questões abordadas. Seu objeto de estudo são as imagens em movimento e essa característica incentiva o aluno a desenvolver uma percepção mais objetiva dessas questões, mas precisamos prestar atenção no significado cultural dessas mídias cinemáticas. Segundo Duarte (2009, p. 44), esse significado cultural “é sempre constituído no contexto em que ele é visto e/ou produzido. [...] é sempre a partir dos mitos, crenças, valores e práticas sociais das diferentes culturas que narrativas orais, escritas ou audiovisuais ganham sentido”. Mesmo as mídias cinemáticas que representam outras culturas, outros valores e outras crenças podem ser compreendidas por nós, porque nosso entendimento é mediado pela nossa cultura, o que nos faz refletir sobre as diversas problemáticas apresentadas.

De acordo com o MEC, no documento que se refere aos Equipamentos e aos materiais didáticos (BRASIL, 2007, p. 44), as mídias “facilitam a compreensão do mundo real, dos fenômenos naturais [...]. Aproximam locais distantes, levantam problemas, propõem soluções e trazem milhares de informações, podendo, ainda, estimular a criatividade e trabalhar o imaginário”. A utilização desse recurso em sala de aula, além de auxiliar o aluno na apreensão dos conhecimentos, através da visualização, pode, ao mesmo tempo, desenvolver a imaginação, o senso crítico e reflexivo. Para Martinelli *apud* Silva (2007, p. 55), as mídias cinemáticas podem ser inseridas no cotidiano escolar pela “possibilidade de promover boas ocasiões para a integração de conteúdos, para o aumento da socialização entre os alunos, para a análise crítica do funcionamento dos sistemas sociais e para uma relação mais profunda das pessoas com o mundo e com a natureza”. Elas são uma ótima oportunidade para promover discussões em sala de aula sobre diversos assuntos, inclusive a Educação Ambiental que abarca várias temáticas

que podem ser trabalhadas pelos professores das disciplinas da área do conhecimento de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas (EM).

Logo, as mídias cinemáticas são um recurso aliado no processo educativo, qualificando a prática pedagógica quando utilizadas enquanto recurso de ensino, por possibilitar debater sobre a questão socioambiental estudada. Conforme Duarte, os filmes:

Propiciam bons debates sobre os problemas que enfrentamos no dia a dia da atividade educacional. Como a linguagem da maioria deles é simples e de fácil compreensão e o enredo é construído de forma a torná-los acessíveis a pessoas de todas as idades, em geral, eles podem ser exibidos a estudantes de quase todos os níveis de ensino (DUARTE, 2009, p. 73).

O debate sobre a problemática socioambiental contemporânea, a partir do uso das mídias cinemáticas, permitirá ao aluno a construção de novos conhecimentos. Para Loureiro (2007, p. 81), “A Educação Ambiental transformadora enfatiza a educação enquanto processo permanente, cotidiano e coletivo pelo qual agimos e refletimos, transformando a realidade de vida”. A Resolução nº 2, de 15 de junho de 2012, que estabelece as DCNEA, no seu artigo 2º, promulga que a Educação Ambiental:

[...] é uma dimensão da educação, é atividade intencional da prática social, que deve imprimir ao desenvolvimento individual um caráter social em sua relação com a natureza e com os outros seres humanos, visando potencializar essa atividade humana com a finalidade de torná-la plena de prática social e de ética ambiental (BRASIL, 2012).

Assim sendo, a Educação Ambiental faz parte do processo educacional formal e não formal, e por isso pode desenvolver nos seres humanos novas atitudes e novos valores sociais, considerando as relações que estabelecem com a natureza e com os outros indivíduos, transformando-os em cidadãos conscientes de sua prática. É através da educação permanente que vamos nos constituindo enquanto sujeitos nas relações individuais e coletivas, redefinindo o nosso ser e estar no mundo. E ao utilizar as mídias cinemáticas em sala de aula, essas favorecem a discussão das questões socioambientais, a reflexão e a conscientização, pois incentiva o aluno a buscar respostas para suas dúvidas, a dialogar com os colegas e com os professores, chamando a atenção do espectador e, a partir das imagens, pode-se estabelecer relações com a realidade cotidiana, vivida no lugar de pertencimento.

De acordo com Modro (2005, p. 9), o filme é um “recurso atrativo, agradável e que, se bem empregado, rende bons resultados quanto à aprendizagem. O aluno tem maior participação, passa a ter um novo olhar a respeito dos recursos e ferramentas que dispõe no seu dia a dia”. Para Pazzini e Araújo, a escola tem um papel fundamental no uso das mídias cinemáticas, visto que alfabetiza, ensina visualmente seus alunos, “auxiliando-os na mudança de postura e do agir diante do mundo, levando-os à reflexão, análise de seu cotidiano, de seus semelhantes e de sua vida em sociedade” (PAZZINI; ARAÚJO, 2013, p. 07). Nesse sentido, o aluno pode refletir sobre as questões socioambientais, problematizando hábitos e atitudes, fazendo opções conscientes para uma qualidade de vida melhor, tornando mais complexa a forma de ler e de interpretar a realidade a qual pertence e, assim, a relação que estabelece consigo, com o outro e com o mundo.

Como afirma Tozoni-Reis (2007, p. 179), a Educação Ambiental “[...] é um processo político de apropriação crítica e reflexiva de conhecimentos, atitudes, valores e comportamentos [...]”. Diante disso, a discussão e a compreensão da problemática socioambiental planetária através das mídias cinemáticas proporcionará essas apropriações, tanto aos professores quanto aos seus alunos, estimulando os sujeitos a refletirem sobre práticas pedagógicas para a resolução de conflitos cotidianos. Portanto, a Educação Ambiental se dá por um processo de aprendizagem individual e coletiva e, ao transversalizar a Educação Ambiental no currículo da área do conhecimento de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas (EM), permite o desenvolvimento da capacidade crítica, reflexiva, do diálogo e certamente da conscientização que o trabalho do professor ajudará a construir, almejando a transformação da realidade e das condições de vida de seus alunos. De acordo com Moreira e Candau (2007, p. 18), o currículo é compreendido como as “experiências escolares que se desdobram em torno do conhecimento, em meio a relações sociais, e que contribuem para a construção das identidades de nossos/as estudantes”. Partindo dessa perspectiva, destaca-se a importância e a contribuição da utilização das mídias cinemáticas na prática educativa, pois tornam o processo de ensinar e aprender mais próximo da realidade dos professores e alunos, instigando a criticidade e a praticidade.

Conforme Napolitano (2011, p. 11), “[...] trabalhar com o cinema em sala de aula é ajudar a escola a reencontrar a cultura [...], pois o filme é o campo no qual a estética, o lazer, a ideologia e os valores sociais são sintetizados numa mesma obra de arte”. Ele pode promover o desenvolvimento do aluno em relação às questões ecológicas, culturais, sociais, possibilitando a tomada de decisões transformadoras para sua realidade.

### 3 A METODOLOGIA DA PESQUISA

Neste capítulo, apresenta-se a metodologia de pesquisa que é de cunho qualitativo. O principal objetivo da pesquisa qualitativa é interpretar o fenômeno em observação, suas causas, as relações do sujeito como ser histórico e social, contribuindo para o desenvolvimento dos participantes da pesquisa. De acordo com Minayo:

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. [...] ela trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes. Esse conjunto de fenômenos humanos é entendido aqui como parte da realidade social, pois o ser humano se distingue não só por agir, mas por pensar sobre o que faz e por interpretar suas ações dentro e a partir da realidade vivida e partilhada com seus semelhantes (MINAYO, 2009, p. 21).

Segundo Richardson (2017, p. 67), a pesquisa qualitativa “é um meio para explorar e para entender o significado que os indivíduos ou grupos atribuem a um problema social ou humano”. Dessa forma, a pesquisa envolveu os significados que os sujeitos atribuíram ao problema exposto, assim apresentado: como transversalizar a Educação Ambiental no currículo da área do conhecimento de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas (EM), da Educação Básica, a partir do uso das mídias cinemáticas?

A pesquisa qualitativa permite o foco no caráter subjetivo do fenômeno estudado, com interesse em suas particularidades e em suas experiências individuais, permitindo investigar a realidade social, apoiada em fenômenos concretos, com o objetivo de compreender os comportamentos e as ações dos indivíduos que pertencem a determinado grupo ou sociedade, transformando a realidade social e melhorando a vida daqueles. Para Gamboa (2006, p. 20), “[...] na educação, tanto o investigador, como o investigado são sujeitos, o objeto é a realidade. A realidade é o ponto de partida e serve como elemento mediador entre os sujeitos.” Assim, nesta pesquisa, a realidade, a qual se pretendeu compreender foi: como é possível transversalizar a Educação Ambiental, através do uso das mídias cinemáticas, em sala de aula, realidade que nos desafia a ser conhecida e, quem sabe, transformada.

Para tanto, a pesquisa qualitativa apresenta métodos para sua construção, que segundo Richardson (2017), são variados e envolvem a participação ativa dos sujeitos, pois cada vez mais se busca o envolvimento dos sujeitos para a produção de informações. Nessa perspectiva, usou-se a pesquisa-formação como metodologia, segundo Silva (2017, p. 53), “é uma proposta

epistemológica de pesquisa e prática, de caráter qualitativo, que busca no estudo com o campo empírico um processo formativo ao se envolver e reconstruir compreensões.” A pesquisa-formação procura significar que a pesquisa e a prática promovem a construção de novos conhecimentos, transformando os sujeitos envolvidos, sendo assim, ao vivenciar a prática, o participante constitui um aprendizado sobre aquela situação abordada, aperfeiçoando seu conhecimento.

### 3.1 A PRODUÇÃO DAS INFORMAÇÕES DA PESQUISA

O percurso investigativo foi delineado a partir de um Projeto de Extensão intitulado “Mídias Cinemáticas e Educação Ambiental: possibilidades para a formação de professores” (Apêndice 01). Esse projeto foi desenvolvido pelo LAPEG, da FURG, e organizado no formato de rodas de formação de professores. Ao final, foi realizada uma entrevista semiestruturada com sete professores, com a intenção de compreender o que foi formativo para eles, ou seja, como se deu a experiência vivida durante o projeto.

#### 3.1.1 Projeto de Extensão

No Projeto de Extensão foram realizadas rodas de formação para promover a formação continuada de professores, no LAPEG/FURG, durante o segundo semestre de 2019. Aquele foi ofertado para 25 professores da Educação Básica do município do Rio Grande/RS, que atuam na área do conhecimento de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas (EM). Para participarem do Projeto de Extensão, os professores se inscreveram pelo site da FURG. É importante explicar que o LAPEG está vinculado ao Grupo de Pesquisa CIPEA, ao qual pertencemos, e realiza desde 2018, Projetos de Extensão com professores da Educação Básica, em parceria com a SMEd e com a 18ª CRE, com o intuito de promover a formação continuada dos professores, além da articulação entre as escolas e a universidade. Além da formação continuada de professores, esse laboratório possui parceria com as escolas públicas devidos os Estágios Curriculares Supervisionados do curso de Geografia Licenciatura da FURG e também em virtude do PIBID, do referido curso.

O Projeto de Extensão foi devidamente registrado na Pró-Reitoria de Extensão e Cultura (PROEXC), da FURG, conforme o apêndice 01. Já o projeto de pesquisa foi aprovado pelo

Comitê de Ética em Pesquisa na Área da Saúde (Anexo 01), da FURG.

O objetivo geral do Projeto de Extensão foi compreender a importância do uso das mídias cinemáticas como possibilidade para transversalizar a Educação Ambiental na área do conhecimento de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas (EM). Para tal, foram delineados os seguintes objetivos específicos: realizar a articulação entre a universidade e as escolas da rede pública do município do Rio Grande – RS; promover a Educação Ambiental na formação continuada de professores da área do conhecimento de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas (EM); organizar rodas de formação de professores presenciais para discutir a Educação Ambiental através do uso de mídias cinemáticas; estudar referenciais teóricos do campo da Educação Ambiental, da formação de professores e das mídias cinemáticas para fundamentar a ação docente e qualificar o debate em torno dos temas propostos; planejar e desenvolver práticas educativas com os professores, utilizando as mídias cinemáticas; aprofundar a compreensão sobre a importância do uso de múltiplas linguagens para o ensino de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas (EM); socializar, nas rodas de formação, as aprendizagens tecidas durante o curso.

A justificativa para a realização desse projeto foi a necessidade de desenvolver formação continuada para professores da Educação Básica, contribuindo com a melhoria da qualidade da educação e, também, pela importância de dialogar com os professores da área do conhecimento de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas (EM) sobre as práticas educativas desenvolvidas no cotidiano escolar, dando ênfase à discussão da Educação Ambiental a partir da transversalidade, tendo as mídias cinemáticas como possibilidade metodológica para promover tal debate. A escolha da área do conhecimento vai ao encontro da proposta da BNCC e permite romper com a visão disciplinar, visto que apostamos na Educação Ambiental na perspectiva da inter, da multi e da transdisciplinaridade, em diálogo com a PNEA.

O Projeto de Extensão foi elaborado para ser desenvolvido com os professores da área do conhecimento de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas (EM). Dada a relevância do tema proposto, as vagas se esgotaram rapidamente, tendo a procura de professores de outras áreas do conhecimento e de diferentes níveis da Educação Básica, tais como: alunos do curso de Pedagogia (FURG), professores da área do conhecimento de Ciências Humanas, do Ensino Fundamental (EF), Linguagens e suas Tecnologias (EF e EM) e Educação Infantil. Destaca-se que não houve procura por professores das disciplinas de Filosofia e Sociologia que também integram a área do conhecimento de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas (EM).

Devido à ampla procura, a equipe organizadora considerou viável homologar as

inscrições dos professores das áreas do conhecimento de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas (EM), Ciências Humanas (EF) e da área do conhecimento de Linguagens e suas Tecnologias (EF e EM), sendo procuradas por professores da disciplina de Língua Portuguesa. Assim, das 25 vagas ofertadas, foram preenchidas 16, com professores das áreas do conhecimento anteriormente citadas. Apostou-se no diálogo em que a disciplina de Língua Portuguesa pode tramar com as disciplinas de Geografia e História, pois de acordo com a BNCC, a área de Linguagens e suas Tecnologias pode se constituir:

[...] como suporte para os processos de construção de identidade e de projetos de vida, [...] envolvendo reflexões/definições não só em termos de vida afetiva, família, estudo e trabalho, mas também de saúde, bem-estar, relação com o meio ambiente, espaços e tempos para lazer, práticas das culturas corporais, práticas culturais, experiências estéticas, participação social, atuação em âmbito local e global etc. Considerar esse conjunto de aspectos possibilita fomentar nos estudantes escolhas de estilos de vida saudáveis e sustentáveis, que contemplem um engajamento consciente, crítico e ético em relação às questões coletivas. Nesse sentido, **esse campo articula e integra as aprendizagens promovidas em todos os campos de atuação** (BRASIL, 2018, grifo da pesquisadora).

Dessa forma, participaram do Projeto de Extensão um total de 16 professores da Educação Básica, abarcando as disciplinas de Geografia, História e Língua Portuguesa, do Ensino Fundamental e Médio. O projeto foi executado de 2 de setembro a 20 de dezembro de 2019. Teve seu trabalho alicerçado nas rodas de formação, com o intuito de discutir e contribuir para qualificar o ensino dos professores das referidas áreas do conhecimento. A roda de formação permitiu coletar informações sobre um tema específico a partir de uma discussão coletiva, propondo a esses sujeitos um aprimoramento das suas práticas educativas em relação à Educação Ambiental. Warschauer, em relação à roda de formação, destaca que:

[...] não me refiro à estrutura apenas, mas à qualidade da interação, às partilhas que elas facilitam. Haver espaços e tempos definidos para o encontro das pessoas em círculo não é suficiente, apesar dessa forma ser facilitadora, mas é a qualidade das trocas estabelecidas no processo partilhado que propicia o desenvolvimento criativo individual e grupal: o cuidado mútuo, a escuta sensível, o acolher e ser acolhido, a paixão de aprender e ensinar, de ensinar e aprender, a paciência no falar e ouvir, a amorosidade na convivência, a tolerância nas diferenças, o prazer estético partilhado, o respeito durante os conflitos, a coragem de ver-se no outro, de olhar para ele e para si, o formar-se formando (WARSCHAUER, 2001, p. 300).

Dessa forma, a roda de formação estimulou o debate em grupo, construindo coletivamente novos conhecimentos, pois a presença de diferentes pontos de vista

impulsionaram as discussões, oportunizando que os temas abordados fossem problematizados, o que ajudou a tornar mais complexa a forma de compreender a Educação Ambiental. Assim, a partir de reflexões e interações sobre um determinado tema, ocorreram as partilhas, as trocas de experiências, pois todos tem algo a dizer e a ouvir, conforme nos ensinou Freire. De acordo com Albuquerque e Galiuzzi (2011, p. 388), “[...] o objetivo de formar-se formando, nos mostra a possibilidade de construção de um espaço em que as aprendizagens se constroem por meio da relação entre os sujeitos.” Desse modo, a partir das discussões realizadas, os professores puderam expor suas opiniões, experiências, práticas e percepções, tendo em vista seu aprimoramento, utilizando-os em sua prática educativa tanto quanto em sua vida pessoal, porque os diálogos pertinentes à Educação Ambiental fazem parte do cotidiano das pessoas. A figura a seguir ilustra uma roda de formação.

**Figura 1** – Roda de Formação do Projeto de Extensão.



Fonte: a pesquisadora.

Portanto, na roda de formação foram realizadas leituras de referenciais teóricos que promoveram discussões coletivas sobre como transversalizar a Educação Ambiental, através do uso das mídias cinemáticas, valorizando a comunicação e o aprendizado entre os participantes. No quadro 1, apresentamos informações sobre os encontros do curso de formação continuada:

**Quadro 1** – Encontros do curso de formação continuada.

ENCONTROS	RODA DE FORMAÇÃO
Encontro 01	Apresentação do curso de formação para os professores e constituição da roda de formação.
Encontro 02	Roda de formação: discussão sobre as correntes da Educação Ambiental, a partir do texto “Uma cartografia das correntes em Educação Ambiental”.
Encontro 03	Roda de formação: discussão sobre as correntes da Educação Ambiental, a partir do texto “Mapeando as macro-tendências político-pedagógicas da Educação Ambiental contemporânea no Brasil”.
Encontro 04	Roda de formação: apresentação do power-point e debate sobre o uso das mídias cinemáticas em sala de aula. Discussão dos filmes <sup>12</sup> “Aquarius” e “Narradores de Javé”. Trabalho em grupo: como transversalizar a Educação Ambiental a partir dos filmes? Entrega do material didático <sup>13</sup> (Apêndice 2).
Encontro 05	Roda de formação: socialização dos trabalhos relativos aos filmes. Debate sobre os documentários “Brumadinho” e “Senegaleses”. Trabalho em grupo: como transversalizar a Educação Ambiental a partir dos documentários? Socialização dos trabalhos. Encerramento do curso.

Fonte: a pesquisadora.

Desta forma, os professores tiveram clareza sobre o assunto que foi discutido em sala de aula, propondo atividades didáticas com foco em questões socioambientais, construindo uma aprendizagem significativa, problematizando valores e atitudes. Os temas abordados fazem parte da vida de muitos alunos, levando-os a relacioná-los com sua realidade, trazendo suas experiências para a discussão em sala de aula, enriquecendo sua aprendizagem e de seus colegas. As mídias cinemáticas podem ser utilizadas no processo de ensinar e aprender, a fim de apresentar novos horizontes para a análise local e global, que são necessários à formação integral do aluno.

### 3.1.2 Diário de Registros

O diário de registros é um dispositivo de informação onde foram registradas as narrativas, os saberes, as temporalidades cotidianas vivenciadas durante o Projeto de Extensão.

<sup>12</sup> Os filmes e documentários foram enviados previamente para os professores assistirem em casa.

<sup>13</sup> O material didático disponibilizado aos professores foi construído pela pesquisadora, constitui-se em uma listagem de filmes que podem ser trabalhados do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental. Este material foi sistematizado a partir dos livros didáticos PNLD/2020, sendo posteriormente, disponibilizado para todos os professores da rede pública municipal de ensino, do município de Rio Grande.

Ele apresenta as reflexões da pesquisadora e as atitudes em relação ao delineamento do projeto, pois a partir da fala de um participante surgiram ações que inicialmente não foram planejadas.

O diário de registros tem um caráter subjetivo, apresentando o ponto de vista da pesquisadora, suas ideias, seus anseios e suas preocupações, tornando-se um instrumento para a análise dos dados. O diário também proporcionou a organização do pensamento, retomar as vivências e fez compreender a própria prática: “O professor constrói seus saberes permanentemente, é interessante ouvir a fala de professores que não são de Geografia, aprender com outras vivências, com experiências de outras áreas, aprender no coletivo” (diário da pesquisadora). Com esta escrita, compreendeu-se a importância da formação continuada, do trabalho coletivo, do quanto aprendemos com o outro.

As autoras Freitas, Machado e Souza (2017) trabalham com o uso do diário de registros na formação de educadores. Para elas, o diário é um instrumento de pesquisa de natureza qualitativa que visibiliza as vozes dos educadores e dos educandos por meio da escrita. Assim, o diário “constitui-se em um instrumento de ensino-pesquisa por meio do qual educador e educandos tomam para si o desafio da documentação da experiência, assumindo-a como objeto de investigação” (FREITAS; MACHADO; SOUZA, 2017, p. 13). O diário de registros propõe que as anotações se realizem durante toda a pesquisa com apontamentos diversos. Freire (1992) sugere ir registrando histórias, retalhos de conversas, frases, expressões, como também, outras modalidades para além da escrita, como por exemplo, imagens, bilhetes, materiais impressos, entre outros.

O diário de registro foi confeccionado pela pesquisadora, para registrar as memórias das aprendizagens construídas nos diferentes momentos da pesquisa, ou seja, configurou-se como um dispositivo de registro das temporalidades cotidianas vivenciadas na pesquisa. Através do diário, expressou-se uma forma de compreender o processo de pesquisa, como também, registrou-se a apreensão dos significados que os participantes deram à situação vivenciada durante o curso.

### **3.1.3 Entrevista Semiestruturada**

Após o encerramento do Projeto de Extensão, para fins de compreensão sobre o que foi estudado sobre possibilidades de como transversalizar a Educação Ambiental a partir das mídias cinemáticas na Educação Básica, foram realizadas entrevistas semiestruturadas (Apêndice 04)

com os professores. Para Triviños, a entrevista semiestruturada:

[...] é aquela que parte de certos questionamentos básicos, apoiados em teorias e hipóteses, que interessam à pesquisa, e que, em seguida, oferecem amplo campo de interrogativas, fruto de novas hipóteses que vão surgindo à medida que se recebem as respostas do informante. Desta maneira, o informante, seguindo espontaneamente a linha de seu pensamento e de suas experiências dentro do foco principal colocado pelo investigador, começa a participar na elaboração do conteúdo da pesquisa (TRIVIÑOS, 2013, p. 146).

Destarte, a entrevista semiestruturada é flexível, pois as informações surgem de forma mais livre, tendo por finalidade, conforme aponta Richardson, “possibilitar a coleta de dados qualitativos [...]; e permitir compreender, de forma mais profunda, tópicos de interesse para o desenvolvimento de questões relevantes e significantes” (RICHARDSON, 2017, p. 233). A entrevista semiestruturada foi elaborada em dois momentos significativos: as questões iniciais se referem aos sujeitos da pesquisa, onde se buscou informações com o objetivo de caracterizar os professores participantes, com perguntas referentes à idade, ao gênero, ao tempo de experiência no magistério, à formação acadêmica, ao regime de trabalho, às escolas onde atuam e às disciplinas ministradas. No segundo momento da entrevista, as questões tiveram o objetivo de levar os professores a refletirem sobre as suas concepções e os procedimentos acerca de temas vinculados à formação continuada, à infraestrutura da escola onde atuam, ao trabalho realizado ou não com as mídias cinemáticas, e como o debate sobre as mídias cinemáticas contribuíram para transversalizar a Educação Ambiental nas suas áreas do conhecimento. Esses aspectos buscaram um maior aprofundamento das questões que foram debatidas durante o Projeto de Extensão.

A obtenção de consentimento dos participantes se deu por meio da leitura e explicação do Termo de Consentimento Livre Esclarecido<sup>14</sup>, conforme o apêndice 03, condicionado à aceitação do entrevistado, mediante sua assinatura. As informações obtidas durante as entrevistas semiestruturadas foram gravadas, transcritas (Apêndice 04) e analisadas pela pesquisadora, não sendo divulgada a identificação de nenhum dos entrevistados, visto que todos receberam um nome fictício. A maioria das entrevistas ocorreram no LAPEG, mas algumas foram realizadas nas dependências das escolas onde os professores atuam, e uma na Secretaria de Município da Educação, ambas com horário previamente marcado pelo participante, em sala

---

<sup>14</sup> Os Termos de Consentimento Livre Esclarecido devidamente assinados se encontram com a pesquisadora.

reservada, garantindo a sua privacidade.

### 3.2 OS SUJEITOS DA PESQUISA

O Projeto de Extensão foi ofertado para 25 professores da Educação Básica do município do Rio Grande/RS, sendo que para participarem os professores se inscreveram pelo site da FURG, no Sistema de Inscrições (SINSC). As vagas se esgotaram rapidamente, tendo a procura de professores de outras áreas do conhecimento e de diferentes níveis da Educação Básica.

Desta forma, das 25 vagas oferecidas, participaram do Projeto de Extensão o total de 16 professores da Educação Básica. Os demais professores inscritos, o total de nove, eram Pedagogos que atuavam na Educação Infantil e nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental e o Projeto de Extensão era voltado aos Anos Finais do Ensino Fundamental e Ensino Médio. Assim, considerou-se pertinente a participação dos professores das áreas do conhecimento de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas (EM), Ciências Humanas (EF) e da área do conhecimento de Linguagens e suas Tecnologias (EF e EM), abarcando as disciplinas de Geografia, História e Língua Portuguesa, do Ensino Fundamental e Médio, estando assim distribuídos, conforme o quadro 2:

**Quadro 2** – Grupo de professores participantes do Projeto de Extensão.

<b>Nº. de participantes</b>	<b>Disciplina</b>	<b>Nível de ensino</b>
10	Geografia	Ens. Fundamental
01	História	Ens. Fundamental
02	Língua Portuguesa	Ens. Fundamental
02	Geografia	Ensino Médio
01	Língua Portuguesa	Ensino Médio

Fonte: a pesquisadora.

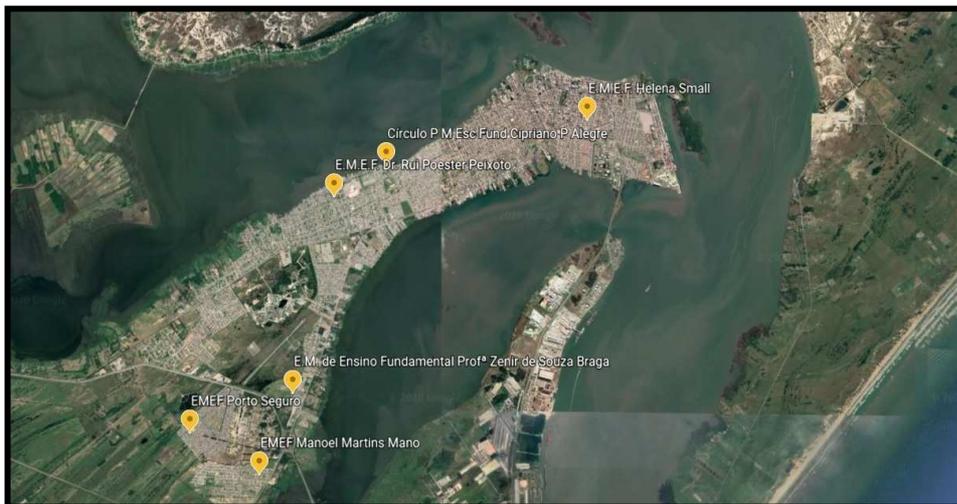
Dos 16 professores que participaram do Projeto de Extensão, foram selecionados para participarem como sujeitos da pesquisa, os que apresentaram 75% de frequência durante o projeto, totalizando nove professores. Desses, apenas dois não se dispuseram a responder a

entrevista, restando sete professores que aceitaram participar. Todos os professores relataram que não ministram aulas apenas nas suas disciplinas de formação, mas também em outras, tais como: Filosofia, Religião, Artes, Geologia, Direito Ambiental, Seminário Integrado e Educação Ambiental. Todos os professores foram identificados com nomes fictícios: Bela, Aurora, Carol, Elsa, Mônica, Emmet e Darth.

As idades dos participantes variam entre 28 e 49 anos. Esse detalhe nos auxiliou na interpretação de algumas falas, pois demarcam, na maioria das vezes, suas expectativas e suas experiências na profissão docente. Do total de participantes, cinco são do gênero feminino e dois do masculino, e esses números nos fazem pensar que a profissão docente ainda é mais ocupada pelas mulheres.

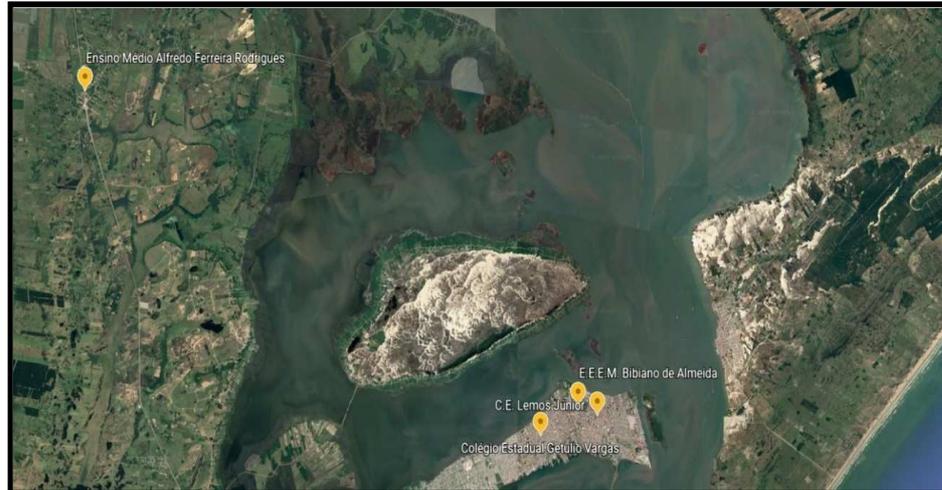
Quanto ao regime de trabalho, quatro professores trabalham 40h semanais e três trabalham 60h semanais. Em relação ao tempo de magistério, temos seis professores da rede pública municipal tendo entre 4 e 22 anos de profissão e três professores, na rede pública estadual, entre 10 e 25 anos de profissão, sendo que um dos professores de Geografia e a professora de Português atuam nas duas redes públicas. Os mapas a seguir localizam as escolas da Educação Básica, as quais os professores pertencem.

**Figura 2** – Mapa de localização das escolas municipais parceiras do Projeto de Extensão.



Fonte: Google Earth.

**Figura 3** – Mapa de localização das escolas estaduais parceiras do Projeto de Extensão.



Fonte: Google Earth.

Quanto à titulação dos professores, todos possuem graduação em Licenciatura e Pós-Graduação: cinco (*Lato Sensu*), quatro (*Stricu Sensu*), desses, dois (Mestrado) e dois (Doutorado). A titulação dos participantes nos auxiliou a entender suas preocupações acerca do seu aperfeiçoamento profissional, pois, atualmente, atualizar-se e qualificar-se é necessário, buscando, constantemente, conhecimentos relacionados a sua área de atuação, dada a velocidade com que se produzem novos saberes e novos conhecimentos, além dos avanços tecnológicos. De acordo com Giesta:

Os educadores verdadeiramente preocupados com o melhor ensino tomam como princípio que não basta receber a titulação necessária ao ingresso no magistério. Por isso, no exercício de sua profissão buscam constantemente ampliar o seu saber, para encontrar melhores caminhos à ação pedagógica que desenvolvem (GIESTA, 1994, p. 115).

Para Freire (2016, p. 49), “ensinar exige consciência do inacabamento. Como professor devo ser crítico, responsável, predisposto à mudança [...]”. Dessa forma, o professor necessita estar sempre almejando novas possibilidades, qualificando-se, dando novos rumos a sua prática. Somos inconclusos, estamos em permanente transformação, tendo a oportunidade de aprimorar nosso desempenho na dinâmica escolar, com o objetivo de assegurar uma ação docente efetiva que promova aprendizagens significativas.

Nesse processo de formação continuada que contribui para a qualificação docente, a participação em rodas de formação é um espaço-tempo importante na formação de professores,

especialmente por causa das trocas, do diálogo, das parcerias que são estabelecidas, pois nesses momentos partilhamos experiências de professores de outras áreas, aprendemos com as vivências do outro. Ou seja, cada professor, com sua história de vida, sua experiência profissional, suas características, contribuiu na construção partilhada, a partir de um tema em comum, pois aprendemos e ensinamos os saberes construídos em espaços diferentes dos nossos.

### 3.3 A INTERPRETAÇÃO DAS INFORMAÇÕES: A ANÁLISE TEXTUAL DISCURSIVA – ATD

A interpretação das informações produzidas na pesquisa se desenvolveu a partir da ATD, que segundo Moraes e Galiazzi (2016), é uma metodologia de natureza qualitativa:

Entendida como o processo de desconstrução, seguido de reconstrução, de um conjunto de materiais linguísticos e discursivos, produzindo-se a partir disso, novos entendimentos sobre os fenômenos e discursos investigados. Envolve identificar e isolar enunciados dos materiais submetidos à análise, categorizar esses enunciados e produzir textos, integrando nestes descrição e interpretação, utilizando como base de sua construção o sistema de categorias construído (MORAES; GALIAZZI, 2016, p. 134).

Essa metodologia de análise se insere numa perspectiva qualitativa das informações, de acordo com Moraes e Galiazzi (2016, p. 33), tendo por intenção a “compreensão, a reconstrução de conhecimentos existentes sobre os temas investigados”, constituindo-se por diversas etapas num movimento recursivo de compreensão do fenômeno investigado. Dessa forma, a ATD se constitui de três componentes principais: a unitarização (desmontagem dos textos, os *corpus*), a categorização (estabelecimento de relações) e a captação do novo emergente (MORAES; GALIAZZI, 2016).

O primeiro componente a ser utilizado é a desmontagem dos textos, ou seja, a desconstrução e a unitarização do *corpus*, destacando seus elementos constituintes. Nesse processo, percebe-se os sentidos dos textos, que, de acordo com Moraes e Galiazzi (2016, p. 40), “[...] é o próprio pesquisador quem decide em que medida fragmentará seus textos, podendo daí resultarem unidades de análise de maior ou menor amplitude.” Dessa desconstrução, surgem as unidades de análise ou unidades de sentido, cada unidade possui um significado, de acordo com o fenômeno que está sendo analisado. A prática da unitarização pode ser concretizada em

três momentos distintos:

- a) a fragmentação dos textos e codificação de cada unidade;
- b) a reescrita de cada unidade de modo que assuma um significado, o mais completo possível em si mesma;
- c) atribuição de um nome ou título para cada unidade assim produzida (MORAES; GALIAZZI, 2016, p. 41).

Essa etapa da análise tem por objetivo examinar o *corpus* em detalhes. O *corpus* é o “conjunto de documentos, constituído essencialmente de produções textuais, referentes a determinado fenômeno e originadas em um determinado tempo e contexto”, (MORAES; GALIAZZI, 2016, p. 38). Ou seja, as entrevistas semiestruturadas, depois de transcritas, foram fragmentadas e desorganizadas no sentido de definir as unidades de análise – as unidades de sentido, referentes ao fenômeno estudado. Começou-se, então, um exercício de interpretação das informações obtidas, sendo realizada a leitura atenta dos *corpus*, destacando fragmentos significativos naquele *corpus* de análise, exigindo que o pesquisador construísse significados a partir de suas teorias.

Posteriormente a isso, iniciou-se a codificação. Ao codificar, elaborou-se um sistema de códigos numéricos para identificar os textos originais, as suas unidades de sentido. Esse sistema de códigos pode ser numérico, alfabético ou combinações deles, ou seja, pode ser elaborado de acordo com critérios criados pelo pesquisador. Segundo Cousin:

O processo de codificação é fundamental, porque possibilita realizar as releituras das unidades que, muitas vezes, tornam-se necessárias. Se uma unidade de significado durante o processo de unitarização perder o sentido na sua desmontagem, com a codificação, é possível retornar ao texto original e resgatá-la. Caso contrário, é difícil conseguir realizar esse exercício que dá significado à unidade e ajuda a compreender a complexidade da questão de pesquisa (COUSIN, 2010, p. 82).

Nesse momento, foi fundamental o envolvimento da pesquisadora com os materiais analisados, o que possibilitou o surgimento de novas compreensões sobre o fenômeno investigado, atribuindo-lhe um título a cada unidade fragmentada. O próximo componente foi a categorização. Nessa etapa, agrupou-se os elementos semelhantes, reuniu-se o que é comum, em relação ao que foi fragmentado, nomeando-os, formando as categorias. Consoante Moraes e Galiazzi (2016, p. 44), as categorias “são um conjunto de elementos de significação

próximos”. Essas categorias podem ser produzidas por intermédio de diferentes métodos. O método que foi utilizado na análise das informações desta pesquisa foi o indutivo, pois esse constituiu as categorias a partir das unidades de sentido.

No método indutivo, de acordo com Moraes e Galiuzzi (2016), o pesquisador organiza um conjunto de elementos semelhantes a partir da comparação entre as unidades de análise, partindo do geral para o particular, indo das informações e dados para classes de elementos que tem algo em comum. Esse movimento resultou no que se denomina de categorias emergentes. Para Moraes e Galiuzzi (2016, p. 47), as categorias emergentes são “construções teóricas que o pesquisador elabora a partir do *corpus*”, essas possibilitaram uma compreensão aprofundada do texto analisado e, conseqüentemente, do fenômeno que foi investigado.

Após serem identificadas as categorias resultantes da análise, essas foram organizadas com o objetivo de ampliar as compreensões do *corpus*. Dessa forma, foi feito um exercício de maior profundidade na interpretação das informações. Nessa etapa, a pesquisadora construiu novos conhecimentos. A partir das informações do *corpus*, construiu-se novos significados em relação ao fenômeno estudado, ou seja, auto-organizando as informações obtidas dos textos. Com essas informações organizadas, surgiu o momento de dialogar com os teóricos que abordam o mesmo tema em estudo, promovendo uma compreensão mais intensa, produzindo o metatexto. Através das categorias, foram produzidos os argumentos para a escrita dos metatextos. Segundo Moraes e Galiuzzi:

Os metatextos são constituídos de descrição e interpretação, representando o conjunto, um modo de teorização sobre os fenômenos investigados. A qualidade dos textos resultantes das análises não depende apenas de sua validade e confiabilidade, mas é, também, consequência do fato de o pesquisador assumir-se autor de seus argumentos (MORAES; GALIAZZI, 2016, p. 54).

O metatexto foi produzido com as principais ideias emergentes das análises realizadas, apresentando os argumentos produzidos pela pesquisadora com as novas compreensões atingidas. Dessa forma, em momentos recursivos e de aproximações entre as categorias produzidas, ampliou-se o entendimento do fenômeno estudado, expandindo suas compreensões, criando novos entendimentos sobre a realidade. Para Triviños (2013), não é possível analisar as informações de uma pesquisa qualitativa tal como elas se apresentam, é necessário “organizá-las, classificá-las e, o que é mais importante, interpretá-las dentro de um contexto amplo, para distinguir o fundamental do desnecessário, buscar explicações e

significados dos pontos de vista” (TRIVIÑOS, 2013, p. 170). Assim, buscou-se uma nova compreensão do *corpus* de análise, descrevendo e interpretando o que tem de significativo, as informações que são fundamentais para a pesquisa.

### 3.4 O EXERCÍCIO DE ANÁLISE DAS INFORMAÇÕES

O exercício de análise das informações produzidas se deu de acordo com os postulados de Moraes e Galiazzi (2016). O processo de análise iniciou com a separação de cada conjunto de informações que constituíram o *corpus* de análise da pesquisa, ou seja, as entrevistas semiestruturadas, realizando-se uma leitura atenta. Após, deu-se início ao processo de desmontagem dos textos, ou seja, a desconstrução das entrevistas. Essa foi realizada no word, fragmentando-se o texto, sendo encontradas 143 unidades de significado, que foram codificadas com números e, por fim, estabeleceu-se as categorias iniciais, sendo identificadas por cores diferentes. Para Moraes e Galiazzi:

Uma análise supõe sempre uma leitura cuidadosa e aprofundada e pormenorizada dos materiais do “*corpus*”, garantindo-se ao mesmo movimento a separação e o isolamento de cada fração significativa. Este trabalho pode ser entendido como levar o sistema ao limite do caos. A partir disso, criam-se condições para a emergência de interpretações criativas e originais, produzidas a partir da capacidade do pesquisador de estabelecer e identificar relações entre as partes e o todo. O raio de uma tempestade só é possibilitado pela formação de um sistema conturbado de nuvens em permanente agitação e movimento (MORAES; GALIAZZI, 2016, p. 22).

Diante da desmontagem dos textos, ou seja, da fragmentação do *corpus*, adquiriu-se capacidade para formar novas compreensões em relação ao fenômeno estudado. O quadro 3 exemplifica a realização da fragmentação, onde mostra uma das unidades de significado, da entrevista semiestruturada, de uma das participantes do projeto, identificada pelo nome fictício de Elsa.

**Quadro 3** – Fragmentação do texto e codificação de cada unidade de significado.

<b>Código</b>	<b>Unidade de significado</b>	<b>Comentários</b>	<b>Categoria inicial</b>
Elsa - 03	Eu acho fantástico, fundamental, maravilhoso. Bom, a minha área que é Geografia, é a possibilidade deles verem, concretizarem tudo o que, às vezes, a gente está falando explicando e com a mídia eles conseguem visualizar e isso enriquece muito.	Como é importante utilizar as mídias cinemáticas para ensinar. Qualificar os conteúdos em sala de aula.	Importância das mídias cinemáticas para qualificar o ensino.

Fonte: a pesquisadora.

Terminado o processo de unitarização, ou seja, a desmontagem dos textos, deu-se início a segunda etapa, realizou-se a categorização do *corpus* de análise. Comparando as unidades de sentido, agrupando as semelhantes e classificando-as de acordo com as cores, foram encontradas 13 categorias iniciais, as quais destacam um aspecto importante do fenômeno em estudo. Sobre o processo de categorização, Moraes e Galiazzi consideram que:

A categorização corresponde a um processo de classificação das unidades de análise produzidas a partir do *corpus*. É com base nela que se constrói a estrutura de compreensão e de explicação dos fenômenos investigados. Da classificação das unidades de análise resultam as categorias, cada uma delas destacando um aspecto específico e importante dos fenômenos investigados. Cada categoria corresponde a um conjunto de unidades de análise que se organiza a partir de algum aspecto de semelhança que as aproxima. As categorias são construídas linguisticamente, não tendo por isso limites precisos (MORAES; GALIAZZI, 2016, p. 138).

A categorização reúne os elementos semelhantes, identificando-os por determinadas características específicas, nomeando e definindo as categorias iniciais, na medida em que vão sendo elaboradas, conforme se exemplifica no quadro 4.

**Quadro 4** – Categorização: a construção dos significados.

<b>Código</b>	<b>Unidade de significado</b>	<b>Comentários</b>	<b>Categoria inicial</b>
Emmet – 21	Tu conversar com o diferente é muito bom porque tu cresce, mas tu escutar os iguais a ti, com ideias ou com situações que não são as tuas, é melhor ainda, porque aí tu vai ter outra forma de encarar o diferente, então, isso, é crescimento sempre, e sempre é bom.	Dividir experiências com outros professores.	Aprendizagem com o outro.

Mônica – 13	Com certeza, debater sobre as mídias cinemáticas eu acho que sempre contribui, tanto pensando num projeto, quanto na sala de aula, porque na medida em que a gente ensina a gente também aprende, então, ali, sempre há uma troca. Se estamos debatendo sobre um filme são levantadas questões que eu nem tinha pensado, e eu também levantei em alguns momentos questões que eles também não tinham pensado, então, há sim, essa troca e acredito que é muito importante, que a gente aprende ensinando.	Discutir com os professores vivências sobre um mesmo tema.	Aprendizagem com o outro.
-------------	---	--	---------------------------

Fonte: a pesquisadora.

Finalizado o processo de categorização em todas as entrevistas semiestruturadas, onde cada *corpus* foi separado e analisado, foi feita a comparação das categorias iniciais, agrupando as semelhantes, as que demarcavam os mesmos elementos significativos, surgindo assim, as categorias intermediárias. Por fim, agrupou-se categorias intermediárias semelhantes, constituindo as categorias finais. De acordo com Moraes e Galiazzi:

Os sistemas de categorias podem ser constituídos de categorias iniciais, intermediárias ou finais. As categorias finais são mais amplas, englobando mais elementos. No seu conjunto, formam sistemas ou redes de conceitos, capazes de exibir os elementos mais marcantes dos textos analisados (MORAES; GALIAZZI, 2016, p. 139).

Dessa forma, surgiram quatro categorias intermediárias, que são categorias mais abrangentes que as iniciais. Seguindo o processo de categorização, chegamos a duas categorias finais, consideradas as mais amplas da análise. Conforme disposto no quadro 5, é possível visualizar como se deu o processo de categorização, das categorias iniciais, das intermediárias até as categorias finais, quando surgem novas compreensões do fenômeno analisado.

**Quadro 5 – O processo de categorização.**

<b>Categorias iniciais</b>	<b>Categorias intermediárias</b>	<b>Categorias finais</b>
Faltam práticas formativas na aprendizagem docente; Aprendizagem com o outro; Importância da participação na formação continuada.	A importância da formação continuada na práxis do professor.	<b>As mídias cinemáticas e a práxis do professor na Educação Básica.</b>

Diversidade de recursos e metodologias de ensino; Importância do planejamento para trabalhar as mídias cinemáticas; Importância de trabalhar de forma interdisciplinar.	O professor como mediador do processo educativo.	<b>As mídias cinemáticas como possibilidade para transversalizar a Educação Ambiental na Educação Básica.</b>
Importância das mídias cinemáticas para qualificar o ensino; Mídias cinemáticas na contextualização do conteúdo; Mídias cinemáticas tornam o ensino atrativo e significativo; Ensino crítico e transformador; A relação entre as mídias e o cotidiano.	A importância das mídias cinemáticas para transversalizar a Educação Ambiental na perspectiva crítica e transformadora.	<b>As mídias cinemáticas como possibilidade para transversalizar a Educação Ambiental na Educação Básica.</b>
Questões de infraestrutura escolar; Mídias cinemáticas e sua relação com o tempo escolar.	Condicionantes sociais da educação como um dos desafios para trabalhar com as mídias cinemáticas.	<b>As mídias cinemáticas como possibilidade para transversalizar a Educação Ambiental na Educação Básica.</b>

Fonte: a pesquisadora.

Essas categorias emergentes, que surgiram durante o processo de análise das entrevistas semiestruturadas, possibilitaram uma nova compreensão sobre o fenômeno estudado, a partir da análise do *corpus*. As duas categorias emergentes foram: “As mídias cinemáticas e a práxis do professor na Educação Básica” e “As mídias cinemáticas como possibilidade para transversalizar a Educação Ambiental na Educação Básica”. A posteriori, constituíram-se os metatextos, última etapa do processo de ATD. Conforme Moraes e Galiazzi:

Todo o processo de Análise Textual Discursiva volta-se à produção do metatexto. A partir da unitarização e categorização constrói-se a estrutura básica do metatexto. Uma vez construídas as categorias, estabelecem-se pontes entre elas, investigam-se possíveis sequências em que poderiam ser organizadas, sempre no sentido de expressar com maior clareza as intuições e compreensões atingidas. Simultaneamente, o pesquisador pode ir produzindo textos parciais para as diferentes categorias que, gradativamente, poderão ser integrados na estruturação do texto como um todo. A impregnação do pesquisador com o material analisado possibilitará a tomada de decisão sobre um encaminhamento adequado na construção desses metatextos (MORAES; GALIAZZI, 2016, p. 54).

Os quadros 6 e 7 apresentam o resumo de cada categoria emergente, seguido das suas respectivas palavras-chave.

**Quadro 6** – Resumo e palavras-chave da categoria “As mídias cinemáticas e a práxis do professor na Educação Básica”.

**Resumo:** Essa categoria revela a relação existente entre as mídias cinemáticas e a Educação Básica, a qual problematiza a importância da formação continuada na práxis do professor, ou seja, na ação-reflexão. Na ação transformadora que a continuidade dos estudos pode proporcionar na formação docente, por meio das mídias cinemáticas, pois estas contribuem para a reflexão sobre os conteúdos trabalhados em sala de aula e os temas atuais que permeiam a Educação Básica.

**Palavras-chave:** Educação Básica. Formação de professores. Mídias cinemáticas. Práxis.

Fonte: a pesquisadora.

**Quadro 7** – Resumo e palavras-chave da categoria “As mídias cinemáticas como possibilidade para transversalizar a Educação Ambiental na Educação Básica”.

**Resumo:** Os dados categorizados revelam que é possível transversalizar a Educação Ambiental através das mídias cinemáticas, no entanto, existem condicionantes sociais da educação que tornam essa possibilidade um desafio para trabalhar com a mídia cinemática. Considerando o papel do professor como mediador do processo de ensino-aprendizagem, este compreende a importância das mídias cinemáticas para transversalizar a Educação Ambiental em uma perspectiva crítica e transformadora, apostando neste recurso para contextualizar o conteúdo e qualificar o ensino.

**Palavras-chave:** Educação Ambiental. Mídias cinemáticas. Transversalidade.

Fonte: a pesquisadora.

A partir das categorias finais emergentes do processo de análise, organizou-se os resumos acima, com os quais foi possível elaborar argumentos que contribuíram para a construção dos metatextos. Dessa forma, problematizou-se, em cada metatexto, os argumentos das respectivas categorias, os quais permitiram compreender os elementos para transversalizar a Educação Ambiental no currículo da área do conhecimento de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas (EM), Ciências Humanas (EF) e Linguagens e suas Tecnologias (EF e EM), da Educação Básica, a partir do uso das mídias cinemáticas.

Os próximos capítulos trazem os metatextos construídos com base na ATD, apresentando os referenciais teóricos que fundamentam os argumentos elaborados. Propõe-se discutir as mídias cinemáticas como possibilidade de transversalizar a Educação Ambiental em sala de aula, na Educação Básica, nas áreas do conhecimento de Ciências Humanas (EF), Ciências Humanas e Sociais Aplicadas (EM) e Linguagens e suas Tecnologias (EF e EM). Apresenta-se, nesses, os elementos que os professores, sujeitos da pesquisa, consideram fundamentais para transversalizar a Educação Ambiental na Educação Básica, por meio das mídias cinemáticas.

No metatexto intitulado “As mídias cinemáticas e a práxis do professor na Educação Básica”, ou seja, a primeira categoria emergente, articula-se e discute-se as compreensões sobre as mídias cinemáticas e a práxis do professor. Destacam-se argumentos trazidos pelos

professores que participaram da pesquisa, tais como: a importância da participação na formação continuada, as possibilidades de aprendizagem com o outro e, por fim, segundo os sujeitos da pesquisa, faltam práticas formativas na aprendizagem docente, para que se possa trabalhar com as mídias cinemáticas, em sala de aula.

No segundo metatexto, intitulado “As mídias cinemáticas como possibilidade para transversalizar a Educação Ambiental na Educação Básica”, debate-se a relação entre as mídias cinemáticas e a possibilidade de transversalizar a Educação Ambiental, sendo considerados para a existência dessa relação os seguintes elementos: as questões da infraestrutura escolar, o tempo escolar (hora/aula), o planejamento e a educação crítica e transformadora. Esses foram elencados pelos professores participantes da pesquisa, como fundamentais para trabalhar com as mídias cinemáticas, na Educação Básica.

## 4 AS MÍDIAS CINEMÁTICAS E A PRÁXIS DO PROFESSOR NA EDUCAÇÃO BÁSICA

Este metatexto articula e discute as compreensões sobre as mídias cinemáticas e a práxis do professor, problematizando a importância da formação continuada no fazer docente, ou seja, na ação-reflexão. Destacam-se os argumentos trazidos pelos professores entrevistados, que participaram do Projeto de Extensão, que necessitam ser considerados na práxis do professor da Educação Básica, tais como: a importância da participação na formação continuada, as possibilidades de aprendizagem com o outro e, por fim, a necessidade de intensificar e fortalecer práticas formativas que possam contribuir com a aprendizagem docente.

A formação continuada pode proporcionar uma ação transformadora ao fazer docente, e as mídias cinemáticas podem auxiliar nesse processo, pois contribuem para a reflexão sobre os temas abordados em sala de aula que permeiam a Educação Ambiental. Problematizar a formação continuada na práxis do professor é muito importante, pois de acordo com Freire (2018, p. 52), práxis significa “a reflexão e ação dos homens sobre o mundo para transformá-lo.” Assim, a formação continuada possibilita uma transformação no fazer docente, que passa pela conscientização do professor em querer transformar suas ações em sala de aula. Para Freire:

A conscientização é isto; tomar posse da realidade; por esta razão, e por causa da radicação utópica que a informa, é um afastamento da realidade. A conscientização produz a desmitologização. É evidente e impressionante, mas os opressores jamais poderão provocar a conscientização para a libertação: como desmitologizar, se eu oprimo? Ao contrário, porque sou opressor, tenho a tendência a mistificar a realidade que se dá à captação dos oprimidos, para os quais a captação é feita de maneira mística e não crítica. O trabalho humanizante não poderá ser outro senão o trabalho da desmistificação (FREIRE, 1980, p. 29).

A conscientização é a reflexão da ação consciente do ser humano. Ao abordar o pensamento freireano, Freitas (2017, p. 88) destaca que é “através da conscientização que os sujeitos assumem seu compromisso histórico no processo de fazer e refazer o mundo, dentro de possibilidades concretas, fazendo e refazendo também a si mesmos”. Ao buscarem por uma formação continuada, os professores acreditam na superação da opressão, partindo da ação-reflexão, tendo a oportunidade de refletir e de dialogar com seus pares, fazendo suas próprias escolhas. Assim, o sentido de práxis para Freire, de acordo com Freitas e Freitas (2016),

fundamenta-se no diálogo, na reflexão e na ação, interpretada como “o conjunto de relações entre o modo de compreender criticamente a realidade e a consequente prática que decorre dessa compreensão, a partir do encaminhamento de ações transformadoras sobre essa mesma realidade” (FREITAS; FREITAS, 2016, p. 127). Para Freire, a categoria diálogo é central num processo de transformação social, pois através dele podemos olhar, ler e interpretar o mundo. Zitzoski, ao definir o verbete diálogo, no Dicionário Paulo Freire, afirma que:

O diálogo é a força que impulsiona o pensar crítico – problematizador em relação à condição humana no mundo. Através do diálogo podemos dizer o mundo segundo nosso modo de ver. Além disso, o diálogo implica uma práxis social, que é o compromisso entre a palavra dita e nossa ação humanizadora (ZITKOSKI, 2017, p. 117).

Nessa mesma direção, Loureiro (2012) aponta que o processo de conscientização é caracterizado pela ação com conhecimento, onde podemos fazer opções, tendo compromisso com a vida e com o outro. E a Educação Ambiental promove essa conscientização dada na relação entre o eu, o outro e o mundo. De acordo com Loureiro (2012, p. 34), “a ação conscientizadora é mútua, envolve capacidade crítica, diálogo, a assimilação de diferentes saberes, e a transformação ativa da realidade e das condições de vida.” Percebe-se na escrita acima, o elo que existe entre os pressupostos da Educação Ambiental Crítica e Transformadora com o pensamento freireano, pois ambos partem de relações horizontalizadas e dialógicas de reflexão e ação no mundo, procurando romper com as desigualdades das relações sociais.

De acordo com Arrais e Bizerril, os pensamentos de Freire possuem importantes implicações para a Educação Ambiental:

[...] (i) explorar abordagens além da concepção “bancária”; (ii) discutir o processo de transição da consciência ingênua para a crítica por meio de uma educação libertadora, problematizadora e popular, voltada para a superação da opressão e dos efeitos do capitalismo na desagregação entre humanidade e natureza; (iii) apostar na educação como um processo dialógico pelo qual os seres humanos se educam, em conjunto, mediatizados pelo mundo, e que não pode ser resumida a puro ativismo; (iv) desvelar as situações-limites que marcam a realidade opressora e desumanizante; e (v) acreditar em uma educação que prioriza o desenvolvimento de um pensamento crítico para o rompimento de tais situações, evidenciando uma preocupação com a injustiça e exclusão social que atinge as classes populares (ARRAIS; BIZERRIL, 2020, p. 155).

Esses autores acreditam que o pensamento freireano contribui para a implementação da Educação Ambiental Crítica, pois apostam na educação como um processo dialógico, de

transformação da realidade, onde os sujeitos se educam coletivamente, mediatizados pelo mundo. Também Freire (2016) afirma que a educação é uma forma de intervir no mundo, e para a Educação Ambiental Crítica e Transformadora, de acordo com Loureiro (2007, p. 81), a educação “é um processo permanente, cotidiano e coletivo pelo qual agimos e refletimos, transformando a realidade de vida”. Tanto para Freire quanto para a Educação Ambiental, a dimensão educativa possibilita a formação de sujeitos críticos, conscientes, emancipados e transformadores da realidade de vida, pela qual a relação do ser humano com o mundo, se dá pelo diálogo. É através da educação permanente que vamos nos constituindo enquanto sujeitos nas relações individuais e coletivas, redefinindo o nosso ser e estar no mundo.

Ao utilizar as mídias cinemáticas em sala de aula, essas favorecem a discussão das questões socioambientais, a reflexão, o diálogo, a problematização da realidade e o despertar da conscientização. Apostou-se, com o Projeto de Extensão referido nesta pesquisa, em uma prática libertadora, por meio da ação-reflexão dos professores, almejando a transformação da sociedade. Dessa forma, os professores participantes do projeto, buscaram conhecimentos para transversalizar a Educação Ambiental, através das mídias cinemáticas, dialogando com seus pares, assimilando diferentes saberes, para transformarem o seu fazer docente. Nesse sentido, destaca-se a fala da professora Bela:

*Entrei em contato com outros autores, consegui discutir com pessoas de outras áreas, de História só havia eu, pessoal de Geografia, pessoal de Letras e a gente vê, realmente, que os discursos são diferentes e que a pessoa fala de outro lugar, isso foi muito bom, a troca de saberes. É uma outra forma da gente pensar na sala de aula, além do conteúdo, de pensar realmente nessas questões ambientais que estão aí (BELA, 2019, Entrevista).*

Partindo da fala da professora, ressalta-se a importância da formação continuada promovida pelo Projeto de Extensão referido nesta pesquisa. A formação possibilitou que professores pertencentes à rede pública de Educação realizassem o estudo e as discussões teóricas e metodológicas sobre como transversalizar a Educação Ambiental nos currículos das áreas do conhecimento da Educação Básica, além de refletir e dialogar com colegas de outras disciplinas, qualificando o seu fazer docente. Referindo-se à práxis, ao optarem por participar desse projeto, os professores fizeram uma escolha livre e consciente, estabelecida na relação com o outro, através do diálogo. Destaca-se a fala do professor Emmet: “*Tu conversar com o diferente é muito bom porque tu cresce, mas tu escutar os iguais a ti, com ideias ou com situações que não são as tuas, é melhor ainda, porque aí tu vai ter outra forma de encarar o*

*diferente, então, isso é crescimento sempre. E sempre é bom” (EMMET, 2019, Entrevista).* Percebe-se que o diálogo permeou a formação dos professores, oportunizando o conhecimento sobre a Educação Ambiental, nas diferentes disciplinas.

Loureiro aponta que a práxis é uma atividade que pressupõe um sujeito livre e consciente, é uma ação intersubjetiva:

A práxis se refere à ação intersubjetiva, entre pessoas e dos cidadãos e não à produção de material e de objetos, que se relaciona ao trabalho, ambas estando, evidentemente, interligadas. É uma atividade relativa à liberdade e às escolhas conscientes, feitas pela interação dialógica e pelas mediações que estabelecemos com o outro, a sociedade e o mundo. É, portanto, um conceito central para a educação e, particularmente, para a Educação Ambiental, uma vez que conhecer, agir e se perceber no ambiente deixa de ser um ato teórico-cognitivo e torna-se um processo que se inicia nas impressões genéricas e intuitivas e que se vai tornando complexo e concreto na práxis (LOUREIRO, 2012, p. 144).

Esses professores optaram por qualificar seu fazer docente, que é fundamental para o processo reflexivo da ação, estando essa ligada à subjetividade do professor, transformando o ambiente em que estão inseridos. A práxis está em constante movimento, as atividades que a permeiam permitem que o professor possa conduzir o processo de ensino-aprendizagem estando teoricamente fundamentado, compreendendo a realidade, levando a uma ação transformadora. Conforme o pensamento freireano, Rossato destaca:

A práxis implica a teoria como um conjunto de ideias capazes de interpretar um dado fenômeno ou momento histórico, que, num segundo momento, leva um novo enunciado, em que o sujeito diz a sua palavra sobre o mundo e passa a agir para transformar esta realidade. É uma síntese entre teoria-palavra e ação. A palavra enquanto compreensão exige a transformação e torna-se indissociável da necessidade de atuação: torna-se, pois, palavração, segundo o neologismo de Paulo Freire. A partir do momento em que alguém compreende e toma consciência do seu papel no mundo, sua transformação se torna inevitável e gera, portanto, uma ação para atingir tal fim (ROSSATO, 2010, p. 326).

Vale ressaltar a importância da formação continuada para a práxis do professor, pois esse necessita permanecer em constante movimento e formação, em diálogo com seus pares, para dar conta do conjunto de interfaces do fazer docente, colaborando para a transformação da realidade. Ressalta-se a fala da professora Elsa (2019, Entrevista) sobre a formação continuada: *“Eu participo de todos que aparecem, que eu tenho a oportunidade, os da SMed, eles divulgam bastante, então, o que dá para eu participar e me liberarem eu faço.”* Dessa forma, entendemos

como formação continuada de professores, o exposto nas DCNs para a formação inicial de Professores para a Educação Básica, a partir da Resolução nº 2, de 20 de dezembro de 2019, no seu artigo 6º, em consonância com os marcos regulatórios, em especial com a BNCC, tem como princípios relevantes:

VIII – a formação continuada que deve ser entendida como componente essencial para a profissionalização docente, devendo integrar-se ao cotidiano da instituição educativa e considerar os diferentes saberes e a experiência docente, bem como o projeto pedagógico da instituição de Educação Básica na qual atua o docente; [...] (BRASIL, 2019).

A formação continuada contribui para a transformação de hábitos, valores e atitudes dos professores que potencializam suas aprendizagens, seus saberes e suas práticas, ampliando os conhecimentos em relação à Educação Ambiental, com o uso das mídias cinemáticas, a partir das trocas de saberes e experiências com os colegas participantes. De acordo com Molon, a formação continuada é um processo que se refere à prática reflexiva implicada na “vida cotidiana, nos saberes e fazeres das experiências históricas, coletivas e singulares e nas condições sócio-político-econômico-histórico-ecológicas e ambientais determinantes na sociedade que condicionam a realidade social” (MOLON, 2009, p. 165). Assim, a formação continuada de professores é compreendida como indispensável para a prática educativa e constituição do fazer docente. Sobre o aperfeiçoamento profissional, considera-se a fala da professora que pondera:

*Sempre que possível, que a mantenedora permite, eu procuro participar. Sempre que possível eu procuro fazer os da prefeitura. Mas estou sempre procurando outros cursos, por fora. Pela FURG. O curso de Educação Inclusiva mesmo eu senti necessidade, porque como está entrando muito aluno com problemas de aprendizagem, então, eu fui atrás, fazer o curso para poder estar apta a trabalhar com eles (CAROL, 2019, Entrevista).*

A formação continuada sempre proporciona novos saberes e novos conhecimentos, enriquecendo a práxis dos professores. A práxis, ao produzir ação-reflexão, transforma a realidade de modo crítico, sendo de fundamental importância na busca por aperfeiçoamento profissional docente, pois é no espaço educativo que serão discutidas as práticas pedagógicas, além de valores, atitudes e ações necessárias para a inserção da discussão de temas atuais. Vejamos o que diz a professora Mônica: “*Eu participo de cursos de formação continuada,*

*participava dos que eram proporcionados na escola e também sempre busquei outros que pudessem enriquecer as minhas práticas” (MÔNICA, 2019, Entrevista). Portanto, partindo da ideia de que a formação continuada potencializa a ação-reflexão, entende-se que:*

A práxis assume uma dimensão histórica que busca compreender o homem e o mundo em permanente processo de transformação. A ação do homem sobre o mundo a partir da sua compreensão origina uma forma de ser intrinsecamente ligada ao pensar. A práxis torna-se um produto sócio- histórico próprio do homem consciente que faz da sua presença no mundo uma forma de agir sobre o mesmo. Paulo Freire aplica esta dimensão à educação: o homem educa-se em totalidade num constante processo de devir, em comunhão com os outros, dizendo sua palavra sobre o mundo. Dizer a palavra é definir o seu lugar na história (ROSSATO, 2017, p. 327).

Em diálogo com a compreensão de práxis, entendo ser relevante a articulação com a transversalidade. A práxis, ou seja, a ação-reflexão, contribui para a realização de atividades que pretendam transversalizar a Educação Ambiental, a partir do uso das mídias cinemáticas. Desse modo, para transversalizar a Educação Ambiental, os professores têm que buscar um diálogo permanente com seus colegas, pois isoladamente nenhum consegue tratar todas as questões socioambientais, desta forma, destaca-se a importância da ação-reflexão para que ocorra a transversalidade. Para Oliveira:

A transversalidade da questão ambiental é justificada pelo fato de que seus conteúdos, de caráter tanto conceituais (conceitos, fatos e princípios), como procedimentais (relacionados com os processos de produção e de resignificação dos conhecimentos), e também atitudinais (valores, normas e atitudes), formam campos com determinadas características em comum: não estão configurados como áreas ou disciplinas; podem ser abordados a partir de uma multiplicidade de áreas; estão ligados ao conhecimento adquirido por meio da experiência, com repercussão direta na vida cotidiana; envolvem fundamentalmente procedimentos e atitudes, cuja assimilação deve ser observada a longo prazo (OLIVEIRA, 2007, p. 108).

Com a transversalidade, os professores passam a pensar a escola e a vida de forma mais ampla e integrada, trazendo a realidade local ou global e o cotidiano dos alunos para o debate em sala de aula. Qualquer que seja a área do conhecimento referida nesta pesquisa, pode utilizar-se das mídias cinemáticas para essa discussão, pois favorecem o desenvolvimento das questões socioambientais, tais como: atitudes e valores, como por exemplo, a cooperação, a solidariedade, o respeito, assim como, os conteúdos específicos dos componentes curriculares. Conforme Arrais e Bizerril:

A escola é um ambiente frutífero para a produção de relações mais justas que prezem pelo diálogo, democracia e por práticas mais igualitárias e humanizadoras, mediante abordagens teórico-metodológicas que priorizam a perspectiva interdisciplinar, crítica e problematizadora; a contextualização; a articulação entre as dimensões local e global; a avaliação crítica; a ação participativa e o caráter contínuo e permanente da Educação Ambiental (ARRAIS; BIZERRIL, 2020, p. 156).

Dessa forma, almeja-se a formação integral do aluno, ampliando suas visões de mundo, valores culturais, éticos, políticos, pensamento crítico, buscando uma ação transformadora da realidade de vida. E, para que isso se efetive no chão das escolas, é necessária a constituição/formação de um professor crítico, capaz de mediar esse processo de leitura e interpretação do mundo. Logo, faz-se necessário assegurar o direito à formação continuada dos professores e garantir a permanência de ações que qualificam o fazer docente nas escolas de Educação Básica.

Portanto, transversalizar a Educação Ambiental, através das mídias cinemáticas, pode ser um dos caminhos para promover a consciência crítica e emancipadora. A consciência crítica, de acordo com Arrais e Bizerril (2020) se caracteriza pelo reconhecimento de uma realidade que pode ser transformada, pela análise dos problemas, pela aposta no diálogo, no engajamento sociopolítico, na investigação e na indagação. Dessa forma, é por meio do diálogo, promovendo ações críticas, dialógicas e conscientizadoras, capazes de transformar a realidade, sensibilizando os alunos e, conseqüentemente, a sociedade para mudar seus hábitos e suas atitudes, que almejamos um ambiente mais saudável para viver, com justiça social e sustentabilidade ambiental. Assim, a discussão sobre a Educação Ambiental, na Educação Básica, pode ocorrer a partir de ações educativas cujo planejamento se fundamenta na transversalidade. De acordo com a Resolução nº 2, de 15 de junho de 2012, do Conselho Nacional de Educação que estabelece as DCNEA, no seu artigo 16:

A inserção dos conhecimentos concernentes à Educação Ambiental nos currículos da Educação Básica e da Educação Superior pode ocorrer:

- I - *pela transversalidade*, mediante temas relacionados com o meio ambiente e a sustentabilidade socioambiental;
- II- como conteúdo dos componentes já constantes do currículo;
- III - pela combinação de transversalidade e de tratamento nos componentes curriculares (BRASIL, 2012, grifo da pesquisadora).

Assim, cabe à escola incluir no seu currículo a discussão da Educação Ambiental através da transversalidade, ou seja, perpassando todos os componentes curriculares, pois aquela pode

ser considerada um saber comum a todos os campos do conhecimento, dialogando com ambos, tratando de temas atuais, tanto da realidade local como global, tendo por finalidade a construção de valores, conceitos, habilidades e atitudes, transformando práticas individuais e coletivas. De acordo com Mendonça, para trabalhar com a Educação Ambiental necessita-se considerar:

1. Inserir a Educação Ambiental com sua condição de transversalidade para se contrapor à lógica segmentada do currículo, contemplando o ideal de uma nova organização de conhecimentos por meio de práticas interdisciplinares.
2. Trabalhar o conceito crítico de Educação Ambiental, ampliando seu significado para um movimento de pertencimento e co-responsabilidade das ações coletivas, visando o bem-estar da comunidade.
3. A mudança de valores e atitudes nos indivíduos, pela compreensão da complexidade, as partes não mudam necessariamente o todo, pois ambas têm um movimento dialético cujas conexões indivíduo *versus* grupo podem gerar mudança afetiva.
4. Consequentemente, o processo de Educação Ambiental incide ao mesmo tempo no individual e no coletivo e, no caso da escola, isto pressupõe também um aprendizado institucional, ou seja, seria necessário que a “instituição escola” se submetesse a uma mudança de agenda e procedimentos burocráticos (MENDONÇA, 2007, p. 47).

Ao realizar essa tarefa, a escola e os seus professores, numa ação coletiva, podem mudar as atitudes e os valores dos indivíduos, contribuindo para mudanças na sociedade, melhorando a qualidade de vida das pessoas, cumprindo com sua função social. Em relação ao processo de inserção da Educação Ambiental na escola, a partir do uso das mídias cinemáticas, destaca-se a importância dos professores, pois, segundo Tardif, eles ocupam “uma posição fundamental em relação ao conjunto dos agentes escolares: em seu trabalho cotidiano com os alunos, são eles os principais atores e mediadores da cultura e dos saberes escolares” (TARDIF, 2014, p. 228). Ressalta-se a importância da formação continuada dos professores, que em seu fazer docente cotidiano necessitam dar conta da diversidade de saberes escolares, atuando como mediadores desse processo.

Para Freire (2016), somos seres inacabados, inconclusos. Se somos inacabados, estamos sempre aprendendo e fazendo-nos na relação com o mundo e com os outros. A professora Mônica destaca a oportunidade de troca de saberes durante a formação sobre Mídias Cinemáticas e Educação Ambiental: “*Com certeza, debater sobre as mídias cinemáticas eu acho que sempre contribui, tanto pensando num projeto, quanto na sala de aula, porque na medida em que a gente ensina, a gente também aprende, então, ali, sempre há uma troca*” (MÔNICA, 2019, Entrevista). Essa relação de troca de conhecimentos é problematizada pela

Educação Ambiental, conforme Loureiro (2012, p. 25): “a transformação do “eu” é mediatizada pela sociedade, que por nós é constituída (e pela qual somos constituídos), e pelas relações com “outro”. Nas relações que estebelecemos durante a vida, na escuta do outro, estamos sempre aprendendo, e durante o curso, através do diálogo, os professores tiveram a oportunidade de informar-se sobre como transversalizar a Educação Ambiental através do uso das mídias cinemáticas, conhecendo a prática de seus pares, fazendo-os refletir sobre a sua práxis. Segundo Napolitano, existem duas formas desafiadoras e instigantes para trabalhar com as mídias cinemáticas em sala de aula:

a) Como um “texto” gerador de debates articulados a temas previamente selecionados pelo professor. Esta abordagem pode ser mais adequada no trabalho com os temas transversais: cidadania, meio ambiente, sexualidade, diversidade cultural, etc. Em princípio todos os filmes, [...] são veículos de valores, conceitos e atitudes, neste sentido, o cinema é um ótimo recurso para discuti-los.

b) Podem ser vistas como um documento em si. Neste caso, é analisada e discutida como produto cultural e estético que veicula valores, conceitos, atitudes e representações sobre a sociedade, a ciência, a política e a história (NAPOLITANO, 2009, p. 20).

Dessa forma, consideramos pertinente a utilização das mídias cinemáticas nos estudos sobre Educação Ambiental, para transversalizá-la no currículo das áreas do conhecimento de Ciências Humanas (EF), Ciências Humanas e Sociais Aplicadas (EM) e Linguagens e suas Tecnologias (EF e EM), configurando-se numa prática do professor no processo de ensinar e aprender, que contribui para a transformação social, fornecendo aos alunos, subsídios para fomentar a compreensão da realidade a qual pertencem. Assim, existem alguns elementos abordados por Napolitano (2011) que os professores tem que levar em consideração na sua práxis para elaborar atividades com as mídias cinemáticas. De acordo com Napolitano (2011), para a utilização das mídias cinemáticas em sala de aula é salutar considerar alguns aspectos: o primeiro passo é escolher a mídia, sendo importante a articulação do seu conteúdo com os conceitos que serão trabalhados, que temas serão abordados e a adequação à faixa etária da turma, pois é necessário articular o conteúdo da mídia cinemática com as questões socioambientais estudadas em sala de aula. De acordo com Napolitano, o planejamento da aula, com o uso deste artefato cultural, passa por três elementos básicos:

Conteúdo curricular: podem ser abordados conforme os temas e conteúdos curriculares das diversas disciplinas que formam as grades do ensino fundamental e médio.

Habilidades e competências: ajuda a desenvolver competências e habilidades diversas, tais como leitura e elaboração de textos; aprimoram a capacidade narrativa e descritiva; decodificam signos e códigos não verbais; aperfeiçoam a criatividade artística e intelectual; desenvolvem a capacidade de crítica sociocultural e político-ideológica.

Conceitos: os conceitos presentes nos argumentos, nos roteiros e nas situações direta ou indiretamente relacionadas com os filmes selecionados pelo professor são inumeráveis (NAPOLITANO, 2011, p. 19).

Em relação à abordagem da mídia cinemática conforme a faixa etária, é preciso que o professor reflita sobre o público ao qual a atividade planejada se destina, conhecendo o nível de desenvolvimento cognitivo de seus alunos, os limites e as possibilidades de alcance que possuem. Outro aspecto importante, destacado por Napolitano (2011), é inserir a mídia cinemática no planejamento – temática que será teorizada no próximo metatexto, pois esta precisa estar de acordo com os conceitos que serão trabalhados, com os objetivos da aula, e ainda, com a questão do tempo. Conforme ressalta Fusari (2009, p. 39), o professor pode criar alternativas para superar “a questão do tempo de aula com o tempo do filme, planejando, por exemplo, a atividade em parceria com outros colegas, o que poderá promover, principalmente, o diálogo interdisciplinar.” Ao inserir o trabalho com a mídia cinemática no seu planejamento, o professor organizará sua aula diante dessas questões, pois, concordando com Libâneo (2013), o planejamento é a organização do processo de ensino.

As mídias cinemáticas podem ser utilizadas com as seguintes propostas, de acordo com Napolitano (2011): sensibilização: quando serve para introduzir um novo assunto, para despertar a curiosidade e motivar o aluno para aprofundar-se no tema, ou como ilustração; ajudando na visualização dos assuntos que foram abordados. Sobre esta questão, a professora Mônica (2019, Entrevista) destaca: “[...] *penso que dá para usar em todos os momentos da aula, tanto para introduzir ou chamar a atenção, para começar a falar de um assunto, de determinada temática*”. Nota-se que as mídias cinemáticas podem ser utilizadas de maneiras diferentes durante o processo de aprendizagem, não existe uma única forma, o professor precisa inseri-la na sua aula, da maneira que considerar mais pertinente.

Ainda, conforme Napolitano (2011), é importante que o professor assista a mídia cinemática previamente e elabore um roteiro de análise que ajude o aluno a interpretá-la, a partir de um conjunto de questionamentos que permita que ele a relacione com as temáticas estudadas. Esse roteiro pode ser dividido em duas partes básicas:

- a) parte informativa: contendo a ficha técnica, nome do diretor, nacionalidade, sinopse

da história, ano de produção, tema central e outros que o professor julgar necessário. Para Napolitano (2011), essa parte serve como subsídio para o aluno.

b) parte interpretativa: contendo questões interrogativas que dirijam o olhar do aluno para os aspectos mais importantes e significativos da mídia, baseado nas questões que serão debatidas em sala de aula. Essas questões, de acordo com Napolitano (2011), precisam estimular o raciocínio crítico do aluno em relação às questões trabalhadas.

Por fim, os professores podem organizar uma atividade de fechamento para promover a síntese do trabalho proposto. Para Napolitano (2011, p. 98), depois de interpretar e analisar a mídia cinemática, o núcleo central da discussão “pode se desdobrar em trabalhos complementares (de ordem temática, de linguagem ou com base nos problemas surgidos nos debates).” Essa atividade pode ser desenvolvida de forma individual ou coletiva, o importante é fazer um fechamento para que seja significativo para os alunos, fazendo com que eles tenham participação efetiva e demonstrem o conhecimento que foi adquirido através daquela mídia.

Enfim, preparar-se para uma aula, debatendo as questões socioambientais, com a utilização das mídias cinemáticas, ou seja, organizar um planejamento com esse recurso significa fazer uma leitura crítica das possibilidades de temas que podem ser trabalhados com determinada turma. Para Fusari (2009, p. 40), “significa lidar intelectual e emocionalmente com os temas abordados, tendo clareza da estimulação que vai ocorrer nos educandos e quais reações poderão acontecer.” Segundo esse autor, dificilmente um professor conseguirá prever tudo, mas vai se sentir seguro diante das possíveis situações que poderão surgir.

Posto isso, afirma-se a importância de cursos de formação continuada, para qualificar o fazer docente, pois a partir do diálogo proposto no curso Mídias Cinemáticas e Educação Ambiental, debatendo os aspectos abordados acima relacionados, os professores puderam compartilhar suas experiências e aprofundar seus conhecimentos diante das inúmeras possibilidades sobre como fazer para transversalizar a Educação Ambiental no currículo de suas disciplinas, com o uso das mídias cinemáticas em sala de aula. Apresentamos apenas um dos caminhos possíveis, tendo o professor a partir dos seus saberes, uma base para desenvolver seu trabalho, fundamentado com as discussões amparadas por Napolitano (2009; 2011) e por autores da Educação Ambiental, enriquecendo sua práxis.

A fala da professora Carol (2019) nos esclarece sobre a importância de cursos de formação continuada, onde os professores têm a oportunidade de dialogar com seus pares, dividindo suas experiências e refletindo sobre a sua práxis, possibilitando a transformação da

realidade a qual estão inseridos. Ao se referir sobre o curso de mídias cinemáticas, a professora conta que:

*Nós debatemos a questão de como a gente utilizava a mídia, cada um trouxe uma experiência, na realidade a formação foi em conjunto, então, todos trouxeram uma experiência, a gente fez a prática, assistimos aos filmes. Também pensamos em uma atividade através dos filmes, porque eu não sei se todos os professores, já tinham feito, pensado, se tinham trabalhado, então, o curso colocou na prática, a gente teve que ver o filme, teve que debater. Então, para mim, foi ótimo o debate, a construção de saberes, todos participaram muito ativamente, todos se envolveram, então, para mim foi excelente (CAROL, 2019, Entrevista).*

Dessa forma, os professores discutiram sobre como usar as mídias cinemáticas para transversalizar a Educação Ambiental no currículo da Educação Básica, trazendo para o debate seus anseios e suas dúvidas, pois, na maioria das vezes, o processo para utilizar as mídias em sala de aula começa sempre da mesma forma, conforme nos aponta Fantin:

*[...] pelos professores apaixonados e curiosos que vão fazendo experimentações na escola. E para que essas não fiquem isoladas, o diálogo com outras práticas é muito importante, pois a troca de experiências enriquece e fortalece a busca de seu reconhecimento. Este, por sua vez, propicia a legitimação política de tais experiências para criar outras possibilidades de trabalho (FANTIN, 2014, p. 47).*

Percebe-se na citação acima, que a utilização das mídias cinemáticas em sala de aula, na maioria das vezes, ocorre por interesse do educador em aprender a lidar com este tipo de recurso, pois faltam práticas formativas sobre mídias, na formação do professor. Ainda, de acordo com Fantin (2014, p. 47), “os professores não são preparados e não têm formação específica para tal”. Nesse sentido, destacamos a fala do professor DARTH, sobre práticas no uso das mídias cinemáticas:

*[...] uma coisa que a gente não é preparado dentro da Universidade, para dizer que eu nunca trabalhei com mídia foi um mini curso do Marcelo que ele nos ensinou a usar os desenhos animados em sala de aula, mas ninguém trabalhou. Então, tu estás aprendendo a cada dia e aprende com o outro. Essa questão das mídias como a gente nunca teve preparação é tentativa e erro porque tu não estás preparado (DARTH, 2019, Entrevista).*

Os professores também comentaram durante as entrevistas, que no decorrer de sua prática em sala de aula, sentiram a necessidade de trabalhar com as mídias e, dessa forma,

procuraram por artigos e textos que pudessem auxiliar no desenvolvimento de um planejamento com o uso dessas mídias, pois durante sua formação inicial não tiveram oportunidade, como declara a professora Elsa (2019, Entrevista): “*Se nós professores também tivéssemos formação dessa parte, de saber lidar com as ferramentas, a gente ia utilizar bem melhor os recursos*”. Para Fantin, os professores precisam de oportunidades para aprender sobre temáticas que julguem necessárias para sua prática em sala de aula:

Mas nem sempre isso é problema, pois com uma formação adequada eles podem aprender, assim como aprendem a respeito de muitas outras questões que fazem parte do processo ensino-aprendizagem. O importante é que o professor que queira aprender possa fazer a experiência, e uma das condições para tal é que ele não esteja sozinho, que possa trocar e ir construindo suas competências com as ferramentas necessárias, e, nesse caso, a troca de experiências atua como um dispositivo (FANTIN, 2014, p. 47).

Essa oportunidade de participar de cursos de formação continuada, sobre temas que fazem parte da prática dos professores, passa pelo processo de conscientização em querer transformar suas ações em sala de aula. Essa conscientização está fundamentada na práxis e no diálogo, onde o professor se fortalece com seus pares, pois a práxis, de acordo com Loureiro:

É uma atividade relativa à liberdade a às escolhas conscientes, feitas pela interação dialógica e pelas mediações que estabelecemos com o outro, a sociedade e o mundo. É, portanto, um conceito central para a educação e, particularmente, para a Educação Ambiental, uma vez que conhecer, agir e se perceber no ambiente deixa de ser um ato teórico-cognitivo e torna-se um processo que se inicia nas impressões genéricas e intuitivas e que se vai tornando complexo e concreto na práxis (LOUREIRO, 2012, p. 144).

Assim, a partir de cursos de formação continuada, o professor se prepara para escolher livremente os melhores caminhos que quer seguir no seu fazer docente, dialogando com seus pares e procurando por práticas formativas que sejam adequadas as suas escolhas. A práxis, ou seja, a ação-reflexão, fornece ao professor condições para uma transformação da realidade e do contexto o qual está inserido, a partir dos diálogos que são estabelecidos durante sua formação, para Pitano e Noal:

O diálogo é um aspecto marcante e fundamental da educação proposta por Freire, sem o qual não há comunicação. Considerando que o diálogo, para ser eficiente, deve ser desencadeado, de modo a se fazer entender por todos os que dialogam, a comunicação se efetua tomando como mediação os problemas locais. Vivendo em coletividade,

todo ser humano precisa se fazer entender por seus pares, para que o coletivo se organize como sociedade (PITANO; NOAL, 2010, p. 116).

Assim sendo, o diálogo é fundamental para o processo educativo, assim como para a Educação Ambiental, pois através dele se criam oportunidades de ações individuais e coletivas, possibilitando a formação de professores conscientes e transformadores da realidade de vida, constituindo-se na relação com o outro, refletindo nosso ser e estar no mundo. Para Napolitano (2009), o uso da mídia cinemática como instrumento de educação se justifica por sua indiscutível importância na sociedade brasileira, uma vez que ela tem um aspecto abrangente e pode ser utilizada em todas as áreas do conhecimento, pois apresenta subsídios para tratar de qualquer assunto, seja ilustrando aspectos históricos, políticos, humanos, socioambientais, religiosos e científicos, assim como no comportamento da humanidade mediante aos acontecimentos mundiais. O curso de formação sobre as Mídias Cinemáticas e a Educação Ambiental proporcionou o diálogo entre os professores, onde esses tiveram a oportunidade de refletir sobre a sua práxis, compartilhando experiências e saberes docentes, problematizando a possibilidade de transversalizar a Educação Ambiental no currículo da Educação Básica, a partir do uso das mídias cinemáticas.

Em síntese, este capítulo contribuiu para a reflexão sobre a importância da formação continuada do professor, pois para responder ao problema de pesquisa: como transversalizar a Educação Ambiental no currículo da área do conhecimento de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas (EM), da Educação Básica, a partir do uso das mídias cinemáticas?, o professor refletirá sobre a sua práxis, mantendo-se em constante formação, para dar conta da diversidade de temas atuais que fazem parte do cotidiano dos alunos. É essencial ao professor, conhecer a base teórica que fundamenta o seu fazer docente, refletindo sobre sua práxis, aprendendo sobre temáticas que julguem necessárias para transformarem a realidade na qual estão inseridos.

Após esse debate sobre a práxis, onde foi destacada a formação continuada do professor, no próximo capítulo, intitulado “As mídias cinemáticas como possibilidade para transversalizar a Educação Ambiental na Educação Básica”, serão considerados alguns elementos que foram destacados pelos professores participantes da pesquisa, como essenciais para transversalizar a Educação Ambiental com o uso as mídias cinemáticas em sala de aula, tais como: as questões da infraestrutura escolar, o tempo escolar (hora/aula), o planejamento e a educação crítica e transformadora, pois esses influenciam na ação e reflexão do professor.

## **5 AS MÍDIAS CINEMÁTICAS COMO POSSIBILIDADE PARA TRANSVERSALIZAR A EDUCAÇÃO AMBIENTAL NA EDUCAÇÃO BÁSICA**

Este metatexto apresenta a relação existente entre as mídias cinemáticas e a possibilidade de transversalizar a Educação Ambiental, abarcando os elementos que os professores consideraram essenciais para transversalizar a mesma no currículo da Educação Básica. Problematiza-se as condições sociais da educação como um dos desafios para trabalhar com as mídias, sendo o professor, o mediador desse processo educativo. O papel do professor mediador é estabelecer relações de diálogo no processo de ensino-aprendizagem. Freire (2018, p. 95) destaca que a mediação é fundamental no processo educativo, pois “o educador já não é o que apenas educa, mas o que, enquanto educa, é educado, em diálogo com o educando que, ao ser educado, também educa”. O professor ensina e também aprende. Juntos, professor e aluno aprendem.

A atuação do professor o torna um mediador entre os alunos e o conteúdo a ser trabalhado. O aprendizado através da mediação com situações cotidianas, do contexto onde estão inseridos, faz com que o processo de ensino-aprendizagem auxilie na resolução de situações problema, vivenciadas pelos alunos e pela comunidade onde a escola está inserida. Assim, destaca-se o tema desta pesquisa, que é transversalizar a Educação Ambiental, utilizando como recurso, as mídias cinemáticas, pois as questões socioambientais fazem parte do cotidiano, vivenciado pelos alunos e pela comunidade, e as mídias abordam com clareza e de forma simples a maioria desses temas. Cabe salientar que as mídias cinemáticas podem ser utilizadas para a discussão de múltiplas temáticas, dada sua potencialidade pedagógica.

Lima e Portugal (2018) quando se remetem ao potencial didático-pedagógico das mídias cinemáticas, consideram-nas importantes artefatos metodológicos, pois possibilitam trabalhar os conteúdos de forma dinâmica e contextualizada, instigando o pensamento sobre práticas sociais e culturais, para além da realidade cotidiana, refletindo sobre si, a partir delas. Dessa forma, o papel do professor mediador é de suma importância, considerando o potencial das mídias para transversalizar a Educação Ambiental, pois ao despertar o interesse do aluno sobre práticas sociais e culturais, através da mediação, tornam essas temáticas mais presentes na realidade daquele. Destaca-se a fala da professora Mônica:

*Com certeza, debater sobre as mídias cinemáticas eu acho que sempre contribui,*

*tanto pensando num projeto, quanto na sala de aula, porque na medida em que a gente ensina, a gente também aprende, então, ali, sempre há uma troca. Se estamos debatendo sobre um filme, são levantadas questões que eu nem tinha pensado, e eu também levantei, em alguns momentos, questões que eles também não tinham pensado, então, há, sim, essa troca e acredito que é muito importante, que a gente aprenda ensinando (Mônica, 2019, Entrevista).*

Assim, considerando o papel do professor nessa relação, ele compreende a importância das mídias cinemáticas para transversalizar a Educação Ambiental em uma perspectiva crítica e transformadora, apostando nesse recurso para contextualizar o conteúdo e qualificar o ensino. A Educação Ambiental Crítica e Transformadora atua na formação de sujeitos autônomos e críticos, capazes de problematizar as relações sociais, pois de acordo com Loureiro, “o ambiente é um resultado das relações sociais no contexto ecológico. Se a sociedade é desigual, o lugar ocupado no mundo é desigual” (LOUREIRO, 2012, p. 45). Assim, a Educação Ambiental, nessa perspectiva, é pautada por relações horizontais e dialógicas, rompendo com as relações sociais desiguais. Nesse sentido, concorda-se com Loureiro, quando afirma: “Educação Ambiental, antes de tudo, é educação. Mas não uma educação genérica, e sim aquela que se nutre das pedagogias progressistas histórico-crítica e libertária, que são as correntes orientadas para a transformação social” (LOUREIRO, 2007, p. 66).

Assim como Loureiro, para Tozoni-Reis (2007), a Educação Ambiental constitui-se de “uma ação política para contribuir na transformação social, tendo os princípios de cooperação, coletividade e participação como norteadores do processo educativo, esta refere-se a transformação das relações dos homens entre si e deles com o ambiente” (TOZONI- REIS, 2007, p. 182). A ação para a transformação social, a partir desses princípios, nesta pesquisa, dá-se através do diálogo e da assimilação de novos saberes, proporcionados com o uso das mídias cinemáticas em sala de aula.

## 5.1 CONDICIONANTES SOCIAIS DA EDUCAÇÃO COMO UM DOS DESAFIOS PARA TRABALHAR COM AS MÍDIAS CINEMÁTICAS

Ressalta-se a importância das condicionantes sociais da educação, tais como: a falta de infraestrutura e o tempo disponível para cada disciplina, ou seja, a hora/aula, para transversalizar a Educação Ambiental através do uso das mídias cinemáticas, tornando-se alguns dos desafios para trabalhar com aquelas em sala de aula. Destaca-se como uma das

condicionantes sociais da educação, as questões de infraestrutura escolar, um dos elementos fundamentais para o resultado de um ensino de qualidade. A falta de infraestrutura acarreta nos professores um desconforto para a realização do seu trabalho, para o efetivo exercício do ensino. Para termos uma educação de qualidade, de acordo com Demo:

A qualidade converge com a ideia de bem feito e completo. A educação é o termo resumo da qualidade na área social e humana, pois entende que não tem como chegar à qualidade sem educação. Esta educação por sua vez, exige construção e participação, precisa de currículo, de prédios, de equipamentos, mas sobretudo de bons professores, de gestão criativa e de ambiente construtivo, participativo, sobretudo de alunos construtivos e participativos para a qualidade se efetivar (DEMO, 2001, p. 21).

Para termos uma educação de qualidade é fundamental uma boa infraestrutura escolar, pois não adianta a escola ter professores criativos que pensam em atividades diversas para trabalhar com seus alunos, mas que não podem efetivá-las diante da falta de equipamentos para tal trabalho. Na entrevista realizada com os professores, a deficiência de equipamentos para trabalhar com as mídias cinemáticas, nas escolas onde desenvolvem suas atividades laborais, esteve presente nos relatos. A professora destacou:

*[...] só tem um projetor, então, tem que ter muita antecedência para conseguir a sala. Tem até outro projetor, mas está com a lâmpada queimada e os quadros aqui são negros, mesmo com o projetor não teria onde projetar, porque não tem aquele quadro branco, que a gente consegue projetar, tem como tu trabalhar, mas é mais difícil (ELSA, 2019, Entrevista).*

Ainda sobre esse assunto, a professora a seguir declarou ter comprado seu equipamento para que a aula com as mídias cinemáticas não fosse prejudicada. Segundo ela:

*Então, várias vezes, eu fui utilizar o equipamento e não estava acessível a mim, o projetor e o computador do auditório, várias vezes, estavam com vírus, ia colocar o pen drive e enchia de vírus, então, ficava cada vez mais difícil. Então, o que eu tive que fazer? Tive que comprar um projetor para eu usar na sala de aula, o computador é meu também, então, eu trago todo o meu material, caixa de som, tudo aquisição própria para não prejudicar o meu trabalho e não fico tão empenhada em função disso (CAROL, 2019, Entrevista).*

Dessa forma, o excerto acima destaca que a professora adquiriu os equipamentos para uso pessoal e, devido a isso, pode planejar as aulas com o uso das mídias cinemáticas, sem

necessitar dos equipamentos da escola, assim, não prejudicando o andamento dos seus conteúdos. Investir na organização e na infraestrutura escolar, portanto, é garantir que será oferecido ao aluno amplas possibilidades de ter um ensino de qualidade durante seu período escolar. Para Libâneo, uma escola bem organizada “é aquela que cria condições organizacionais, operacionais e pedagógico-didáticas que permitam o bom desempenho dos professores em sala de aula” (LIBÂNEO, 2007, p. 301). Para esse autor, uma das características dessa escola “é a disponibilidade de condições físicas e materiais, de recursos didáticos, de biblioteca e outros, que propiciem aos alunos oportunidades concretas para aprender” (LIBÂNEO, 2007, p. 303). As condições físicas e a falta de material também se destacam na fala da professora Aurora:

*Nós temos uma sala de projeção que funciona em parte, porque nós temos que levar o nosso material, porque não tem material disponível. Por exemplo, internet não tem, quando eu trabalho, tem que levar o vídeo de casa, também não tem aparelho de som, então, tem que estar carregando de uma sala para a outra, assim é difícil de trabalhar. E as salas de informática, os computadores quase nunca funcionam (AURORA, 2019, Entrevista).*

A infraestrutura escolar, especialmente as condições físicas e o material, influencia muito no desenvolvimento dos alunos. Uma boa infraestrutura e uma boa organização escolar estimularão o convívio entre os alunos e facilitarão o processo de aprendizagem, pois as relações sociais são muito relevantes para que o aluno desenvolva o seu lado crítico e reflexivo.

Outro fato a ser destacado é que a falta de infraestrutura escolar reverbera diretamente no planejamento dos professores, pois afeta a criatividade do professor ao planejar, por exemplo, atividades com as mídias cinemáticas. De acordo com Libâneo (2013, p. 246), “o trabalho docente é uma atividade consciente e sistemática, em cujo centro está a aprendizagem ou estudo dos alunos sob a direção do professor.” Dessa forma, ao planejar, o professor tem como foco a aprendizagem dos seus alunos, criando oportunidades concretas para que possam aprender. De acordo com Napolitano (2009), o professor organiza a atividade com as mídias cinemáticas no seu planejamento anual, de acordo com a proposta curricular da escola. Assim, torna-se interessante modificar um pouco a rotina dos alunos e mantê-los motivados, inserindo atividades com as mídias cinemáticas em seus planejamentos. Mas, para que os professores trabalhem com as mídias, é imprescindível que a escola tenha infraestrutura, para que aqueles tenham o material necessário disponível para utilizar tal recurso.

Alguns professores destacam que conseguem organizar seu planejamento com o uso das

mídias cinemáticas sem nenhuma interferência estrutural, pois as escolas onde atuam possuem infraestrutura para a utilização das mesmas. Vejamos o que diz o professor Emmet, em relação ao material disponível em sua escola:

*Na verdade, nós temos quatro salas, com multimídia, completas, inclusive nós temos duas salas que tem 16 computadores. Nós temos a sala de projeção, temos a sala de TV, que tem uma TV smart, temos o anfiteatro e tem a sala de recursos, que era uma sala do curso de línguas, então, ficou o clube de línguas, então, nós temos sete salas com multimídia (EMMET, 2019, Entrevista).*

O importante na hora de organizar o planejamento é conferir a realidade estrutural da escola onde atua, para poder realizar atividades com o uso das mídias cinemáticas, pois, de acordo com Libâneo (2013), o planejamento escolar é uma tarefa docente que envolve a previsão das atividades didáticas. Portanto, o planejamento é um instrumento fundamental para o professor elaborar sua aula, é um momento de pesquisa e reflexão que possibilita conhecer as especificidades e as dificuldades da sua turma, assim como, as possibilidades estruturais da sua escola, promovendo atividades que estejam de acordo com ambas realidades.

Para a utilização das mídias cinemáticas, um elemento essencial se refere ao tempo disponível para as disciplinas dentro da grade curricular, ou seja, a hora/aula, os professores da área do conhecimento de Ciências Humanas (EF) e Ciências Humanas e Sociais Aplicadas (EM) relataram ter pouca hora/aula por semana, o que dificulta o trabalho com as mídias cinemáticas. Segundo os professores dessas áreas, que participaram do Projeto de Extensão e são sujeitos desta pesquisa, para trabalhar com as mídias cinemáticas nas disciplinas de Geografia e História, eles precisam contar com a disponibilidade dos professores das aulas anterior ou posterior as suas, para dar conta do planejamento com a mídia. Durante a entrevista, o professor Emmet fez o seguinte relato:

*A gente tem o problema de tempo na escola, às vezes, a aula é fracionada, tem uma aula na terça e outra na quinta, de 50 minutos. Para trabalhar um filme completo, no mínimo uns 90 min, quando eu me programo para trabalhar um filme, por exemplo, eu me programo com o professor que vai entrar depois e com o que estará antes, não necessariamente usar a aula dele toda, mas um pouco para eu dividir o meu filme em algum ponto que possa ser retomado numa próxima aula (EMMET, 2019, Entrevista).*

Mesmo diante da dificuldade de utilizar as mídias cinemáticas devido ao tempo disponível, ao organizar seu planejamento com antecedência, é possível que o professor

desenvolva um trabalho interdisciplinar com os colegas que antecedem e sucedem a sua aula, permitindo tornar mais complexa a discussão em torno da questão socioambiental. A professora Elsa também relata o problema com o tempo disponível: “[...] o peso maior do filme é o tempo, ainda mais em aula de Geografia que nós temos duas aulas por semana” (ELSA, 2019, *Entrevista*). Outra forma de trabalhar as mídias são vídeos curtos, os quais os professores relatam terem disponibilidade dentro do período de suas aulas, não sendo necessária a disponibilidade de um colega, como se apresenta na entrevista da professora Mônica:

*Às vezes eram os curtas, que aí eu conseguia fazer, quando eu tinha dois períodos de aula e também documentários, porque tem alguns documentários que são mais curtos, e pequenos vídeos do you tube, estava trabalhando sobre questões ambientais e aí tem aqueles videozinhos que não tem nem fala, que é só o movimento e eles gostavam, e a partir dali surgia a discussão (MÔNICA, 2019, *Entrevista*).*

A partir das narrativas dos professores, foi possível perceber a dificuldade de utilizar as mídias cinemáticas no cotidiano da sala de aula, em relação ao tempo disponível, mesmo assim, os professores procuram soluções para que este recurso faça parte de seu planejamento, desenvolvendo parcerias com outros professores. A questão do tempo é um grande desafio que limita o trabalho com as mídias cinemáticas, mas pode ser solucionado com um planejamento interdisciplinar, como destaca a professora Bela:

*A gente tem duas horas aulas de 45 min/cada, a gente não consegue ver um filme nesse período, então, geralmente, tem sempre outro professor parceiro que aí também vai desenvolver a temática e aproveita e usa aquele filme ou aquela mídia para desenvolver seu conteúdo também (BELA, 2019, *Entrevista*).*

Ao trabalhar de forma interdisciplinar, os professores utilizam a mesma mídia cinemática para ambas as disciplinas, dessa forma, essa maneira de planejar é uma boa solução para a questão do tempo. Porém, um dos limites que dificultam a organização e o planejamento de uma proposta pedagógica interdisciplinar nas escolas é a escassez de tempo disponível para encontros entre os professores. As questões socioambientais podem ser contextualizadas e trabalhadas de forma interdisciplinar, destacando aspectos dos seus conteúdos e, também, dando ênfase aos atuais problemas, buscando conectar a escola à vida dos seus alunos. Atividades desenvolvidas sobre a Educação Ambiental podem ser trabalhadas nos diferentes níveis de ensino, de forma interdisciplinar, conforme destaca a Lei nº 9.795, de 27 de abril de

1999, a qual estabelece a PNEA:

Art. 1º Entende-se por educação ambiental os processos por meio dos quais o indivíduo e a coletividade constroem valores sociais, conhecimentos, habilidades, atitudes e competências voltadas para a conservação do meio ambiente, bem de uso comum do povo, essencial à sadia qualidade de vida e sua sustentabilidade.

Art. 2º A educação ambiental é um componente essencial e permanente da educação nacional, devendo estar presente, de forma articulada, em todos os níveis e modalidades do processo educativo, em caráter formal e não formal.

Art. 8º As atividades vinculadas à Política Nacional de Educação Ambiental devem ser desenvolvidas na educação em geral e na educação escolar [...].

§ 3º As ações de estudos, pesquisas e experimentações voltar-se-ão para:

*I - o desenvolvimento de instrumentos e metodologias, visando à incorporação da dimensão ambiental, de forma interdisciplinar, nos diferentes níveis e modalidades de ensino; [...]* (BRASIL, 1999, grifos da pesquisadora).

A PNEA evidencia o potencial da Educação Ambiental para a transformação da sociedade em que vivemos, pois desenvolve suas questões por meio dos quais o indivíduo e a coletividade constroem valores sociais, conhecimentos, habilidades e atitudes, que podem ser trabalhadas de forma interdisciplinar por ambas as disciplinas referidas nessa pesquisa. A professora Aurora (2019, Entrevista) relata o seguinte: “[...] *faço trabalhos interdisciplinares com a professora de Geografia e também com a professora de História*”. Dessa forma, os professores contribuem para que seja realizado um trabalho reflexivo, a partir de uma perspectiva interdisciplinar, integrando os conhecimentos.

Compreende-se que, através do uso das mídias cinemáticas, os alunos constroem uma visão mais complexa da realidade socioambiental em seu contexto, pois o professor desenvolverá com os alunos uma visão crítica da realidade, permitindo que eles façam suas escolhas individuais e coletivas, em relação a melhor maneira de viver em sociedade. O debate sobre a problemática socioambiental contemporânea a partir do uso das mídias cinemáticas, de forma interdisciplinar, permitirá ao aluno, a construção de novos saberes.

De acordo com Loureiro (2007, p. 81): "A Educação Ambiental transformadora enfatiza a educação enquanto processo permanente, cotidiano e coletivo pelo qual agimos e refletimos, transformando a realidade de vida". Assim sendo, ao trabalhar com as mídias cinemáticas, os professores têm a oportunidade de mostrar outras realidades aos seus alunos, como destaca o professor Emmet:

*[...] a nossa sociedade ocidental cristã, ela é do visual, então, ver é conhecer, tu trabalhar com algo que possa vislumbrar lugares distantes, histórias diferentes da*

*nossa ou até histórias que se assemelham a nossa, mas de uma abordagem diferente, é muito rico, então, sempre que eu posso, trabalho com as mídias cinemáticas (EMMET, 2019, Entrevista).*

Ao trabalhar com as mídias cinemáticas, oportunizamos aos nossos alunos diferentes olhares e compreensões sobre diversas realidades, assim como, sobre as questões socioambientais. Ao debater essas questões em sala de aula, precisamos pensar no ser humano como um ser transformador da sua vida e da vida dos outros, que modifica a natureza, provocando mudanças sociais, políticas, culturais e econômicas. Para tanto, o uso da mídia cinemática é pertinente para essas discussões, por despertar aprendizagens significativas sobre as relações sociais e do ser humano inserido neste contexto de transformações da sociedade.

## 5.2 O PROFESSOR COMO MEDIADOR DO PROCESSO EDUCATIVO

Ao mediar as situações de ensino, o professor se coloca no papel de intermediário entre o aluno e o conhecimento, orientando-o no processo de construção das suas próprias aprendizagens. De acordo com Napolitano (2011, p. 98), “o professor deve funcionar como mediador, mas também como agregador das discussões, dúvidas e ideias, elaborando formas de sintetizar o resultado do debate”. Mediar é auxiliar o processo para que a informação se transforme em conhecimento, gerando novas aprendizagens, requer um comportamento do professor que está no papel de incentivador ou motivador da aprendizagem, corroborando para que o aluno alcance os objetivos propostos para a aprendizagem sobre Educação Ambiental, a partir do uso das mídias cinemáticas.

O professor tem um papel fundamental na construção de novos saberes, pois, para mediar o conhecimento, necessita conhecer as múltiplas linguagens e criar oportunidades para além das situações educativas. É necessário ter intencionalidade e disponibilidade para instigar o aluno, provocar reflexões, despertar o desejo de aprender, fazer conexões, contribuindo para a realização da construção do conhecimento.

Nesse processo, o professor é um mediador, ele necessita despertar o interesse e o querer aprender do aluno, para tanto, precisa conhecer o currículo, a realidade socioespacial dos educandos, realizar a leitura e a interpretação da realidade vivenciada, as possibilidades didático-pedagógicas e utilizar-se de recursos diferenciados, motivando-os. Os questionamentos, as propostas elaboradas e as soluções apresentadas em sala de aula fazem

parte do processo de mediação, assim, ao utilizar as mídias cinemáticas como recurso para transversalizar a Educação Ambiental, aquelas auxiliam o professor com as diferentes questões trabalhadas em sala de aula. As principais mídias cinemáticas utilizadas como recurso pelos professores entrevistados são: filmes, documentários, vídeos da internet, reportagens televisivas e videoclipes de música. No entanto, segundo os professores, o que os alunos mais gostam de trabalhar são os vídeos da internet e os filmes, como destaca o professor Emmet:

*O que eles mais gostam é filme. Se fosse numa ordem seria o filme, depois vídeos da internet de blogueiros e you tube e depois documentários, eles acham os documentários meio arrastados, porque é aquela linguagem mais documental, foge um pouco do que eles estão acostumados (EMMET, 2019, Entrevista).*

Adequar os recursos audiovisuais de forma que haja a comunicação com os alunos é, também, uma forma de fazer da aula um momento propício à aprendizagem, onde o professor mediador estabelece diálogos e reflexões sobre a questão abordada, através das mídias cinemáticas. Conforme Arrais e Bizerril (2020), o diálogo é um elemento central para “promover ações e esforços que possibilitem a transformação da realidade, a formação integral e emancipação de sujeitos, tecendo um comprometimento com o âmbito social e político” (ARRAIS; BIZERRIL, 2020, p. 160). O diálogo e a motivação são essenciais para o desenvolvimento do indivíduo, pois melhores resultados de aprendizagem são possíveis à medida que o professor proporciona um ambiente de trabalho onde o aluno possa comparar, discutir, rever, perguntar e ampliar ideias em relação às questões socioambientais abordadas com o uso das mídias cinemáticas. Para Loureiro (2012), a Educação Ambiental é um elemento de transformação social, inspirada no diálogo, sendo esse entendido no seu sentido original de troca e reciprocidade, tornando-se a base da educação. Dessa forma, a partir do diálogo mediado pelo professor, criam-se possibilidades de aprendizagem sobre as questões socioambientais, utilizando-se das mídias cinemáticas.

Para debater questões socioambientais com o uso das mídias cinemáticas, é necessário que se faça um planejamento, articulando aquelas aos conteúdos e conceitos que serão trabalhados. A escolha da mídia precisa ser voltada aos interesses do componente curricular, tendo coerência entre o tema abordado e os objetivos da aula, que precisam estar claros no seu planejamento. O professor que pretende utilizar uma mídia cinemática em sala de aula necessita conhecê-la bem, atentando para cenas e falas impróprias, tendo cuidado com a faixa etária da sua turma. Além disso, o professor precisa conduzir a aula auxiliando o aluno a compreender o

uso da mídia, fazendo com que ele a relacione com os conteúdos trabalhados. Sobre essa relação, destaca-se a fala da professora Carol:

*Eu inicio o assunto e depois utilizo a mídia, então, é sempre associado ao que estou trabalhando. Vejo que o resultado é muito melhor, é muito significativo. Tu consegues enxergar a associação que eles fazem com o conteúdo, é muito válido (CAROL, 2019, Entrevista).*

Ao organizar um planejamento com o uso das mídias cinemáticas, Napolitano (2011, p. 29) destaca a interação com outras linguagens: [...] “independente da análise e problematização do seu conteúdo específico, podem servir para desenvolver outras habilidades, centradas na manipulação e decodificação de linguagens diversas (verbais, gestuais, visuais).” A professora Aurora, a partir da formação sobre as mídias cinemáticas, desenvolveu um sarau na sua escola, trabalhando outras habilidades dos seus alunos. Vejamos o relato a seguir:

*[...] depois do curso que eu tive das mídias na FURG, os alunos escolheram músicas, mas a temática tinha que ser sobre autorretrato e eu trouxe poemas de Vinícius de Moraes. Eles puderam, então, fazer essa comparação da produção deles com as músicas e os poemas. Eles apresentaram as músicas e também o autorretrato produzidos por eles, que compôs o sarau que aconteceu na escola (AURORA, 2019, Entrevista).*

Diante da atividade relatada acima, destaca-se a importância do planejamento para trabalhar com as mídias cinemáticas, pois, de acordo com Libâneo:

O planejamento é uma tarefa docente que inclui tanto a previsão das atividades didáticas em termos da sua organização e coordenação em face dos objetivos propostos, quanto a sua revisão e adequação no decorrer do processo de ensino. O planejamento é um meio para se programar as ações docentes, mas é também um momento de pesquisa e reflexão (LIBÂNEO, 2013, p. 245).

O planejamento da aula para trabalhar a Educação Ambiental com o uso das mídias cinemáticas requer uma organização prévia, que inclui analisar o currículo e observar as possibilidades de diálogo possíveis de serem tramadas. De acordo com Moreira e Candau (2007, p. 18), o currículo é entendido como “as experiências escolares que se desdobram em torno do conhecimento, em meio às relações sociais, e que contribuem para a construção das identidades de nossos/as estudantes.” Dessa forma, o currículo, assim como o planejamento

necessitam ser organizados de acordo com a realidade da comunidade escolar, como registra Loureiro (2007, p. 70): “O cerne da educação ambiental é a problematização da realidade, de valores, de atitudes e comportamentos em práticas dialógicas.” Assim, trabalha-se as situações do cotidiano dos alunos, a partir do diálogo, para que suas vivências sejam significativas.

Ao trabalhar com as mídias cinemáticas, debatendo as questões socioambientais, além de organizar o planejamento de acordo com o currículo escolar, faz-se necessário escolher e assistir a mídia que será usada para mediar o processo de ensinar e aprender, observando se a mesma está adequada à faixa etária e com o nível de conhecimento dos alunos, como vimos no capítulo anterior, pois o planejamento é organizar as ações docentes diante dos objetivos propostos. Conforme Napolitano, assistir a mídia é condição básica, levando-se em conta seu “potencial pedagógico e de formação cultural, bem como a adequação à turma e ao trabalho que será realizado depois” (NAPOLITANO, 2009, p. 23). Dessa forma, é preciso escolher a mídia mais adequada para o objetivo da aula e ver que temas são abordados nessa, sendo que aquelas precisam conter as informações necessárias para a reflexão e a discussão do assunto que será trabalhado. Destaca-se a fala do professor DARTH sobre não assistir a mídia cinemática antes de sua utilização em sala de aula:

*E uma coisa que eu aprendi é tu não passar um vídeo sem assistir antes, certa vez, outros colegas foram trabalhar com um filme e eu não tinha assistido e eles disseram que já tinham assistido, que fizeram um trabalho, quando eu fui ver o filme, o conteúdo é muito bom, mas o filme era uma porcaria (DARTH, 2019, Entrevista).*

Nota-se, com a fala deste professor, a importância do planejamento da aula com a mídia cinemática, é preciso assistir ao filme, organizar que questões socioambientais serão abordadas, quais são os objetivos da aula, que discussão será realizada com os alunos e se a mídia vai enriquecer o tema trabalhado, e também, os valores sociais que serão levados para fora da escola. Para Napolitano, ao assistir ao filme com antecedência, o professor:

Mobiliza o olhar crítico e apurado que tem para, entre outras possibilidades, selecionar os trechos que serão analisados, anotando, por exemplo, cenas e imagens representativas do filme e do cinema como arte, do figurino e cenário de épocas históricas, dos olhares e silêncios que, no conjunto, formam a linguagem típica do cinema. Além disso, o professor deve refletir sobre os conceitos e valores que o filme mobiliza, sobre o sentido simbólico do tema e dos personagens, verificar o grau de dificuldade para sua compreensão e identificar eventuais cenas e conteúdos que possam ser polêmicos (NAPOLITANO, 2009, p. 23).

É necessário ter conhecimento da mídia cinemática e de suas características relevantes para o processo de ensino-aprendizagem. De acordo com Barros *et al.* (2013, p. 99), “o filme é capaz de atingir profundamente criteriosas e importantes bases para o ensino e aprendizado”, entretanto, salientam que não basta pegar o filme e repassá-lo de forma aleatória:

É fundamental conhecer o filme, primeiramente em sua intenção, incluindo linguagem e abordagens sociológicas e psicológicas, para que depois estejamos capacitados para relacionar as características mais importantes desses canais de comunicação, juntamente com o campo que pretendemos atingir em termos de informação (BARROS *et al.*, 2013, p. 99).

De acordo com outro professor participante da pesquisa, existe todo um trabalho prévio e posterior em relação ao uso das mídias cinemáticas: “[...] não é só assistir, tem um trabalho prévio, onde eu preparo a visão deles, dizendo por que a gente vai trabalhar com aquilo, onde se relaciona, que eles observem tal coisa” (EMMET, 2019, Entrevista). O planejamento e a motivação são essenciais para trabalhar as questões socioambientais através das mídias no processo de ensino-aprendizagem, pois quando o aluno compreende o que está sendo proposto e como está ocorrendo a aprendizagem, o processo de mediação se torna eficaz e objetivo.

Ao organizar um planejamento sobre Educação Ambiental com o uso das mídias cinemáticas, pode-se aproveitá-las para trabalhar de forma interdisciplinar, desenvolvendo atividades ou projetos com outros professores, pois uma mídia apresenta diversos temas que podem ser discutidos por diferentes áreas do conhecimento e diferentes componentes curriculares. Etimologicamente, interdisciplinaridade significa, em sentido geral, de acordo com Yared (2008, p. 161), “relação entre as disciplinas, [...] a interdisciplinaridade sugere um conjunto de relações entre as disciplinas abertas sempre a novas relações que se vai descobrindo.” Para essa autora, a abordagem interdisciplinar é toda relação existente e possível entre as disciplinas, diante dos conhecimentos, métodos e aprendizagem das mesmas. É uma ação em movimento, onde há reciprocidade e troca de conhecimentos. Trabalhar de forma interdisciplinar favorece as discussões sobre as questões socioambientais, como afirma Loureiro:

A interdisciplinaridade, enquanto pressuposto da Educação Ambiental, é uma prática intersubjetiva que associa conhecimentos científicos e não científicos e relaciona o racional com o intuitivo, o cognitivo com o sensorial, buscando a construção de objetos de conhecimentos que se abram para novas concepções e compreensões do mundo e para a constituição do sujeito integral

LOUREIRO, 2012, p. 85).

Dessa forma, entende-se que organizar atividades sobre questões socioambientais de forma interdisciplinar, cria possibilidades de uma ação educativa, abrindo espaço para novas compreensões do mundo, buscando a formação de um sujeito integral. A abordagem interdisciplinar, para Fazenda (2008, p. 79), expressa-se “no comprometimento do professor com seu trabalho e é alimentada pelas experiências e vivências de suas próprias práticas pedagógicas.” Para a referida autora, a interdisciplinaridade vence os limites impostos pelo conhecimento fragmentado, propiciando encontros, rompendo com as barreiras disciplinares. Destaca-se um trecho da entrevista com o professor DARTH, que partilha o seguinte:

*O ano passado fizemos um trabalho interdisciplinar: Geografia, Filosofia, Sociologia e Física. A gente trabalhou aquele filme que fala das mulheres negras que trabalhavam na NASA, “Estrela além do tempo”, que mostra como as mulheres trabalhavam, que elas eram segregadas. Bah! Tivemos uma baita ideia, sentamos num sábado e montamos tudo. Chegou na aula, não rolou, porque inventamos de juntar duas turmas pra ver o filme, os alunos não entenderam aquilo que a gente queria. Na nossa visão de professores entendemos tudo, nos alunos, não foi (DARTH, 2019, Entrevista).*

Esses professores articularam o conhecimento fragmentado que ainda existe na escola, pondo as áreas do conhecimento para dialogarem, recompondo a unidade entre as múltiplas representações da realidade, mesmo que não tenha acontecido como planejaram. Para Severino:

A educação é, na sua totalidade, prática interdisciplinar por ser mediação do todo da existência; a interdisciplinaridade constitui o processo que deve levar do múltiplo ao uno. O processo educativo e seus fundamentos epistemológicos e axiológicos baseiam-se em uma multidisciplinaridade, em uma pluridisciplinaridade. É que, dadas as nossas condições e a complexidade da prática, precisamos de múltiplos enfoques mediatizados pelas abordagens das várias ciências particulares; mas não se trata apenas de uma justaposição de múltiplos saberes: é preciso chegar à unidade na qual o todo se reconstitui como uma síntese que, nessa unidade, é maior do que a soma das partes (SEVERINO apud FAZENDA, 2003, p. 43).

Para o referido autor, a ideia é juntar os conhecimentos, que até então foram trabalhados de forma isolada, como se uma disciplina não tivesse nenhum tipo de relação com a outra. Na verdade, as disciplinas não poderiam ser fragmentadas, dadas por partes, de forma desconexas, e sim, serem trabalhadas de forma interdisciplinar, proporcionando aulas mais interessantes,

onde a totalidade teria vida, motivando o aluno na busca de um conhecimento integral. Daí a importância de utilizar as mídias cinemáticas de forma interdisciplinar para transversalizar a Educação Ambiental, oportunizando ao aluno um conhecimento integral, onde ele possa refletir e discutir sobre os diferentes aspectos de um mesmo tema. Certamente, essa visão da totalidade contribuirá para a compreensão da problemática socioambiental em curso e despertará os educandos para mudança de postura, de atitudes e de valores.

De acordo com o professor Darth (2019, Entrevista): “[...] a mídia permite estar discutindo sobre a sociedade, e dentro da sociedade tu tem História, Geografia, Filosofia, Sociologia, então, a mídia é o que te permite trabalhar a interdisciplinaridade.” Dessa forma, cabe ao professor refletir sobre o seu fazer pedagógico, planejando práticas pedagógicas, por meio das mídias cinemáticas, buscando um diálogo, tanto entre colegas quanto entre as disciplinas, no sentido de eliminar as barreiras existentes entre essas. De acordo com Napolitano:

A interdisciplinaridade também é uma possibilidade interessante, na medida em que mais professores de diferentes disciplinas estejam integrados às atividades. Assim, a mídia é abordada em suas diversas perspectivas, sendo extraído o máximo de informação e questões para o debate (NAPOLITANO, 2011, p. 37).

Portanto, a mídia cinemática é um recurso que permite ao professor, trabalhar de forma interdisciplinar, integrando conteúdos e práticas, valorizando os saberes enquanto construção histórica de um sujeito coletivo, com o objetivo de visar um conhecimento globalizante, integral e romper com os limites das disciplinas. As atividades em sala de aula, com o uso das mídias cinemáticas, que trazem para a guisa da discussão a questão socioambiental, precisam exceder a visão fragmentada e descontextualizada do ensino, tornando as aprendizagens significativas, pois o ensino só tem sentido no encontro com o outro. Para Dias, a Educação Ambiental formal necessita ter como objetivos:

[...] a sensibilização e a conscientização; a busca de mudança comportamental; a formação de cidadãos mais atuantes; a sensibilização do professor; a criação de condições para que, no ensino formal, a educação ambiental seja um processo contínuo e permanente, através de ações interdisciplinares globalizantes e da instrumentação dos professores; a integração entre escola e comunidade, objetivando a proteção ambiental em harmonia com o desenvolvimento sustentado, entre outros (DIAS, 2000, p. 122).

Para tanto, os conteúdos têm que ser contextualizados, a partir de ações interdisciplinares, respondendo aos problemas socioambientais atuais, no sentido de conectar a escola e a vida das pessoas, considerando os seus lugares de pertencimento. Enfim, as mídias cinemáticas são um recurso aliado no processo de ensino-aprendizagem, podendo ser utilizadas pelos professores para trabalhar a Educação Ambiental de forma interdisciplinar, qualificando a prática pedagógica ao possibilitarem debates sobre as temáticas socioambientais. Ou seja, a interdisciplinaridade pode constituir-se em um devir para transversalizar a Educação Ambiental no currículo da Educação Básica, por permitir o estabelecimento de um diálogo de saberes que torna mais complexa a compreensão da realidade vivenciada, e desperta para o senso de responsabilidade individual e coletiva. Conforme Duarte, as mídias, em especial os filmes:

Propiciam bons debates sobre os problemas que enfrentamos no dia a dia da atividade educacional. Como a linguagem da maioria é simples e de fácil compreensão e o enredo é construído de forma a torná-los acessíveis a pessoas de todas as idades, em geral, eles podem ser exibidos a estudantes de quase todos os níveis de ensino (DUARTE, 2009, p. 73).

O debate sobre questões atuais, problematizadas pela Educação Ambiental, pode surgir a partir do uso das mídias cinemáticas, permitindo ao aluno a construção de diferentes e novos saberes, a partir da interdisciplinaridade. De acordo com Segura:

O trabalho escolar voltado à implementação de propostas metodológicas interdisciplinares exige a conjunção de uma série de fatores, a começar pelo reconhecimento de que a questão ambiental perpassa várias áreas do conhecimento. Essa perspectiva de trabalho pressupõe tanto aspectos institucionais como pedagógicos: facilidade de diálogo intra-escolar, disponibilidade de materiais informativos e incentivos a atuação do professor (SEGURA, 2001, p. 136).

Trabalhar de forma interdisciplinar, requer, acima de tudo, diálogo entre as disciplinas, entre os professores, materiais informativos sobre as questões socioambientais e incentivo à formação, para que estejam sempre se aperfeiçoando e eliminando barreiras de fragmentação do conhecimento. A Educação Ambiental faz parte do cotidiano da escola e, para sua efetividade, poderia ser organizado um planejamento interdisciplinar, mas este requer tempo disponível dos professores, como já destacado anteriormente. Assim sendo, o planejamento precisa ser realizado dentro da escola, a partir da hora-atividade, momento em que os professores poderiam reunir-se para planejar.

Um fato importante e basilar a ser destacado é o direito do professor de participar de cursos de formação continuada, o que facilitaria seu planejamento interdisciplinar sobre as questões socioambientais, qualificando seu fazer docente. A Lei nº 9.795, de 27 de abril de 1999, a qual estabelece a PNEA, atenta que:

Art. 11. A dimensão ambiental deve constar dos currículos de formação de professores, em todos os níveis e em todas as disciplinas.

Parágrafo único. Os professores em atividade devem receber formação complementar em suas áreas de atuação, com o propósito de atender adequadamente ao cumprimento dos princípios e objetivos da Política Nacional de Educação Ambiental (DIAS, 2004, p. 205).

Nesse artigo, a PNEA destaca que os professores precisam receber formação sobre a Educação Ambiental, adequando-se aos princípios e objetivos daquela. É essencial a busca por aperfeiçoamento profissional docente no que se refere à Educação Ambiental, pois os professores atuam nas escolas e é nesse espaço de construção coletiva que serão discutidas as práticas pedagógicas, além de valores e de ações necessárias para a inserção da dimensão socioambiental em suas áreas do conhecimento.

### 5. 3 A IMPORTÂNCIA DAS MÍDIAS CINEMÁTICAS PARA TRANSVERSALIZAR A EDUCAÇÃO AMBIENTAL NA PERSPECTIVA CRÍTICA E TRANSFORMADORA

As mídias cinemáticas desempenham importância significativa para qualificar o processo educativo. De acordo com Napolitano, qualquer disciplina pode trabalhar com as mídias cinemáticas em sala de aula:

É preciso, no entanto, que o professor comece pelas perguntas fundamentais: O que eu quero com esse filme? Em que essa atividade se relaciona com o conjunto da minha disciplina e da área curricular? Quais são os limites e as possibilidades que essa atividade tem para o grupo de alunos em questão? Ao longo do ano, que outros filmes poderiam ser trabalhados de acordo com a orientação? (NAPOLITANO, 2009, p. 22).

Então, as mídias cinemáticas podem ser trabalhadas em qualquer disciplina, observando-se os questionamentos acima citados, além disso, elas apresentam diversos temas que podem ser abordados em sala de aula, trabalham com imagens e sons. A mídia é um recurso

audiovisual que chama a atenção do aluno, podendo ser utilizada em diferentes momentos da aula, como destaca a professora Mônica:

*Acho de extrema importância, penso que dá para usar em todos os momentos da aula, tanto para introduzir ou chamar a atenção, para começar a falar de um assunto, de determinada temática, quanto para exemplificar o que eles já viram e até para trabalhar a questão do posicionamento deles, da postura, da linguagem, então, acho de extrema importância (MÔNICA, 2019, Entrevista).*

A referida professora busca diferentes práticas pedagógicas para o desenvolvimento da sua aula, utilizando-se das mídias cinemáticas para qualificar o conteúdo de sua disciplina, como também para trabalhar com atitudes e valores sociais. De acordo com Modro (2005, p. 9), a mídia é um “recurso atrativo, agradável e que, se bem empregado, rende bons resultados quanto à aprendizagem. O aluno tem maior participação, passa a ter um novo olhar a respeito dos recursos e ferramentas que dispõe no seu dia a dia.” Destaca-se a fala da professora Bela em relação a esse recurso:

*Para nós mesmos, de História, que determinados conteúdos são muito distantes da realidade deles e distante do tempo, então, é uma forma de aproximação, mesmo aquilo não sendo uma noção fiel da realidade, é ficção, mesmo documentário, ele tem uma linha de pensamento, mas eu acho que aproxima, faz com que eles entendam melhor (BELA, 2019, Entrevista).*

Dessa forma, as mídias cinemáticas tornam o ensino atrativo e significativo, pois se compõem de múltiplas linguagens, sendo uma produção cultural importante na formação integral do aluno. Elas têm o poder de transformar a percepção que se tem da realidade, no sentido de refletir os valores adquiridos em sociedade. As mídias cinemáticas são um recurso promissor para ser trabalhado no processo educativo, por possibilitar a realização de debates sobre as questões socioambientais.

O debate sobre as questões socioambientais, a partir da utilização das mídias cinemáticas, permite ao aluno a reflexão e a construção de novos saberes, transformando a realidade de vida. Assim, a Resolução nº 2, de 15 de junho de 2012, que estabelece as DCNEA, no seu artigo 2º, promulga que a Educação Ambiental:

[...] é uma dimensão da educação, é atividade intencional da prática social, que deve

imprimir ao desenvolvimento individual um caráter social em sua relação com a natureza e com os outros seres humanos, visando potencializar essa atividade humana com a finalidade de torná-la plena de prática social e de ética ambiental (BRASIL, 2012).

Assim sendo, a Educação Ambiental faz parte do processo educacional formal, configurando-se numa atividade intencional da prática social que desenvolve nos seres humanos, novas atitudes e novos valores sociais, considerando as relações que estabelecem com a natureza e com os outros indivíduos. A utilização das mídias cinemáticas, em sala de aula, criam possibilidades que favorecem o debate das questões socioambientais, assim como o diálogo com os colegas e com os professores. Aquele recurso, a partir de suas imagens e sons, torna-se interessante para o aluno, oportunizando o estabelecimento de relações com a realidade cotidiana, com suas experiências individuais e coletivas. A professora Bela fala sobre a importância do uso das mídias cinemáticas em sala de aula:

*Eu acho importante porque sai da questão do quadro e giz, então, fica mais interessante para o aluno, dá mais movimento para a aula, fica mais dinâmica. Acho que trazer a imagem, o som, uma música, um videoclipe, é mais um recurso que favorece e tu consegues dialogar melhor com os adolescentes (BELA, 2019, Entrevista).*

Conforme destaca a professora referida acima, através das mídias, torna-se mais acessível o diálogo com o aluno, e a partir daquelas podem ser problematizadas as questões socioambientais, trabalhando com a realidade do aluno, propondo atividades individuais e coletivas. Para desenvolver atividades sobre as questões socioambientais em sala de aula, essas necessitam ser abordadas de forma transversal, de acordo com a Resolução do CNE nº 2, de 15 de junho de 2012, que estabelece as DCNEA, no seu artigo 14, consta que:

A Educação Ambiental nas instituições de ensino, com base nos referenciais apresentados, deve contemplar:

I - abordagem curricular que enfatize a natureza como fonte de vida e relacione a dimensão ambiental à justiça social, aos direitos humanos, à saúde, ao trabalho, ao consumo, à pluralidade étnica, racial, de gênero, de diversidade sexual, e à superação do racismo e de todas as formas de discriminação e injustiça social;

II- *abordagem curricular integrada e transversal, contínua e permanente em todas as áreas de conhecimento, componentes curriculares e atividades escolares e acadêmicas;*

III - aprofundamento do pensamento crítico-reflexivo mediante estudos científicos, socioeconômicos, políticos e históricos, a partir da dimensão socioambiental,

valorizando a participação, a cooperação, o senso de justiça e a responsabilidade da comunidade educacional em contraposição às relações de dominação e exploração presentes na realidade atual; [...] (BRASIL, 2012, grifo da pesquisadora).

Essa lei reforça o caráter transversal e permanente da Educação Ambiental, que precisa ser abordada em todas as áreas do conhecimento e nas atividades escolares. Dessa forma, os professores podem oportunizar aos alunos debates sobre as questões sociais, ambientais, culturais, econômicas, religiosas e políticas que poderão refletir sobre problemas e conflitos do seu cotidiano, de uma escala local até mesmo aos que ocorrem no mundo, em uma escala global. Destaca-se a fala da professora Mônica, sobre temáticas abordadas através do uso das mídias cinemáticas, abordando questões do cotidiano de seus alunos:

*Eu trabalhava com vídeos curtos da internet e sobre diferentes temáticas. A escola que eu trabalhava era da periferia, então, eu trabalhava sobre violência e o uso de drogas, questão de planejamento familiar, muitas questões que estavam ali envolvidas na realidade dos estudantes, que faziam parte daquela comunidade (MÔNICA, 2019, Entrevista).*

A Educação Ambiental necessita compor os currículos das escolas, sendo promovida através da transversalidade, proporcionando aos alunos atividades diversificadas, vivenciadas e experienciadas, a partir de temas atuais que envolvam a sociedade. Para Gallo, transversalidade é:

[...] o atravessamento mútuo dos campos de saberes, que a partir de suas peculiaridades se interpenetram, se misturam, se mestiçam, sem no entanto perder sua característica própria, que só se amplia em meio a essa multiplicidade. Singularidade de saberes e multiplicidade de campos (GALLO, 2006, p. 30).

Compreende-se a importância da Educação Ambiental em compor os currículos de ensino, na Educação Básica, de forma interdisciplinar e transversal, pois aquela precisa ser amplamente problematizada em sala de aula, perpassando as áreas do conhecimento que compõem o currículo escolar, sendo abordada a partir da multiplicidade de campos que estão ligados a saberes da vida cotidiana. Dessa forma, a transversalidade possibilita a construção de saberes e conhecimentos para além dos conteúdos disciplinares, pois abrange pontos em comum das diferentes áreas do conhecimento, problematizando o contexto social ao qual pertence. Nesse sentido, ressalta-se a fala do professor Emmet:

*A questão socioambiental sempre tem em qualquer filme, na verdade, em qualquer mídia, porque a mídia parte da relação social, então, social ela já é, e se tu partir do pressuposto que as relações sociais se dão no ambiente, de acordo como elas se moldam, sempre tem como tu dar um viés de uma análise socioambiental para alguma coisa, na minha opinião (EMMET, 2019, Entrevista).*

Assim sendo, a Educação Ambiental transformadora é compreendida pelo movimento de transformação social, oportunizado pelos debates utilizando as mídias cinemáticas em sala de aula, através da transversalidade, que necessita estar articulada com a realidade dos alunos, capacitando-os para tornarem-se cidadãos atuantes na sociedade em que vivem. De acordo com Loureiro (2012, p. 151): “[...] não há ação educativa ambiental que não seja simultaneamente afetiva, cognitiva, criativa, lúdica, dialógica e política.” Assim, concordando com o autor e em diálogo com os professores sujeitos da pesquisa, o trabalho com a Educação Ambiental se dá por um processo de aprendizagem individual e coletivo. E, ao transversalizar a Educação Ambiental no currículo da Educação Básica, a partir do uso das mídias cinemáticas, permitirá o desenvolvimento da capacidade crítica e, certamente, da conscientização que o trabalho do professor ajudará a construir, almejando a transformação da realidade e das condições de vida de seus alunos.

Enfim, as mídias cinemáticas necessitam contemplar contextualizações e mediações, onde os alunos possam elaborar relações entre os conceitos abordados nas mídias, com os saberes e as realidades cotidianas, trabalhadas pela Educação Ambiental, sendo capazes de compreender essa realidade. Concordando com Lima e Portugal, as mídias cinemáticas:

[...] possibilitam a construção de conhecimentos múltiplos, de forma lúdica, dinâmica e contextualizada à realidade local, espacial, territorial, cultural, dentre outros contextos, assim como relfetr sobre outras culturas e lugares. Sendo assim, esta linguagem pode ser compreendida enquanto potencializadora de aprendizagens (LIMA; PORTUGAL, 2018, p. 102).

Diante do potencial informacional das mídias cinemáticas, essas podem favorecer as discussões sobre as questões socioambientais, estabelecendo um diálogo com o currículo escolar e o cotidiano dos alunos. Esse caminho é muito interessante, pois torna o processo de ensino-aprendizagem mais significativo, possibilitando a formação crítica-reflexiva dos alunos, assim como, dos professores. Refletir sobre si e sobre o cotidiano estimula o aluno a construir valores e conhecimentos sobre múltiplas realidades, trabalhadas através do uso das mídias

cinemáticas.

Por fim, destaca-se a importância deste capítulo, em problematizar a relação entre as mídias cinemáticas e a possibilidade de transversalizar a Educação Ambiental, abarcando os elementos que os professores consideraram essenciais para transversalizá-la no currículo da Educação Básica. Existem, para esses professores, condições fundamentais para que se possa transversalizar a Educação Ambiental em sala de aula através do uso das mídias cinemáticas, como a questão da infraestrutura, necessária para um ensino de qualidade, onde o professor tem disponível equipamentos em perfeitas condições de uso. Também, a questão do tempo, ou seja, a hora/aula que muitas vezes não dá conta de uma atividade com o uso das mídias cinemáticas. Reafirma-se, assim, o trabalho interdisciplinar, utilizando-se das temáticas socioambientais abordadas nas mídias cinemáticas para realizar atividades interdisciplinares, dinamizando o tempo dos professores.

Também, ressalta-se como fundamental a condição do professor de mediador nesse processo de transversalizar a Educação Ambiental com o uso das mídias cinemáticas, pois cabe a ele facilitar o processo para que a informação se transforme em conhecimento, formando um aluno crítico, na busca pela transformação da sua realidade de vida, corroborando para que ele alcance os objetivos propostos pela aprendizagem sobre as questões socioambientais. Assim sendo, a Educação Ambiental enfatiza a educação enquanto processo permanente e cotidiano, levando os professores e os alunos à reflexão e à ação, transformando a realidade de vida, a partir do uso das mídias cinemáticas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A escrita desta dissertação começou apresentando um conjunto de elementos significativos da minha história de vida, com ênfase na minha trajetória, mostrando como se deu a constituição da professora educadora ambiental e pesquisadora, fazendo um movimento recursivo desde a infância até a construção dos motivos que levaram à escolha do tema desta pesquisa. Essa escolha não foi aleatória, pois a temática das mídias cinemáticas sempre esteve relacionada com a minha prática docente como professora da Educação Básica.

As primeiras pesquisas bibliográficas realizadas foram sobre a constituição da Educação Ambiental, principalmente, no campo do ensino formal e, também, sobre o uso das mídias cinemáticas em sala de aula. Essas pesquisas me fizeram compreender possibilidades de promover o entrelaçamento entre a Educação Ambiental e as mídias cinemáticas na Educação Básica, além de como esse diálogo e esses saberes podem contribuir para a construção de sujeitos conscientes de sua ação no mundo, transformando suas realidades.

A pesquisa mostrou que, para transversalizar a Educação Ambiental na Educação Básica a partir do uso das mídias cinemáticas, faz-se necessário o estudo sobre currículo, por orientar o trabalho desenvolvido pelo professor que precisa ser organizado de acordo com a realidade dos alunos. Assim como, compreender o que chamamos de transversalidade, pois essa se configura numa forma de perpassar as questões socioambientais nos componentes curriculares, sendo abordada a partir da multiplicidade de campos, que estão ligados aos saberes da vida cotidiana.

Por fim, problematizou-se a formação de educadores ambientais, com o objetivo de proporcionar formação e informação sobre a Educação Ambiental. Aposta-se na formação continuada como uma possibilidade importante para promover a discussão da Educação Ambiental, auxiliando os professores para o desenvolvimento de práticas educativas junto aos seus alunos, tramando um diálogo transversal da Educação Ambiental no currículo.

No processo investigativo desta pesquisa, optou-se por trabalhar com a perspectiva da pesquisa-formação, de cunho qualitativo, pois visa aos interesses do pesquisador e, também, dos participantes da pesquisa, priorizando a construção coletiva com os sujeitos envolvidos. Dessa forma, pesquisadora e participantes constroem conhecimentos, dialogam e potencializam suas experiências como professores, aperfeiçoando sua prática docente. Os diálogos com os

participantes ocorreram a partir do Projeto de Extensão intitulado “Mídias Cinemáticas e Educação Ambiental: possibilidades na formação de professores”, elaborado com o objetivo de promover a formação continuada daqueles. Esse projeto apresentou como justificativa a necessidade de desenvolver a formação continuada para professores da Educação Básica, o que possibilitou uma reflexão crítica sobre as questões socioambientais, oportunizando aos docentes uma proposta de ação, através do uso das mídias cinemáticas, nas escolas onde atuam. Ele foi organizado no formato de rodas de formação, o que permitiu uma discussão coletiva, levando a um aprimoramento das suas práticas educativas em relação à Educação Ambiental, com o uso das mídias cinemáticas.

A produção de informações da pesquisa aconteceu através de entrevistas semiestruturadas, e para a análise foi utilizada a ATD. Ao final do processo de análise, chegou-se às categorias finais: “As mídias cinemáticas e a práxis do professor na Educação Básica” e “As mídias cinemáticas como possibilidade para transversalizar a Educação Ambiental na Educação Básica”. Ao me deparar com as categorias emergentes, dei início à construção dos metatextos, sendo que nesse processo foram levadas em consideração as experiências adquiridas durante o Projeto de Extensão e o problema de pesquisa: como transversalizar a Educação Ambiental no currículo da área do conhecimento de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas (EM), da Educação Básica, a partir do uso das mídias cinemáticas?

Em diálogo com o problema de pesquisa, problematizou-se sobre os elementos considerados fundamentais, pelos professores entrevistados, que necessitam ser considerados para transversalizar a Educação Ambiental na Educação Básica, a partir do uso das mídias cinemáticas. Esses elementos são: a falta de infraestrutura, o tempo, o planejamento, a aprendizagem com o outro, a falta de práticas formativas, o trabalho interdisciplinar e a importância da formação continuada. Esses não podem ser pensados isoladamente no processo educativo, pois se complementam, dialogam entre si, estão interligados e refletem diretamente no fazer docente. Os elementos elencados pelos professores foram importantes para a reflexão do processo de ensino-aprendizagem e para a práxis do professor. Destacou-se, nesta pesquisa, a importância de cursos de formação continuada, do diálogo, do aprendizado com o outro, das trocas de saberes, da consciência do nosso inacabamento. Entendemos que é importante e possível transversalizar a discussão da Educação Ambiental nas diferentes áreas do conhecimento, estabelecendo relação com as questões atuais em todos os níveis e modalidades da Educação Básica, e cabe ao professor fazer dessa aprendizagem um processo contínuo de transformação de valores e de atitudes que vai permanecer no decorrer da vida do aluno. Esses

elementos possibilitaram a compreensão do problema de pesquisa e dos objetivos traçados, que são: perceber como os professores da área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas (EM), da Educação Básica, trabalham com a Educação Ambiental no currículo; compreender como a Educação Ambiental pode transversalizar o currículo da área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas (EM), da Educação Básica; entender como o uso das mídias cinemáticas, em sala de aula, pode contribuir para transversalizar a Educação Ambiental no currículo. Os objetivos da pesquisa foram alcançados a partir dos diálogos e dos debates propostos durante o curso. Percebemos como os professores trabalham as questões socioambientais em suas aulas, além de discutirmos como transversalizar a Educação Ambiental, utilizando-se das mídias cinemáticas. Dessa forma, compreendeu-se que é indispensável a formação continuada e o diálogo, a troca de saberes e as experiências, para qualificar o fazer docente.

A partir da formação continuada sobre a Educação Ambiental e as mídias cinemáticas, oportunizou-se aos professores uma ação transformadora, pois aquela contribuiu para a reflexão sobre os temas que permeiam a Educação Ambiental. Entende-se fundamental para esse processo, a mediação do conhecimento embasada na perspectiva da Educação Ambiental Crítica e Transformadora, a qual permite o diálogo com a atual realidade social, cultural, política, econômica e socioambiental em que vivemos. A formação continuada, além de contribuir para a reflexão, para o diálogo com seus pares e para a qualificação do fazer docente, potencializou suas aprendizagens, seus saberes e suas práticas em relação à Educação Ambiental, com o uso das mídias cinemáticas, a partir das trocas de saberes e de experiências. Para tanto, o Projeto de Extensão, que promoveu a formação continuada de professores, apostou em alguns benefícios para os participantes, tais como: a experiência adquirida durante o processo e a construção do conhecimento, pois qualificou os professores da rede de ensino, englobando conhecimentos teóricos e práticos sobre a Educação Ambiental e as mídias cinemáticas.

Ressaltou-se a importância da conscientização dos professores em querer qualificar o seu fazer docente, estando em constante movimento de aprendizagem, em diálogo com seus pares, percebendo que esses dois campos, a Educação Ambiental e as mídias cinemáticas, possuem relações intrínsecas e são importantes para aperfeiçoar os saberes e promover a leitura do mundo. Assim, entendeu-se a práxis, ou seja, ação-reflexão como elemento essencial para significar as possibilidades de transversalizar a Educação Ambiental na Educação Básica, a partir do uso das mídias cinemáticas. Transversalizar a Educação Ambiental, através das mídias cinemáticas, apresentou-se como um dos caminhos para promover a consciência crítica e emancipadora, por meio do diálogo, promovendo ações dialógicas e conscientizadoras. Ao

partir desses valores, compreendeu-se que a Educação Ambiental é indispensável para formar cidadãos conscientes de seus direitos, buscando uma formação integral dos sujeitos, que atuem na transformação de suas realidades, e permitindo a reflexão para a importância do exercício pleno da cidadania.

Portanto, desejou-se a formação integral do aluno, ampliando suas visões de mundo, valores culturais, éticos, políticos, ambientais, estéticos, além de despertar o pensamento crítico, buscando uma ação transformadora da realidade de vida. Ao trabalhar com as mídias cinemáticas em sala de aula, possibilitamos a discussão das questões socioambientais, a reflexão, o diálogo e a problematização da realidade. Consideramos que a Educação Ambiental, ao transversalizar o currículo das áreas do conhecimento referidas nesta pesquisa, através do uso das mídias cinemáticas, configurou-se numa prática do professor no processo de ensinar e aprender, que contribuiu para o desenvolvimento curricular e para a sua práxis.

Conclui-se que, para transversalizar a Educação Ambiental na Educação Básica, a partir do uso das mídias cinemáticas, os professores necessitam observar os elementos elencados pelos participantes, para que esse processo ocorra da melhor maneira possível, com qualidade, estrutura e reflexão, aperfeiçoando-se e buscando por práticas que favoreçam o seu fazer docente. Conhecer a base teórica que fundamenta o fazer docente é importante, Napolitano (2009; 2011) nos traz informações de como trabalhar com as mídias cinemáticas em sala de aula, Loureiro (2007; 2012) problematiza a importância da Educação Ambiental como um processo permanente e coletivo, transformando a realidade de vida e Paulo Freire (2016; 2018), com sua leitura do cotidiano, diz que a educação é uma forma de intervir no mundo. Esses autores permearam toda a construção de saberes desta pesquisa e com eles, concluo que a formação do professor se constitui em um processo permanente, dada nossa incompletude e inacabamento, transformamos-nos a cada instante e, por isso, não podemos parar de aprender e ressignificar nossa práxis.

Encerrando minha escrita, gostaria de destacar que durante o processo de pesquisa minhas principais aprendizagens foram no campo da Educação Ambiental, pois eu ouvia falar e ficava curiosa sobre que conhecimentos poderia adquirir se estudasse esse campo. E hoje, concluindo minha dissertação, digo que são muitos e que os levarei para a minha vida profissional, como trabalhar as questões socioambientais em sala de aula, como transversalizar tais temas no currículo, como explorar essas questões utilizando as mídias cinemáticas, foram muitas aprendizagens e tenho certeza que aprofundar meus estudos, só me fizeram crescer enquanto professora.

Outra aprendizagem significativa foi no campo da formação de professores, tema que sempre me deixou intrigada. Estudar sobre essa temática me ajudou a entender minha própria formação e constituição como educadora. Aprofundar-me nas leituras de Paulo Freire e outros autores dessa área, com certeza, fez-me refletir sobre os saberes necessários à prática dos educadores que participaram do curso de formação proposto, assim como, na minha própria prática. Contribuir com a formação de professores sem dúvida foi muito gratificante!

## REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Fernanda Medeiros de; GALIAZZI, Maria do Carmo. **A formação do professor em rodas de formação**. In: Repositório Institucional da Universidade Federal do Rio Grande, 2011. Texto *on line*, disponível em: <http://repositorio.furg.br/handle/1/4526>. Acesso em: 28 abr. 2019.

ARRAIS, Antonia Adriana Mota; BIZERRIL, Marcelo Ximenes Aguiar. A Educação Ambiental Crítica e o pensamento freireano: tecendo possibilidades de enfrentamento e resistência frente ao retrocesso estabelecido no contexto brasileiro. In: **REMEA – Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental**. Rio Grande, v. 37, n. 1, 2020. Texto *on line*, disponível em: <https://periodicos.furg.br/remea/article/view/10885>. Acesso em: 11 mai. 2020.

BARBOSA, Jorge Luiz. Geografia e Cinema: em busca da aproximação e do inesperado. In: CARLOS, Ana Fani Alessandri (Org.). **A Geografia na Sala de Aula**. 8. ed. São Paulo: Contexto, 2006.

BARBOSA, Maria Carmem Silveira; SANTOS, Maria Angélica dos (Org.). **Escritos de Alfabetização Audiovisual**. Porto Alegre: Libretos, 2014.

BARROS, Marcelo Diniz Monteiro de; GIRASOLE, Mariana; ZANELLA, Priscilla Guimarães. O uso do cinema como estratégia pedagógica para o ensino de Ciências e de Biologia: o que pensam alguns professores da região metropolitana de Belo Horizonte. In: **Revista Praxis**, ano V, v. 5, n. 10, 2013. Texto *on line*, disponível em: <http://revistas.unifoa.edu.br/index.php/praxis/article/view/596>. Acesso em: 25 jan. 2019.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Texto *on line*, disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/ConstituicaoCompilado.Htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/ConstituicaoCompilado.Htm). Acesso em: 15 mar. 2019.

\_\_\_\_\_. **Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para a Educação Básica**. Conselho Nacional de Educação/Câmara de Educação Básica. Brasília, 2010. Texto *on line*, disponível em: <http://portal.mec.gov.br/docman/julho-2013-pdf/13677-diretrizes-educacao-basica-2013-pdf/file>. Acesso em: 10 ago. 2019.

\_\_\_\_\_. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Ambiental**. Conselho Nacional de Educação. Brasília, 2012. Texto *on line*, disponível em: <http://portal.mec.gov.br/docman/julho-2013-pdf/13677-diretrizes-educacao-basica-2013-pdf/file>. Acesso em: 10 mar. 2019.

\_\_\_\_\_. **I Conferência Nacional de Educação Ambiental**. Ministério do Meio Ambiente, dos Recursos Hídricos e da Amazônia Legal, Ministério da Educação e do Desporto. Brasília-DF, 1997. Texto *on line*, disponível em: <http://www.mma.gov.br/informma/item/8069-declara%C3%A7%C3%A3o-de-bras%C3%ADlia-para-a-educac%C3%A7%C3%A3o-ambiental.html>. Acesso em: 25 fev. 2019.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação Inicial de Professores para a Educação Básica e institui a Base Nacional Comum para a Formação Inicial de Professores da Educação Básica (BNC-Formação)**. Resolução nº 2, de 20 de dezembro de 2019. Texto *on line*, disponível em: [http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_docman&view=download&alias=135951-rcp002-19&category\\_slug=dezembro-2019-pdf&Itemid=30192](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=135951-rcp002-19&category_slug=dezembro-2019-pdf&Itemid=30192). Acesso em: 20 jul. 2020.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. **Equipamentos e materiais didáticos**. Brasília-DF: Secretaria da Educação, 2007. Texto *on line*, disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/profunc/equipamentos.pdf>. Acesso em: 28 mar. 2019.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Base Nacional Comum Curricular** (versão final). Texto *on line*, disponível em: [http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC\\_EI\\_EF\\_110518\\_versaofinal\\_site.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf). Acesso em: 5 mar. 2019.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação e Cultura. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional** (Lei nº 9.394/96). Texto *on line*, disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Leis/L9394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm). Acesso em: 10 mar. 2019.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação e Cultura. Secretaria de Educação Básica. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Apresentação dos Temas Transversais**. Secretaria de Educação Fundamental. 2. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação e Saúde Pública. Legislação Informatizada - **Lei nº 378, de 13 de janeiro de 1937** - Publicação Original. Texto *on line*, disponível em: [www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1930-1939/lei-378-13-janeiro-1937-398059-publicacaooriginal-1-pl.html](http://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1930-1939/lei-378-13-janeiro-1937-398059-publicacaooriginal-1-pl.html). Acesso em: 20 fev. 2019.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. **Lei 12.796, de 04 de abril de 2013**, altera a lei 9394/96, que estabelece a lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Texto *on line*, disponível em: <https://presrepublica.jusbrasil.com.br/legislacao/1034524/lei-12796-13>. Acesso em: 10 mai. 2019.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. **Lei nº 13.006, de 26 de junho de 2014**. Acrescenta § 8º ao art. 26 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para obrigar a exibição de filmes de produção nacional nas escolas de educação básica. Texto *on line*, disponível em: <https://presrepublica.jusbrasil.com.br/legislacao/1034524/lei-12796-13> Acesso em: 5 jun. 2019.

\_\_\_\_\_. Ministério do Meio Ambiente. **Política Nacional do Meio Ambiente**, Lei nº 6.938/81. Texto *on line*, disponível em: <http://www2.mma.gov.br/port/conama/legiabre.cfm?codlegi=313>. Acesso em: 20 mar. 2019.

\_\_\_\_\_. Resolução nº 3, de 21 de novembro de 2018. **Atualiza as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio**. Conselho Nacional de Educação. Brasília/Câmara de Educação Básica, 2018. Texto *on line*, disponível em: <http://novoensinomedio.mec.gov.br/resources/downloads/pdf/dcnem.pdf> Acesso em: 20 ago.

2019.

\_\_\_\_\_. Ministério do Meio Ambiente. **Política Nacional de Educação Ambiental**. Lei 9.795/99. Decreto 4.281/2002. Brasília, DF, 1999.

BUARQUE, Cristovam. **Projeto de Lei do Senado nº 185, de 2008**. Texto *on line*, disponível em: <https://www25.senado.leg.br/web/atividade/materias/-/materia/85084>. Acesso em: 20 mai. 2019.

CALLAI, Helena. O ensino de Geografia: recortes espaciais para análise. In: CASTROGIOVANNI, Antônio Carlos (Org.). **Geografia em sala de aula: práticas e reflexões**. 5. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, Associação dos Geógrafos Brasileiros- Seção Porto Alegre, 2010.

CLUBE DE ROMA. Texto *on line*, disponível em: <https://www.clubofrome.org/about-us/history/>. Acesso em: 20 fev. 2019.

**CONFERÊNCIA DAS NAÇÕES UNIDAS SOBRE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL** (Rio + 20). Texto *on line*, disponível em: [http://www.rio20.gov.br/sobre\\_a\\_rio\\_mais\\_20.html](http://www.rio20.gov.br/sobre_a_rio_mais_20.html). Acesso em: 20 fev. 2019.

**CONFERÊNCIA DE ESTOCOLOMO**. Texto *on line*, disponível em: <http://www.direitoshumanos.usp.br/index.php/Meio-Ambiente/declaracao-de-estocolmo-sobre-o-ambiente-humano.html>. Acesso em: 19 mar. 2019.

**CONSELHO UNIVERSITÁRIO**. Resolução Nº 027/2015. Dispõe sobre a Política de Extensão da FURG. De 11 de dezembro de 2015. Texto *on line*, disponível em: [https://proexc.furg.br/images/Politica\\_de\\_Extensao\\_da\\_FURG.pdf](https://proexc.furg.br/images/Politica_de_Extensao_da_FURG.pdf). Acesso em: 6 jul. 2019.

COUSIN, Cláudia da Silva. **Pertencer ao navegar, agir e narrar: formação de educadores ambientais**. 2010. 207 f. Tese (Doutorado em Educação Ambiental). Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental, Universidade Federal do Rio Grande – FURG. Rio Grande, 2010.

**DECLARAÇÃO DE TBILISI**. Texto *on line*, disponível em: <http://www.igeologico.sp.gov.br/wp-content/uploads/cea/Tbilisicompleto.pdf>. Acesso em: 5 mar. 2019.

**DECLARAÇÃO DE THESSALONIKI**. Texto *on line*, disponível em: [www.mma.gov.br/informma/item/8070-declaracao-de-thessaloniki.html](http://www.mma.gov.br/informma/item/8070-declaracao-de-thessaloniki.html). Acesso em: 4 abr. 2019.

DEMO, Pedro. **Educação e qualidade**. 6. ed. São Paulo: Papirus, 2001.

DIAS, Genebaldo Freire. **Educação ambiental: princípios e práticas**. 9. ed. São Paulo: Gaia, 2004.

DIAS, Genebaldo Freire. **Fundamentos de Educação ambiental**. São Paulo: Universo, 2000.

DUARTE, Rosália. **Cinema e Educação**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

DUARTE, Rosália; GONÇALVES, Beatriz Moreira. Escola e audiovisual no Brasil. In: BARBOSA, Maria Carmen Silveira; SANTOS, Maria Angélica dos (Org.). **Escritos de Alfabetização Audiovisual**. Porto Alegre: Libretos, 2014.

FANTIN, Monica. Audiovisual na escola: abordagens e possibilidades. In: BARBOSA, Maria Carmen Silveira; SANTOS, Maria Angélica dos (Org.). **Escritos de Alfabetização Audiovisual**. Porto Alegre: Libretos, 2014.

FAZENDA, Ivani. Interdisciplinaridade-Transdisciplinaridade: visões culturais e epistemológicas. In: FAZENDA, Ivani. **O que é interdisciplinaridade?** São Paulo: Cortez, 2008.

FEIL, Alexandre André; SCHREIBER, Dusan. Sustentabilidade e desenvolvimento sustentável: desvendando as sobreposições e alcances de seus significados. In: **Cadernos EBAPE.BR**, v. 14, n. 3, artigo 7, Rio de Janeiro, Jul./Set. 2017. Texto *on line*, disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cebape/v15n3/1679-3951-cebape-15-03-00667.pdf>. Acesso em: 20 ago. 2019.

FERREIRA, Leila da Costa. Sustentabilidade: Uma abordagem histórica da sustentabilidade. In: FERRARO JR., Luiz Antônio (Org.). **Encontros e Caminhos: Formação de Educadoras(es) Ambientais e Coletivos Educadores**. Brasília: MMA, Diretoria de Educação Ambiental, 2005.

FREIRE, Paulo. **Conscientização: teoria e prática da libertação - uma introdução ao pensamento de Paulo Freire**. 3. ed. São Paulo: Moraes, 1980.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 54. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 65. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2018.

FREITAS, Ana Lúcia Souza de. Conscientização. In: STRECK, Danilo; REDIN, Euclides; ZITKOSK, Jaime José. (Orgs.). **Dicionário Paulo Freire**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

FREITAS, Ana Lúcia Souza de; MACHADO, Maria Elisabete; SOUZA, Micheli Silveira de. O diário de registros como instrumento de (trans)formação docente. In: **Ambiente e Educação. Revista de Educação Ambiental**. Dossiê Temático Saberes, Práticas e Formação de Educadores Ambientais. v. 22, n. 2, 2017.

FREITAS, André Luís Castro de; FREITAS, Luciane Albernaz de Araújo. Palavra-ação-reflexão: a práxis social no pensamento freiriano. In: GHIGGI, Gomercindo (Org.). **Leituras de Paulo Freire: política, cultura e formação humana**. São Leopoldo: Oikos, 2016.

FUSARI, José Cerchi. A linguagem do cinema no currículo do Ensino Médio: um recurso para o professor. In: TOZZI, Devanil (Org.). **Caderno de cinema do professor: dois**. Secretaria da Educação, Fundação para o desenvolvimento da Educação. São Paulo: FDE, 2009.

GALLO, Sílvio. A Filosofia e seu Ensino: Conceito e Transversalidade. Rio de Janeiro. In: **Revista ETHICA**, v. 13, n. 1, p. 17-35, 2006.

GAMBOA, Silvio Sanchez. **Pesquisa em Educação: métodos e epistemologias**. Campinas: Argos, 2006.

GIESTA, Nágila Caporlândia. **Tomada de decisões pedagógicas no cotidiano escolar**. 1994. 233 f. Dissertação. (Mestrado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande – FURG. Rio Grande, 1994.

GUIMARÃES, Mauro. **A formação de educadores ambientais**. Campinas, SP: Papirus, 2004.

**INSTITUTO HUMANITAS – UNISINOS**. Texto *on line*, disponível em: [www.ihu.unisinos.br](http://www.ihu.unisinos.br). Acesso em: 27 abr. 2019.

LAYRARGUES, Philippe Pomier; LIMA, Gustavo Ferreira da Costa. Mapeando as macro-tendências político-pedagógicas da Educação Ambiental contemporânea no Brasil. In: **VI Encontro “Pesquisa em Educação Ambiental”**, Ribeirão Preto, 2011. Texto *on line*, disponível em: [www.icmbio.gov.br/educacaoambiental/images/stories/biblioteca/educacao\\_ambiental/layrargues\\_e\\_lima\\_-\\_Mapeando\\_as\\_macro\\_tendencias\\_da\\_EA.pdf](http://www.icmbio.gov.br/educacaoambiental/images/stories/biblioteca/educacao_ambiental/layrargues_e_lima_-_Mapeando_as_macro_tendencias_da_EA.pdf). Acesso em: 25 abr. 2019.

LEITE, Ana Lúcia Tostes de Aquino; MEDINA, Naná Minini. **Educação Ambiental: curso básico a distância: documentos e legislação da educação ambiental**. 2. ed. Ampliada. Brasília: MMA, 2001.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2013.

LIBÂNEO, José Carlos. **Educação escolar: políticas, estrutura e organização**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

LIMA, Maristela Rocha; PORTUGAL, Jussara Fraga. A linguagem cinematográfica e a Geografia Cultural: contextualizações e proposições didático-pedagógicas. In: PORTUGAL, Jussara Fraga (Org.). **Educação Geográfica: diversas linguagens**. Salvador: EDUFBA, 2018.

LINHARES, Ronaldo Nunes; SOUZA, Albano Goes. Luz, câmera e educação: a pedagogia do cinema na formação de professores. In: **Interfaces Científicas – Educação**. Aracaju. v. 01, n. 01, 2012. Texto *on line*, disponível em: <https://periodicos.set.edu.br/index.php/educacao/article/view/108/82>. Acesso em: 2 mar. 2019.

LOUREIRO, Carlos Frederico Bernardo (Org.). **A questão ambiental no pensamento crítico: natureza, trabalho e educação**. Rio de Janeiro: Quartet, 2007.

LOUREIRO, Carlos Frederico Bernardo. Educação Ambiental crítica: contribuições e desafios. In: **Vamos cuidar do Brasil: conceitos e práticas em educação ambiental na escola**. Ministério da Educação/MEC – Departamento de Educação Ambiental. Brasília: UNESCO, 2007. Texto *on line*, disponível em: <http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/publicacao3.pdf>. Acesso em: 12 abr. 2020.

LOUREIRO, Carlos Frederico Bernardo. **Trajetórias e fundamentos da educação ambiental**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

MENDONÇA, Patrícia Ramos. Políticas de formação continuada de professores e professoras em educação ambiental no Ministério da Educação. In: **Vamos cuidar do Brasil: conceitos e práticas em educação ambiental na escola**. Ministério da Educação/MEC – Departamento de Educação Ambiental. Brasília: UNESCO, 2007. Texto *on line*, disponível em: <http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/publicacao3.pdf>. Acesso em: 12 abr. 2020.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 28. ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

MODRO, Nelson Ribeiro. **Cineducação: usando o cinema em sala de aula**. Joinville, SC: Casamarca Design Editorial, 2005.

MOLON, Susana Inês. As contribuições de Vygotsky na formação de educadores ambientais. In: LOUREIRO, Carlos Frederico Bernardo; LAYRARGUES, Ronaldo Souza de Castro (Orgs.). **Repensar a educação ambiental: um olhar crítico**. São Paulo: Cortez, 2009.

MORAES, Roque; GALIAZZI, Maria do Carmo. **Análise Textual Discursiva**. 3. ed. rev. e ampl. Ijuí: Unijuí, 2016.

MORAN, José Manuel. **A educação que desejamos: novos desafios e como chegar lá**. Campinas, SP: Papirus, 2007.

MOREIRA, Antônio Flávio Barbosa; CANDAU, Vera Maria. **Indagações sobre currículo: currículo, conhecimento e cultura**. Organização do documento Jeanete Beauchamp, Sandra Denise Pagel, Aricélia Ribeiro do Nascimento. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2007. Texto *on line*, disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Ensfund/indag3.pdf>. Acesso em: 10 set. 2019.

MOREIRA, Antônio Flávio Barbosa; SILVA, Tomaz Tadeu da. **Currículo, cultura e sociedade**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2000.

MOREIRA, Carlos Eduardo. Emancipação. In: STRECK, Danilo; REDIN, Euclides; ZITKOSK, Jaime José. (Orgs.). **Dicionário Paulo Freire**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

MOREIRA, Tiago de Almeida. Ensino de Geografia com o uso de filmes no Brasil. In: **Revista do Departamento de Geografia – USP**, 2012. v. 23. Texto *on line*, disponível em: [www.revistas.usp.br/rdg/article/view/47205](http://www.revistas.usp.br/rdg/article/view/47205). Acesso em: 10 mar. 2019.

MORETTIN, Eduardo Victorio. Cinema educativo: uma abordagem histórica. In: **Comunicação e Educação**. Revista do Departamento de Comunicações e Artes da

ECA/USP, 1995. v. 4. Texto *on line*, disponível em:

<http://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/36171/38891>. Acesso em: 23 mar. 2019.

NAPOLITANO, Marcos. **Como usar o cinema em sala de aula**. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2011.

NAPOLITANO, Marcos. Cinema: experiência cultural e escolar. In: TOZZI, Devanil (Org.). **Caderno de cinema do professor**: dois. Secretaria da Educação, Fundação para o desenvolvimento da Educação. São Paulo: FDE, 2009.

OLIVEIRA, Haydée Torres de. Educação ambiental – ser ou não ser uma disciplina: essa é a principal questão?! In: **Vamos cuidar do Brasil**: conceitos e práticas em educação ambiental na escola. Ministério da Educação/MEC – Departamento de Educação Ambiental. Brasília: UNESCO, 2007. Texto *on line*, disponível em:  
<http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/publicacao3.pdf>. Acesso em: 12 abr. 2020.

PAZZINI, Darlin Nalú Ávila; ARAÚJO, Fabrício Viero de. O uso do vídeo como ferramenta de apoio ao ensino-aprendizagem. In: **Manacial** – Repositório Digital da Universidade de Santa Maria. Universidade Federal de Santa Maria –UFSM. Santa Maria, 2013. Texto *on line*, disponível em:

[https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/729/Pazzini\\_Darlin\\_Nalu\\_Avila.pdf?sequence=1](https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/729/Pazzini_Darlin_Nalu_Avila.pdf?sequence=1).

Acesso em: 10 mai. 2019.

PILETTI, Claudino. **Didática Geral**. 23. ed. São Paulo: Editora Ática, 2003.

PITANO, Sandro de Castro; NOAL, Rosa Elena. Dimensionando o diálogo no pensamento de Paulo Freire. In: STRECK, Danilo (Org.). **Leituras de Paulo Freire**: contribuições para o debate pedagógico contemporâneo (II). Brasília: Líber Livro Editora, 2010.

PONTUSCHKA, Nídia; PAGANELLI, Tomoko; CACETE, Núria. **Para ensinar e aprender Geografia**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2009.

PRONEA. **Programa Nacional de Educação Ambiental**. Ministério do Meio Ambiente, Diretoria de Educação Ambiental; Ministério da Educação. Coordenação Geral de Educação Ambiental. Brasília: Ministério do Meio Ambiente, 2018. Texto *on line*, disponível em:  
[http://www.mma.gov.br/images/arquivo/80221/pronea\\_4edicao\\_web-1.pdf](http://www.mma.gov.br/images/arquivo/80221/pronea_4edicao_web-1.pdf). Acesso em: 5 mar. 2019.

RELPH, Edward. Reflexões sobre a emergência, aspectos e essência de lugar. In: MARANDOLA, JR. Eduardo; HOLZER, Werter; OLIVEIRA, Livia (Org.). **Qual o espaço do lugar?** geografia, epistemologia, fenomenologia. São Paulo: Perspectiva, 2014.

RICHARDSON, Roberto Jarry. **Pesquisa social**: métodos e técnicas. 4. ed. rev. Atual. e ampl. São Paulo: Atlas, 2017.

RODRIGUES, Gelze Serrat; COLESANTI, Marlene Munoz. Educação Ambiental e as novas tecnologias de informação e comunicação. In: **Sociedade e Natureza**, Uberlândia, 2008. Texto *on line*, disponível em:  
[www.seer.ufu.br/index.php/sociedadennatureza/article/download/9398/5743](http://www.seer.ufu.br/index.php/sociedadennatureza/article/download/9398/5743). Acesso em: 19 mar. 2019.

ROSSATO, Ricardo. Práxis. In: STRECK, Danilo; REDIN, Euclides; ZITKOSK, Jaime José. (Orgs.). **Dicionário Paulo Freire**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

SÁ, Irene Tavares. **Cinema: presença na Educação**. Rio de Janeiro: Editora Renes, 1976.

SACRISTÁN, José Gimeno. **Saberes e incertezas sobre o currículo**. Tradução Alexandre Salvaterra. Porto Alegre: Penso, 2013.

SAUVÉ, Lucie. Uma cartografia das correntes em educação ambiental. In: SATO, Michèle; CARVALHO, Isabel (Org.). **Educação ambiental: pesquisa e desafios**. Porto Alegre: Artmed, 2005.

SEGURA, Denise de Baena. **Educação Ambiental na escola pública: da curiosidade ingênua à consciência crítica**. São Paulo: Annablume: Fapesp, 2001.

SILVA, Roseli Pereira. **Cinema e Educação**. São Paulo: Cortez, 2007.

SILVA, William Rubira da. **Comunidade de indagação online: pesquisa-formação com professores de Ciências**. 2017. 134 f. Dissertação (Mestrado em Educação e Ciências). Programa de Pós-Graduação em Educação e Ciências: Química da Vida e Saúde, Universidade Federal do Rio Grande – FURG. Rio Grande, 2017.

SOARES, Luiz Paulo da Silva. **Cartografando experiências no ensino de História: a mídia cinemática como fonte educativa em sala de aula**. 2017. 142 f. (Mestrado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande – FURG. Rio Grande. 2017.

TARDIF, Maurice. **Saberes Docentes e Formação Profissional**. 17. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2014.

TOZONI-REIS, Marília Freitas de Campos. Contribuições para uma pedagogia crítica na educação ambiental. In: LOUREIRO, Carlos Frederico Bernardo (Org.). **A questão ambiental no pensamento crítico: natureza, trabalho e educação**. Rio de Janeiro: Quartet, 2007.

**TRATADO DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL PARA SOCIEDADES SUSTENTÁVEIS**. Texto *on line*, disponível em: [www.portalmec.gov.br/secad/arquivos/pdf/educacaoambiental/tratado.pdf](http://www.portalmec.gov.br/secad/arquivos/pdf/educacaoambiental/tratado.pdf). Acesso em: 30 mar. 2019.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. 1. ed. 22ª reimpr. São Paulo: Atlas, 2013.

WARSCHAUER, Cecília. **Rodas em rede: oportunidades formativas na escola e fora dela**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001.

YARED, Ivone. O que é interdisciplinaridade? In: FAZENDA, Ivani (Org.). **O que é interdisciplinaridade?** São Paulo: Cortez, 2008.

ZITKOSKI, Jaime José. Diálogo. In: STRECK, Danilo; REDIN, Euclides; ZITKOSK, Jaime

José. (Orgs.). **Dicionário Paulo Freire**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

## APÊNDICE 01 – PROJETO DE EXTENSÃO



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
 MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
 UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE - FURG  
 PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO E CULTURA  
 PLANO DE TRABALHO PARA PROJETO DE EXTENSÃO

### 1 - DADOS CADASTRAIS

<b>1.1 - Coordenador do Projeto</b> Claudia da Silva Cousin
<b>1.2 - Unidade Acadêmica</b> IE - Instituto de Educação
<b>1.2.1 - Unidades Envolvidas</b> ICHI - Instituto de Ciências Humanas e da Informação; IE - Instituto de Educação
<b>1.3 - Número da Ata de Aprovação na Unidade</b> Não informada no SISPROJ
<b>1.4 - Identificador do Projeto no SisProj</b> EXT - 1101
<b>1.5 - Origem das receitas</b> Não Informado no SISPROJ
<b>1.5.1 - Valor Total do Projeto</b> Não informado no SISPROJ
<b>1.6 - Instituições Externas e/ou Parceiras</b> Prefeitura Municipal do Rio Grande - Secretaria de Município da Educação
<b>1.7 - Projeto Via Faurg</b> Não

### 2 - DISCRIMINAÇÃO DO PROJETO

<b>2.1 - Título do Projeto</b> Mídias cinemáticas e Educação Ambiental: possibilidades na formação de professores	<b>2.2 - Período de Execução</b>	
	<b>2.2.1 - Início</b> 02/09/2019	<b>2.2.2 - Fim</b> 20/12/2019
<b>2.3 - Objetivo do Projeto</b>		
<b>2.3.1 - Objetivo Geral</b> Compreender a importância do uso das mídias cinemáticas como possibilidade para transversalizar a Educação Ambiental na área do conhecimento de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas.		
<b>2.3.2 - Objetivo Específico</b> <ul style="list-style-type: none"> <li>- realizar a articulação entre a universidade e as escolas da rede pública do município do Rio Grande - RS;</li> <li>- promover a Educação Ambiental na formação continuada de professores da área do conhecimento de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas;</li> <li>- organizar rodas de formação de professores presenciais para discutir a Educação Ambiental através do uso de mídias cinemáticas;</li> </ul>		

- estudar referenciais teóricos do campo da educação ambiental, da formação de professores e das mídias cinemáticas para fundamentar a ação docente e qualificar o debate em torno dos temas propostos;
- planejar e desenvolver práticas educativas com os professores, utilizando as mídias cinemáticas;
- aprofundar a compreensão sobre a importância do uso de múltiplas linguagens para o ensino de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas.
- socializar nas rodas de formação as aprendizagens tecidas durante o curso.

#### 2.4 - Justificativa

Este projeto de extensão justifica-se pela necessidade de desenvolver formação continuada para professores da educação básica e, contribuir com a melhoria da qualidade da educação. E, também pela importância de dialogar com os professores da área do conhecimento de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas sobre as práticas educativas desenvolvidas no cotidiano escolar, dando ênfase a discussão da Educação Ambiental a partir da transversalidade, tendo as mídias cinemáticas como possibilidade metodológica para promover tal debate. A escolha da área do conhecimento vai ao encontro da proposta da Base Nacional Comum Curricular - BNCC e permite romper com a visão disciplinar, visto que apostamos na Educação Ambiental na perspectiva da inter, multi e transdisciplinaridade, em diálogo com a Política Nacional de Educação Ambiental - PNEA.

#### 2.5 - Fundamentação Teórica

Na atualidade, pensar sobre formação de educadores ambientais é salutar, pois o que encontramos hoje é o aumento da crise ambiental em diferentes escalas, além do desmonte da Educação. Tal fato reverbera nas condições de vida da população, diminuindo sua qualidade e aumentando os riscos de catástrofes, que intensificam as desigualdades e injustiças sociais, conforme podemos visualizar cotidianamente nos noticiários das mídias digitais, jornais e televisão. Neste cenário alarmante e real, a educação e a formação de educadores tornam-se alternativas importantes e viáveis para contrapor-se a esse contexto e contribuir para a construção de outro modelo de sociedade, cuja pauta basilar é a sustentabilidade, diferente da instituída no país neste momento, que apregoa o desenvolvimento econômico em prol do crescimento, em detrimento da qualidade de vida, da sustentabilidade ambiental e da justiça social. Para a formação de educadores consideramos, a partir de Freire (2016, p. 24) que "ensinar não é transferir conhecimento, mas criar possibilidades para a sua produção ou a sua construção." Posto isso, entendemos a formação continuada para os professores da Educação Básica da área do conhecimento de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas (EM) como uma possibilidade importante para promover a discussão da Educação Ambiental. Pois, esta irá contribuir para instrumentalizá-los para identificar os problemas socioambientais do seu cotidiano, da escola ou da comunidade, possibilitando o planejamento e desenvolvimento de práticas educativas junto aos seus alunos e a comunidade escolar, a partir do seu campo de atuação profissional, estando aberto ao diálogo e a leitura da realidade, tramando um diálogo transversal da Educação Ambiental no currículo. Por isso, compreendemos a importância desses professores desenvolverem um pensar crítico e reflexivo sobre o que acontece no seu entorno, e também no mundo. Desta forma, entendemos como formação continuada de professores, o exposto nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a formação inicial em nível superior e para a formação continuada, a partir da Resolução nº 2, de 1º de julho de 2015, no artigo 16:

A formação continuada compreende dimensões coletivas, organizacionais e profissionais, bem como o repensar do processo pedagógico, dos saberes e valores, e envolve atividades de extensão, grupos de estudos, reuniões pedagógicas, cursos, programas e

ações para além da formação mínima exigida ao exercício do magistério na educação básica, tendo como principal finalidade a reflexão sobre a prática educacional e a busca de aperfeiçoamento técnico, pedagógico, ético e político do profissional docente. (BRASIL, 2015, p. 13)

É de fundamental importância a busca por aperfeiçoamento profissional docente no que se refere a Educação Ambiental, pois estes atuam na educação formal, e é neste espaço que devem ser discutidas as práticas pedagógicas, além de valores e ações necessárias para a inserção da dimensão ambiental na escola, pois concordando com Guimarães (2004) a educação ambiental é uma prática pedagógica que não se realiza sozinha, "mas nas relações do ambiente escolar", sendo conduzida pelo educador que estando preparado para essa prática, proporcionará aos seus alunos a formação de hábitos e práticas que visem a compreensão ética da questão ambiental. Uma formação continuada contribui para a reflexão, para a tomada de consciência e mudanças de hábitos e atitudes dos professores que vão potencializar suas aprendizagens, saberes e práticas juntamente com seus alunos, como também, ampliarão seus conhecimentos, em relação a Educação Ambiental, a partir das trocas de saberes e experiências com os colegas participantes da formação.

As mídias cinemáticas são recursos audiovisuais que podem ser utilizados no currículo da Educação Básica, visando educar o olhar do aluno para compreender seu poder de comunicação. Concordando com Pazzini e Araújo (2013):

No meio educativo, é fundamental que educadores saibam utilizar e explorar esses recursos, é de enorme importância, pois sua missão é criar um ambiente que seja propício à assimilação do saber, servindo como facilitador no processo de ensino e aprendizado [...] (PAZZINI e ARAÚJO, 2013, p. 03)

Desta forma, as mídias cinemáticas, que de acordo com Soares (2017) são ferramentas que auxiliam no processo de ensino e aprendizagem, tais como: a música, a internet, o teatro, o filme, dentre outros; tem por objetivo informar, mas também divertir e nesse contexto surge sua importância no processo educativo. De acordo com Moran (2007) o vídeo se caracteriza por uma linguagem visual, falada, musical e escrita. Essas linguagens interagem, estão interligadas e não separadas, elas atingem todas as nossas percepções ao mesmo tempo. Desta forma, concordando com Linhares (2007, p. 37) "Não se educa sem comunicar; por isso, a inter-relação comunicação/educação contribui em diversas frentes para que o espaço escolar possa efetivamente tornar-se um espaço sócio-histórico de participação política e cidadã. Assim, o professor é o responsável por essa transformação, através do diálogo estabelecido em sala de aula, inserindo a linguagem audiovisual como parceira nesse processo. Nessa perspectiva, vamos conhecer como o filme, que é a principal mídia cinemática pesquisada, foi sendo inserido no processo educativo ao longo dos anos.

Desta forma, a Lei 13.006/2014, constitui a exibição de filmes como um componente curricular obrigatório, pois de acordo com Buarque (2008) este, é uma arte de fácil acesso nas escolas. Assim, cabe aos envolvidos nesta ação buscar condições para que se possa exibir filmes em sala de aula, pois o cinema vem se relacionando com a escola há muitas décadas. De acordo com Duarte (2009, p. 16), "[...] ver filmes é uma prática social tão importante do ponto de vista da formação cultural e educacional das pessoas quanto a leitura das obras literárias, filosóficas, sociológicas e tantas mais [...]", basta que ambas as partes se reconheçam na formação das pessoas. Diante do exposto, defendemos que As mídias cinemáticas se compõem de múltiplas linguagens e, é uma produção cultural, importante na formação do intelecto do aluno, pois com ele aparecem questões cognitivas, artísticas e afetivas importantes. Elas têm o poder de transformar a percepção

- \* aproximar o aluno da realidade;
- \* visualizar ou concretizar os conteúdos da aprendizagem;
- \* oferecer informações e dados;
- \* permitir a fixação da aprendizagem;
- \* ilustrar noções mais abstratas;
- \* desenvolver a experimentação concreta. (Piletti, 2003, p.154)

Desta forma, percebe-se como um recurso pode ser explorado em sala de aula, quando usado de maneira adequada e nas mídias cinemáticas, observamos a pertinência dos objetivos descritos acima. Assim, estas serão mediadoras do processo de ensino-aprendizagem, pois através dele serão estabelecidos diálogos e reflexões sobre a questão abordada, corroborando com o que diz a BNCC do Ensino Médio (2018) sobre a área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas que propõe que "os estudantes desenvolvam a capacidade de estabelecer diálogos - entre indivíduos, grupos sociais e cidadãos de diversas nacionalidades, saberes e culturas distintas -, elemento essencial para a aceitação da alteridade e a adoção de uma conduta ética em sociedade" (BRASIL, 2018, p. 561). Compreendemos que Através desse recurso permitirá a construção de uma visão mais complexa da realidade ambiental em seu contexto de crise, pois o professor desenvolverá nos alunos uma visão crítica da realidade, permitindo que eles façam suas escolhas individuais e coletivas, em relação a melhor maneira de viver em sociedade. O debate sobre a problemática socioambiental contemporânea, a partir do uso das mídias cinemáticas permitirá ao aluno, a construção de novos conhecimentos. De acordo com Loureiro (2007, p. 81) "A Educação Ambiental transformadora enfatiza a educação enquanto processo permanente, cotidiano e coletivo pelo qual agimos e refletimos, transformando a realidade de vida".

## 2.6 - Metodologia

Este projeto de extensão fundamenta-se na Pesquisa Formação, por buscar potencializar a formação continuada de professores. Outrossim, alicerça seu trabalho na metodologia qualitativa por possibilitar organizar Rodas de Formação presencial, com o intuito de discutir e contribuir para qualificar o ensino de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas.

As Rodas de Formação, segundo Warschauer (2001, p. 300) não se refere à estrutura apenas, mas a qualidade da interação, às partilhas que elas facilitam. Haver espaços e tempos definidos para o encontro das pessoas em círculos não é suficiente (e talvez nem estritamente necessário), apesar desta forma ser facilitadora, mas é a qualidade das trocas estabelecidas no processo partilhado que propicia o desenvolvimento criativo individual e grupal: o cuidado mútuo, a escuta sensível, o acolher e ser acolhido, a paixão por aprender e ensinar, de ensinar e aprender, a paciência no falar e ouvir, a amorosidade na convivência, a tolerância nas diferenças, o prazer estético partilhado, o respeito durante os conflitos, a coragem de ver-se no outro, de olhar para ele e para si, o formar-se formando.

Dialogando com essa autora e refletindo sobre a potência formativa das Rodas de Formação nos cursos de licenciatura, apostamos nessas Rodas especialmente por causa do diálogo, da partilha de saberes, da escuta sensível e também por viabilizar a constituição de uma Comunidade Aprendiz.

Para tanto, esse projeto de extensão visa realizar as seguintes ações presenciais:

- articulação entre a universidade e as escolas de educação básica pertencentes a Secretaria de Município da Educação - SME do Rio Grande e da 18ª Coordenadoria Regional de Educação, através do Laboratório de Pesquisa e Ensino de Geografia -

LAPEG/FURG e do Grupo de Pesquisa Ciranda Interdisciplinar de Pesquisa em Educação em Ambiente - CIPEA/FURG.

- organização de Rodas de Formação de Professores, para discutir a Educação Ambiental no ensino de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, através do uso de mídias cinemáticas;

- estudar referenciais teóricos para fundamentar a ação docente e qualificar o debate em torno dos temas propostos;

- planejar e desenvolver atividades práticas nas escolas, com o intuito de tornar mais complexa a forma de compreender o uso das mídias cinemáticas e sua importância para o ensino de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas;

- socializar nas Rodas de Formação, as aprendizagens tecidas no cotidiano escolar, a partir da aplicabilidade prática das atividades planejadas, utilizando mídias cinemáticas;

O conjunto de atividades que compõem o projeto de extensão foi elaborado considerando a área do conhecimento de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, que participarão da formação continuada em serviço. Tal fato, também contribuiu para a sistematização das atividades distribuídas ao longo de 2 meses, tendo o seu início em setembro e previsão de término em novembro de 2019, com um conjunto de ações presenciais e também com demandas no cotidiano da escola.

#### **2.7 - Observações**

O projeto de extensão será desenvolvido no Laboratório de Pesquisa e Ensino de Geografia - LAPEG.

#### **2.8 - Referências Bibliográficas**

BRASIL. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Ambiental. Conselho Nacional de Educação. Brasília, 2012. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/docman/julho-2013-pdf/13677-diretrizes-educacao-basica-2013-pdf/file>. Acesso em: 10 mar. 2019.

BRASIL. Ministério da Educação. Diretrizes Curriculares Nacionais para a formação inicial em nível superior e formação continuada. Resolução nº 2, de 1º de julho de 2015. Texto on line, disponível em: <http://portal.mec.gov.br/docman/agosto-2017-pdf/70431-res-cne-cp-002-03072015-pdf/file>. Acesso em: 02 mar 2019.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Base Nacional Comum Curricular (versão final). Texto on line, disponível em: [http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC\\_EI\\_EF\\_110518-versaofinal\\_site.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518-versaofinal_site.pdf). Acesso em: 05 mar 2019.

BRASIL. Lei n. 9.795. Disponível em: < Lei Federal, 9.795, de 27 de abril de 1999 > Acesso em: 09/ 2018.

BUARQUE, Cristovan. Projeto de Lei do Senado nº 185, de 2008. Texto on line, disponível em: <https://www25.senado.leg.br/web/atividade/materias/-/materia/85084>. Acesso em: 20 mai. 2019.

DUARTE, Rosália. Cinema e Educação. 3ª ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. 54ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016.

2.9 - Equipe Executora			
Nome	Vínculo com a FURG	Carga Horária	Remuneração pelo Projeto
Rossana Madruga Telles	Docente - ICHI	20 Horas	( ) Sim (X) Não
Rossandra Rodrigues Votto Feijo	Discente	20 Horas	( ) Sim (X) Não

### 3 - CRONOGRAMA DE EXECUÇÃO

<b>Meta</b>	Meta e etapas não definidas para a(s) atividade(s) abaixo		
<b>Etapas</b>			
<b>Atividade</b>	Reunião com a Equipe formativa		
<b>Descrição da atividade</b>	Esta atividade será realizada no início do projeto. O objetivo é discutir o planejamento das atividades junto a equipe e sistematizar detalhadamente as ações a serem desenvolvidas, conforme o cronograma de execução.	<b>Ação Relacionada</b>	Extensão
<b>Equipe</b>	<b>Claudia da Silva Cousin (Coordenador),</b> Ana Paula Borges Ramos (Colaborador / Aluno de Doutorado), Danielle Monteiro Behrend (Colaborador / Aluno de Doutorado), Elisangela de Felipe Rodrigues (Colaborador / Aluno de Doutorado), Felipe Alonso dos Santos (Colaborador), Fernanda Seidel Vorpapel (Colaborador / Aluno de Mestrado), Lillian Melo Rodrigues (Colaborador), Rossana Madruga Telles (Colaborador), Rossandra Rodrigues Votto Feijo (Colaborador / Aluno de Mestrado)		
<b>Indicador físico</b>	<b>Início</b>	<b>Fim</b>	
	02/09/2019	02/09/2019	
<b>Atividade</b>	Pesquisa sobre o uso de mídias cinemáticas e a Educação Ambiental		
<b>Descrição da atividade</b>	Pesquisa junto aos professores com o intuito de compreender a contribuição das mídias cinemáticas para transversalizar a Educação Ambiental no currículo da área do conhecimento de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas.	<b>Ação Relacionada</b>	Pesquisa
<b>Equipe</b>	<b>Claudia da Silva Cousin (Coordenador),</b> Rossandra Rodrigues Votto Feijo (Colaborador / Aluno de Mestrado)		
<b>Indicador físico</b>	<b>Início</b>	<b>Fim</b>	
	09/09/2019	20/12/2019	
<b>Atividade</b>	Rodas de formação de professores		
<b>Descrição da atividade</b>	Os encontros de formação continuada está organizado da seguinte forma:	<b>Ação Relacionada</b>	Extensão
	09/09 (manhã) - Apresentação do projeto de extensão para os professores e constituição da roda de formação. 24/09 (tarde) - Roda de formação 10/10 (manhã) - Roda de formação		

### 3 - CRONOGRAMA DE EXECUÇÃO

	23/10 (tarde) - Roda de formação 08/11 (manhã) - Roda de formação - Encerramento do Projeto de Extensão		
<b>Equipe</b>	<b>Claudia da Silva Cousin (Coordenador),</b> Ana Paula Borges Ramos (Colaborador / Aluno de Doutorado), Danielle Monteiro Behrend (Colaborador / Aluno de Doutorado), Elisangela de Felipe Rodrigues (Colaborador / Aluno de Doutorado), Felipe Alonso dos Santos (Colaborador), Fernanda Seidel Vorpapel (Colaborador / Aluno de Mestrado), Lilian Melo Rodrigues (Colaborador), Rossana Madruga Telles (Colaborador), Rossandra Rodrigues Votto Feijo (Colaborador / Aluno de Mestrado)		
<b>Indicador físico</b>	Compreender a importância do uso das mídias cinemáticas como potencialidade para transversalizar a Educação Ambiental na área do conhecimento de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas.	<b>Início</b> 09/09/2019	<b>Fim</b> 20/12/2019
<b>Atividade</b>	O sala de aula nas rodas de formação		
<b>Descrição da atividade</b>	Esta atividade está vinculada as atividades práticas desenvolvidas no cotidiano das escolas onde desenvolvem o fazer docente, tendo como objetivo discutir a Educação Ambiental na área do conhecimento de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas a partir do uso das mídias cinemáticas.	<b>Ação Relacionada</b> Ensino	
<b>Equipe</b>	<b>Claudia da Silva Cousin (Coordenador),</b> Ana Paula Borges Ramos (Colaborador / Aluno de Doutorado), Danielle Monteiro Behrend (Colaborador / Aluno de Doutorado), Elisangela de Felipe Rodrigues (Colaborador / Aluno de Doutorado), Fernanda Seidel Vorpapel (Colaborador / Aluno de Mestrado), Lilian Melo Rodrigues (Colaborador), Rossana Madruga Telles (Colaborador), Rossandra Rodrigues Votto Feijo (Colaborador / Aluno de Mestrado)		
<b>Indicador físico</b>		<b>Início</b> 09/09/2019	<b>Fim</b> 20/12/2019

### 4 - PLANO DE APLICAÇÃO

Não possui despesas cadastradas.

### 5 - DETALHAMENTO DA DESPESA - QUADRO RESUMO

<b>3390.14 - Diárias</b>
Não possui diárias cadastradas.
<b>3390.18 - Bolsas - Estudantes</b>
Não possui bolsa de estudante cadastrada.
<b>3390.20 - Bolsas - Pesquisadores</b>
Não possui bolsa de pesquisador cadastrada.

<b>3390.30 - Material de Consumo</b>	
Não possui materiais de consumo cadastrados.	
<b>3390.33 - Passagens e Despesas com Locomoção</b>	
Não possui passagens cadastradas.	
<b>3390.36 - Outros Serviços de Terceiros - Pessoa Física</b>	
Não possui serviços de terceiros - pessoa física cadastrados.	
<b>3390.39 - Outros Serviços de Terceiros - Pessoa Jurídica</b>	
Não possui serviços de terceiros - pessoa jurídica cadastrados.	
<b>3391.47 - Encargos Sociais</b>	
Não possui serviços de terceiros - pessoa física cadastrados.	
<b>Outras Despesas</b>	
Não possui outras despesas cadastradas.	
<b>TOTAL DESPESAS CORRENTES</b>	0,00
<b>4490.51 - Obras e Instalações</b>	
Não possui obras e instalações cadastradas.	
<b>4490.52 - Equipamentos e Material Permanente</b>	
Não possui equipamentos e/ou material permanente cadastrado.	
<b>TOTAL DESPESAS CAPITAL</b>	0,00
<b>Ressarcimentos</b>	
Não possui ressarcimentos cadastrados.	
<b>VALOR TOTAL DO PLANO DE TRABALHO (CUSTEIO + CAPITAL + RESSARCIMENTOS)</b>	0,00

(\*) conforme deliberação do COEPEA vigente

CLAUDIA DA SILVA COUSIN  
Responsável

## APÊNDICE 02 – MATERIAL DIDÁTICO DA FORMAÇÃO

### PROJETO DE EXTENSÃO

#### Mídias cinemáticas e Educação Ambiental: possibilidades na formação de professores

Lista de mídias cinemáticas organizada a partir dos livros didáticos  
PNLD 2020.  
6º ano



ASSUNTO	MÍDIA CINEMÁTICA: FILME/DOCUMENTÁRIO	SINOPSE
Lugar	Ô, de casa!	Esse documentário narra como jovens e crianças de Minas Gerais ocupam áreas sem uso, construindo cabaninhas e trocando experiências.
	Vida urbana	O documentário registra a vida de pessoas comuns no bairro do Vidigal, no Rio de Janeiro. Mostra como elas se relacionam entre si e com esse lugar: as atividades que desenvolvem, como transformam a paisagem e suas soluções para problemas ambientais.
Paisagem	Os sem-floresta	A mudança de uma paisagem natural para cultural pode ser observada nessa animação, que conta a história de um grupo de animais que vivem em uma floresta e, ao acordarem depois de um período de hibernação, descobrem que ao redor deles foi construída uma cidade.
	Koyaanisqatsi: uma vida fora de equilíbrio.	Documentário sem diálogos que revela o contraste entre a natureza e a sociedade urbana, apenas por meio de sons e sequências de imagens.
Vulcões	Inferno de Dante	Um pesquisador e a prefeita de uma cidade estadunidense tentam convencer os moradores de que um vulcão adormecido está prestes a entrar em atividade. Porém, empresários da região contestam a informação porque o esvaziamento da cidade pode trazer prejuízos a seus negócios.
	Por que vulcões entram em erupção?	A animação procura mostrar as razões que levam um vulcão a entrar em erupção e qual o fator preponderante para caracterizar o tipo de lava expelido por ele.
Espaço rural	Camelos também choram	O filme narra o cotidiano de um povo nômade no deserto de Gobi, na Mongólia. A história conta o nascimento de um camelo e a rejeição que ele sofre de sua mãe. Os anciãos da aldeia temem que o filhote não sobreviva, por isso mandam dois jovens à cidade em busca de um músico que realize um ritual de encantamento para ajudar a mãe a aceitar sua cria.
Agropecuária	O veneno está na mesa	O documentário alerta para o uso de agrotóxicos na agricultura industrial. As práticas do campo mecanizado são abordadas por meio de entrevistas e dados, e revelam as consequências da aplicação de agrotóxicos para a saúde de quem trabalha na lavoura e de quem consome o produto na cidade.
	O tempo e o lugar	Documentário que retrata a vida de Genivaldo Vieira da Silva, ex-integrante do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra. Aborda a sua carreira política e a sua atuação na organização de comunidades agrícolas.

Cidades	Metrópolis	Filme de ficção científica que mostra uma cidade do século XXI dirigida por um empresário que escraviza os trabalhadores. O diretor imaginou uma cidade com carros voadores e passagens suspensas, bem diferente do que encontramos hoje.
	O menino e o mundo	A animação conta a história de um menino que mora no campo com a família. Um dia, seu pai se muda para a cidade para trabalhar, e o menino parte atrás dele, explorando um mundo muito diferente do que conhecia. Com desenhos simples e muita delicadeza, o filme aborda diversas questões do mundo moderno pelo olhar de uma criança.
	Tapete vermelho	Nesse vídeo, um casal de família simples que vive no interior leva o filho à cidade para assistir a um filme no cinema. Mas os tempos mudaram e os cinemas desapareceram. No caminho, eles cruzam com tipos curiosos, provando que as lendas da roça ainda estão bem vivas.
Trabalho industrial	Tempos modernos	O filme crítica de forma inteligente e original as transformações ocorridas no mundo do trabalho provocadas pelas inovações tecnológicas e pelas relações sociais dos tempos modernos.
	Robôs	Em uma época em que os robôs passaram a exercer trabalhos que antes eram realizados pelos seres humanos, os robôs ganham vida. Rodney é um robô que tem o dom da invenção. Ele vai para a cidade grande para realizar um sonho. Nessa jornada ele enfrenta desafios e mostra a todos o sentido da solidariedade.
Bússola	A origem da bússola	A animação conta a história da bússola, como ela foi inventada e por que foi tão importante para as navegações.
Localização/Orientação	Os Gonnies	O filme conta a história de um grupo de crianças e adolescentes que se envolvem em uma aventura ao seguirem as pistas encontradas em um misterioso mapa. Possibilita, de maneira divertida, a discussão sobre a importância do mapa para a orientação e localização de objetos.
	Resgate abaixo de zero	Com base em uma história real, o filme conta a saga de um grupo de cientistas que sofre um acidente na Antártida, por é salvo por cães de trenó. Após ser obrigados a deixar os animais, o grupo decide resgatá-los e, para isso, organiza uma expedição, lançando mão de todos os conhecimentos cartográficos e de orientação disponíveis.
	Noções cartográficas	O programa Salto para o Futuro, da TV Escola, apresenta diversas discussões que podem auxiliar o professor no desenvolvimento de conteúdos geográficos.
	As aventuras do Geodetete: latitude e longitude	Nesse vídeo, Arnaldo, um jovem curioso, se transforma no Geodetete e busca desvendar, com seu assistente Sagan, como é possível indicar precisamente um ponto na superfície da Terra. A resposta é simples: por meio de um sistema de coordenadas geográficas.

	1492: a conquista do paraíso	O filme narra a investida de Cristovão Colombo ao longo de vinte anos para chegar às Américas, chamadas de Novo Mundo.
	Battleship: a batalha dos mares	Uma batalha realizada em alto-mar envolve diversos personagens, que utilizam as coordenadas geográficas para se atacarem mutuamente, em busca da vitória. Trata-se de um filme de ficção científica.
	Latitude e longitude	Esse vídeo curto explica como a observação dos astros e a melhoria da tecnologia de fabricação de relógios possibilitaram a criação do sistema de coordenadas geográficas.
Placas tectônicas	Planeta Terra: o mundo como você nunca viu	Série com 11 episódios que narram a transformação da Terra através dos tempos. Por meio de recursos da tecnologia, a série apresenta vulcões em erupção e até mesmo o centro da Terra.
	Terra: um planeta fascinante	O vídeo trata da história geológica da Terra. Nele pode ser observada a rocha mais antiga já descoberta e como a África e América se separaram milhões de anos atrás. Além disso, podem ser vistos os efeitos de terremotos e de um vulcão em erupção.
Era glacial	A era do gelo	Nessa animação, que se passa há 20 mil anos, um mamute, uma preguiça-gigante e um tigre dente-de-sabre, animais já extintos, atravessam paisagens típicas da última era glacial, em direção ao sul, ao tentar levar um bebê humano de volta para sua família.
Águas	Ciclo hidrológico	Elaborado pela Agência Nacional de Águas, explica de forma simples e divertida o que é o ciclo da água.
	Planeta água	Com imagens impactantes, o documentário retrata a riqueza dos oceanos, fonte de vida em nosso planeta, e a poluição de suas águas causada pelas atividades humanas. Assim, leva-nos a refletir sobre a relação sociedade e natureza e a importância da preservação ambiental em escala global.
	Um mundo com sede	O documentário apresenta imagens impactantes de paisagens ao redor do mundo nas quais a água é o elemento principal, abordando a sobrevivência das populações e o uso desse recurso.
	Áreas de risco: informação para prevenção	Com uma linguagem didática, esse vídeo orienta como identificar riscos e prevenir desastres em áreas de risco, contribuindo para a conscientização e a autoproteção dos moradores dessas áreas.
	Oceano	Com imagens de rara beleza, esse documentário trata dos hábitos de vida dos animais que vivem nas profundezas dos oceanos, bem como das ameaças que os colocam em risco.
	River blue	O documentário mostra a poluição dos rios causada pelo processo de tingimento de tecidos, lavanderias de jeans e curtumes de couros nos países da Ásia.
	A água e as mudanças climáticas	Este vídeo trata da relação entre as mudanças climáticas e a variação na disponibilidade da água para a população.

	Sertão Veredas Peruaçu: mosaico de conservação, cultura e produção	As coberturas vegetais são essenciais, entre outros fatores, para a manutenção das águas doces. Um exemplo é o Cerrado, onde nascem as águas de alguns aquíferos e bacias hidrográficas brasileiras. Nesse vídeo você vai conhecer unidades de conservação desse bioma brasileiro e a atuação de comunidades tradicionais, quilombolas, indígenas, ONGs e governantes para a manutenção da vida.
Interior da Terra	Viagem ao centro da Terra	O cientista Trevor Anderson está determinado a descobrir o paradeiro de seu irmão, desaparecido há anos. Ele parte para uma viagem para a Islândia acompanhado de seu sobrinho. Durante a expedição, conhecem um guia local e acabam presos em uma caverna que os levará para uma jornada ao centro da Terra.
Agentes modificadores do relevo	Krakatoa, o inferno de Java	Um grupo de aventureiros e gananciosos parte em busca do tesouro afundando próximo a ilha de Krakatoa. O que eles não esperavam era a fúria do vulcão, que entra em erupção, colocando a vida de todos em risco.
	Tudo sobre vulcões	O vídeo mostra as consequências sociais e econômicas das erupções vulcânicas, alterando a vida das pessoas que moram em áreas de risco.
	Terremotos e colisões cósmicas: o homem e a ciência contra o inevitável	O vídeo trata de uma viagem a uma das cidades mais ameaçadas do mundo: Tóquio – uma metrópole construída próxima a uma das mais perigosas zonas de risco de terremotos. O vídeo também mostra como é o trabalho dos cientistas e dos engenheiros que tentam prever os abalos e os projetos de construções inteligentes para minimizar as consequências dos terremotos para a população.
	Entre rios	O documentário destaca o processo de transformação sofrido pelos cursos de água paulistanos e os fatores responsáveis por esse processo, que muitas vezes resulta em enchentes e outros problemas relacionados.
Atmosfera	Você já pensou na atmosfera hoje?	De forma bastante lúdica, o vídeo apresenta a formação e as camadas da atmosfera e problematiza algumas questões ligadas à relação da sociedade com elementos do clima.
Fontes de energia e recursos naturais	Belo Monte, um mundo onde tudo é possível	O documentário aborda a polêmica construção da Usina de Belo Monte, mostrando seus diferentes atores sociais e os conflitos de interesse.
	Narradores de Javé	O filme retrata os impactos sociais resultantes da implantação de uma usina hidrelétrica e o enchimento do lago, que fará submergir o pequeno lugarejo de nome Javé.
	Os carvoeiros	Documentário sobre o cotidiano dos trabalhadores em carvoarias brasileiras do interior de Minas Gerais, Mato Grosso do Sul e Pará. Trata, ainda, da exploração do trabalho infantil.
Trabalho	Crianças invisíveis	Nesse filme, são narradas diferentes histórias sobre o cotidiano de crianças ao redor do mundo. Se achar pertinente, trabalhe apenas o que é apresentado sobre a realidade brasileira.
	Infâncias roubadas	O filme retrata a condição sub-humana de diversas crianças em países como Paquistão, Índia, Quênia, Brasil, entre outros.

	Persépolis	A animação, baseada em uma autobiografia em quadrinhos, retrata o cotidiano de uma garota iraniana que migra para a França, visando dar continuidade aos estudos, e sofre grandes preconceitos. A animação mostra as dificuldades de adaptação de uma mulher em diferentes sociedades.
Setor primário	O veneno está na mesa	O documentário discute os perigos do uso de agrotóxicos na produção alimentar no Brasil e no mundo.
Lixo	Lixo extraordinário	O documentário corresponde a um registro do trabalho realizado pelo artista plástico Vik Muniz no Jardim Gramacho, o maior aterro sanitário da América latina.
Vegetação	Nas cinzas da floresta	O documentário mostra a ocupação predatória da Amazônia, ressaltando a fragilidade do solo e a possibilidade da aplicação dos princípios do desenvolvimento sustentável. Apesar de produzido nos anos 1980, conserva sua atualidade.
	Tainá. Uma aventura na Amazônia	No primeiro filme, uma menina indígena e seu amigo procuram proteger os animais da floresta. No segundo, Tainá, com mais idade, é protetora do meio ambiente.
Relevo	Terra	Com paisagens fantásticas da Terra, do Ártico à Antártida, passando por áreas tropicais e desérticas, esse documentário leva você a uma viagem extraordinária, ao lado de três grupos de animais migrando pelo globo em busca de sobrevivência.
	Sumidouro	O documentário acompanha duas comunidades do vale do Jequitinhonha (MG) que terão seus vilarejos alagados após a construção da usina hidrelétrica de Irapé. O filme aborda a relação dos moradores com o rio e o impacto que o deslocamento da população traz para a vida de todos.
	Planeta humano	A série de oito episódios relata a adaptação dos seres humanos à natureza a seu redor, contemplando diferentes modos de vida em condições extremas de sobrevivência, como altas montanhas, geleiras, florestas, desertos e grandes cidades.
Indústria	Pelle, o conquistador	Aborda as precárias condições de vida da classe operária, durante a Segunda Revolução Industrial na Europa, tendo como linha condutora a vida de um pai e seu filho.
	Daens: um grito de justiça	Mostra a situação de miséria e abandono dos operários – inclusive crianças – de uma tecelagem na Bélgica, no século XIX, no contexto da Segunda Revolução Industrial.
Urbanização	Cidades: da aldeia à megalópole	Discute a evolução das cidades e os problemas da urbanização com base em exemplos de diferentes cidades do mundo.
Terra	Construindo o planeta Terra	Nesse documentário, a história do planeta Terra é contada desde sua origem, há 4,5 bilhões de anos, explicando o surgimento dos primeiros seres vivos, as eras de gelo, a origem e extinção dos dinossauros e o aparecimento dos primeiros seres humanos.

PROJETO DE EXTENSÃO

**Mídias cinemáticas e Educação Ambiental: possibilidades na formação de professores**

Lista de mídias cinemáticas organizada a partir dos livros didáticos  
PNLD 2020.  
**7º ano**



ASSUNTO	FILME	SINOPSE
Território e cidadania	Brasil animado 3D	Produzido com tecnologia 3D, o filme mistura cenas reais e animação. Nele, duas personagens viajam pelo Brasil em busca do Grande Jequitibá-Rosa, o que permite conhecer um pouco mais o território brasileiro.
Aquífero Guarani	O magnífico Aquífero Guarani	O documentário expõe as principais características do Aquífero Guarani e como ele foi formado, discutindo as possibilidades de aproveitamento de suas águas.
Povos indígenas	Terra dos índios	O documentário, apesar de lançado há décadas, continua atual, pois muitos dos problemas dos povos indígenas ainda não foram superados, como o acesso às suas terras e os conflitos com agricultores. A participação de diversos povos expõe aspectos culturais dos indígenas, configurando um importante registro histórico.
Pré-História	A Pré-História no Brasil e os sambaquis	Neste episódio, a equipe do programa Expedições visita sítios arqueológicos no estado do Rio de Janeiro e mostra que esses registros são como documentos que permitem recuperar informações sobre os seres humanos e o meio ambiente de milhares de anos atrás.
Trabalho escravo	Trabalho escravo no currículo escolar	O Fórum Nacional de Erradicação e Prevenção do Trabalho Infantil (FNPETI) organizou um material de apoio sobre como abordar o tema do trabalho escravo na escola.
Cidades brasileiras	Um pouco mais, um pouco menos	Vistas aéreas de uma das maiores metrópoles da América Latina: São Paulo. Intercaladas às imagens aéreas, o diretor coloca cenas do cotidiano da população urbana, aliadas a dados estatísticos impressionantes.
	Saneamento básico	O filme, do gênero comédia, trata da mobilização da população de um vilarejo fictício localizado na serra Gaúcha para que seja construída uma fossa para tratamento de esgoto. Importante para discutir a participação cidadã e a questão socioambiental.
	Território do brincar	Esse documentário mostra brincadeiras de crianças de diferentes partes do Brasil. É possível perceber semelhanças e diferenças na forma como se divertem as crianças de regiões distintas, seja em grandes cidades, seja em comunidades indígenas, seja no litoral, por exemplo.
Industrialização	Mauá, o imperador e o rei	O roteiro explora a biografia de Irineu Evangelista de Sousa, o Visconde de Mauá, considerado um dos primeiros industriais do Brasil. A história descreve o começo da industrialização no país.
	Os anos JK: uma trajetória política	O documentário apresenta fatos que marcaram a vida política brasileira, tendo como personagem central o presidente Juscelino Kubitschek.

	São Paulo Sociedade Anônima	O filme recria o impacto das transformações socioeconômicas em razão da chegada das montadoras estrangeiras de automóveis no Brasil dos anos 1950.
Espaço agrário	Quem alimenta o mundo	O filme faz uma relação entre a produção industrial de alimentos e a fome mundial, estabelecendo causas e consequências do atual modelo agrícola e industrial do planeta.
	Terra para Rose	Através da história de Rose, o documentário aborda a questão agrária e o início da formação do MST.
Região Norte e Nordeste	Abril despedaçado	O filme se passa no ano de 1910 e retrata a diferença entre duas famílias rivais marcadas pela violência e tradição de luta pela terra no Sertão nordestino.
	O auto da Compadecida	Na mistura de drama e comédia, o filme traz aspectos culturais e religiosos da região Nordeste, onde dois sertanejos sobrevivem de pequenos golpes e acabam perseguidos pelo temido cangaceiro do Sertão.
	Viva São João!	O documentário retrata uma das turnês do cantor Gilberto Gil pelas festas juninas no Nordeste. Apresenta entrevistas com vários personagens, músicos e pessoas do público local em cidades da Bahia, Pernambuco, Ceará, revelando a história das festas de São João e sua importância para as comunidades locais.
	Central do Brasil	O filme conta a história de uma professora aposentada que trabalha escrevendo cartas para analfabetos e de um menino cuja mãe morre atropelada nas imediações da estação de trem Central do Brasil, no Rio de Janeiro. A professora decide ajudar o menino a encontrar o pai que ele nunca conheceu, no interior do Nordeste.
	Vidas secas	História de uma família de retirantes do Sertão nordestino que migra em busca da superação das dificuldades impostas pela seca. Filme realizado com base na obra homônima de Graciliano Ramos.
	Chico Mendes – O preço da floresta	O documentário conta a história de Chico Mendes, um seringueiro ativista que lutou pela preservação da Floresta Amazônica e foi assassinado em 1988.
	Roça crua: as roças orgânicas das quebradeiras de coco do Maranhão	O vídeo retrata a vida das mulheres que trabalham como quebradeiras de babaçu no Maranhão e praticam a sustentabilidade por meio do cultivo orgânico das palmeiras de babaçu.
Cadeias produtivas	Ilha das Flores	O documentário faz uma crítica à sociedade de consumo, mostrando a trajetória de um tomate, desde seu cultivo até seu descarte em um lixão, destacando a geração de riqueza e as desigualdades no meio do caminho.
Espaço geográfico	O guia do mochileiro das galáxias	O planeta Terra vai ser destruído! Em busca de salvação, o protagonista Arthur passa por um aprendizado extraordinário.
	500 anos do Brasil	O filme apresenta o início da história do plantio de cana-de-açúcar no nordeste brasileiro e as diversas relações de fluxos econômicos e de pessoas envolvendo o Brasil, Portugal e a África.

Agricultura	Alimentos S.A.	O filme apresenta as contradições no processo de produção dos alimentos, que faz parte da cadeia de modernização da agropecuária.
Desenvolvimento econômico e social	Família Braz – dois tempos	Uma mesma família, dez anos depois. Em 2010, os diretores voltam à casa onde iniciaram a narrativa da vida dos Braz, em 2000, no documentário A família Braz. Passada uma década, mostram o que foi feito de suas expectativas do passado, como vivem no presente e o que esperam do futuro.
	Encontro com Milton Santos: o mundo global visto do lado de cá	O documentário discute as contradições do desenvolvimento capitalista e a ação dos movimentos sociais, que lutam por melhores condições de vida e diminuição das desigualdades.
Rede urbana	Em trânsito	O documentário retrata o cotidiano das pessoas enquanto se locomovem pelo conturbado trânsito de São Paulo pelos transportes públicos.
Migrações	Central do Brasil	Nesse filme, a personagem Dora, que escreve cartas para pessoas analfabetas na Estação Central do Brasil, no Rio de Janeiro, ajuda o menino Josué a encontrar o pai, que mora no Sertão nordestino.
	Escravo, nem pensar!	O minidocumentário pode inspirar uma discussão sobre migração, trabalho análogo à escravidão e xenofobia.
	Migrantes	Documentário que relata as dificuldades do migrante sazonal, que sai de diversos lugares do Brasil, para trabalhar no corte de cana.
Região Centro-Sul	O caminho das nuvens	Inspirado em fatos reais, o filme narra a história de um casal e seus cinco filhos, que deixam a Paraíba e percorrem 3.200 km de bicicleta em busca de emprego no Rio de Janeiro.
	O quatrilha	O filme retrata uma comunidade italiana que vive no RS na década de 1910. Dois casais decidem morar em uma mesma casa por necessidade de sobrevivência. Ao longo do tempo, ocorrem alguns imprevistos que acabam por separá-los.
	Vida e sangue de polaco	Documentário sobre a imigração polonesa para o Brasil. Por meio de depoimentos, é possível conhecer algumas histórias e um pouco da cultura desse povo.
	São Paulo, memória em pedaços	Série de quatro documentários que tratam de diferentes locais da cidade de São Paulo, como a avenida Paulista e os bairros da Mooca e do Bixiga.
	A invenção de Brasília	O documentário apresenta elementos da história de construção da capital federal.
	Bem-vindo a São Paulo	A cidade de SP é apresentada ao público de diferentes ângulos, a partir de visões distintas de cientistas.
	Cidade cinza	O documentário acompanha a repintura de um grande painel grafitado por vários artistas que foi apagado pela prefeitura da cidade de São Paulo.
	Gaijin – os caminhos da liberdade	O filme retrata as condições de vida dos imigrantes japoneses que vieram para o Brasil no final do século XIX e início do século XX.

Biomás	Cerrado, da ONG WWF	A animação apresenta as principais características do Cerrado, sua localização e relação com a manutenção dos recursos hídricos brasileiros.
	Bioma Brasil – Pantanal, da TV Escola	O vídeo retrata as características do Pantanal a partir do olhar de um pantaneiro que dedica sua vida a cuidar da arara-azul, que é uma espécie nativa desse bioma.
Amazônia	Borracha para a vitória	O documentário conta a história da migração nordestina para a Amazônia durante a Segunda Guerra Mundial.
	O vale dos esquecidos	O documentário retrata os conflitos pelas terras no nordeste de Mato Grosso e apresenta questões ligadas à retomada de território de índios Xavante depois de quatro décadas de expropriação. Trata-se de uma leitura sobre s conflitos envolvendo indígenas, grileiros e posseiros que são bem comuns nessa região.
	Chico Mendes: o preço da floresta	Mais do que um filme sobre a vida e o legado de Chico Mendes, o documentário enfoca as experiências extrativistas e de manejo sustentável no Acre.
	Expedições Amazônia: nascente do Amazonas I e nascente do Amazonas II	Os documentários apresentam um histórico sobre o Rio Amazonas, revelando o seu trajeto desde a sua foz, rio acima, rumo aos Andes peruanos.
	No meio do rio, entre as árvores	Documentário feito a partir de uma expedição que realizou oficinas de vídeo, fotografia e circo em comunidades ribeirinhas do Alto Solimões, na Amazônia. Mostra imagens de grande beleza e também as marcas da exploração econômica predatória na região. Há trechos de filmagens feitas pelos habitantes locais, com sua forma pessoal de retratar a própria realidade, complexa e em constante transformação.
	Avaeté: a semente da vingança	O filme foi baseado na história do massacre dos índios Cinta Larga na região noroeste de estado de Mato Grosso.
	Amazônia	Uma aventura no interior da Floresta Amazônica, que mostra a diversidade da fauna e da flora desse ecossistema.
	Amazônia em chamas	Filme retrata a luta de Chico Mendes pelos direitos humanos e pela conservação da Floresta Amazônica. Mostra, ainda, os diversos conflitos entre as comunidades tradicionais e grandes proprietários de terra na região.
Impactos ambientais	Eu não troco este lugar por nada!	Depoimentos de moradores da Ilha Grande, no litoral fluminense, sobre a exploração turística que acontece na região e interfere nas tradições locais.
Região Centro-Oeste	Três chapadas e um balão	Viaje com o documentário sobre duas chapadas da Região Centro-Oeste e outra da Região Nordeste, na Bahia, e suas comunidades, filmadas de dois balões de ar quente.
	História da ocupação de Goiás pelos filhos da terra	O escritor Bernardo Elis e o historiador Paulo Bertran dialogam sobre a reconstituição da ocupação de Goiás, contrastando com as imagens que documentam a história.
	O Cerrado	Documentário que mostra as transformações do Cerrado resultantes da expansão da fronteira agropecuária e as ameaças ambientais daí decorrentes.

## PROJETO DE EXTENSÃO

## Mídias cinemáticas e Educação Ambiental: possibilidades na formação de professores

Lista de mídias cinemáticas organizada a partir dos livros didáticos PNL D 2020.  
8º ano



ASSUNTO	FILME	SINOPSE
Globalização	Wall Street: o dinheiro nunca dorme	O filme conta a história de um ex-corretor da bolsa de valores de Nova Iorque que retorna às atividades após sair da prisão por ações ilegais e se depara com novas formas de operações financeiras, passando a praticá-las.
	A corporação	Por meio de uma série de entrevistas, o filme mostra como as empresas transnacionais atuam e quais são as consequências dessas práticas para a sociedade.
	Sicko: SOS saúde	O documentário revela a situação do sistema de saúde dos EUA, comparando-o com modelos mais eficientes, como os do Canadá e de Cuba.
	A grande aposta	O filme, cuja trama se baseia na aposta de alguns investidores na quebra do sistema imobiliário dos Estados Unidos, mostra as diversas situações que levaram a esse fato e suas consequências.
	Castelo de areia	Um grupo de soldados estadunidenses tenta restabelecer o abastecimento de água em um pequeno vilarejo iraquiano durante a guerra do Iraque. Contudo, a população local teme os estadunidenses, e grupos dissidentes querem prejudicar o retorno do abastecimento.
	The true cost	O documentário mostra os impactos sociais e ambientais gerados pela indústria da moda, que, para atender à alta demanda de consumo, recorre à internacionalização e à terceirização da produção de roupas.
	Que horas ela volta?	O filme aborda a desigualdade social na sociedade brasileira por meio da personagem Val, uma pernambucana que trabalha como empregada doméstica em São Paulo. A rotina dela e da família para a qual trabalha muda quando Jéssica, filha de Val que ficou em Pernambuco, decide ir para SP prestar vestibular.
	Margin call – O dia antes do fim	Filme que retrata a vida de um funcionário de um banco de investimentos nos Estados Unidos durante os estágios iniciais da crise financeira de 2008.
Energia nuclear	O dia seguinte	O filme retrata o dia posterior a uma explosão nuclear em uma guerra entre duas superpotências.
Megacidades	Lagos – a cidade da esperança para 21 milhões de pessoas	O vídeo revela características de Lagos, megacidade nigeriana que apresentará uma das maiores taxas de crescimento populacional urbano no mundo até 2050.
Acesso à alimentação	Josué de Castro – cidadão do mundo	Documentário sobre o cientista político pernambucano que além de humanista, foi médico, professor, geógrafo, cientista, sociólogo e pioneiro no estudo da fome no mundo. Josué de Castro presidiu o Conselho Executivo da FAO entre 1952 e 1957.

Trabalho e globalização	Operárias do mundo	Documentário que retrata o cotidiano de operárias que trabalham para uma empresa estadunidense, em diferentes fábricas espalhadas pelo mundo.
	Capitalismo: uma história de amor	O documentário retrata as contradições do modo de produção capitalista, destacando os eventos da crise de 2008, nos EUA.
Relevo e hidrografia	Na natureza selvagem	O filme conta a história de um jovem que se afasta da sociedade em busca de liberdade. Por meio de exuberantes paisagens, são retratados diferentes aspectos físicos de algumas regiões da América do Norte.
	Também a chuva	O filme mostra, indiretamente, o conflito entre a população boliviana e o governo em relação à privatização dos recursos hídricos. Esse conflito ocorreu de fato em Cochabamba, no ano 2000, e ficou conhecido como a Guerra da Água.
	Ao sul da fronteira	O documentário revela diferentes realidades do continente sul-americano e algumas de suas paisagens.
Chile	Os 33	Baseado em fatos reais, o filme narra o episódio de desmoronamento da mina de cobre em Capiapó, no deserto do Atacama, Chile que causou o bloqueio da única via de acesso ao local, aprisionando 33 mineradores a uma profundidade abaixo de 700 metros.
Vegetação	Diários de motocicleta	Baseado em fatos reais, conta a história de dois amigos, Ernesto Che Guevara e Alberto Granado, que decidem viajar pela América do Sul em 1952. Os dois partem da Argentina com o objetivo de percorrer o continente em uma motocicleta. O filme apresenta belas imagens que retratam diversos aspectos da paisagem, da vegetação e da população do continente sul-americano.
Diversidade étnico-cultural	Selma – Uma luta por liberdade	O filme conta a história de Martin Luther King, pastor e ativista político que liderou o movimento pelos Direitos Civis nos Estados Unidos. Centrada no estado do Alabama, a obra cinematográfica retrata a luta da população negra por igualdade social e política.
México	Viva Zapata!	O filme apresenta a história de Emiliano Zapata, um lavrador que se tornou um dos principais líderes da revolução Mexicana e um dos mais importantes revolucionários do século XX.
Ditadura (Chile)	Machuca	O filme mostra a amizade nascida entre um menino de classe média alta e um menino pobre durante a época da ditadura no Chile, na década de 1970.
América Andina	Andes Água Amazônia	O documentário faz parte de um projeto que tem como missão alertar os habitantes das montanhas andinas e os da Floresta Amazônica para a necessidade de integração entre os países que compartilham as águas amazônicas. O filme parte do equador para contar a história dos povos que dependem desse sistema natural.
Antártida	A marcha dos pinguins	O documentário acompanha o incrível ciclo reprodutor dos pinguins imperadores, no coração da Antártida, uma das regiões mais inóspitas do planeta.

África	Madagascar	Os personagens centrais dessa animação são quatro animais do continente africano. Depois de conseguir fugir do zoológico onde vivem, nos Estados Unidos, terão de encontrar uma maneira de sobreviver em uma selva de verdade, repleta de animais selvagens, na ilha de Madagascar, na África oriental.
	Cinco semanas num balão	O filme, inspirado no livro de ficção de Júlio Verne, retrata a viagem de um explorador do século XIX em um território desconhecido na África a bordo de um balão. O objetivo dessa viagem é anexar a região ao império britânico.
	África: frente a frente com o desconhecido	Nas imagens desse documentário, você poderá observar altas montanhas, praias, selvas, vulcões, lagos e espécies de animais raramente vistas.
	Amistad	O filme conta a história de africanos escravizados embarcados no navio La Amistad em direção à América. Revoltados, dominam o navio, mas este acaba chegando aos EUA, onde, presos, enfrentam um julgamento dramático.
	Mulheres africanas – a rede invisível	O documentário aborda a condição feminina em países africanos a partir de depoimentos de cinco mulheres: Graça Machel, ativista de direitos humanos, moçambicana e esposa de Nelson Mandela; Mama Sara Masari, empresária tanzaniana; Leymah Gbowee, liberiana vencedora do Prêmio Nobel da Paz em 2011; Luisa Diogo, ex-Primeira Ministra de Moçambique; e Nadine Gordimer, sul-africana vencedora do prêmio Nobel de Literatura em 1991.
	Um fio de esperança: independência ou guerra no Sara Ocidental	Negligenciado pelo mundo, no Saara Ocidental ocorre um dos conflitos de independência mais longos da atualidade. O documentário conta a história da resistência do povo saharauí, que há 26 anos espera a realização de um referendo de autodeterminação, e explora a frustração crescente desse povo com o processo de paz da ONU, seja nos acampamentos de refugiados, nas zonas liberadas ou nos territórios ocupados há mais de 40 anos pelo Marrocos.
	As montanhas da lua	O filme aborda as expedições geográficas pelo continente africano no século XIX. Centrado em dois exploradores britânicos que buscam a nascente do rio Nilo, a obra retrata o processo de colonização do então desconhecido território africano pelos europeus.
	Sarafina: o som da liberdade	O filme conta a história de Sarafina, uma jovem sul-africana que, por meio da influência de uma professora, torna-se engajada na luta política contra o apartheid.
	Invictus	Com a Copa do Mundo de Rúgbi, o presidente da África do Sul procura aproximar a população branca e negra do país por meio da seleção sul-africana desse esporte.
	Hotel Ruanda	Durante o genocídio de 1994, Paul Rusesabagina, gerente de um hotel de luxo, abriga sozinho 1200 refugiados, tendo que negociar com generais corruptos e facções criminosas.
	Diamantes de sangue	Diamantes de sangue é o nome dado a um diamante extraído em uma zona de guerra e vendido para financiar conflitos. No filme ambientado na década de 1990, durante

		uma guerra em Serra Leoa, dois homens, um branco sul-africano e um pescador negro, juntam-se em busca de uma joia rara.
	O jardineiro fiel	No Quênia, uma ativista é encontrada morta. Seu marido decide investigar e acaba descobrindo uma série de crueldades e crimes praticados por indústrias farmacêuticas europeias contra a população africana.
	Um grito de liberdade	Nos anos 1970, durante o apartheid, Daniel Woods, um jornalista branco, e Stephen Biko, importante ativista contrário ao regime político da África do Sul, tornam-se grandes amigos. Após a morte de Biko, Woods decide contar a sua história, desagradando o regime vigente.
	Mandela: luta pela liberdade	Sob o pano de fundo da África do Sul durante o regime de segregação, narra a história de um carcereiro branco que considera os negros seres inferiores. O que ele não espera é conhecer Nelson Mandela, fato que mudará sua vida.
	Amor sem fronteiras	Após conhecer um médico que se dedica as causas humanitárias na África, uma socialite se dispõe a ajudá-lo arrecadando medicamentos e comida para refugiados na Etiópia. Essa experiência vai mudar sua vida e sua maneira de encarar o mundo para sempre.
	Os deuses devem estar loucos	Nessa comédia, você vai se divertir e conhecer diferentes aspectos culturais dos bosquímanos, grupo étnico que vive em comunidades nômades no Deserto do Kalahari.
Capitalismo	TV Escola. 500 anos: um novo mundo na TV	Criados com teatro de bonecos, os seis episódios dessa série retratam as Grandes Navegações e o período histórico subsequente, mostrando disputas territoriais entre espanhóis e portugueses e destacando as características dessa época que marcou o capitalismo comercial. Os episódios podem ser trabalhados separadamente.
	Roger e eu	O documentário de Michael Moore aborda os problemas sociais vividos por uma parcela da sociedade estadunidense, quando os donos de uma montadora decidem transferir a empresa dos EUA para uma cidade do México. O resultado é a elevação da taxa de desemprego e uma crise social na cidade estadunidense.
Dinâmica populacional	O mundo sem ninguém	Em um momento de diminuição das taxas de natalidade e fecundidade em todo o mundo, devemos nos perguntar: como ficará a Terra sem população? Esse documentário procura problematizar essa questão por meio de entrevistas e depoimentos, recorrendo, também, a efeitos de computação gráfica.
América Latina	Circuito interno	Esse documentário retrata a vida de um imigrante boliviano na cidade de São Paulo, onde convive com a superexploração do trabalho.
	Sem identidade	O filme acompanha a conturbada trajetória de uma garota hondurenha em busca de um sonho: partir para os EUA e recomeçar sua vida. Para isso, ela precisará enfrentar os desafios e as consequências de sua aventura rumo aos limites territoriais que dividem a América Latina da América Anglo-Saxônica.

	Guerra do Brasil: toda a verdade sobre a Guerra do Paraguai	Numa mistura de ficção e fatos reais, esse filme procura desfazer os vários mitos que cercam a Guerra do Paraguai.
	Não vale a pena	Documentário que aborda os impactos socioambientais provocados pela atividade mineradora em municípios do Quadrilátero Ferrífero do Brasil.
	O dia em que o Brasil esteve aqui	Documentário sobre uma partida de futebol entre as seleções do Brasil e do Haiti, ocorrida em 2004, e suas implicações políticas.
	Ao sul da fronteira	O documentário aborda a ascensão de líderes políticos ligados às camadas mais populares em diferentes países da América Latina, com destaque para a atuação deles na política externa, sobretudo em relação aos EUA.
	Medianeras: Buenos Aires na era do amor virtual	O filme conta a história do encontro de duas pessoas, em meio ao caos urbano de Buenos Aires.
	Machuca	Sob o olhar de dois garotos de 11 anos, o filme retrata a ditadura de Augusto Pinochet, que durou de 1970 até 1990. Na história, eles pertencem a classes sociais diferentes, mas a amizade entre os dois permitem enfrentarem os tempos violentos e lutarem por uma sociedade mais justa.
	Eu não sou seu negro	Partindo de uma obra inacabada de James Baldwin, o filme aborda questões raciais contemporâneas, apresentando detalhes da vida de amigos desse escritor, como Martin Luther King Junior e Malcom X.
	A história oficial	O filme conta a história, baseada em fatos verídicos, de uma professora de classe média que descobre que a criança que adotou pode ser filha de presos políticos da ditadura militar na Argentina de 1976 a 1983.
América do Norte	Na natureza selvagem	Com inebriantes paisagens de diversas regiões da América do Norte, o filme ilustra a experiência de um jovem recém-formado que decide viajar sem rumo pelos EUA em busca de liberdade, visando chegar ao Alasca.
	Steve Jobs	O filme mostra os bastidores do desenvolvimento de produtos de uma das maiores empresas de informática do mundo, que mudaram a forma de lidar com as tecnologias digitais. Leva o espectador aos bastidores da revolução informacional retratando a genialidade de Steve Jobs.
EUA	Dança com lobos	O filme retrata vários aspectos das relações entre brancos e indígenas no contexto da Guerra de Secessão, durante a década de 1860, nos EUA. Ao se aproximar dos indígenas, o tenente John Dunbar descobre diversas características de sua cultura e de seus modos de vida.
	1492: a conquista do paraíso	O filme narra a investida de Cristovão Colombo ao longo de vinte anos para chegar às Américas, chamadas de Novo Mundo.
	11 de setembro – 11’ 09’ 01	Coletivo de curtas-metragens baseados nos atentados terroristas aos EUA em 11 de setembro de 2001, produzido por 11 diretores de diversos países, sob a ótica de diferentes culturas e visões.
	O aviador	Um jovem de 18 anos recebe a herança de seu pai e investe na indústria do cinema. Ele trabalha em filmes de grande

		sucesso e promove a carreira dos artistas. Paralelamente, dedica-se a uma de suas maiores paixões: a aviação.
	Um dia sem mexicanos	Quatorze milhões de hispânicos desaparecem. Enquanto o mistério está sendo investigado, os estadunidenses percebem a grande importância que os chamados "chicanos" têm para a sociedade.
	O último dos moicanos	O filme retrata, de forma romantizada, a guerra entre ingleses e franceses pelo território estadunidense, no século XVIII.
	Guerra ao terror	O filme retrata a atuação de soldados estadunidenses no Iraque. Além disso, ele pode ser visto como um exemplo de como as produções hollywoodianas costumam retratar as ações bélicas do país.
	RAY	Este filme narra a biografia de Ray Charles, pianista cego que ficou famoso mesclando o rhythm and blues com outros estilos, como o rock and roll e gospel.
	Lisbela e o prisioneiro	Comédia romântica brasileira na qual a mocinha é aficionada por filmes norte-americanos e relaciona sua própria história, passada em Pernambuco, com os roteiros de tais produções.
	Fahrenheit 11/09	O documentário aborda os ataques às Torres Gêmeas e ao Pentágono e quais foram os desdobramentos desse evento, como as invasões dos EUA ao Iraque e ao Afeganistão.
	Pequeno grande homem	O filme aborda um episódio da expansão territorial dos EUA, com a batalha de Little Bighorn (1876), quando indígenas das nações Lakotas, Sioux e Cheyennes, liderados por Touro Sentado, derrotaram a sétima cavalaria dos EUA, liderada pelo general George Custer.
	Leões e cordeiros	O filme retrata o papel da imprensa no mundo atual e questiona algumas lacunas político-militares que os EUA deixaram em sua ofensiva no Afeganistão.
	Mississípi em chamas	Em 1964, no Mississípi, dois agentes do FBI investigaram a morte de três militantes de direitos civis em uma pequena cidade onde a segregação divide a população em brancos e negros e a violência contra os negros é constante.
	Uma história americana	Tendo como contexto o racismo nos EUA da década de 1950, o filme conta a história de uma mulher negra que trabalha como empregada doméstica e passa a lutar pela igualdade de direitos com o apoio de sua patroa.
Cuba	Rocha que voa	Documentário produzido pelo filho do cineasta brasileiro Glauber Rocha sobre os anos em que seu pai ficou exilado em Cuba, entre 1971 e 1972. Por meio de depoimentos, o filme tenta resgatar a ligação entre os principais movimentos cinematográficos latino-americanos dos anos 1960 e 1970.
	Che	Ernesto Che Guevara, um jovem médico, é apresentado a Fidel Castro. Juntos, planejam a retomada de Cuba, país sob o domínio ditatorial de Fulgêncio Batista.
	Treze dias	O filme retrata o episódio da crise dos mísseis de Cuba, no auge da Guerra Fria, quando a URSS decide implantar uma

		plataforma de lançamento de armas nucleares em território cubano. Com a descoberta desse fato pelos EUA, começa um jogo geopolítico que dura treze dias e coloca em ameaça o destino da humanidade.
	Uma noite	O filme retrata o sonho de dois adolescentes – Raul e Elio – que desejam fugir de Cuba para morar em Miami, nos EUA.
Migrações	14 quilômetros	14 km é a distância entre África e Espanha. Gerardo Olivares retrata no filme “o longo caminho” de três jovens de Níger para chegar à Espanha. Uns fogem da sua vida, outros saem à procura de mais. Arriscam a vida. Oferecem a sua dignidade em troca do sonho.
	Babel	O filme narra histórias ambientadas em diferentes partes do mundo e busca analisar angústias provocadas pela falta de comunicação entre as pessoas, causada mais pelo preconceito, pela brutalidade e ignorância do que propriamente pelos idiomas que eles falam.
	Neste mundo	O filme retrata a difícil viagem de refugiados do Afeganistão que vivem na fronteira com o Paquistão e decidem entrar ilegalmente em Londres, no Reino Unido.
	Uma boa mentira	Baseado em fatos reais, o filme narra a história de um grupo de crianças que, para fugir da guerra civil do Sudão, parte em uma jornada pelo interior do país até o campo de refugiados mais próximo. Mais tarde, essas crianças são sorteadas para viver nos EUA e recebem o auxílio de uma assistente social em seu processo de adaptação.
Europa	13º Distrito	Este filme mostra o dia a dia de parisienses que vivem em um distrito violento do subúrbio da cidade.
Desertos	Desertos não tão desertos	Imagine passar um dia no deserto. Nesse vídeo você verá de que forma a fauna e alguns seres humanos se adaptam a esse meio e às mudanças de temperatura que ali ocorrem.
	Deserto do Atacama	Documentário produzido para The History Channel sobre os processos de formação geológica do deserto do Atacama. O filme aborda o papel do relevo e da corrente de Humboldt para tornar o Atacama um dos desertos mais secos do mundo.
Regionalização	Intriga Internacional	Sob o pano de fundo da Guerra Fria e da espionagem, esse suspense conta a história de um publicitário que é confundido com um espião.
	O milagre de Berna	O filme retrata a reconstrução da Alemanha após a Segunda Guerra Mundial ao destacar a vitória da seleção alemã na Copa do Mundo de 1954.
	Crianças invisíveis	O filme, feito a pedido da Unicef, é uma obra coletiva na qual são retratadas crianças que vivem em péssimas condições de vida em várias regiões do mundo.

## PROJETO DE EXTENSÃO

**Mídias cinemáticas e Educação Ambiental: possibilidades na formação de professores**

Lista de mídias cinemáticas organizada a partir dos livros didáticos  
PNLD 2020.  
9º ano



ASSUNTO	FILME	SINOPSE
Alemanha	Adeus, Lênin!	O filme conta com muito humor, a história de um jovem alemão que tenta esconder da mãe, uma mulher que entra em coma pouco antes do fim da Alemanha Oriental, os desfechos da queda do regime enquanto ela se recupera no hospital.
	A vida dos outros	O filme se passa na Alemanha durante os anos 1980, quando o país era dividido pelas principais potências hegemônicas da Guerra Fria. Um capitão do serviço secreto tem a função de vigiar um casal suspeito de infidelidade ao regime comunista instaurado no lado oriental.
Consumo e meio ambiente	A história das coisas	O curta-metragem traz uma análise crítica sobre a construção da sociedade industrial e sobre como os nossos padrões de consumo afetam o meio ambiente.
	Nação fast food	O filme conta a história do personagem Don Henderson, que trabalha para uma rede de fast food nos EUA. Ele é o responsável por criar o sanduíche que se tornou um sucesso de vendas. Certo dia o chefe de Don o avida que um escândalo está prestes a estourar: a carne de hambúrguer está contaminada. Don resolve investigar o problema.
	Quem se importa?	Filmado em sete países, o documentário acompanha 18 empreendedores e suas ideias e ações pelo mundo. O filme serve de inspiração para as pessoas tomarem consciência do próprio poder de transformação, para mudar realidades sociais, ambientais e políticas.
Recursos naturais Europa	Nápoles: o homem do monte Vesúvio	Nesse documentário, é retratada a cidade de Nápoles, com quase 1 milhão de habitantes. Sua população vive na base do vulcão mais temido do mundo. O personagem central é um napolitano que trabalha como guia turístico. Apaixonado pelo monte Vesúvio, ele conta um pouco das histórias desse gigante atualmente adormecido.
	Sob o sol da Toscana	Neste filme, uma escritora estadunidense, deprimida após separar-se do marido, resolve mudar de vida e compra uma casa antiga na Toscana, onde passa a morar. O filme mostra paisagens humanas e naturais do Mediterrâneo.
Rússia	Taxi blues	O filme narra a relação entre um taxista e um saxofonista durante o fim da União Soviética, mostrando uma paisagem que passava por profundas transformações e o cotidiano do cidadão dessa época.
	Contrato de risco	Suspense que narra o envolvimento de um alto executivo de uma companhia petrolífera de Wall Street com a máfia russa e outras empresas que atendem ao mercado de consumo estadunidense.

	Minha felicidade	Durante a jornada de um caminhoneiro, que cruza com diferentes personagens, o filme traça um painel histórico e comportamental da Rússia após o fim do império soviético.
Megacidades	Memórias de Xangai	Documentário que apresenta a trajetória de 18 moradores de Xangai, que contam sua vida e a relação que desenvolveram com a maior cidade chinesa.
	Tóquio: a "cidade aquática"	O vídeo mostra a transformação urbana de Tóquio e a relação da cidade com seus rios.
Índia, Paquistão e Irã	Gandhi	O filme retrata a vida, as transformações, as ideias e as lutas de Mahatma Gandhi, desde que é expulso do vagão da primeira classe de um trem na África do Sul até seu assassinato em 1948.
	Às margens do rio sagrado	O filme retrata a época em que a Índia buscava sua independência política, na década de 1930. Um grupo de mulheres viúvas luta contra as rígidas restrições sociais impostas pela sociedade indiana.
	Quem quer ser um milionário?	Ficção que narra a trajetória de um jovem nascido na favela de Dharavi, a maior de Mumbai, que se inscreve em um programa popular de perguntas e respostas. As respostas são dadas com base em passagens de sua vida.
Nova Zelândia	Encantadora de baleias	O filme, que se passa na Nova Zelândia, retrata uma antiga lenda do povo maori e representa hábitos e costumes dos habitantes tradicionais das ilhas que formam o país.
Ártico	O planeta branco	Documentário sobre as diferentes paisagens do Ártico ao longo das estações do ano e a luta pela sobrevivência dos animais da região.
Europa	O tempero da vida	Um professor de astrofísica chamado Fanis Lakovids adora cozinhar, seguindo a tradição truca de seu avô Vassilis, que desenvolveu uma filosofia culinária própria. Natural de Istambul, na Turquia, aprendeu com o avô as primeiras lições de sua vida. Aos 7 anos, Fanis é deportado junto com seus pais para a Grécia e quase trinta anos após o exílio retorna à sua terra natal.
	Eu, Daniel Blake	O filme conta a história de Daniel Blake, um marceneiro inglês que busca benefícios concedidos pelo governo após um problema de saúde. A burocracia, no entanto, se torna um grande problema.
	Terra de ninguém	O filme retrata o conflito ocorrido na Bósnia-Herzegovina, entre 1992 e 1995.
	O resgate de Harrison	Um fotógrafo vai cobrir a guerra da Bósnia e morre durante o conflito. Sua mulher sai à procura dele, sem saber o que de fato havia ocorrido. Esse é o pano de fundo para abordar as atrocidades dessa sangrenta guerra no final do século XX, na Europa.
	A caçada	Em busca de um furo de reportagem, um repórter criticado, um jovem jornalista e um cameraman viajam sem autorização para a Bósnia-Herzegovina em busca de um temível criminoso de guerra. Porém, eles são confundidos com agentes da CIA e passam a ser perseguidos por seu alvo.

	Human Flow	O documentário aborda as motivações que levaram refugiados a buscar exílio em outros locais, como guerras e perseguições políticas ou religiosas, retratando o drama diário dessas pessoas em diversos países, como Quênia, Grécia, Afeganistão, Alemanha, México, Bangladesh, entre outros.
	Samba	O filme procura retratar a situação em que os imigrantes ilegais vivem na França, como a exploração em subempregos, as tentativas de legalização da migração e o medo de extradição.
	Biutiful	O filme retrata a exploração da mão de obra que imigrantes diversos sofrem na Espanha durante a realização de trabalhos ultrajantes.
	Ladrões de bicicleta	Tendo acabado a Segunda Guerra Mundial, a Itália encontra-se num cenário triste, marcado pelas dificuldades do povo em se recuperar da drástica destruição causada pela Grande Guerra. Diante do contexto de pobreza e desemprego, o filme retrata a relação entre pai e filho durante a busca pela bicicleta roubada do pai, que é indispensável para o seu trabalho.
	Obras incríveis: Eurotúnel	O documentário apresenta os principais acontecimentos e desafios enfrentados durante a construção do Eurotúnel.
CEI	Dersu Uzala	Dersu Uzala, um caçador que vive nas florestas da Sibéria em plena comunhão com a natureza, auxilia uma expedição cartográfica russa no conhecimento e mapeamento da Sibéria.
	Doutor Jivago	O filme apresenta uma conturbada história de amor tendo como pano de fundo a Revolução Russa de 1917, levando o espectador a perceber as grandes mudanças sociais que ocorreram na época.
	Arca russa	O filme conta a história da Rússia do século XVII até a atualidade, a partir do encontro entre um diplomata francês e um cineasta russo.
	Sunshine: o despertar de um século	História de três gerações de uma família húngara de origem judaica, no período que se estende desde a invasão da Hungria pelos nazistas, na Segunda Guerra Mundial, até o legado comunista do pós-guerra.
	Desde que Otari partiu	O filme conta a história de uma família em Tbilisi, capital da Geórgia, depois da experiência soviética, retratando as dificuldades cotidianas da população da época.
Oriente Médio	Cinco câmeras quebradas	Emad é um agricultor palestino que mora com a família em uma cidade da Cisjordânia. Em 2005, o governo israelense resolve construir um muro, dividindo a cidade e separando os habitantes dos campos de oliveira, cultura tradicional da região. Emad então decide filmar os acontecimentos e abusos israelenses ao mesmo tempo que registra o crescimento de seu filho.
	A fonte das mulheres	O filme aborda um movimento de mulheres em um pequeno vilarejo no norte da África e no Oriente Médio que, para forçar os homens a assumir a tarefa de buscar água em locais de difícil acesso, organizam uma greve de

		sexo em suas casas, colocando em questão a cultura e as tradições islâmicas.
	Lemon tree	História de uma viúva palestina que luta por manter os limoeiros de seu quintal, enquanto seu novo vizinho, o Ministro da Defesa de Israel, alega que as árvores ameaçam a segurança dele.
	Uma garrafa no mar de Gaza	Baseado em um livro de mesmo título, o filme narra a aproximação e a distância de Naim, um palestino de 20 anos, e Tai, um israelense de 17 anos, tendo como pano de fundo a questão israelo-palestina.
	O homem mais procurado do mundo	O filme estadunidense, com base em cenas de ficção mescladas com vídeos reais, conta a história da busca pelo terrorista Osama Bin-Laden, responsável pelo atentado de 11 de setembro de 2001.
	Três reis	Em março de 1991 foi assinado o cessar-fogo na Guerra do Golfo. Em meio às comemorações, foi descoberto um mapa com a rota de um tesouro enterrado no deserto, no Iraque. Três soldados resolveram partir em busca desse tesouro.
	Syriana: a indústria do petróleo	O filme retrata a influência e o poder global da indústria do petróleo, que envolve governos e empresas, por meio da história de um agente da CIA.
	lêmen: o segredo do Oriente	Documentário sobre o lêmen, país do Oriente Médio, rico em construções antigas, das quais muitas são patrimônio mundiais. Um universo de tradições seculares que encanta e desperta a curiosidade.
	E agora, para onde vamos?	No longa-metragem, mulheres cristãs e muçulmanas de uma aldeia libanesa fazem de tudo para não haver conflitos entre os homens. O filme amplia o entendimento sobre a guerra civil libanesa.
	A cor do paraíso	A obra retrata a relação entre um menino cego, que estuda que estuda em um internato em Teerã, seu pai viúvo, a avó e suas irmãs. O diretor consegue mostrar toda a sensibilidade do garoto de 8 anos, em suas relações pessoais e com a natureza. O filme ainda apresenta belas paisagens do território iraniano, particularmente quando o menino vai passar férias na casa da avó.
	A caminho de Kandahar	O filme retrata as condições extremamente difíceis impostas à população afegã pelo regime Taliban, como escassez de alimentos; precárias condições de saúde; opressão às mulheres, que não podiam estudar nem trabalhar; e a falta de liberdade de expressão.
	Gosto de cimento	O documentário retrata o cotidiano de imigrantes sírios no Líbano. Empregados nas obras de construção civil em Beirute e levados a morar nos próprios edifícios que estão construindo, esses trabalhadores acompanham os noticiários sobre os bombardeios e a destruição das cidades na Síria.
	Kedma	Alguns dias antes da criação do Estado de Israel, um grupo de judeus sobreviventes do Holocausto tenta se estabelecer na Palestina. No caminho, o encontro com os árabes dá início a uma trágica batalha.

	Lawrence da Arábia	Durante a Primeira Guerra Mundial, o personagem central é transferido para a Arábia e une-se aos árabes na luta contra o império Otomano, que dominou a região. O filme apresenta belas paisagens do Oriente Médio.
	Jerusalém, além das muralhas	Documentário sobre vários aspectos da antiga cidade de Jerusalém, berço de 3 mil anos de História.
	O dia do perdão	As memórias do próprio diretor são a base para o roteiro que expressa uma visão crítica sobre a violenta guerra do Yom Kippur.
	Os capacetes brancos	Capacetes brancos é a denominação dada aos voluntários que prestam os primeiros socorros às pessoas feridas em guerras. O documentário retrata o trabalho desenvolvido por essas pessoas na guerra civil síria.
Japão	Corações sujos	Filme baseado em acontecimentos reais ocorridos após a rendição do Japão na Segunda Guerra Mundial, em 1945, quando imigrantes japoneses que viviam no interior do estado de SP se dividiram em dois grupos: aqueles que acreditaram na notícia da rendição foram vistos como traidores da pátria e apelidados de “corações sujos”; os demais, que ainda esperavam uma vitória final do Japão na guerra, passaram a perseguir os primeiros.
	O último samurai	No Japão do século XIX, um jovem imperador viverá o dilema de optar entre a modernização ocidental trazida por seus parceiros estadunidenses e o apego as tradições milenares defendidas pelos samurais.
China	China Blue	As péssimas condições de trabalho das operárias de uma fábrica de jeans, a sudoeste da China, são o tema desse filme, que revela como são feitas as roupas baratas e de grife “made in China”.
	Flores do amanhã	Contextualizado no período de 1976, quando a morte do líder político Mao Tsé-tung põe fim à tirania na China, o filme aborda a relação entre pai e filho separados durante a Revolução Cultural, na qual o pai, pintor, teve suas mãos deformadas.
	Made in China	Os produtos chineses altamente competitivos porque têm um preço muito baixo. Nesse filme, uma vendedora procura esclarecer quais fatores possibilitam esses preços às mercadorias.
	A árvore do amor	O filme retrata as agruras de uma família durante a Revolução Cultural, na China. O patriarca da família é preso pelo governo e sua filha é mandada para o campo, para ser submetida a um processo de reeducação. Para evitar que a família tenha problemas mais graves, a adolescente precisa ter um comportamento prudente durante seu “estágio”.
Índia	Sob a luz da América	Comédia sobre o funcionamento de um call center na Índia que atende usuários de um cartão de crédito, retratando o choque cultural entre estadunidenses e indianos.
Globalização	Globalização: violência ou diálogo?	Documentário que aborda as polêmicas sobre a globalização, mostrando os violentos protestos dos grupos antiglobalização por ocasião de reuniões de organizações internacionais e também a ideologia do “Bem contra o Mal”

		presente em confrontos entre diferentes culturas e religiões no mundo de hoje.
	A última hora	Com depoimentos de especialistas e políticos, esse documentário discute a sustentabilidade e a necessidade de atentar rapidamente para problemas ambientais que ameaçam a vida no planeta.
	As corporações	O documentário faz uma análise crítica do papel das grandes empresas na configuração do atual espaço mundial. As entrevistas com diretores corporativos e intelectuais nos fazem refletir sobre os interesses dessas corporações.
	Acquaria	O filme mostra o esgotamento das reservas hídricas do planeta e a tentativa das personagens dessas reservas.
	Uma verdade inconveniente	De maneira direta, mostra como fábricas, indústrias, e o tráfego de veículos nas grandes cidades liberam enormes quantidades de gases do efeito estufa, fato que, acentuado pelo consumismo em massa e pela grande devastação das florestas, tem agredido o planeta e pode provocar uma série de consequências desastrosas para os seres vivos.
Guerra Fria	Boa noite e boa sorte	O filme retrata um momento específico da Guerra Fria denominado macartismo, doutrina criada nos EUA para denunciar e perseguir pessoas tidas como aliadas da União Soviética. Foi um momento tenso na Guerra Fria, pois muitos jornalistas, artistas e pessoas comuns foram perseguidas por apresentarem “condutas questionáveis” e que poderiam ser atreladas à defesa da União Soviética, em solo estadunidense.
Geopolítica	Leviatã	Conta a história trágica de um homem simples que, ao tentar defender sua propriedade, teve a vida e a família destruídas por um prefeito corrupto. No ano em que o governo russo sofreu sanções econômicas do ocidente por suas ações intervencionistas na Ucrânia, Leviatã dividiu o país, abordando temas como corrupção e abuso de poder na Rússia atual.
Ásia	Sobre a água	O filme mostra a relação da população com a água em Bangladesh, Cazaquistão e Nairóbi, discutindo problemas geopolíticos que envolvem esse recurso natural.
	Sete anos no Tibet	O filme conta a história de um alpinista austríaco que parte para o Tibete para escalar o Nanga Parbat, nono pico mais alto do mundo, e passa a viver uma grande aventura no Himalaia.
	O anjo ferido	O filme se passa no Cazaquistão à época da transição para o capitalismo e mostra as dificuldades enfrentadas por quatro adolescentes e suas famílias.
	Como nasceu nosso planeta – Everest	Documentário que relata a formação geológica do Monte Everest
	O último imperador	Esse filme ajuda a entender a história da China no século XX. Relata a trajetória do último imperador chinês, desde o momento em que foi deposto, ainda criança, após a Revolução Republicana de 1912, até sua morte, em 1967, já sob a vigência da Revolução Comunista.

Oceania	Geração roubada	O longa relata a história de três meninas mestiças, filhas de aborígenes e britânicos, que fogem de um campo do governo britânico da Austrália destinado a treinar meninas para serem, entre outras funções, empregadas domésticas ou capatazes de fazendas.
	Onde sonham as formigas verdes	O filme mostra o modo de vida dos aborígenes australianos e sua resistência ao avanço da sociedade capitalista e urbano-industrial, representada por uma empresa que chega as suas terras para explorar minério. Evidencia o choque cultural e as diferentes visões de mundo das duas sociedades.
	Austrália	O filme conta a história de uma inglesa que viaja para a Austrália, no período pré-Segunda Guerra Mundial. Lá conhece um australiano que irá ajudá-la a salvar a propriedade que herdou. Juntos, eles embarcam em uma jornada para transportar o gado até uma cidade, atravessando belas paisagens do território australiano, acompanhadas por um aborígene idoso.
Usina nuclear	Chernobyl 30 anos	O documentário mostra as consequências do acidente nuclear de Chernobyl 30 anos após sua ocorrência.

## APÊNDICE 03 – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE – FURG  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL



### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado(a) para participar, como voluntário(a), em uma pesquisa. Após ser esclarecido(a) sobre as informações a seguir, no caso de aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que será em duas vias. Uma delas é sua e a outra é do pesquisador responsável.

#### INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA:

Título da Pesquisa: Mídias Cinemáticas e Educação Ambiental: possibilidades na formação de professores

Pesquisadora responsável: Rossandra Rodrigues Votto Feijó

Telefone para contato da pesquisadora: (53) 991353586

#### JUSTIFICATIVA, OBJETIVOS E PROCEDIMENTOS:

A pesquisa busca compreender como é possível transversalizar a Educação Ambiental na área do conhecimento de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas e Linguagens (EM), na Educação Básica, a partir do uso das mídias cinemáticas. Para sua realização foi elaborado um Projeto de Extensão promovido pelo Laboratório de Pesquisa e Ensino de Geografia (LAPEG/FURG) com o intuito de promover a formação continuada de professores das respectivas áreas do conhecimento. A justificativa para a realização desta pesquisa está na importância de compreender como a Educação Ambiental pode transversalizar o currículo, das áreas do conhecimento, no Ensino Médio, tendo o uso das mídias cinemáticas, enquanto “produto cultural” (SOARES, 2017), que pode contribuir para o debate da problemática ambiental. Os objetivos da pesquisa são: diagnosticar como a Educação Ambiental aparece nos currículos das escolas de Ensino Médio parceiras do Projeto de Extensão, a partir dos Projetos Políticos Pedagógicos; compreender como os professores da área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas e Linguagens, do Ensino Médio, trabalham a Educação Ambiental no currículo; compreender como a Educação Ambiental pode transversalizar o currículo das áreas de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas e Linguagens (EM), na Educação Básica, através do uso das mídias cinemáticas, em sala de aula. O(s) procedimento(s) de coleta de dados serão da seguinte forma: as informações da pesquisa serão produzidas a partir de entrevistas semi-estruturadas realizadas com os professores participantes do projeto de extensão em horário previamente agendado de acordo com a possibilidade do participante. A participação no estudo não acarretará custos para você e não será disponível nenhuma compensação financeira adicional.



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE – FURG  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL



**DECLARAÇÃO DO(A) PARTICIPANTE OU  
DO(A) RESPONSÁVEL PELO(A) PARTICIPANTE:**

Eu, \_\_\_\_\_, abaixo assinado, concordo em participar do estudo **Mídias Cinemáticas e Educação Ambiental: possibilidades na formação de professores**. Fui informado(a) pela pesquisadora: Rossandra Rodrigues Votto Feijó dos objetivos da pesquisa acima de maneira clara e detalhada, esclareci minhas dúvidas e recebi uma cópia deste termo de consentimento livre e esclarecido. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isso leve a qualquer penalidade. Autorizo (  ) Não autorizo (  ) a publicação de eventuais fotografias que o(a) pesquisador(a) necessitar obter de mim, de minha família, do meu recinto ou local para o uso específico em sua dissertação ou tese.

Local e data: \_\_\_\_\_ / \_\_\_\_ / \_\_\_\_.

Nome: \_\_\_\_\_

Assinatura do sujeito ou responsável: \_\_\_\_\_

Assinatura do(a) pesquisador(a): \_\_\_\_\_

## APÊNDICE 04 – ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

Nome: \_\_\_\_\_

Idade: \_\_\_\_\_ Gênero: \_\_\_\_\_

Tempo de Magistério: Rede Federal: (    ) anos                  Rede Estadual: (    ) anos

Rede Municipal: (    ) anos                  Rede Particular: (    ) anos

Formação Acadêmica:

(    ) Graduação                  Qual: \_\_\_\_\_

(    ) Especialização                  Qual: \_\_\_\_\_

(    ) Mestrado                  Qual: \_\_\_\_\_

(    ) Doutorado                  Qual: \_\_\_\_\_

Escola(s) onde atua(s):

\_\_\_\_\_

Regime de trabalho: (    ) 20 horas    (    ) 40 horas    (    ) 60 horas

Disciplinas ministradas dentro da área do conhecimento:

(    ) Filosofia                  (    ) Sociologia                  (    ) História                  (    ) Geografia

(    ) Outras. Quais? \_\_\_\_\_

1. Você participa de cursos de formação continuada? Quais?
2. Na escola onde atua, existem equipamentos tecnológicos para trabalhar com as mídias cinemáticas na sala de aula? Quais?
3. Você acha importante trabalhar com mídias cinemáticas, como recurso, em sala de aula? Por quê?
4. Você costuma usar mídias cinemáticas no planejamento das aulas? Como?
5. Quais as principais mídias cinemáticas que utiliza como recurso didático? Se sim, por que escolhes essas mídias? Qual a contribuição delas para a mediação da aula e construção do conhecimento?
6. Para você, as mídias cinemáticas aproximam os alunos dos conteúdos que estão sendo desenvolvidos em sala de aula?

7. Conte-nos sobre uma aula desenvolvida com o uso de mídias cinemáticas que contribuíram para tornar mais complexa o debate proposto em sala de aula, a partir do conteúdo conceitual em estudo.
8. Na sua avaliação, os alunos gostam quando o professor utiliza mídias cinemáticas para desenvolver a aula? Quais são as favoritas?
9. Antes da realização do curso, você já havia trabalhado alguma mídia cinemática sobre questões socioambientais em sala de aula? Qual?
10. Debater sobre como as mídias cinemáticas podem contribuir para transversalizar a Educação Ambiental no currículo da área do conhecimento de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas contribuiu para a tua formação enquanto professor?
11. Como avalia este curso de formação continuada? O que foi significativo para você? Sugestões.

## APÊNDICE 05 – ENTREVISTAS TRANSCRITAS

**Nome:** Aurora

**Idade:** 49 anos

**Gênero:** Feminino

**Tempo de Magistério:** Rede Federal: (    ) anos                  Rede Estadual: ( 25 ) anos

Rede Municipal: ( 22 ) anos                  Rede Particular: (    ) anos

### **Formação Acadêmica:**

- |  |  |
|--|--|
| <input checked="" type="checkbox"/> Graduação      | Qual: Letras                                     |
| <input checked="" type="checkbox"/> Especialização | Qual: Metodologia do Ensino de Língua Portuguesa |
| <input checked="" type="checkbox"/> Mestrado       | Qual: Educação Ambiental                         |
| <input type="checkbox"/> Doutorado                 | Qual: _____                                      |

### **Escola(s) onde atua(s):**

Colégio Estadual Lemos Júnior

**Regime de trabalho:** (    ) 20 horas    (    ) 40 horas    ( X ) 60 horas

### **Disciplinas ministradas dentro da área do conhecimento:**

- (    ) Filosofia            (    ) Sociologia            (    ) História    ( X ) Língua Portuguesa
- (    ) Geografia
- (    ) Outras. Quais? \_\_\_\_\_

### **1. Você participa de cursos de formação continuada? Quais?**

Sim, participo de todos que a secretaria do município de educação propõe, porque como eu trabalho aqui, sou assessora nós participamos de todos os processos formativos porque nós não trabalhamos de forma estanque nos núcleos, então nós participamos de todos, dos anos finais, daqueles que são a respeito de políticas públicas e da inclusão também, esporte educacional porque é do meu núcleo, todas as disciplinas das artes, tanto a Arte, Geografia,

História e Matemática que eu vou como auxiliar não para receber titulação, mas como auxiliar e línguas que é comigo, então, participo de todas.

**2. Na escola onde atua, existem equipamentos tecnológicos para trabalhar com mídias cinemáticas na sala de aula? Quais?**

Nós temos uma sala de projeção que funciona em parte porque nós temos que levar, no caso, o nosso material, porque não tem material disponível. Por exemplo, internet não tem, mas quando eu trabalho, tem que levar o vídeo de casa, também não tem aparelho de som, então, tem que estar carregando de uma sala para a outra, então, é difícil de trabalhar. E as salas de informática os computadores quase nunca funcionam.

**3. Você acha importante trabalhar com mídias cinemáticas, como recurso, em sala de aula? Por quê?**

Sim, porque como eu trabalho Literatura também, eu não trabalho de forma estanque, então, eu trabalho Literatura junto com Língua Portuguesa e faço trabalhos interdisciplinares com a professora de Geografia e também com a professora de História. Então, é de suma importância porque eles podem fazer a relação entre o filme, o documentário, ou entrevistas em lócus vendo pelos recursos audiovisuais e também através das leituras que eu proporciono, então, as mídias são de suma importância.

**4. Você costuma usar as mídias cinemáticas no planejamento das aulas? Como?**

Sim, eu uso principalmente na disciplina de Literatura que trabalho nos primeiros anos, então eu trabalho com a literatura da época de 1500 e trabalho também pós 1500 e 1700, então, eu faço a relação dos filmes, das obras de artes daquela época, dos autores. Então uso bastante, uso vídeos e também filmes principalmente, e os poemas que hoje são musicados daquela época que hoje se tem releituras a partir dos autores atuais.

Como organização eu faço a relação prévia, eu separo, trabalho primeiro a teoria da Literatura, trabalho primeiro o Português e depois eu trago as mídias e não vice e versa. A partir desse ano, do curso que eu fiz lá na FURG que eu estou programando diferente, depois disso eu trabalhei com o “Aquarius” então já foi diferente, então, antes eu sempre propunha antes, agora não, eu já faço diferente.

**5. Quais as principais mídias cinemáticas que utiliza como recurso didático? Se sim, porque escolhes essas mídias? Qual a contribuição delas para a mediação da aula e construção do conhecimento?**

Eu sempre utilizei bastante filmes e como são longos eu não sei fazer recortes, então, a professora de História faz o recorte que eu preciso e a de Geografia também, então eu trabalhava o filme todo e agora como eu trabalho com elas de forma interdisciplinar elas fazem o recorte do que eu preciso para Literatura. Em Português, eu utilizo bastante os documentários porque eu trabalho com temas transversais, então, eu uso bastante os documentários e músicas eu também trabalho bastante, como eu falei das releituras que trabalho com eles, então, eu trazia as músicas agora eles já estão trabalhando com as pesquisas deles das músicas, mas como eles

tem poucos recursos eles acabam utilizando o meu celular, um único celular porque só eu que tenho internet na sala de aula.

Então, eu vejo que é de suma importância porque como Literatura é muita teoria então eles podem analisar uma obra de arte, podendo ver as imagens, as fotos, o recorte, por exemplo, como era Roma, como era Portugal, como era a Espanha, na época da Literatura estudada, na França também, então, eles podem fazer essa relação do conteúdo com a mídia que estou propondo, principalmente os filmes e os documentários.

#### **6. Para você, as mídias cinemáticas aproximam os alunos dos conteúdos que estão sendo desenvolvidos em sala de aula?**

Sim, demais. Porque a Literatura ela é muito teórica, então, eles conseguem ver, e infelizmente, eu não consigo realizar muita saída de campo, porque aqui nós temos muitos prédios históricos que daria para eles verem como era o período clássico, então, é a partir das mídias que eu consigo fazer isso, se não, eu não conseguiria, porque como é noturno, eu não tenho como fazer, então, desta forma, eu consigo correlacionar o conteúdo, a teoria com a prática.

#### **7. Conte-nos sobre uma aula desenvolvida com o uso de mídias cinemáticas que contribuíram para tornar mais complexo o debate proposto em sala de aula, a partir do conteúdo conceitual em estudo.**

Eu trabalho com literatura jesuítica, principalmente o “Quinhentismo”, então, eu trago a teoria de como foi essa navegação dos portugueses e a tomada do Brasil e a posse dos portugueses e espanhóis pelo Brasil e fiz um recorte com a série “O ministério del tempo” e a professora de História me ajudou. Foi quando os portugueses e espanhóis chegaram na América e foi bem legal porque eles conseguiram visualizar, e também aqueles que tem em casa conseguiram rever novamente as cenas e depois fizeram um parágrafo argumentativo dissertativo falando que essa literatura jesuítica que foi imposta, ela veio realmente com a função de “catequisar” os indígenas aqui para se apossar das terras, aí eles conseguiram visualizar super bem, isso pelo recorte da mini série “O ministério del tempo”. Depois eles fizeram um parágrafo argumentativo posicionando-se sobre essa questão do descobrimento que nos livros de literatura ainda colocam a questão da posse então foi super válido porque eles tiveram a teoria, eles conseguiram assistir.

Outro exemplo foi os saraus que eu faço, trabalho em Português então eu consegui fazer depois dos cursos que eu tive das mídias na FURG eles escolherem as músicas, mas a temática tinha que ser sobre autorretrato, a temática fui eu que dei, e aí procuraram as músicas para depois fazer seus autorretratos, fizeram a pesquisa no meu celular, porque toda a informática está sem internet na escola e eles procuraram então músicas do autorretrato de diversas formas desde rap, trabalharam bastante com Gabriel Pensador e depois eu trouxe os poemas de Vinícius de Moraes, também trouxe os poemas mais atuais de autorretrato, eles puderam então fazer essa comparação da produção deles com as músicas, eles apresentaram a música e também o autorretrato que compôs o sarau que aconteceu na escola a pouco tempo.

**8. Na sua avaliação, os alunos gostam quando o professor utiliza as mídias cinemáticas para desenvolver a aula? Quais são as favoritas?**

Eles adoram, eles gostam muito mais porque eu percebi isso durante muito tempo que eu tenho trabalhado com filme, mas o que eu vi depois desse curso que eu fiz, quanto mais curto, mais prende a atenção porque passa a mensagem. Então, tanto os vídeos da internet quanto os documentários são super aceitos, os filmes são mais cansativos a não ser que seja recortado, então como eu não sei fazer eu preciso dos outros. O favorito são os documentários e os vídeos da internet, os dois.

**9. Antes da realização do curso, você já havia trabalhado alguma mídia cinemática sobre questões socioambientais em sala de aula? Qual? Como?**

Sim, sempre trabalho porque como eu já tenho a formação, mas bem antes eu também tinha essa preocupação com as questões socioambientais então eu sempre trabalhei, como eu trabalho desde 1994 com os temas transversais, então, já faz parte, inclusive, foi tema do meu Mestrado, os gêneros textuais que vem por meio dos temas transversais, então, eu trabalho sempre, eu trabalho com as questões dos temas transversais de forma interdisciplinar, já trabalho há bastante tempo.

Antes eu usava filmes e músicas passando o filme e fazia bastante saída de campo também, sempre fiz saída de campo mesmo trabalhando na noite, eu procuro fazer no sábado à tarde porque os meus alunos trabalham, mas antes eu fazia já durante a manhã quando eu trabalhava pela manhã, saídas de campo, e aí eles tiravam fotos, faziam exposições de fotos, hoje eles já fazem vídeos, então, se tem a saída de campo sábado à tarde fazem os vídeos. Já trabalhava antes também com os filmes e hoje avançando para os documentários.

**10. Debater sobre como as mídias cinemáticas podem contribuir para transversalizar a Educação Ambiental no currículo da área do conhecimento de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas contribuiu para a tua formação enquanto professora?**

Muito, porque como eu já estou imbuída das questões ambientais por me constituir assim, por tudo que eu acredito e por tudo que estudo, não seria diferente também pela legislação, eu trabalho com as questões dos temas transversais, então, eu penso que debater as mídias só vem a enriquecer porque como diz Paulo Freire “a gente está em constante aprendizagem”, estamos sempre evoluindo, com certeza, e nessa busca do ser mais, então, com certeza, para mim é uma barreira muito grande essas questões, ainda da tecnologia, da internet, mas eu tenho certeza que ainda vou continuar me aperfeiçoando e vou vencer essa barreira.

**11. Como avalia este curso de formação continuada? O que foi significativo para você? Sugestões.**

O curso foi excelente, porque eu sei que em primeiro lugar a professora Cláudia ouviu o meu anseio, como eu trabalho com a formação de professores, então, eu desejo que tenham mais e que sejam oferecidas também para a área da linguagem nos próximos anos, em Ciências também porque como tem muitos professores que trabalham de forma interdisciplinar poderia se abrir para as outras áreas, pois isso é de suma importância. E ser oferecido na hora do

professor porque é a hora que ele consegue ir mais, na hora atividade dele que é pela manhã ou pela tarde, na rede a gente tem poucas escolas de anos finais à tarde, mas o ideal é que seja pela manhã e que trouxesse então um aprofundamento também de outras mídias, ou para aqueles que não conseguiram fazer esse ano retomar o ano que vem seria de suma importância. Sugestão é abrir para outras áreas e realizar oficinas, por exemplo, nosso grupo não conseguiu realizar a tarefa do podcast porque nenhuma de nós sabia fazer, então ficou aquele vácuo ali, mas isso não foi por vácuo foi porque, o vácuo no nosso grupo, porque nós precisamos aprofundar como fazer.

Chamar alguém das Artes que soubesse fazer para nos ensinar, o ideal seria o curso com oficinas, encontros com oficinas, que nós nos inscreveríamos naquela oficina que temos interesse, essa é uma sugestão, com vários temas, o vídeo minuto por exemplo. É uma coisa que eu não falei que as tecnologias e propostas vão de acordo com a base, porque a base vem muito forte principalmente com a referência curricular riograndina nos solidificando ao uso das tecnologias, então para isso nós enquanto formadores precisamos também que sejam formadores os professores para dominar essas tecnologias.

**Nome:** Bela

**Idade:** 38 anos

**Gênero:** Feminino

**Tempo de Magistério:** Rede Federal: ( ) anos      Rede Estadual: ( ) anos

Rede Municipal: ( 12 ) anos      Rede Particular: ( ) anos

**Formação Acadêmica:**

- ( X ) Graduação      Qual: História Licenciatura  
 ( X ) Especialização      Qual: Metodologia do Ensino de História e Geografia  
 ( ) Mestrado      Qual: \_\_\_\_\_  
 ( ) Doutorado      Qual: \_\_\_\_\_

**Escola(s) onde atua(s):**

Escola Municipal de Ensino Fundamental Manoel Martins Mano

**Regime de trabalho:** ( ) 20 horas    ( ) 40 horas    ( X ) 60 horas

**Disciplinas ministradas dentro da área do conhecimento:**

- ( ) Filosofia      ( ) Sociologia      ( X ) História      ( ) Geografia  
 ( X ) Outras. Quais? Religião

**1. Você participa de cursos de formação continuada? Quais?**

Participo de uns quantos na realidade, alguns até como organizadora, outros como professora e aluna. Participei este ano do curso de Mídias, de extensão, em parceria com a FURG, o ano passado a gente também participou de dois em parceria com a FURG, um na área de Geografia e outro em Letras, de escrita feminina, de autoras negras brasileiras, foi bem interessante também e nós temos as formações propostas pela secretaria que não são cursos de formação, mas é formação continuada em serviço.

**2. Na escola onde atua, existem equipamentos tecnológicos para trabalhar com mídias cinemáticas na sala de aula? Quais?**

A gente tem multimídia, temos computadores, net e not, televisão, caixa de som, microfone, tem uma sala de vídeo, uma sala de informática, tem bastante espaço.

### **3. Você acha importante trabalhar com mídias cinemáticas, como recurso, em sala de aula? Por quê?**

Eu acho importante porque sai da questão do quadro e giz, então, fica mais interessante para o aluno, dá mais movimento para a aula, fica mais dinâmica e eu acho que trazer a imagem, o som, uma música, um vídeo clipe, é mais um recurso que favorece e que tu consegues dialogar melhor com os adolescentes e com as crianças do que estar só falando, trazendo um texto normal expositivo; então, eu acho que nesse sentido é muito interessante.

### **4. Você costuma usar mídias cinemáticas no planejamento das aulas? Como?**

Costumo usar, costumo preparar alguns slides, não em todas as aulas, mas costumo usar e em alguns trago músicas e já trouxe vídeo clipe, algum trecho de filme ou alguma entrevista. Trabalho interdisciplinar, então, mesmo nas aulas de História eu já trabalhei com a questão da escrita, a gente trabalhou o autor que é o Sérgio Vaz, então, eu trouxe as escritas desse autor, poemas e depois uma entrevista que ele faz um Sarau, então, através da mídia, eles conseguiram ter o contato com aquele autor, ver quem ele é, ver a forma como ele fala, as suas poesias, aí foi muito interessante do que só trazer, por exemplo, esse autor através do livro, porque eles não sabem quem é essa pessoa que está falando e que está escrevendo, aí quando eles viram o autor, viram a imagem, escutaram ele, é bem diferente.

### **5. Quais as principais mídias cinemáticas que utilizas como recurso didático? Se sim, porque escolhes essas mídias? Qual a contribuição delas para a mediação da aula e construção do conhecimento?**

O principal é o filme, mesmo sendo longo e a gente demorando mais de uma aula para trabalhar, eu dou aula de História, então, eu trago muitos recursos de referências históricas e às vezes algum documentário e até alguns vídeos do *you tube* que falam sobre algumas temáticas específicas de História, eu vou para o *you tube* pesquiso, às vezes, são outros professores até que trazem, um resumo da disciplina com algumas imagens então também faço assim, uma seleção e levo para a sala, então, é um complemento, eu explico na aula e depois trago um vídeo explicativo. Já fiz o contrário de trazer o vídeo para explicar determinado conteúdo e depois vim com uma folha, com o conteúdo, realmente, mas eu costumo fazer mais o inverso, venho primeiro com o conteúdo, eu explico e aí depois, venho com o filme ou vídeo.

### **6. Para você, as mídias cinemáticas aproximam os alunos dos conteúdos que estão sendo desenvolvidos em sala de aula?**

Acho que sim, para nós mesmos, de História, que determinados conteúdos são muito distantes da realidade deles e distante do tempo, então, é uma forma de aproximação mesmo, aquilo não sendo uma noção fiel da realidade, é ficção, mesmo documentário, ele tem uma linha de pensamento, mas eu acho que aproxima, faz com que eles entendam melhor.

### **7. Conte-nos sobre uma aula desenvolvida com o uso de mídias cinemáticas que contribuíram para tornar mais complexo o debate proposto em sala de aula a partir do conteúdo conceitual em estudo.**

Por exemplo, eu trabalhei a Revolução Francesa e até a questão dos embates entre os Estados, que o Estado na realidade é o povo, os trabalhadores e a burguesia, se revoltando contra a monarquia e eu trouxe um material escrito, trouxe os slides e trechos da obra “Miseráveis” que é um musical que retrata bem o lado sofrido do terceiro Estado, que é a população pobre e também passei trechos do outro filme que é o “Maria Antonieta” que é a rainha francesa vivendo no luxo em Versalhes. Para eles verem as duas realidades, que eram os extremos, o luxo da monarquia e a pobreza das pessoas que viviam em Paris e aí foi bom para eles conseguirem enxergar o que a gente estava falando ali, em uma divisão entre os povos, os grupos ou as classes, mas falar é uma coisa e eles verem é outra e ficou marcado para eles porque eles lembram da música, da imagem, da roupa do personagem. E no filme tem as reações, a emoção, o som, diferente de fotos que são estáticas, é muito bom. Eu acho que é uma forma de promover o contato deles com alguns filmes que eles tem o hábito de ver, algumas mídias que eles não tem acesso, provavelmente, eles não iam ao cinema ou procurar na Netflix esses filmes, aí a gente consegue levar para os alunos.

**8. Na sua avaliação, os alunos gostam quando o professor utiliza as mídias cinemáticas para desenvolver a aula? Quais são as favoritas?**

Filme e vídeo da internet, o documentário ele é cansativo, então, tem que ser uma coisa bem dinâmica e não muito comprida, se não eles cansam e a maioria dos documentários são legendados, o que também para alguns tipos de alunos, alunos com déficit de atenção ou com dificuldade de leitura, de visão, atrapalha, e alguns também não conseguem acompanhar a legenda muitas vezes. Então eles preferem filmes dublados e vídeo do *you tube* que é o que eles estão mais acostumados, é curto. A gente tem duas horas aulas de 45 min, a gente não consegue ver um filme nesse período, então geralmente tem sempre outro professor parceiro que aí também vai desenvolver a temática e aproveita e usa aquele filme ou aquela mídia para desenvolver seu conteúdo também.

**9. Antes da realização do curso, você já havia trabalhado com mídias cinemáticas sobre questões socioambientais em sala de aula? Qual? Como?**

Não, sobre questões ambientais não tinha trabalhado (risos), não tinha e não trabalhei ainda (risos) não tive tempo, só para o ano que vem e ainda mais na EJA, que é muito corrido, mas o curso trouxe para mim, especificamente, um outro olhar, porque eu não sou da Educação Ambiental e às vezes a gente trabalha algumas coisas, mas a gente não tem esse olhar da área da Educação Ambiental, então isso, para mim, foi muito novo, tanto a questão das mídias que foram desenvolvidas no curso e que trataram desses assuntos como o material disponibilizado.

**10. Debater sobre como as mídias cinemáticas podem contribuir para transversalizar a Educação Ambiental no currículo da área do conhecimento de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas contribuiu para a tua formação enquanto professora?**

Contribui bastante né, isso que eu disse, eu entrei em contato com outros autores, consegui discutir com pessoas de outras áreas, de História só havia eu, pessoal de Geografia a maioria, pessoal de Letras e a gente vê realmente que os discursos são diferentes e que a pessoa fala de outro lugar, isso foi muito bom, a troca, o contato com esses materiais também foi muito

bom. É uma outra forma da gente pensar na sala de aula, do além do conteúdo, de pensar realmente nessas questões ambientais que estão aí e às vezes a gente não trabalha ou trabalha muito superficialmente, só no discurso, às vezes e não leva o conceito para o aluno, uma discussão mais aprofundada, uma reflexão, às vezes a gente fala meio que por cima e não aprofunda a discussão.

**11. Como avalia o curso de formação continuada? O que foi significativo para você? Sugestões.**

Eu acho que foi muito bom, foi um curso curto, os horários foram bons também, em função de ser pela manhã e tarde porque a gente pode se organizar. Poderia ser mais comprido, umas 40h no mínimo de curso, mais encontros concentrados em um semestre, porque a gente já teve experiência de fazer um curso de um ano inteiro e as pessoas não conseguem dar conta para um ano inteiro de planejamento, mas um curso dentro de um semestre né, de 40h, ele é bem interessante assim, e porque a gente fala muito, eu acho que o pessoal fala bastante, então, às vezes, a gente não consegue dar conta do planejamento né. Então, ele sendo mais extenso, a gente poderia continuar algumas discussões, fazer outras ou aprofundar as leituras porque a gente teve que estudar em casa na realidade, a gente leu em casa e muitas vezes não conseguiu discutir tudo no curso em função do tempo que foi reduzido. Um curso de 40h no mínimo é a minha sugestão.

**Nome:** Carol

**Idade:** 39 anos

**Gênero:** Feminino

**Tempo de Magistério:** Rede Federal: ( ) anos      Rede Estadual: ( 11 ) anos

Rede Municipal: ( 10 ) anos      Rede Particular: ( ) anos

**Formação Acadêmica:**

- ( X ) Graduação      Qual: Geografia Licenciatura e Bacharelado  
 ( X ) Especialização      Qual: Educação Inclusiva e Ensino Religioso  
 ( ) Mestrado      Qual: \_\_\_\_\_  
 ( ) Doutorado      Qual: \_\_\_\_\_

**Escola(s) onde atua(s):**

Escola Municipal de Ensino Fundamental Cipriano Porto Alegre

Escola Municipal de Ensino Fundamental Zenir de Souza Braga

Escola Estadual de Ensino Médio Alfredo Ferreira Rodrigues

Escola Estadual de Ensino Médio Bibiano de Almeida

**Regime de trabalho:** ( ) 20 horas    ( ) 40 horas    ( X ) 60 horas

**Disciplinas ministradas dentro da área do conhecimento:**

- ( ) Filosofia      ( ) Sociologia      ( ) História      ( X ) Geografia  
 ( X ) Outras. Quais? Artes

**1. Você participa de cursos de formação continuada? Quais?**

Sempre que possível que a mantenedora permite eu procuro participar, né. Agora, estou fazendo um curso online de Ensino Religioso, tá. Sempre que possível eu procuro fazer os da prefeitura, né. Mas estou sempre procurando outros cursos, por fora. Pela FURG. Sempre procurando. O de Educação Inclusiva mesmo eu senti necessidade, porque como está entrando muito aluno com problemas de aprendizagem, então eu fui atrás procurar, fazer o curso para poder estar apta a trabalhar com eles. Porque a gente tem muita inclusão, tenho alunos incluídos em todas as turmas, todos os níveis de problemas de aprendizagem. Tenho alunos com déficit

de atenção, com hiperatividade, transtorno opositor, autista, déficit intelectual leve, né, tem bastante.

**2. Na escola onde atuas, existem equipamentos tecnológicos para trabalhar com mídias cinemáticas na sala de aula? Quais?**

Bom, o equipamento tecnológico é complicado, né. Porque no Cipriano a escola é muito grande, tem muitas salas de aula, muitos professores e o equipamento não é suficiente para todos. Então, várias vezes, eu fui utilizar o equipamento e não estava acessível a mim, o projetor e o computador do auditório, várias vezes, estavam com vírus, ia colocar o pen drive e o teu pen drive enchia de vírus, então, ficava cada vez mais difícil. Então, o que eu tive que fazer? Tive que comprar um projetor para eu usar na sala de aula, o computador é meu também, então, eu trago todo o meu material, caixa de som, tudo meu, aquisição própria para não prejudicar o meu trabalho, e não fico tão empenhada em função disso. Nas outras escolas é a mesma coisa, a única escola que tem material, que não é problema são as do Estado por incrível que pareça, tanto no Bibiano quanto no Povo Novo a gente não fica empenhada porque tem material sempre disponível.

**3. Você acha importante trabalhar com mídias cinemáticas, como recurso, em sala de aula? Por quê?**

Olha, eu acho de extrema importância porque facilita a aprendizagem como recurso e os alunos gostam, eles se empoderam, porque o professor vem com aquela aula monótona, então, quando tu começa a utilizar um recurso que eles tem conhecimento eles se empoderam, gostam, tão participando do processo, é diferente. Esse ano eu trabalhei mais com mídia, mais que o de costume e o resultado foi ótimo, sem contar que a mídia para o aluno incluído é um recurso riquíssimo. É bem válido.

**4. Você costuma usar mídias cinemáticas no planejamento das aulas? Como?**

Qualquer mídia que eu utilize, eu sempre uso no meio da aula. Eu inicio o assunto, trabalho aquele assunto e depois eu utilizo ela, então, é sempre associado ao que estou trabalhando, qualquer tipo de recurso sempre. Vejo que o resultado é muito melhor, é muito significativo. Eu trabalhei os conflitos com eles e todo tempo associando a filmes que eles tivessem assistido, aí depois eu mostrei para eles uma série de filmes, primeiro mostrei “Até o último homem” para falar sobre a questão dos conflitos, mostrei o “Menino de pijama listrado” e depois para falar sobre os regimes totalitários “A onda”, e depois realizamos relatórios do vídeo que assistiram e aí tu consegue enxergar a associação que eles fazem com o conteúdo, foi muito válido.

**5. Quais as principais mídias cinemáticas que utilizas como recurso didático? Se sim, por que escolhes essas mídias? Qual a contribuição delas para a mediação da aula e construção do conhecimento?**

Uso vídeos da internet, filmes, documentários, reportagens. Por exemplo, com o 9º ano estava trabalhando os indicadores sociais e econômicos, falando sobre IDH, qualidade de vida, eu trouxe uma reportagem do Jornal Nacional que eles fizeram sobre o aumento da pobreza, e

assim bem atual, a gente havia acabado de trabalhar aquilo ali, a reportagem coincidiu com o que tínhamos acabado de trabalhar, então eles gostaram bastante e foi uma reportagem muito rica do JN. Então, são várias desde vídeo do *you tube*, reportagens, documentários, filmes. Eu escolhi pela relevância e sempre procurando associar com o que estou trabalhando, com o que está mais próximo.

**6. Para você, as mídias cinemáticas aproximam os alunos dos conteúdos que estão sendo desenvolvidos em sala de aula?**

Sim, sim. Pois eles participam desse processo de aprendizagem, eles entendem mais, pois quando tu falas na sala de aula é tudo muito vago e quando eles assistem dizem “a não a professora não está falando uma coisa sem sentido”. Torna-se significativo. E até mesmo quando estão fazendo uma leitura no livro eles ficam num devaneio, porque o adolescente hoje, a nossa geração era mais interessada, mais dedicada, então, hoje não, eles tem uma gama de informação que tudo é mais interessante que a própria sala de aula, então se eu não trazer um diferencial eles não vão se interessar.

E a Geografia, a minha disciplina eu tenho um amor especial por ela, porque a nossa disciplina ela é interessante e o aluno, às vezes, está lá no cantinho, está conversando e aí tu começa a falar no meio do assunto, ele já começa a se virar, porque ele começa a prestar atenção porque a nossa disciplina ela tem uma relevância, então ela é o cotidiano, ela é o dia a dia, e a gente tem que estar sempre atualizado. Porque tu podes estar falando sobre os conflitos mundiais, mas o aluno vai te perguntar sobre o terremoto, sobre o tsunami, então um professor de Geografia tem que estar atualizado.

**7. Conte-nos sobre uma aula desenvolvida com o uso de mídias cinemáticas que contribuíram para tornar mais complexo o debate proposto em sala de aula, a partir do conteúdo conceitual em estudo.**

Eu faço bastante seminário, então a gente vem com toda essa discussão ao longo do ano e no final do trimestre eles começam a montar os seminários, então eles já aprenderam a fazer slides, já aprenderam a fazer documentários, porque eles criam com a fala deles, e eles colocam a imagem de acordo com o tema do seminário. Então eles criam aquilo ali, e depois da apresentação do vídeo da exposição de slides, da apresentação do tema a gente faz um debate, eles buscam informações recentes e criam todo um debate acerca do trabalho que eles irão desenvolver. Adoram. Primeiro ficam receosos depois eles começam a produzir, e como eles têm essa maior facilidade com aplicativos que eu não conheço, montagem de vídeos muito interessantes, muito criativos, eles colocam em prática toda a curiosidade deles. Eu estou adorando trabalhar assim. Teve uns que eu falei que eu tinha mandado para minha professora da FURG e eles ficaram emocionados.

**8. Na sua avaliação, os alunos gostam quando o professor utiliza mídias cinemáticas para desenvolver a aula? Quais são as favoritas?**

Eles gostam mais de projetor e vídeos curtos da internet. Porque o filme, eu não costumo dar aleatório, não trago, eles já estão até acostumados, é sempre associado ao que a gente está

trabalhando. Então, eles já sabem que tem um trabalho ali e quando é vídeo mais curto, eles curtem mais, porque é menos tempo.

**9. Antes da realização do curso, você já havia trabalhado alguma mídia cinemática sobre questões socioambientais em sala de aula? Quais? Como?**

Já. Filme, vídeo e documentário. Integrado no conteúdo, quando eu fui falar sobre questão ambiental eu trouxe essas mídias.

**10. Debater sobre como as mídias cinemáticas podem contribuir para transversalizar a Educação Ambiental no currículo da área do conhecimento de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas contribuiu para a tua formação enquanto professora?**

Sim, contribuiu, porque a gente percebe que tem que estar sempre inovando, sempre trazendo coisas novas para os alunos para melhorar a aprendizagem.

**11. Como avalia esse curso de formação continuada? O que foi significativo para você? Sugestões.**

Ele foi bem interessante, eu gostei das trocas que realizamos com os colegas, escutamos o que os outros estão fazendo na rede também.

E sugestões que fossem mais frequentes, porque eu gosto de participar de cursos, tem professor que não gosta, mas eu gosto bastante dessa troca, só que a rede não libera, a gente sabe que tem direito, mas a rede não nos propicia formação, então é complicado.

**Nome:** Darth

**Idade:** 34 anos

**Gênero:** Masculino

**Tempo de Magistério:** Rede Federal: ( ) anos      Rede Estadual: ( 7 ) anos  
 Rede Municipal: ( ) anos      Rede Particular: ( ) anos

**Formação Acadêmica:**

- ( X ) Graduação      Qual: Geografia Licenciatura  
 ( X ) Especialização      Qual: Supervisão Escolar  
 ( X ) Mestrado      Qual: Geografia  
 ( X ) Doutorado      Qual: Geografia (cursando)

**Escola(s) onde atua(s):**

Escola Técnica Estadual Getúlio Vargas

**Regime de trabalho:** ( ) 20 horas    ( X ) 40 horas    ( ) 60 horas

**Disciplinas ministradas dentro da área do conhecimento:**

- ( ) Filosofia      ( ) Sociologia      ( ) História      ( X ) Geografia  
 ( X ) Outras. Quais? Seminário Integrado

**1. Você participa de cursos de formação continuada? Quais?**

Aqui eu faço parte, tanto do PIBID de Geografia quanto do PIBID de História, agora a gente está fazendo um ano e meio, por enquanto só esse curso que eu fiz de formação continuada que me ajudou e assim como auxilia os guris que estão se formando e o de vocês das mídias.

**2. Na escola onde atuas, existem equipamentos tecnológicos para trabalhar com mídias cinemáticas na sala de aula? Quais?**

Sim, a gente tem desde computador na sala de informática, com televisão, então, pode permitir se tu estás passando um vídeo, ir pausando e mostrando para os alunos, a gente já teve um trabalho que a gente está fazendo esse ano que está meio parado, por causa da greve, que é a criação de propagandas, eles estão fazendo, porque eles tem uma empresa dentro do projeto de seminário, que eu faço onde eles criem uma empresa porque é dentro do curso de

contabilidade, então ali eles fazem desde a planta da empresa até a propaganda, então a gente conseguiu trabalhar com esse tipo de mídia.

Além disso, eu tenho mais aqui dentro da escola questão de data show, televisão, todos esses equipamentos tecnológicos, na parte de tecnologia a escola é bem equipada, o difícil é o programa específico que tu não tem, aí tem que piratear porque a escola não tem verba para comprar um programa original. Nós temos três salas de computação, sendo duas com televisão de 40 polegadas, tem sala de áudio e vídeo e mais o auditório com data show, e mais um data show que tu levas, é bom porque se tu for ver em outras escolas do município, o Estado tem mais liberdade de comprar, o município tudo que ele precisa a secretaria compra, no Estado tudo que tu precisas a tua escola compra porque ela tem a verba separada, então, se tu pedir um computador é muito mais fácil tu conseguir. E como eu trabalho em uma escola técnica tem mais dinheiro porque o aluno de nível técnico ele é um pouco mais caro do que o de nível, mas estamos perdendo essa arrecadação porque estamos perdendo aluno.

### **3. Você acha importante trabalhar com mídias cinemáticas, como recurso, em sala de aula? Por quê?**

Primeiro, porque ela é muito mais dinâmica do que a própria sala de aula, então, a gente vai ver hoje uma geração que os caras estão olhando computador, celular o tempo todo a mídia cinemática te aproxima um pouco, não é que ela te coloca dentro deles, mas ela te aproxima, pois quando levas eles para uma sala de vídeo, o interesse já é outro, só que percebemos que cada vez mais eles tem que participar, então, aquele aluno que eu fui, não é o aluno que eles são agora, são alunos que pesquisam durante a aula e te corrigem, então, a mídia não é o que a gente vê na televisão, o filme, é o celular, e nós não aprendemos a trabalhar isso na sala de aula, na minha escola a gente tem espalhado cartazes dizendo “proibido o uso de celulares dentro da sala de aula”, só que é inviável tu dizer isso, a gente até brinca, porque como eu faço a supervisão, eu digo a eles “cara na cadeia os caras não conseguem cortar os celulares imagina dentro de uma sala de aula”, então, eles não têm, é o mais próximo que a gente chega hoje em dia. Tem uma professora de Artes mesmo que ela trabalha com fotos do celular deles, então, é o que a gente tem que tentar com eles, é isso é a participação para o bem.

Hoje em dia o único jeito que eu consigo chegar nos alunos é através da mídia, é tu estar dando uma aula e falar de um filme, depois tu trazer um recorte do filme, não mostrar filme toda hora até porque tu não tem tempo, então, é tu fazer recortes, trazer imagens, hoje em dia até os próprios *memes* te ajudam muito em sala de aula, mas te dá trabalho, te dá muito mais trabalho que uma aula tradicional que tu vai ali passa no quadro explica vira as costas e vai embora.

### **4. Você costuma usar mídias cinemáticas no planejamento das aulas? Como?**

Geralmente, eu uso o recurso de imagens como fotografias, *power-point* mais ou menos, monto um *power-point*, baseado naquilo ou se não com algum filme curto, eu prefiro mil vezes trabalhar com curta metragem, então, a gente tem muitos filmes bons porque no *you tube*, hoje, tu encontras qualquer tipo, então eu prefiro trabalhar com curta metragem e documentários e geralmente, eu só assisto e depois eu assisto pausando, em partes que eu possa cobrar, entender,

o que eu possa esperar deles, entendendo muitas coisas que são difíceis, filmes didáticos e o planejamento geralmente é esse, e esperar o que vai vir.

Geralmente, introduzo o assunto de uma forma mais tradicional porque eles precisam daquele conteúdo, depois uso o filme e a partir daquele filme abro uma discussão e uma atividade, primeiro eu sempre começo com o conteúdo registrando, marcando, escrevendo, os conceitos porque por incrível que pareça, mesmo eles tendo o celular eles querem o registro no caderno, às vezes, eu faço apresentação de slides com eles para introduzir um assunto e quando eu vejo eles estão copiando dos slides, aí eu falo que vou enviar, mas não adianta, sempre tem aqueles que vão copiar. Eu mostro o assunto e digo o que é para tentar enxergar dentro do filme, mas às vezes não dá certo.

O ano passado fizemos um trabalho interdisciplinar Geografia, Filosofia, Sociologia, Física e não lembro qual a outra área que a gente fez, a gente trabalhou aquele filme que fala das mulheres negras que trabalhavam na NASA, “Estrela além do tempo” que mostra como as mulheres trabalhavam, que elas eram segregadas coisas assim, bah a gente teve uma baita ideia sentamos num sábado e montamos tudo, chegou na aula, não rolou, porque inventamos de juntar duas turmas pra verem o filme, mas não entenderam aquilo que a gente queria, então, um filme muito longo, com muitas informações, ele passava desde a questão racial nos EUA, do papel da mulher dentro de uma grande empresa até cálculo de física, porque elas tinham que calcular como a espaçonave iria chegar na lua, na nossa visão de professores entendemos tudo, nos alunos não foi.

Esse ano fizemos a mesma coisa com uma única turma, aí já melhorou, porque fizemos com uma única turma e já abordamos os pontos antes, professor é tentativa e erro e mídia mesmo que é uma coisa que a gente não é preparado dentro da Universidade, para dizer que eu nunca trabalhei com mídia foi um mini curso do Marcelo que ele nos ensinou a usar os desenhos animados em sala de aula ponto, mais ninguém trabalhou, então tu estás aprendendo a cada dia e aprende sozinho e não é uma receita de bolo, eu mesmo tenho turmas com oito alunos e tenho turmas com 36 alunos, é diferente porque uma com oito alunos se tu não tiveres pelo menos dois que discutam contigo tu fala sozinho, agora uma de 36 no mínimo tu vais ter quatro que vão querer debater contigo, então, isso enriquece, eu mesmo tive muita dificuldade quando eu comecei lá na escola, as turmas eram de 30 para cima, todas as turmas e quando começa a chegar essas turmas de poucos alunos eu não conseguia dar aula, eu dava uma que me sentia mal porque tu falava e aquele silêncio, hoje eu já me acostumei, mas eu digo tem que trabalhar diferente eu não consigo, não me sinto bem ainda, em uma turma de poucos alunos. Bastante alunos, tem vida dentro da sala de aula que é uma coisa que eu vejo na escola, quanto mais velhas ficam as professoras mais elas querem uma turma calma, querem entrar na sala de aula, dar a aula e se a pessoa aprendeu ou não é problema dela, vira as costas e vai embora. E a maioria dos professores mais novos não, a gente quer o debate, por isso, que a gente de humanas quer o debate, eu não sei nas outras áreas, mas a gente quer o debate, quer que os caras tenham vida em sala de aula é o que faz falta.

**5. Quais as principais mídias cinemáticas que utilizas como recurso didático? Se sim, porque escolhes essas mídias? Qual a contribuição delas para a mediação da aula e construção do conhecimento?**

A questão do filme, não sei se o *power-point* ali que uso mais para a questão de imagem, porque quando utilizo o *power-point* não gosto de usar muito a escrita, é muito mais para a questão de imagem e Geografia mesmo tu precisa, porque imagina tu falar lá, continente africano e eles não sabem como é o continente africano. Isso eu demorei para aprender, eu lembro que nos primeiros anos eu falava e percebia que eles ficavam perdidos, um dia eu tinha que subir uma aula e não tinha preparado nada e aí fiz um jogo com eles que aprendi com o professor César, aqui na faculdade, que ele nos dava um mapa em branco e mandava a gente escrever cinco características de cada continente e eu pedi para eles fazerem isso e aí percebi que eles não sabiam de nada, sabiam América do Sul e deu e Europa eles colocavam tudo errado, aí eu comecei a perceber que eles tinham que saber onde eles estão que é o mais difícil, que eu sinto inveja do município, porque o município as salas temáticas que eles têm, têm mapas, é diferente do Estado, cada vez que a gente tem que usar o mapa, tem que carregar, uma sala temática eu achava uma coisa diferente, mas não, é uma sala que tem mapas, um globo.

E querendo ou não, isso faz diferença e uma coisa que eu notei que quando eu vou para a sala de aula, principalmente, nos primeiros anos, numa sala de aula com um globo e com um mapa eles estranham, eles não estão acostumados a primeira reação é sempre, eu largo o globo e aquela turma vem para volta do globo, para nós é uma coisa simples. Esse ano que aconteceu isso, eu peguei uma turma de 1º ano e no quarto ou quinto dia de aula com eles eu levei um globo e o guri “aí professor eu nunca toquei nisso” e aí eu deixei ele olhar, e aí começaram a enxergar e a aula começou a partir disso, eu ia trabalhar estações do ano, então, comecei a trabalhar toda essa questão do eixo de rotação da Terra, só que para eles é difícil enxergar isso, é muito abstrato, então, tu falar em África, eles ficam perdidos, e os alunos de terceiro, quarto e quinto ano, não sabem localizar no mapa os nossos distritos, nossa cidade. A distância para eles é diferente, eu não sei se nas outras áreas, eu trabalhei com Filosofia, Sociologia e História e tive outras dificuldades porque não sou dessa área, mas agora em Geografia, dá vontade de sacudir as pessoas, porque é tão fácil, para nós é fácil, só que eu não sei até onde isso é uma falta lá nos Anos Iniciais.

Essa questão das mídias como a gente nunca teve preparação é tentativa e erro porque tu não estás preparado e eu percebo uma coisa assim, que muitos colegas não fazem, a avaliação do teu trabalho. A contribuição é a questão do interessante, é muito mais atrativo para os alunos, outra coisa é a contribuição deles se localizarem mais, pois daqui a pouco tu passas um vídeo de um *you tube* da vida ou um próprio vídeo de qualquer canal que eles reconheçam, então, eles se reconhecem muito mais.

## **6. Para você, as mídias cinemáticas aproximam os alunos dos conteúdos que estão sendo desenvolvidos em sala de aula?**

Sim, principalmente nessa questão da dinâmica, a mídia ela muito mais dinâmica do que uma sala de aula. O certo não é pensarmos em um único certo, existem diferentes certos, ela te deu uma resposta a partir do filme, ponto ela entendeu, é isso. Ela não precisa responder com as minhas palavras.

**7. Conte-nos sobre uma aula desenvolvida com o uso de mídias cinemáticas que contribuíram para tornar mais complexo o debate proposto em sala de aula, a partir do conteúdo conceitual em estudo.**

Com certeza, foi uma aula em que eu problematizei, sem querer, a questão da globalização e peguei o filmezinho “A história das coisas” e ali foi o fechamento do ano, estava em um período de final de ano, porque quando eu começo Geografia Econômica, eu começo lá nos Estados Modernos mostrando como a economia foi se transformando, o sistema capitalista e naquele filme eles conseguiram enxergar, então, quando eu falava de consumo eles entendiam, foi um passo a passo, e todos os anos eu trabalho com esse filme. Esse ano, lá no início, quando começamos a falar do desmatamento eles começaram a falar da Amazônia que estava bem naquela época, uma coisa que eu percebi que há sete anos atrás quando eu fiz isso pela primeira vez e o hoje os alunos se colocam em lugares diferentes, porque o filme traz o país subdesenvolvido que é explorado, no início os alunos se enxergavam ali, eles se enxergavam dentro das indústrias e se enxergavam sendo explorados, os alunos se enxergam dentro do supermercado, então, eles não se enxergam mais dentro do lugar de explorados, eles se enxergam como consumidores, uma coisa que eu percebi e até me assustei. Opa! A troco de que esses caras estão se enxergando nessa posição? E aí eles disseram que hoje eles consomem, suas famílias consomem, então, a realidade econômica mudou, eles se enxergam num lugar diferente. Então, eu acho que esse filmezinho “A história das coisas” pelo menos foi o que mais me marcou.

Esse ano eu comecei a trabalhar com eles com alguns documentários com Geografia Urbana, então discuti toda Geografia Urbana e depois trouxe uns textos mostrando as metrópoles e uma série de coisas também foi outra coisa que eles começaram a enxergar e gostaram, porque eles começaram a enxergar Rio Grande e aí eu tive a brilhante ideia de trazer um livro da autora (Fani) chamado “A cidade” já não foi a mesma coisa, o documentário é uma síntese do livro, aí quando eu trouxe o livro já não, porque tinha que ler, aí a mídia nos ajuda nisso. A mídia te ajuda muito mais, porque ela te mastiga a informação e te mostra, tu não precisa imaginar o que está acontecendo tu está vendo.

**8. Na sua avaliação, os alunos gostam quando o professor utiliza as mídias cinemáticas para desenvolver a aula? Quais são as favoritas?**

Vídeos da internet e os documentários. Uma coisa que eu aprendi com muita dificuldade é que no máximo meia hora de vídeo e já é demais e tu falando é 15min, mais que isso eles se perdem. Um dos primeiros filmes que eu trabalhei foi “A história das coisas” e depois fui para outros maiores e nunca deu certo, aí eu voltei para os documentários menores.

Esse documentário que eu trabalhei esse ano sobre cidade, ele tinha mais ou menos uma hora, só que em episódios de 15 min, então, me permitia dentro de duas aulas trabalhar dois, então, eu introduzia o assunto, trabalhava um episódio e discutia, trabalhava outro episódio, discutia e terminava a aula, e teve um dia que tive que subir uma aula e teve uma turma que eu deixei vendo dois documentários juntos, o rendimento não foi nem a metade das outras que eu consegui fracionar. Eu não gostei de uma coisa que até às vezes o pessoal estimula de ir pausando, eu prefiro deixar continuado e depois nem que eu tenha que retomar, do que ir

pausando, parece que perde o contexto, pra mim não deu certo ou eu não consegui achar os pontos certos de parada, que pode ser isso também, mas eu prefiro muito mais dar continuidade num vídeo e depois voltamos.

### **9. Antes da realização do curso, você já havia trabalhado com mídias cinemáticas sobre questões socioambientais em sala de aula? Qual? Como?**

“A História das coisas” porque encaixa muito isso, eu trabalhei com eles também “O ilha das Flores” não sei como aquilo é tão velho e não produziram um novo, bah deixo eu ver um outro que até foi produzido pela FURG, há algum tempo atrás, trabalhei até com o professor de Biologia, juntos, que fala um pouco do sistema de dunas daqui (mar e alguma coisa). A gente trabalhava esse filme que não lembro o nome com o 1º ano e depois eu gosto muito de trabalhar, que entra nessa questão alguns documentários que a gente vai mostrando o impacto do homem quando a gente trabalha com essa questão global, mostrando essa questão do homem enquanto animal que modifica a Terra e que eles não enxergam muito isso, a indústria polui, mas pera aí, a indústria polui, mas polui para tu consumir. O que eu acho mais difícil da Geografia é tu amarrar, tu falar de consumo de meio ambiente e falar tu não pode criticar a indústria.

Trabalho dando o conteúdo, a informação, geralmente o conteúdo é dado uma semana antes, sempre começo pelo conteúdo nunca pelo vídeo, geralmente, o vídeo, eu deixo ele como uma atividade quase final, geralmente dentro do vídeo, eu tento fazer uma atividade, o vídeo é a cereja que a gente coloca bolo, que é o que dá outra visão para eles, e geralmente, eu faço outra atividade, porque outra coisa que eu não consegui chegar é avaliar qualquer coisa, eles tem a participação, primeira pergunta de qualquer coisa, se é avaliado, quanto vale, então, por isso que eu já deixo o vídeo por último, porque se consegue fazer o fechamento, eu prefiro assim, organizar mais ou menos para ter espaço, tempo, porque na escola como temos muito recurso tu não precisa agendar previamente, até hoje, só uma vez, eu não consegui passar um documentário porque estava tudo ocupado. Quem trabalha com Sociologia diz que hoje em dia não tem outra ferramenta que não seja trabalhar com vídeo e documentário.

E uma coisa que eu aprendi é tu passar um vídeo sem assistir antes, outros colegas foram trabalhar com o filme “Macunaíma” e eu não tinha assistido e eles disseram que já tinham assistido, que fizeram um trabalho, quando eu fui ver o filme, tá o conteúdo é muito bom, mas é uma porcaria o filme, eu só não dormi porque eu estava indignado e o filme é uma hora e pouco e os alunos só me olhavam e eu só balançava a cabeça, acabou o filme, me perguntaram o que eu achei, falei que era uma porcaria foi uma gargalhada só. E conseguimos trabalhar ali, como seria o herói brasileiro, como seria a cidade a gente conseguiu até fazer uma discussão só que um filme muito ruim.

### **10. Debater sobre como as mídias cinemáticas podem contribuir para transversalizar a Educação Ambiental no currículo da área do conhecimento de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas contribuiu para a tua formação enquanto professor?**

Com certeza. Foram outras visões que tivemos ali no curso, outro olhar de como trabalhar aquilo ali. Claro, o que eu vejo, que ficou muito concentrada a Geografia, mas é um curso totalmente interdisciplinar, ali que te encaixa. Igual quando trabalhamos a questão dos filmes que a professora Cláudia nos mostrou, como eu já trabalhei com História, Geografia,

Filosofia e Sociologia eu consegui perceber, isso dá para discutir a ética nesse ponto, tu consegue enxergar.

E hoje, depois daquele curso, eu tive mais certeza que a mídia é uma das portas para tu trabalhar a interdisciplinaridade, porque se tu for ver o currículo, o currículo não é uma porta, o que as pessoas fazem, elas tentam encaixar coisa que não se encaixa, agora a mídia, ela permite estar discutindo sobre sociedade e dentro da sociedade tu tem História, Geografia, Filosofia, Sociologia, então, a mídia é o que te permite, hoje eu só vejo através disso até através da música mesmo, hoje em dia tem muitos professores que trabalham com a música, bem legal, eu tento trabalhar com a música, mas eu não me familiarizei ainda, trabalho com alguma coisa muito pouca, mas eu vejo que a música, qualquer tipo de mídia ela consegue te abrir para o interdisciplinar, porque a gente não faz trabalho interdisciplinar, não adianta as pessoas dizerem que fizeram um trabalho juntos, não tu fez junto, não interdisciplinar, porque interdisciplinar para mim é diferente tem que conseguir mostrar para as pessoas que todos aqueles conteúdos ali daquelas disciplinas, se fragmentadas estão ali e isso tu não consegue fazer assim rápido, a eu dou uma disso, uma aula daquilo, não.

Lá na escola, a gente teve uma cobrança né, que é de a prova final e a prova de trimestre serem interdisciplinares e eu disse que legal e quando é que eu vou dar uma aula interdisciplinar?! O dia que eu der aula interdisciplinar, porque o que a gente faz é o comum, que toda escola faz, as avaliações são interdisciplinares, mas o que tu faz?! Da questão 1 a 5 é minha, da questão 6 a 10 é de História, cinco de cada um, não é interdisciplinar, é separado. Aí a direção fala que não podemos fazer isso porque as outras áreas fazem assim, as outras áreas não fazem assim, o que as outras áreas fazem?! Aí um professor pega um texto e faz umas questões e diz que é interdisciplinar e realmente essas questões não tem nada a ver com o pedido, com o que eu trabalhei durante o trimestre. Então, não tem lógica a gente fazer isso. Esse ano a gente brigou e outro professor me olhou e disse que concordava comigo, que iria defender e a gente foi numa reunião e batemos pé. Como é que a gente vai fazer uma avaliação interdisciplinar se a gente não dá aula interdisciplinar?! Então, faz assim, cruza os nossos horários, faz um momento em que eu possa pegar duas turmas juntas e um professor de História e um de Sociologia e a gente discutir, e daqui a pouco entra aula de Filosofia e Geografia juntas, aí a gente vai estar dando uma aula interdisciplinar, mas enquanto for fragmentado não é, continua fragmentado, a gente vai ter esporadicamente uma atividade interdisciplinar quando a gente pega um vídeo, uma mídia, quando a gente tenta fazer alguma coisa fora da casinha como a gente chama, a gente tenta sair para rua com os alunos, quando a gente consegue andar na cidade com os alunos, a gente consegue dar uma aula interdisciplinar, porque a gente consegue mostrar como foi o processo histórico, como é que se formou a sociedade de Rio Grande, a questão de como se dava a relação de trabalho em Rio Grande, mas é só isso. Interdisciplinar, eu boto impossível por enquanto.

### **11. Como avalia o curso de formação continuada? O que foi significativo para você? Sugestões.**

Eu achei ele muito positivo, muito bom, o que significou para mim foi enxergar a mídia como uma possibilidade de interdisciplinaridade. E o que eu sugiro é tentar atrair pessoas de uma mesma área, mas de diferentes disciplinas fazer um trabalho mais interdisciplinar.

**Nome:** Elsa

**Idade:** 31 anos

**Gênero:** Feminino

**Tempo de Magistério:** Rede Federal: ( ) anos      Rede Estadual: ( ) anos

Rede Municipal: ( 4,5 ) anos      Rede Particular: ( ) anos

**Formação Acadêmica:**

( X ) Graduação      Qual: Geografia Licenciatura

( ) Especialização      Qual: \_\_\_\_\_

( X ) Mestrado      Qual: Geografia

( ) Doutorado      Qual: \_\_\_\_\_

**Escola(s) onde atua(s):**

Escola Municipal de Ensino Fundamental Porto Seguro

Escola Municipal de Ensino Fundamental Helena Small

**Regime de trabalho:** ( ) 20 horas    ( X ) 40 horas    ( ) 60 horas

**Disciplinas ministradas dentro da área do conhecimento:**

( ) Filosofia      ( ) Sociologia      ( ) História      ( X ) Geografia

( X ) Outras. Quais? Religião

**1. Você participa de cursos de formação continuada? Quais?**

Eu participo de todos que me aparecem, que eu tenho a oportunidade, da SMEd, eles divulgam bastante, então, o que der para eu participar e me liberarem eu faço. Normalmente, a escola que eu tenho matrícula aqui no Porto Seguro é bem tranquila e sempre apoia muito essa questão da formação da gente continuar, sempre quando tem eles liberam. Lá no Helena, eu comecei esse ano, então, na realidade tem que pedir com mais antecedência, porque a escola é maior, mas eu consigo. Eu fiz ano passado com a Cláudia que era só para os professores de Geografia, que era formação continuada, esse ano, o das mídias cinemáticas, na verdade esses da secretaria são vários que são bem pontuais e a gente vai fazendo, de um encontro, e também, eu participo de projetos como o das Escolas Promotoras da Igualdade de Gêneros que é do

GESE/ FURG, com encontros mensais, nós temos encontros, participamos de eventos, sou supervisora do PIBID, também.

## **2. Na escola onde atua, existem equipamentos tecnológicos para trabalhar com mídias cinemáticas na sala de aula? Quais?**

Então (risos) aqui nós temos uma sala que eles falam que é o Escuna que teve o projeto, tem a sala, o projetor, a tela para a gente fazer, só que a gente tem que agendar com alguns dias de antecedência para se programar. Até quando eu fiz meu estágio, aqui na escola, tinham vários computadores porque as escolas municipais acompanharam muito a economia do município, então, aquele momento de 2010, em que eu fiz meu estágio e fiquei, meu Deus, imagina as possibilidades que tem, tinha projetor novo, os computadores para trabalhar em duplas, agora estamos sem os computadores, só tem um projetor, então, tem que ter muita antecedência para conseguir a sala. Tem até outro projetor, mas está com a lâmpada queimada e os quadro aqui são negros, mesmo com o projetor não teria onde projetar porque não tem aquele quadro branco, que a gente consegue projetar, tem como tu trabalhar, mas é mais difícil, porque tu tens que conseguir a data, então, assim, tu não consegues trabalhar tanto quanto tu gostarias, aqui no caso dessa escola.

Lá no Helena, que é uma escola muito maior, eu até me admirei porque eu cheguei esse ano lá, mas também só tinha uma única sala, também um projetor e uma tela é muito, muito mais difícil de conseguir a sala porque a escola é muito maior, então, para eu conseguir é muito difícil e acontece muitas formações, lá nessa escola porque é de área central, então, tem essa sala de vídeo e tem o projetor novo, mas está sempre sendo utilizado para uma formação, uma coisa e outra, então, é muito difícil a gente conseguir. O bom é que lá nós temos o quadro branco, eu tenho até um projetor, só que não é muito bom, é pequeno e comprei exatamente porque seria fácil de carregar, mas a projeção dele não é muito boa e as salas nem todas tem cortinas, então tem o quadro branco, mas não vai ter a cortina para escurecer a sala, então, tudo tem essa dificuldade, mas a gente vai indo sempre tentando.

## **3. Você acha importante trabalhar com mídias cinemáticas, como recurso, em sala de aula? Por quê?**

Eu acho fantástico, fundamental, maravilhoso. Bom, a minha área que é Geografia, é a possibilidade deles verem, concretizarem tudo que às vezes a gente está falando explicando e com a mídia eles conseguem visualizar e isso enriquece muito. Então, para mim, eu acho fundamental e por isso essa luta que eu tenho da sala, na realidade, eu estou sempre buscando a sala de vídeo e eu sei o quanto que é difícil, estou sempre tentando marcar agendamento (risos) e tentando trabalhar, porque eu acho que é fundamental. E eu gosto muito de trabalhar no encerramento, principalmente, por isso, tu pega, tu constrói todo teu conteúdo e eles vão criando aquela situação e quando tu vem com a mídia eles ficam mais surpresos ainda, e atrai ainda mais para o conteúdo, para mim é fundamental e dá para trabalhar em todos os conteúdos.

## **4. Você costuma usar mídias cinemáticas no planejamento das aulas? Como?**

Normalmente, eu vejo o conteúdo, eu passo esse conteúdo como eu passo qualquer outro, na realidade eu sou bem daquela tradicional porque eu penso que eles têm que ter essa

parte, ainda mais no Ensino Fundamental, aí depois, eu faço o planejamento da mídia cinemática, eu levo, passo e depois a gente faz um trabalho posterior, normalmente, pode ser uma produção textual antes, e aí, depois a mídia cinemática ou com questões interpretativas do conteúdo que já vimos relacionando com a mídia cinemática. Então, normalmente tem esse trabalho antes que eu penso que tem que ter, que é do conteúdo, dificilmente, eu vou começar um conteúdo com a mídia cinemática, eu penso que tem que ter uma base, porque até que instiga essa coisa porque parece que está meio assim e aí vem à parte da mídia e eles entendem e quando volta para tu fazer um trabalho, um questionamento outras discussões, aí enriquece, porque esse é o momento, tem a base, tem a mídia que foi e fez toda essa parte lúdica e aí esclarece para eles e a questão do visual pega muito.

**5. Quais as principais mídias cinemáticas que utilizas como recurso didático? Se sim, porque escolhes essas mídias? E qual a contribuição delas para a mediação da aula e construção do conhecimento?**

Eu comecei utilizando filmes na realidade né, só que o filme, a questão é que tu tens que ter o tempo e é bom que tu tenhas um programa de edição, o peso maior do filme é o tempo, ainda mais em aula de Geografia que nós temos duas aulas só por semana, uma hora e meia, às vezes não dá nem para falar o que vai ser e levar para sala de vídeo já foi uns 15min, então, nisso aí, o tempo é curto. Só que quando eu utilizei os filmes eu vi que foi, apesar que eu tive experiências positivas e negativas com os filmes, por exemplo, eu usei um que era com legenda, não achei dublado, nunca mais utilizo filme somente com a legenda (risos), não dá, eles se perdem, ainda mais no Ensino Fundamental, então, já foi difícil, não consegui, não achei legal.

Depois foi um filme dublado que foi bem legal, só que em uma turma, eu não consegui pegar a parte para finalizar, porque o ideal do filme é tu dar aquela ideia, continuar e ter a finalização e o tempo não deu. Mas também, costumo usar documentários que de preferência, não sejam muito longos, muito lentos, pois tem que ser uma coisa mais atrativa, tento pegar documentários mais curtos, mas no geral, eu trabalho com um pouco de tudo, tem vídeos que também são informativos, uso alguns do *you tube*, como o do “Castanhares” que é um que eles gostam bastante, só que aí, apesar de ser do *you tube* são vídeos muitos longos, o bom é ter essa questão da edição.

Se nós professores também tivéssemos essa parte de saber lidar com as ferramentas, a gente ia utilizar bem melhor os recursos, mas no geral é isso eu utilizo filmes, documentários, vídeos do *you tube*.

**6. Para você, as mídias cinemáticas aproximam os alunos dos conteúdos que estão sendo desenvolvidos em sala de aula?**

Com certeza, porque eu vejo a reação deles. Agora mesmo, um menino do PIBID, propôs com o pessoal do 8º ano, sobre a África, ele disse que a gente sempre tem essa questão da África, a aula é curta e aí tu vai trazer dados e acaba trazendo a visão mais negativa e aí ele colocou a questão do trabalho, qual era a visão que eles tinham do continente, e rodo muito negativo, eram só animais, quando vê vem um menino lá com a capital da Angola, Luanda, ele fez todo um paralelo e foi legal ver a carinha dos alunos do 8º ano. E é claro, vendo a capital de um país, vendo o desenvolvimento, e aí até propôs uma produção textual escreveram a

primeira parte, qual era a visão, como chegariam na África, o que encontrariam e depois o pós e aquilo deu um salto de outra percepção porque, por mais que tu fales, os dados estão mostrando os números, também até ver a imagem. Então para mim, com certeza tem uma qualidade enorme.

**7. Conte-nos sobre uma aula desenvolvida com o uso de mídias cinemáticas que contribuíram para tornar mais complexo o debate proposto em sala de aula, a partir do conteúdo conceitual em estudo.**

Tem essa questão que foi o menino que trouxe e depois dessa proposta dele, como eu estou trabalhando com Religião e Geografia, ao mesmo tempo, para as outras turmas eu fiz a proposta parecida, porém, no próprio curso de Mídias Cinemáticas levaram a proposta do documentário dos Senegaleses, então, o que eu fiz?! Tal dia, é o dia da Consciência Negra, a gente começou falando sobre o dia da Consciência Negra, a gente pegou e falou o porquê, porque que tem no Brasil, qual a importância, foi feito o diálogo da população negra ter vindo de forma forçada, sobre todas as questões que até hoje são consequências, sobre qual a visão da África, e passei o primeiro vídeo.

Depois eu trouxe sobre quem estão próximos de nós na questão dos africanos, e aí eu trouxe o documentário e também adoraram, porque primeiro ficou a percepção deles porque eles já desconstruíram aquela parte que tudo é horrível, é mato, e aí depois tiveram uma percepção mas cativa com o pessoal que veio de lá, desconstruíram um pouco, pois o menino que inicia o documentário começa a falar do país dele, fala que é um país laico, que não tem guerra, que é democrático, então, identificaram muitas questões neles, que talvez, eles também pensam em se mudarem, em ser imigrantes procurando outra questão de vida econômica e nem sempre é só uma desgraça tão enorme assim.

E aí, acho que eles perceberam algumas questões, porque para mim, nessa experiência que é mais recente, foi rica e eu achei que trouxe outra visão para eles porque eu parti de um ponto do dia da Consciência Negra e vai Brasil, vai África, volta aqui e parou nos imigrantes que é exatamente essa ligação África e Brasil, momento, atualidade, né, então, para mim, ficou bem rico, porque a gente sente quando eles se interessam e quando eles perguntam e depois eles vinham perguntar sobre a Religião. E a parte do documentário sobre a questão policial e tu vê o choque que eles ficam na hora, já perguntam, o que aconteceu e já questionam, já se revoltam com aquela situação e talvez de um novo olhar sobre a questão que está acontecendo aqui e que às vezes, não davam muita bola e então, muito interessante.

**8. Na sua avaliação, os alunos gostam quando o professor utiliza as mídias cinemáticas para desenvolver a aula? Quais são as favoritas?**

Bom eles gostam, mas eu acho que na verdade os vídeos da internet pelo motivo de ser mais rápidos, por serem curtos. No geral pelos vídeos da internet, porém dependendo de como trabalhar um bom filme, um filme marca muito, vai ter o seu peso porque um filme, é um filme, tem uma história mais longa, vai ser mais marcante, no momento que tu vai trazer o que eles gostam mais são os vídeos da internet.

Um filme que passei ano passado e ele gostaram foi a “A onda” fala sobre fascismo e tudo é um filme que tem uma linguagem bem jovem, simples e tranquila, porque eu passei antes

do Hitler e é um filme mais denso, muito interessante, que fala toda a história dele, deixa mais próximo e tu consegues compreender melhor. O filme “A onda” eu vi que eles se interessaram mais com várias questões, com os jovens e aí, eu vi que eles comentavam, ao longo do tempo do filme e os vídeos da internet, eu vejo que eles gostam no momento da aula, que a longo prazo, eu vejo que os filmes marcam mais, e eu vejo que eles estão acostumados a ver por mais tempo.

**9. Antes da realização do curso, você já havia trabalhado com mídias cinemáticas sobre questões socioambientais em sala de aula? Qual? Como?**

Eu já trabalhei também “A ilha das Flores”; trabalhei quando eu fui falar sobre fascismo “A onda”. Eu trabalho com o 6º ano, para trabalhar as questões da Terra e do Universo eu trago muitos documentários científicos que vai colocar mais a parte da ciência com mais explicações.

Questão da reciclagem, do lixo, então, tinha uma proximidade com essa realidade e na verdade tem que ter muito cuidado com o que está levando, porque tinha a realidade dos meninos que moravam muito próximo dali e viviam da questão da reciclagem, então quando eu fui trabalhar aquilo dali, eu fui tomando cuidado de não atingir diretamente e não ter a questão dos outros colegas, também não utilizarem daquilo, porque na realidade a gente está ali mediando toda a situação e pode sem querer, desencadear para outro lado. Ainda bem, que deu certo, que a discussão foi mais profunda, eles pensaram mais na questão da utilização, tentei desviar um pouquinho daquela realidade como se fosse aquilo dali, eles ficassem muito presos.

Depois eu vi sobre “A ilha das Flores”, o documentário falando que os moradores ficaram chateados com aquele documentário, que eles odiaram terem feito, eles reclamando que não eram só aquilo. Ter essa questão de mostrar que é um documentário, mas que é um recorte uma visão, para mostrar que não quer dizer que eles sejam assim até para o pessoal que tinha aquela visão parecida também não se revoltarem. Na verdade, a produção foi uma ideia. É importante tu conhecer a realidade do estudante, uma coisa é eu trazer, agora. Hoje eu não tenho alunos com essa realidade que eu saiba, então, eu ia trazer outra visão para que eles enxerguem isso, os outros enxergavam muito bem isso, sabiam muito bem aquela situação toda, eles só não podiam se ver naquela situação, não sou, eu estou vivendo aquela situação, tudo é diferente, a gente tem que conhecer o contexto.

**10. Debater sobre como as mídias cinemáticas podem contribuir para transversalizar a Educação Ambiental no currículo da área do conhecimento de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas contribuiu para a tua formação enquanto professora?**

Porque a gente tem que debater, porque ali foi a questão de como a gente utilizava, foi feito no curso porque cada um vai trazer uma experiência né, que na realidade a formação foi em conjunto, então, todos trouxeram uma experiência, a gente fez a prática que a gente teve que assistir aos filmes, também pensar em uma atividade através dos filmes, porque eu não sei se todos os professores, já tinham feito, ter pensado, se tinham trabalhado, então, o curso colocou na prática, vamos fazer, porque a gente acha importante né, então e aí vamos fazer?! E aí, colocou na prática, a gente teve que ver o filme, teve que debater. Então, para mim, foi

ótimo o debate na construção, todos participaram muito ativamente, todos se envolveram, então, para mim foi excelente.

### **11. Como avalia o curso de formação continuada? O que foi significativo para você? Sugestões.**

Para mim foi ótimo, eu já havia trabalhado e veio outras possibilidades, inclusive até o próprio documentário que vocês mostraram já utilizei na aula, tu viu como é a aula, né, a gente tem as nossas próprias ideias de planejamentos, mas assim vão surgindo e a gente vai trabalhando, se não tivesse feito o curso não iria saber sobre os documentários, como é importante um curso de formação e ainda mais na prática, ali a gente conseguiu ver os filmes, fizemos o trabalho na prática, conhecemos outras possibilidades, então, para mim, foi ótimo conversamos com outras áreas por que na realidade também teve a possibilidade das gurias de outras áreas, então, teve aquela conversa que foi para além das próprias mídias, discutimos outras questões que envolviam justamente a área, nós vamos discutir a área como um todo então, para mim, foi ótimo fazer o curso.

Eu tenho sugestões e até questionamentos que eu não coloquei no curso e eu fiquei pensando, porque eu tive um aluno esse ano, surdo e aí, depois eu fiquei pensando porque esse documentário eu não trabalhei na turma dele, por causa do tempo, mas depois eu fiquei pensando se eu tivesse tido oportunidade como é que eu trabalharia essa parte o documentário ainda tinha a legenda, mas o outro do menino do *you tube* não tem legenda, tinha que ver se talvez eu conseguisse colocar uma legenda, mas é uma questão, como trabalhar essas mídias cinemáticas com os alunos surdos. Tem o monitor, mas ele tem que ficar olhando a minha explicação, será que é o suficiente que ele lê os lábios, mas será que isso é o suficiente, sabe quando tu te sentes impotente?! Eu não tive formação, não tive Libras, talvez as mídias cinemáticas fossem uma grande possibilidade para essa questão da surdez porque tem bastante visual e tendo a legenda o aluno consegue ler, talvez seja ótimo, não cheguei a utilizar, talvez fosse uma experiência ter utilizado para ver como é que ia ser a reação, infelizmente, não consegui trabalhar com a turma que ele estava, mas aí, vem a outra questão, dessas várias questões da inclusão como seria o visual.

**Nome:** Emmet

**Idade:** 45 anos

**Gênero:** Masculino

**Tempo de Magistério:** Rede Federal: ( ) anos      Rede Estadual: ( 10 ) anos

Rede Municipal: ( ) anos      Rede Particular: ( ) anos

**Formação Acadêmica:**

( X ) Graduação      Qual: Geografia

( X ) Especialização      Qual: Gestão Escolar

( ) Mestrado      Qual: \_\_\_\_\_

( ) Doutorado      Qual: \_\_\_\_\_

**Escola(s) onde atua(s):**

Colégio Estadual Lemos Júnior

**Regime de trabalho:** ( ) 20 horas    ( X ) 40 horas    ( ) 60 horas

**Disciplinas ministradas dentro da área do conhecimento:**

( ) Sociologia    ( ) História    ( X ) Geografia    ( ) Filosofia

( X ) Outras. Quais? Educação Ambiental, Geologia e Direito Ambiental

**1. Você participa de cursos de formação continuada? Quais?**

Sim. Participei agora ultimamente do “Mídias Cinemáticas” e participei há um tempo atrás de um fornecido pelo Estado, que era o de “Educação a distância” de poucas horas, eram inclusive 2 horas, era de reunião e as outras 4 horas, era de EaD, que eles disponibilizavam material e tu tinha que dar um feedback a eles, foram esses os dois últimos que participei.

**2. Na escola onde atuas, existem equipamentos tecnológicos para trabalhar com mídias cinemáticas na sala de aula? Quais?**

Sim, existem. Embora a realidade das escolas estaduais seja uma realidade difícil, de luta diária, de defasagem de estrutura, como nós temos o curso técnico e eu tenho as minhas disciplinas vinculadas ao curso técnico, que funcionam em quatro salas que dispõe de recursos de multimídia, então, tem computador, inclusive nós temos duas salas que tem 16 computadores

que é para eles realizarem os trabalhos de conclusão de curso, pesquisas na internet, então, tem sim, a escola dá, e eu trabalho bastante, multimídia completo a escola tem. Eu costumo dizer que o Lemos Júnior é uma exceção, um exemplo de gestão, nós temos uma gestora, a nossa diretora a professora Angela Cássia é exemplar, ela tira leite de pedra e privilegia isso, a qualidade da estrutura para ocorrer o processo de ensino aprendizagem.

Isso está vinculado a gestão, porque a gente sabe que não há dinheiro, a gente tem que pedir folha para os alunos para tirar cópias, a gente trabalha cuidando sempre a luz para apagar, merenda não tem, tem um dia na semana que é o dia do pão, então tem sanduíche ou recheada, ou é o sanduíche, com pão de sanduíche, ou “cacetinho”, uma recheada com apresuntado e queijo. É às 15:30 o intervalo e a partir das 15h fica praticamente impossível dar aula, porque os alunos já começam a ficar... Isso é a realidade da sociedade que se reflete na escola é só esse dia que tem pão porque todos os outros dias é bolacha, é uma merenda bem inferior em termos nutricionais, essa é a realidade do Estado, infelizmente. A gente tem o anfiteatro que o grupo de teatro funciona lá, e tem multimídia também.

Na verdade nós temos 4 salas com multimídia completa que são as salas do técnico, nós temos a sala de projeção, temos a sala de TV que tem uma TV smart, temos o anfiteatro e tem a sala de recursos, que era uma sala do curso de línguas, então, ficou o clube de línguas, então, nós temos 7 salas com multimídia. Claro, que as do técnico são só deles, mas temos 3 para jogar. E isso não é de agora, porque a nossa gestão já está na metade da sua segunda gestão, então, foi adquirido também na gestão anterior que era num governo que primava por isso, então as gestões tendo como cuidar e as equipes de professores cuidando isso, dura bastante, porque é um material que dura, mas não foi adquirido agora, nem no último governo é uma coisa que já tem de bastante tempo.

### **3. Você acha importante trabalhar com mídias cinemáticas, como recurso, em sala de aula? Por quê?**

Sim, acho importante. Porque o que eu penso da nossa sociedade ocidental cristã ela é do visual, então, ver é conhecer, então, tu trabalhar com algo que possa possibilitar, vislumbrar lugares distantes, histórias diferentes da nossa ou até histórias que se assemelham a nossa, mas de uma abordagem diferente, é muito rico, então, sempre que eu posso eu trabalho com as mídias cinemáticas, sempre, sempre que posso trabalho.

Gosto de trabalhar muito com música, hoje, mais com clip do que há uns 6, 8 anos atrás, trabalhar com música mesmo, nós escutávamos a música e tal, hoje, mais com clip, aí trabalho a letra da música, interpreto, porque o clip também diz muito e por conta disso do visual, porque o clip ele também te conta uma história, às vezes, ele te diz uma coisa até diferente que a própria música está te dizendo te mostrando de uma forma metafórica. E a gente gosta de ver.

Tentar fazer essa ligação com o que ele viu, com o que ele vivenciou com o que está sendo trabalhado na sala de aula, se tu consegues fazer essa triangulação aquilo se torna significativo de fato e aí, é o processo completo, é ensino aprendizagem completo, quando tu consegue formular algum pensamento com alguma definição cognitiva a partir de ti, claro, que tirando do que tu colheu em alguns lugares, mas com as tuas palavras tu conseguir explicar isso, pronto. Esse é o processo completo.

#### **4. Você costuma usar as mídias cinemáticas no planejamento das aulas? Como?**

Costumo usar e a gente tem o problema de tempo na escola, às vezes, a aula é fracionada na maioria das disciplinas que eu leciono são duas aulas, Geografia para o 3º ano do técnico sempre são duas aulas, mas as aulas são fracionadas na maioria das vezes, encaixar o horário e tal, então, tem uma aula na terça e outra na quinta, de 50 minutos e toda dinâmica de início de aula, trabalhar com adolescentes, então, acalmar os ânimos daquela troca de professores, mais chamada ou alguma coisa assim, tens ali 40 minutos numa aula, 45 no máximo. Para trabalhar um filme completo, no mínimo uns 90 min, quando eu me programo para trabalhar um filme, por exemplo, eu me programo com o professor que vai entrar depois e com o que estará antes, não necessariamente usar a aula dele toda, mas um pouco para eu dividir o meu filme em algum ponto que possa ser retomado numa próxima aula.

Eu não gosto de trabalhar com partes de filmes, porque embora seja uma obra cinematográfica, seja de consumo ou de entretenimento ela é uma obra cultural, eu não posso só analisar o pé do “Irapuru” eu não posso só analisar a mão da “Monalisa” tem que analisar uma obra artística como um todo, então, quando eu trabalho ela, eu trabalho ela completa.

E não é só assistir, tem um trabalho prévio, onde eu preparo a visão deles dizendo por que a gente vai trabalhar com aquilo, onde se relaciona, que eles observem tal coisa, e o trabalho após que quase sempre é avaliativo, não necessariamente, de avaliação individual do aluno, mas de avaliação da proposta, do que se tirou, então eu sempre tento fazer isso com obras grandes, com obras menores eu coloco dentro da aula, principalmente, curta metragem, eu trabalho dentro da aula, mas também com trabalho prévio, às vezes, dependendo do tamanho do curta dá para fazer o trabalho prévio dentro da própria aula e aí um trabalho posterior.

Com clip, eu gosto muito de dar tema, só para eles, tema gerador, como aquecimento global, e sempre vêm músicas muito relevantes do nicho deles, vem um rap, um hip hop, um funk, é isso que vem porque é o mundo deles, eu tenho lá uma MPB, um rock do meu e digo vamos ver o de vocês o que trouxeram, tem muito mais significado para eles e a gente analisa aquilo e tal. Então, eu gosto de trabalhar bastante. Trabalho Educação Ambiental, então, tu tens que te entender como parte do processo, não como parte, de uma parte do processo.

#### **5. Quais as principais mídias cinemáticas que utilizas como recurso didático? Se sim, porque escolhes essas mídias? Qual a contribuição delas para a mediação da aula e construção do conhecimento?**

Vou me repetir um pouco, eu gosto do cinema e quando eu falo cinema eu falo tela grande, super produção, um bom som, pipoca. Cinema é a minha paixão, o que eu me identifico, o que eu gosto, eu trabalho com as outras, claro que sim, porque eu acho que tem que diversificar, mas a internet se trabalha muito, se tu considerar a internet como uma mídia, a internet, o acesso a áudio, a vídeo, a podcast, a blogs, a notícias, se tu considerar a internet como mídia cinemática que não deixa de ser, porque ela te fornece imagens, ela te dá som, mas eu prefiro cinema, é o que eu gosto de trabalhar é o cinema. E prefiro trabalhar com tela grande, eu inclusive nem gosto da sala da TV, o pessoal briga pela sala da TV porque ela é smart, então, é fácil de trabalhar e puxa um filme da Netflix, eu já prefiro a sala de projeção porque é tela grande, a sala é escura e eles sempre propõem a pipoca, faz parte, o prazer faz parte, é a mesma

coisa que ler um livro, se tu lê um livro obrigado tu vai aprender, vai ler, tu vai estudar, tu vai aprender, mas se leres um livro por prazer, aquilo tu vai lembrar muito mais, porque tu leu por prazer.

Então, se tu assistiu a um vídeo que seja dentro do ambiente escolar, numa tela grande, com som bom e uma boa projeção, comendo uma pipoca, com teus amigos aquilo vai ter uma significação maior do que ver um filme obrigado, que vai te dar sono.

## **6. Para você, as mídias cinemáticas aproximam os alunos dos conteúdos que estão sendo desenvolvidos em sala de aula?**

Sim, principalmente na Geografia, porque ela tem algumas coisas que ela trabalha com lugares distantes, não só geograficamente como da própria realidade, distante do cotidiano das pessoas, realidades completamente diferentes e tu poder mostrar isso, eu acho que é muito importante, então ela contribui muito a partir daí, porque tu fez o trabalho, antes e depois, a pessoa vê e começa a comparar com a tela, de alguma forma, aí vai começar o trabalho de fato, a partir de mostrar como é, como poderia ser, é fundamental para nós, porque temos muito conhecimento abstrato.

## **7. Conte-nos sobre uma aula desenvolvida com o uso das mídias cinemáticas que contribuíram para tornar mais complexo o debate proposto em sala de aula a partir do conteúdo conceitual em estudo.**

Ela sempre contribui, mas teve uma que me marcou muito, que inclusive está no meu TCC porque uma senhora me disse assim: “ah... professor, que bom que o senhor usa filme para a gente ver”. Estávamos trabalhando sistema solar e eu trabalhei com o filme “Do cosmo ao rio”, porque pegava como ponto de partida o Rio Tâmis e crescia em escala até a Via Láctea, mostrando sempre com narração do ator Morgan Freeman. E porque que me marcou bastante isso?! Porque eles adoraram e teve um receio inicial porque não tinha dublagem em português, então, era um filme curto de 30 min, foi feito pela BBC de Londres, eles conheciam o ator Morgan Freeman, fiz toda aquela propaganda porque não era dublado e eu queria que eles assistissem e era Ensino Fundamental, EJA, eles reclamando da dublagem e eu dizendo que só tinha em inglês ou francês, e uma moça quis em francês e todos gostaram também, preferiram dublagem em francês, com legenda em português e vários da turma disseram que maravilha, porque a gente não tem como imaginar o tamanho do sol, como ele é, como ele gira, porque gira pra cá, porque gira pra lá, a escala quanto maior, menor é o foco, não tinha como entender isso, e esse filme foi maravilhoso porque começamos a entender e tal, e assim pessoas que estavam há tempos sem estudar, porque era EJA, acho que era uma 5ª série, era tempo da série, não era ano ainda, à noite, isso foi muito significativo, adoraram aquilo.

Não era o inicial para eu trabalhar no meu TCC aquele filme, eu fiz como proposta de estágio e acabou sendo, porque foi riquíssimo, é uma coisa que eu me lembro sempre, e uma outra aula que eu me lembro que eu trabalhei com os curtas da Pixar, com os alunos da Educação Ambiental, trabalhamos os conceitos ambientais, ética, moral, conceitos geográficos que eu trabalho sempre, lugar, território, essas coisas assim. E aí eu trabalhava com seis curtas da Pixar, eu escolhi e eles tinham que desvendar naqueles curtas quais conceitos trabalhados e foi um trabalho maravilhoso, porque a maioria dos alunos colocaram de alguma forma

conceitos que eu não tinha percebido e teve um ou dois por algum motivo, pode ter se equivocado, o resto, todos perceberam os conceitos, foi muito gratificante para mim. E curta metragem é rapidinho.

**8. Na sua avaliação, os alunos gostam quando o professor utiliza as mídias cinemáticas para desenvolver a aula? Quais são as favoritas?**

O que eles mais gostam é filme, os meus né. Se fosse numa ordem seria o filme, depois vídeos da internet de blogueiros e *you tube* e depois documentários, eles acham os documentários meio arrastados porque é aquela linguagem mais documental, foge um pouco do que eles estão acostumados.

**9. Antes da realização do curso, você já havia trabalhado com mídias cinemáticas sobre questões sócio ambientais em sala de aula? Qual? Como?**

Já, várias. Trabalhei um vídeo do Milton Santos “A globalização vista do lado de cá”, também foi um trabalho muito bom, na verdade estava trabalhando com o conteúdo específico que gerou toda uma discussão e um aluno disse que nunca tinha visto e optamos por assistir todos juntos e realizar uma discussão. E trabalho, vários outros, desenhos animados sempre, sempre partindo do prévio, mas já assistimos filmes sem esse critério. Acontece assim, por exemplo, na escola do Estado, chovendo muito, vão 15 alunos, o que vamos fazer? O Marcelo é o quebra galho (sou eu), o Marcelo e o Tom, professor de História, sou o quebra galho porque eu tenho os filmes no meu armário e são poucos alunos de vários anos, pega um tema gerador e faço alguma coisa que tem em comum entre eles e depois uma avaliação.

Questão socioambiental sempre tem em qualquer filme, na verdade, em qualquer mídia, porque a mídia parte da relação social, então, se ela parte da relação social, tu analisar, vamos supor a intencionalidade da ideia, mesmo que seja uma notícia de jornal, um podcast, uma música, um filme, um curta metragem ou uma conversa de whatsapp ou um meme, enfim, social ela já é, e se tu partir do pressuposto que o ambiente envolve e as relações sociais se dão no ambiente, de acordo como elas se moldam, sempre tem como tu dar um viés de uma análise socioambiental para alguma coisa na minha opinião, posso estar equivocado, mas eu creio que sim.

**10. Debater sobre como as mídias cinemáticas podem contribuir para transversalizar a Educação Ambiental no currículo da área do conhecimento de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas contribuiu para a tua formação enquanto professor?**

Sim, bastante. Tu conversar com o diferente é muito bom porque tu cresce, mas tu escutar os iguais a ti, com ideias ou com situações que não são as tuas, é melhor ainda, porque aí tu vai ter outra forma de encarar o diferente, então isso, é crescimento sempre, e sempre é bom. Ah, se tu tivesse feito com o pessoal da Matemática Marcelo, será que teria sido tão bom?! Olha poderia ter sido bom? Não sei, poderia não, de alguma forma não sei e de alguma forma fazer surgir em mim alguns questionamentos que eu tenho porque outras pessoas me incitaram daquela forma e pensam dentro da mesma área que eu e tem uma formação semelhante e tal, então eu acho que sim, que é muito válido.

## **11. Como avalia o curso de formação continuada? O que foi significativo para você? Sugestões.**

Acho que foi muito bom o curso, acho que foi pouco tempo, que poderia ser maior. Porque a gente poderia trabalhar alguns filmes, fazer outras dinâmicas e tal, acho que foi pouco tempo, mas foi muito bom, nós da educação básica, principalmente, acho que das escolas particulares também, não tenho experiência com escola particular, mas das escolas públicas a gente por uma questão, aí vou fazer uma meia culpa, eu preencho as minhas horas atividades na escola por conveniência para mim, eu acho mais conveniente trabalhar as minhas horas atividades na escola, tem gente que acha mais conveniente trabalhar em casa, ok?! Eu tenho um diferencial que eu trabalho 40h na mesma escola, tenho colegas que trabalham em 4 escolas diferentes.

Então, essa pessoa cumprir as horas atividades dentro da escola deve ser horrível porque o tempo de deslocamento que ela vai ter vai ficar ínfimo, se ela se deslocar de uma escola para outra e cumprir as horas atividades dela, fazer as atividades que ela teria que fazer na hora atividade em casa é muito mais conveniente para ela, dá mais qualidade de vida, ela pode preparar melhor, enfim. Estou fazendo uma meia culpa porque assim, porque na hora atividade isso deveria acontecer que são os encontros de tu falar sobre o processo (como está sendo?!, está sendo doloroso para mim porque não estou conseguindo tal coisa, em tal turma, estou com problemas...) toda a estrutura, e aqui não é um lamento, é uma constatação, toda estrutura do ensino público municipal, estadual (federal é um pouco diferente) ela te coloca numa situação de correr atrás da tua qualidade de vida, de correr atrás do teu tempo, do teu dinheiro, tu enfrenta problema financeiro, tu enfrenta problema de estrutura, com aluno que não tem merenda, enfim, são vários problemas, e essa parte do diálogo entre os pares, da troca de experiência, de falar como está o processo, de como nós vamos agir como equipe e tu não tem na escola, acaba não tendo.

Então, quando tu tens oportunidade de fazer isso, é muito bom, muito gratificante. Sabes que agora no Estado tem vários colegas que estão avessos, a gente tem um novo programa que o Escola RS e aí tem professor, o aluno, o pai, a gestão e tem a secretaria, então, são vários módulos dentro do mesmo programa, na verdade é uma grande planilha, então, tu faz a tua chamada por ali já, direto no celular, no teu smartfone, não precisa gastar teus dados e tal, porque achei que é legal e proporciona o que nós não tínhamos por exemplo, te dá a foto do aluno e tu pode colocar as carinhas feliz, triste, sinal de positivo e negativo e tu colocar aquilo ali eu acho que de alguma forma traz para hora do conselho uma proximidade, na hora do conselho, te aproxima mais, como foi aquele aluno de fato, porque a realidade da escola pública tu tem 300 alunos, então, com a foto, com emojis, tu pode escrever, colocar o lembrete facilita, facilita pelo acesso porque pode trocar com os professores, parece hiper real porque te aproxima mais da tua realidade da sala de aula, porque tu vê um programa e é uma mídia, não é uma cinemática, mas é uma mídia e tu estás usando, e o aluno vai poder usar para consultar a nota dele que tu lançou, olhar lá o trabalho se entregou ou não, o caderno de chamada digital, claro, que ele vai poder acessar algumas coisas e o professor outras coisas, assim como o gestor vai poder acessar outras coisas e tal, e tu vê é uma mídia que vai de alguma forma poder rodar uma outra dinâmica.

**Nome:** Mônica

**Idade:** 28 anos

**Gênero:** Feminino

**Tempo de Magistério:** Rede Federal: ( ) anos          Rede Estadual: ( ) anos

Rede Municipal: ( 7 ) anos          Rede Particular: ( ) anos

**Formação Acadêmica:**

( X ) Graduação          Qual: Geografia - Licenciatura

( ) Especialização          Qual: \_\_\_\_\_

( X ) Mestrado          Qual: Educação Ambiental

( X ) Doutorado          Qual: Educação Ambiental (cursando)

**Escola(s) onde atua(s):**

Escola Municipal de Ensino Fundamental Rui Poester Peixoto

**Regime de trabalho:** ( ) 20 horas    ( X ) 40 horas    ( ) 60 horas

**Disciplinas ministradas dentro da área do conhecimento:**

( ) Filosofia          ( ) Sociologia          ( ) História          ( X ) Geografia

( ) Outras. Quais? \_\_\_\_\_

**1. Você participa de cursos de formação continuada? Quais?**

Eu participo de curso de formação continuada, participava dos que eram proporcionados na escola e também sempre busquei outros que pudessem enriquecer as minhas práticas voltadas para os Anos Iniciais, práticas pedagógicas dos Anos Iniciais ou diretamente para professores de Geografia.

**2. Na escola onde atuas, existem equipamentos tecnológicos para trabalhar com mídias cinemáticas na sala de aula? Quais?**

Então, existem alguns equipamentos mas são escassos, nós tínhamos os netbooks em grande quantidade, mas o maior problema era o carregamento, carregar eles, manter todos carregados. Eu trabalhei um tempo no laboratório de informática e tinha que fazer a manutenção que era tirar os chips desses equipamentos fazer uma limpeza e colocar os chips novamente,

toda uma preparação para utilizar os netbooks, e os computadores do laboratório de informática antigos não tem como repor as peças foi se desmanchando o laboratório e acabou virando uma sala do “Mais Alfabetização”, agora o “Mais Educação” e o outro recurso é o multimídia que nós temos dois que podíamos levar para a sala.

### **3. Você acha importante trabalhar com mídias cinemáticas, como recurso, em sala de aula? Por quê?**

Eu acho de extrema importância, eu penso que dá para usar em todos os momentos da aula tanto para introduzir e chamar a atenção, para começar a falar de um assunto, de determinada temática, quanto para exemplificar o que eles já viram e até para trabalhar a questão do posicionamento deles, da postura, da linguagem, então acho de extrema importância.

### **4. Você costuma usar as mídias cinemáticas no planejamento das aulas? Como?**

Eu costumo usar não com muita frequência porque tinha que ser agendado o multimídia por essa questão. E como? Sempre pensando no que pode acrescentar para os estudantes, principalmente na questão da EJA, relacionar os conteúdos que estão sendo trabalhados com o filme, com o vídeo que está sendo trazido para acrescentar/facilitar principalmente os conceitos, mais complexos de Geografia que a gente tem que trabalhar. Usando mais no final, nunca de uma forma só, às vezes já deixava prontas as questões, por exemplo, nós trabalhávamos com o vídeo e já deixava as questões prontas e aí eles faziam o relatório do filme. Tanto para despertar o interesse dos estudantes quanto para resgatar o que nós já estávamos aprendendo do conteúdo.

### **5. Quais as principais mídias cinemáticas que utilizas como recurso didático? Se sim, porque escolhes essas mídias? Qual a contribuição delas para a mediação da aula e construção do conhecimento?**

As principais mídias que eu costumava utilizar eram os filmes, mas para usar eu precisava fazer uma negociação com a professora por causa do tempo, normalmente era com a professora de Artes, então, era bem tranquilo fazer essa negociação, às vezes eram os curtas que aí eu conseguia fazer quando eu tinha dois períodos de aula e também documentários, porque tem alguns documentários que são mais curtos e pequenos vídeos do *you tube*, também agora não vou saber te dizer o nome, mas que por exemplo, estava trabalhando sobre questões ambientais que aí tem aqueles videozinhos que não tem nem fala que é só o movimento e eles gostavam, e a partir dali surgia a discussão.

### **6. Para você, as mídias cinemáticas aproximam os alunos dos conteúdos que estão sendo desenvolvidos em sala de aula?**

Com certeza aproxima bastante e muitas vezes eles sugeriam ou lembravam algo que eles haviam assistido e que dava para fazer a associação com o conteúdo. Às vezes eu nem tinha assistido e eles diziam “a professora o vídeo tal, o filme tal”, eles também falam sobre isso.

### **7. Conte-nos sobre uma aula desenvolvida com o uso de mídias cinemáticas que contribuíram para tornar mais complexo o debate proposto em sala de aula a partir do conteúdo conceitual em estudo.**

Eu trabalhei com o terceiro bloco que seria uma sétima série, trabalhei a “História das coisas” com eles e foi bem interessante, fazer eles pensarem na questão né, de onde vem, como é planejado, quanto tempo leva para planejar e no próprio vídeo tinham alguns conceitos, que quando eles estão assistindo o vídeo o conceito passa batido, e no momento de retomar, aí eu tinha na folha o conceito, e eles diziam “mas o que é isso professora?” eu dizia o que nós vimos no vídeo, vamos retomar o vídeo, então porque ele é curto vamos retomar para ver o que é isso, porque algumas coisas são planejadas para durarem pouco tempo e outras mais tempo, porque a gente não consegue substituir certas peças de equipamentos e temos que comprar um novo, a questão do consumismo.

Então, foi uma das aulas que gerou bastante polêmica e eles começaram a trazer outras questões, pensar na questão do preço e da oferta. Lembro que era inverno e eles questionaram por que no início do inverno as roupas são tão caras e depois colocam por menos da metade do preço, e aí eu falava “vocês não acham que eles estão ganhando vendendo mesmo que estejam vendendo por menos da metade do preço?” e eles “é estão ganhando igual”, então imagina no início do inverno, mas imagina porque eles fazem isso né? Porque no início o consumo é maior, que existe todo um sistema, é tudo pensado e depois eles têm que fazer a oferta porque eles não podem ficar com aquela mercadoria porque precisam comprar mercadoria para a próxima estação, então é um ciclo.

#### **8. Na sua avaliação, os alunos gostam quando o professor utiliza as mídias cinemáticas para desenvolver a aula? Quais são as favoritas?**

Eu acho que os que eles mais gostavam eram os vídeos da internet de preferência os que fossem de humor e filmes alguns, ficavam divididos, um pouco gostavam de filmes e outros gostavam de documentários, mas o filme prendia mais.

#### **9. Antes da realização do curso, você já havia trabalhado com mídias cinemáticas sobre questões socioambientais em sala de aula? Qual? Como?**

Bom, eu já tinha trabalhado como eu falei anteriormente, eu trabalhava com vídeos curtos da internet e sobre diferentes temáticas, sobre violência. A escola que eu trabalhava era da periferia então eu trabalhava sobre violência e o uso de drogas, questão de planejamento familiar, muitas questões que estavam ali envolvidas na realidade dos estudantes, que faziam parte daquela comunidade.

Então, eu tentava trazer o vídeo não só para trabalhar o conteúdo, mas também para discutir questões da comunidade que eram necessárias e muito fortes, questão da importância do estudo, porque eu via na comunidade, assim como no ciclo do capitalismo, na comunidade, também há um ciclo vicioso, e às vezes eu ficava pensando: poxa eu fico 4h no trabalho, em cada turma dois períodos, 90 minutos e depois que eu saio continua a mesma coisa é muito difícil mudar a realidade, mas se ficar em cada um, uma sementinha do que falei que eu possa fazer a diferença, já estou satisfeita. E eu notava uma aproximação bem grande deles, uma abertura, porque às vezes eles estavam com algum problema e eles vinham me procurar no corredor porque eles entendiam que eu estava ali como professora, mas eu também podia ajudar pois eu fazia esses debates com esses assuntos polêmicos.

**10. Debater sobre como as mídias cinemáticas podem contribuir para transversalizar a Educação Ambiental no currículo da área do conhecimento de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas contribuiu para a tua formação enquanto professora?**

Com certeza, debater sobre as mídias cinemáticas eu acho que sempre contribuí, tanto pensando num projeto, quanto na sala de aula, porque na medida em que a gente ensina a gente também aprende, então, ali, sempre há uma troca. Se estamos debatendo sobre um filme são levantadas questões que eu nem tinha pensado, e eu também levantei em alguns momentos questões que eles também não tinham pensado, então, há sim, essa troca e acredito que é muito importante, que a gente aprende ensinando.

**11. Como avalia o curso de formação continuada? O que foi significativo para você? Sugestões.**

Eu avalio como muito bom, as questões, percebe-se que ele foi bem organizado, com toda estrutura, o material teórico que é bem importante que depois a gente pode voltar recorrer ter acesso a esse material.

## ANEXO 01 – PARECER DO COMITÊ DE ÉTICA

UNIVERSIDADE FEDERAL DO  
RIO GRANDE - FURG



### PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

#### DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

**Título da Pesquisa:** Mídias Cinemáticas e Educação Ambiental: possibilidades na formação de professores

**Pesquisador:** ROSSANDRA RODRIGUES VOTTO FEIJO

**Área Temática:**

**Versão:** 3

**CAAE:** 21689519.4.0000.5324

**Instituição Proponente:** Programa de Pós-graduação em Educação Ambiental

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

#### DADOS DO PARECER

**Número do Parecer:** 3.756.251

#### Apresentação do Projeto:

A presente pesquisa busca compreender como as mídias cinemáticas, enquanto produto cultural permitem transversalizar a Educação Ambiental, na Educação Básica. Trata-se de uma pesquisa que será desenvolvida com os professores, da área do conhecimento de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, do Ensino Médio (EM), na rede pública do município do Rio Grande/ RS. O objetivo geral da pesquisa é compreender como a Educação Ambiental pode transversalizar o currículo da área do conhecimento de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas (EM), através do uso das mídias cinemáticas. Trata-se de uma pesquisa-formação de cunho qualitativo, a qual se propõe a trabalhar com os professores, fornecendo-lhes possibilidades para refletir e planejar formas de transversalizar a Educação Ambiental, levando-os a significar a realidade vivida e o contexto social no qual estão inseridos.

#### Objetivo da Pesquisa:

Os objetivos da pesquisa são: diagnosticar como a Educação Ambiental aparece nos currículos das escolas de Ensino Médio parceiras do Projeto

**Endereço:** Av. Itália, km 8, segundo andar do prédio das PRÓ-REITORIAS, Rio Grande, RS, Brasil

**Bairro:** Campus Carreiros

**CEP:** 96.203-900

**UF:** RS

**Município:** RIO GRANDE

**Telefone:** (53)3237-3011

**E-mail:** cep@furg.br

UNIVERSIDADE FEDERAL DO  
RIO GRANDE - FURG



Continuação do Parecer 3 756 251

de Extensão, a partir dos Projetos Políticos Pedagógicos; compreender como os professores da área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, do Ensino Médio, trabalham a Educação Ambiental no currículo; compreender como a Educação Ambiental pode transversalizar o currículo da área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas (EM), na Educação Básica, através do uso das mídias cinemáticas, em sala de aula.

**Avaliação dos Riscos e Benefícios:**

**Riscos:**

Durante a entrevista podem ocorrer possíveis riscos para os participantes, sendo eles: a dificuldade de realizar as entrevistas e algum desconforto/constrangimento causado durante o processo de entrevista. Em caso de desconforto ou constrangimento as pesquisadoras garantem assistência integral e gratuita

**Benefícios:**

Este projeto aposta em alguns benefícios para os participantes, como: a experiência adquirida durante a realização do projeto de extensão, a construção do conhecimento, pois a formação continuada qualificará os professores da rede de ensino, englobando conhecimentos teóricos e práticos sobre a Educação Ambiental, bem como a contribuição da pesquisa para a sociedade.

**Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:**

Presentes e adequados.

**Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:**

Presente e adequado.

**Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:**

Sem pendências.

**Considerações Finais a critério do CEP:**

O seu projeto foi aprovado. Você deve encaminhar o relatório final até p dia : 14/04/2020. O modelo de relatório pode ser encontrado no site: <https://proresp.furg.br/pt/comites/cep-furg>.

**Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:**

Endereço: Av. Itália, km 8, segundo andar do prédio das PRÓ-REITORIAS. Rio Grande, RS, Brasil.  
Bairro: Campus Carreiros CEP: 96 203-900  
UF: RS Município: RIO GRANDE  
Telefone: (53)3237-3011 E-mail: cep@furg.br

UNIVERSIDADE FEDERAL DO  
RIO GRANDE - FURG



Continuação do Parecer 3.756.251

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1431427.pdf	07/12/2019 12:34:44		Aceito
Folha de Rosto	FolharostoassinaturaNarjara.pdf	07/12/2019 12:34:19	ROSSANDRA RODRIGUES VOTTO FEIJO	Aceito
Outros	Modificacoes.pdf	04/12/2019 10:20:51	ROSSANDRA RODRIGUES VOTTO FEIJO	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	Termo.pdf	04/12/2019 10:19:56	ROSSANDRA RODRIGUES VOTTO FEIJO	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto.pdf	04/12/2019 10:19:42	ROSSANDRA RODRIGUES VOTTO FEIJO	Aceito

**Situação do Parecer:**

Aprovado

**Necessita Apreciação da CONEP:**

Não •

RIO GRANDE, 10 de Dezembro de 2019

---

Assinado por:  
Camila Daiane Silva  
(Coordenador(a))

**Endereço:** Av. Itália, km 8, segundo andar do prédio das PRÓ-REITORIAS, Rio Grande, RS, Brasil.  
**Bairro:** Campus Carreiros **CEP:** 96.203-900  
**UF:** RS **Município:** RIO GRANDE  
**Telefone:** (53)3237-3011 **E-mail:** cep@furg.br